

Diversidade cultural: o diálogo das diferenças





UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Rui Getúlio Soares

Reitor

Eliane Lucia Colussi

Vice-Reitora de Graduação

Hugo Tourinho Filho

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Cléa Bernadete Silveira Netto Nunes

Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Nelson Germano Beck

Vice-Reitor Administrativo

Neusa M. H. Rocha

Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

UPF Editora

Astor Antônio Diehl

Editor

CONSELHO EDITORIAL

Benami Bacaltchuk

Ciomara Benincá

Claudio A. Dalbosco

Eliane Lucia Colussi

Germano A. D. Schwartz

Hugo Tourinho Filho

João Anaracy Santin

Karen Oppermann

Lorena Consalter Geib

Luiz Airton Consalter

Marco Antônio Montoya

Mateus Flores

Paulo Becker

Pedro Alexandre V. Escosteguy

Diversidade cultural: o diálogo das diferenças

Tania M. K. Rösing
Miguel Rettenmaier
(Org.)

Universidade de Passo Fundo
2007



Copyright © Editora Universitária

Maria Emilse Lucatelli
Editoria de Texto

Liana Langaro Branco
Sabino Gallon
Revisão de Emendas

Jeferson Cunha Lorenz
Luis A. Hofmann Jr.
Design Gráfico UPF
Produção da Capa

Sirlete Regina da Silva
Editoração e Composição Eletrônica

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidas, as imagens, tabelas, quadros e figuras são de exclusiva responsabilidade dos autores.

CIP – Catalogação na Publicação

D618 Diversidade cultural : o diálogo das diferenças / organizado por
Tania M. K. Rösing e Miguel Rettenmaier. – Passo Fundo:
Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.
478 p. ; 21 cm.

1. Cultura. 2. Livros e leitura 3. Literatura. I. Rösing, Tania
M. K., coord. II. Rettenmaier, Miguel, coord.

CDU: 028.6

Bibliotecário Juliano de Lima Rodrigues CRB 10/1642

ISBN – 978-85-7515-419-9

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
EDITORA UNIVERSITÁRIA

Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José
Fone/Fax: (54) 3316-8373
CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil
Home-page: www.upf.br/editora
E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS



Mãos que se doam

Letra: Paulo Becker

Música: Pedro Almeida

Há mãos semeando
A terra roçada
Há mãos levantando
Cidades do nada
Há mãos preparando
Comida pros filhos
Há mãos ensinando
O ABC dos livros

Há mãos transformando
A vida em poesia
Em dança, teatro
Em cor, melodia
São negras, vermelhas
São brancas, são pardas
As mãos que semeiam
A terra sonhada

As mãos que cultivam
As mãos que cultuam
São minhas, são tuas
São nossas, são suas
As mãos que se doam
A um mundo melhor

Jornada de Passo Fundo: dialogando na diversidade

Em seu livro de crônicas, *Escritos na água*, escreve Alcione Araújo sobre a Jornada de Literatura de Passo Fundo de 2005:

O frio de sete graus do inverno gaúcho não altera o calor humano das cinco, seis mil pessoas que ocupam, de dia e de noite, a majestosa lona do grande circo da XI Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Escritores, pensadores e professores, brasileiros e estrangeiros, ocupam o palco de debates, animados pelo comovente envolvimento dos participantes – raro testemunho do quanto a literatura encanta e apaixona pessoas e pode contaminar uma cidade inteira, orgulhosa de abrigar o maior encontro literário do país e acolher com carinho e entusiasmo milhares de visitantes.¹

Alcione Araújo – juntamente com Júlio Diniz e Ignácio de Loyola Brandão – coordenou nesse ano os trabalhos no Circo da Cultura e, com esses parceiros de coordenação, permitiu justamente, num encontro orientado em torno dos livros e da arte, tal caráter de festa e de apoteose em torno da leitura. Graças ao modo como os três conduziram os debates, o contato com os convidados revestiu-se de uma dicção amistosa e afetiva, embora não menos profunda, pois na essência das Jornadas de Passo Fundo está o compromisso de, pela leitura e pela reflexão, compreender e, assim, transformar nossa realidade social, historicamente imersa em crises.

¹ ARAÚJO, Alcione. *Escritos na água*. Belo Horizonte: Leitura, 2006. p. 123.

Nesse sentido, no ano de 2005, a Jornada de Passo Fundo aventurou-se na complexa temática da diversidade cultural, propondo-se pensar as possibilidades de diálogo entre as diferenças. Num país de dimensões como as nossas, numa nação na qual coexistem, não raro conflitivamente, tantas culturas, Passo Fundo elegeu a literatura e a arte como possíveis laços para a troca e o autoconhecimento mútuo pela luz sempre reveladora da alteridade. Nesse sentido, o que poderia ser entrechoque virou permuta; o que poderia ser litígio se fez conversa; o que muitas vezes em nossa história foi disputa tornou-se comunhão. Todos juntos, numa “inesquecível festa de amor”, como disse Alcione Araújo em outro trecho de sua crônica.

Consagrava-se, ao mesmo tempo, nessa festa da inclusão pela leitura, o ano de 2005 como o Ano Ibero-Americano da Leitura. A 11ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo fazia-se, então, marco no momento em que a consciência dos governos e de organismos internacionais despertava para a necessidade de se investir ativamente na formação de leitores como fundamento do exercício pleno da cidadania e como base da realização efetiva do pensamento democrático. Estava a Jornada em sintonia com as necessidades do mundo, atuando em favor de soluções, agindo no caminho de novas propostas em torno da leitura.

Para coroar o evento foram estabelecidas premiações, com as quais se reconheceram talentos da criatividade, mesmo que algum desses já fosse bastante reconhecido. O prêmio UPF Hans Christian Andersen considerou o jovem talento publicitário; o Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães, em sua nona edição, evidenciou os novos ficcionistas; o 4º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura fez do premiado um prêmio a Passo Fundo, no Circo da Cultura, como veremos a seguir.

Sob a lona da Jornada, no Circo da Cultura, em termos de mentalidade criativa e crítica no tema “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças”, reuniu-se quem de mais importante havia dentro e fora do país. Essa discussão foi gradativamente preparada pelas atividades da Pré-Jornada, envolvendo, nos antecedentes dessa ampla movimentação cultural, a leitura das obras dos autores convidados. Contudo, por ser um grande evento formador de leitores, a Jornada tem

o diferencial de não apenas reunir escritores perante espectadores, mas de fomentar a leitura além dos limites do Circo da Cultura e, mesmo, além das fronteiras do estado. Embora o público sob a lona estivesse em torno de cinco mil participantes, a ação da Pré-Jornada, em 2005, envolveu direta e indiretamente mais de 187 mil leitores pela leitura antecipada das obras que seriam o fundamento dos debates no Circo da Cultura. Entre seus leitores estavam, assim, no Circo da Cultura figuras como as de João Ubaldo Ribeiro, Nelson de Oliveira e Silviano Santiago, que refletiram sobre as questões regionais e as manifestações populares que formam e que, de alguma maneira, discutem nossa nacionalidade. No afã por pensar, a Jornada trouxe a presença de Jostein Gaarder, autor que, em certos termos, inovou a literatura atual ao incrementar “filosofia pura” à ficção para jovens e adultos.

A busca pela reflexão, frequentemente apartada dos códigos da comunicação de massa por sua tendência à homogeneização, estendeu-se à problemática da indústria cultural, assunto debatido por intelectuais da envergadura de Gilles Lipovetsky, Frei Betto e Leonardo Boff, a quem, em especial, a espiritualidade surge como caminho de busca de sentido à vida, distante das imposições da sociedade de consumo. Para ele, “o que importante é que nós não sejamos reféns e vítimas de uma cultura que transforma tudo em mercadoria”.

No jogo da diversidade, as diferentes mídias e os distintos códigos tornaram-se interfaces de um mesmo universo dinâmico. Teatro, música, cinema, cordel, dentre as demais literaturas, também, obviamente, representadas, corporificaram-se em diversos artistas e pensadores que, de específico e de comum, tinham, malgrado os contrastes sistemáticos de suas manifestações criativas, a necessidade de fazer contato com o diferente, com aquilo que existia além de sua obra e de seus estudos. Walmor Chagas, Lobão, Luiz Vilela, José Borges, Marcus Accioly, Ricardo Azevedo, Paulo César Pinheiro, entre outros, deram voz à sua arte e, principalmente, fizeram dessa palavra, da “arte”, no somatório de forças, um organismo vivo, desafiador, apaixonante. E, como no clímax de um enredo ou de uma sinfonia, desceram do altar consagrado, em vida, a algumas lendas, personalidades como a de Ariano Suassuna e de Chico Buarque – o primeiro, um erudito paramentado de

sertanejo em linguagem e esperteza, a quem se concedeu o título Doutor Honoris Causa da Universidade de Passo Fundo; o segundo, um artista consagrado, vestido de mero cidadão brasileiro, mas, em 2005, escritor premiado no 4º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura. As homenagens a essas figuras foram também uma espécie de graça a um público de admiradores e fãs que tiveram, a sua frente, artistas dos quais, desde já algum tempo, a arte brasileira tem sido feita.

As temáticas desenvolvidas perante a multidão do circo também se desdobraram a outros espaços, menos numerosos de gente, mas tão férteis de idéias e de criatividade como o que se viu sob a lona. A Jornada ofereceu, em salas específicas na Universidade de Passo Fundo, cursos de importantes professores e pesquisadores voltados à educação, à literatura, à leitura, à arte, à língua e à história, que com o presente livro colaboraram com uma demonstração do que foi tratado e trabalhado em grupos menores.

O encerramento da festa da leitura de Passo Fundo lembrou os cem anos de Erico Verissimo, com a presença de seus familiares. Para Luis Fernando Verissimo, a Jornada representou, após um ano inteiro de homenagens a seu pai em todo o país, o apogeu de uma maratona de emoções em torno da memória de Erico. Para todos os envolvidos no Circo da Cultura, nos momentos finais da 11ª Jornada Nacional de Passo Fundo, a sensação era de fim de outra maratona, na qual se corria por um ideal, a formação dos leitores, e por uma causa, a inclusão e o debate produtivo e justo entre as diversidades com as quais se construía e se constrói a identidade fragmentada e, por isso, bela de nosso país.

De tudo o mais, os que viveram e tiveram a sorte de estar na Jornada de 2005 não esquecerão, é certo, o que viram e ouviram. Fica, então, aqui, este livro como um resquício da festa que houve em Passo Fundo. Se toda a celebração é comemoração de vitória e de fartura, o volume um pouco excessivo deste livro demonstra um pouco de toda a riqueza acumulada em uma semana fria de agosto, na cidade que seria, meses depois, consagrada como a Capital Nacional da Literatura.

Os Organizadores

Sumário

Jornada de Passo Fundo: dialogando na diversidade..... 7

Parte I – Abertura/17

Tania Rösing	19
Giovani Chierini.....	22
Beto Albuquerque.....	24
Eliezer Moreira Pacheco	26
Rui Getúlio Soares.....	28
Airton Langaro Dipp	31
Iradir Pietroski	33
Germano Rigotto	36
Comemoração do Ano Ibero-Americano de Leitura	38
Luis Fernando Sarmiento	38
Galeno Amorim.....	44
4º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura	47
Chico Buarque de Hollanda	
Prêmio UPF Hans Christian Andersen 2005 – Categoria Releitura de Contos e Publicidade	59
Bruna Dias do Carmo Costa; Juliana Bitencourt Andrade; Gabriel Cosme Costa	

Parte II – Palcos de debates/61

O nacional e as manifestações populares na ficção narrativa

Cecília Costa	63
João Ubaldo Ribeiro	68
Nelson de Oliveira	74
Clara Ferreira Alves	79
Tassadit Yacine.....	85
Silviano Santiago	89

Grande conferência

Jostein Gaarder	94
-----------------------	----

A indústria cultural: homogeneização, diversidade, resistências

Gilles Lipovetsky.....	107
Mauro Maldonato	112
Carlos Reis.....	118

A sublimação do homem através da estética e da espiritualidade

Leonardo Boff	137
Frei Betto	150
Alcione Araújo.....	156

Literatura, música, teatro e cinema: transposições

Aderbal Freire Filho	161
Lobão.....	167
Luiz Alberto de Abreu.....	171
Luiz Vilela	175
Walmor Chagas.....	179
Werner Schünemann	182

Concessão do título de Doutor Honoris Causa

César Azevedo dos Santos	199
Biografia de Ariano Suassuna	199

Aula-espetáculo

Ariano Suassuna	209
-----------------------	-----

Poesia e música popular	
José Borges	232
Marcus Accioly	237
Paulo César Pinheiro	247
Ricardo Azevedo	251
Ricardo Cravo Albin	258
Paulo Henriques Britto	265
Coordenadores dos palcos de debates	274
Alcione Araújo; Ignácio de Loyola Brandão; Julio César Valladão Diniz	

Parte III – Cursos/275

A leitura da literatura infantil em séries iniciais: atividades para formação de leitores	277
Renata Junqueira de Souza	
O discurso popular através do samba	282
Ricardo Azevedo	
Leitura e cultura: a experiência canadense	287
Ronald Jobe	
Biblioteca: vida e dinâmica na escola e na comunidade	295
Walda de Andrade Antunes	
Desenvolvendo a mente literata	303
Judith A. Langer	
Questões sobre as aulas de língua e literatura	309
Arthur N. Applebee	
Cultura da formação de leitores de língua espanhola	313
Márcia Paraquett Fernandes	
Ensino médio, vestibular e literatura	316
Regina Zilberman	
Sérgio e Chico Buarque de Hollanda: intérpretes do Brasil	
Sérgio e Chico: as raízes e as flores	326
Astor Antônio Diehl	

Chico Buarque de Hollanda — intérprete do Brasil	329
Francisco Carlos dos Santos Filho	
O país da imaginação	332
Mauro Gaglietti - Eliane Colussi	
Pai e filho e a idéia de uma nação	334
Luciano Miranda	
Ben/já/mim ... será?	337
Dóris Maria Wittmann dos Santos	
Elaboração de materiais didáticos em língua portuguesa no ensino fundamental	339
Anna Christina Bentes	
A arte de contar estórias e a aprendizagem significativa.....	341
Regina Machado	
Notas sobre alfabetização de crianças cegas e com deficiência visual: uma reflexão necessária	343
Olga Solange Herval Souza	
Língua e cultura surda: estabelecendo desafios para a educação.....	351
Lodenir Becker Karnopp	
Literatura de cordel.....	368
José Borges	
Ilustração do livro infantil através da pintura	370
Maria Tomaselli	
A trajetória da Escola da Ponte	371
José Pacheco	

Parte IV — Encerramento/373

Tania Rösing	375
Rui Getúlio Soares.....	377
Danilo dos Santos Miranda	380
Airton Langaro Dipp	382
Pedro Simon	383
Antonio Hohlfeldt	384

9º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães	386
Regina Zilberman.....	386
Homenagem a Erico Verissimo.....	388

Parte V – Registro Fotográfico/391

Pré-Jornada	393
Festerê Literário.....	395
Abertura	398
Público	401
Conversas paralelas	402
Lançamentos de livros	405
Sessões de autógrafos.....	410
Apresentações artísticas.....	418
Diversidade cultural	423
Exposições	427
Complexo do Circo da Cultura	433
Patrocinadores/Apoio	435
Feira do livro.....	440
Confraternização.....	442

Parte VI – Registros da imprensa/445

A hand holding a pen is shown at the top of the frame, with a single drop of dark ink falling from the tip. Below the ink, a clear glass filled with water sits on a white surface. The glass contains a tea bag and a large, clear ice cube. The background is a soft-focus white surface with some faint, illegible text. The overall scene is brightly lit, creating a clean and minimalist aesthetic.

Parte I

Abertura



Tania Rösing*

Amigos das Jornadas Literárias de Passo Fundo, boa-noite. Em nome dos integrantes da grande e potente Comissão Organizadora e da Comissão Executiva interinstitucional, desejamos saudar as distintas autoridades nacionais e internacionais que prestigiam, que estão aqui, nesta sessão solene de abertura da 11ª Jornada Nacional de Literatura, ato oficial das comemorações do Ano Ibero-Americano da Leitura no Brasil. Saudamos os estimados escritores, editores, livreiros, pesquisadores, artistas, músicos, atores que aceitaram o convite e vieram, estão aqui; aceitaram o convite da Universidade de Passo Fundo e da Prefeitura Municipal para participar efetivamente da 11ª Jornada Nacional de Literatura. Saudamos os amigos leitores, a vocês, a quem dedicamos esta festa no templo de celebração

* Coordenadora geral das Jornadas Literárias.

da literatura, das artes, da cultura como um todo. O nosso Circo da Cultura, nossos patrocinadores, nossos apoiadores, com quem desenvolvemos parcerias mais que inteligentes, que viabilizaram financeiramente a realização dessa grande festa literária e das artes em geral através do financiamento da Lei de Incentivo à Cultura Federal – Mecenato e da Lei de Incentivo à Cultura do Rio Grande do Sul. Agradecemos de uma forma muito especial a todos os trabalhadores que incessantemente prepararam esse ambiente, esse complexo de lonas para que nós pudéssemos aqui, dias e noites, estarmos aproveitando dos debates. Mãos habilidosas, mentes criativas, sujeitos engajados, permitiram que pudéssemos estar neste espaço hoje, nesse espaço tão digno, o circo é um espaço digno. Muitos desses trabalhadores não estão aqui hoje, fizeram o seu trabalho e já foram, mas não podemos esquecê-los, o nosso grande aplauso a esses trabalhadores que prepararam este espaço. Estamos sentindo uma atmosfera diferente, uma energia diferente, uma atmosfera de celebração, de festa, de louvação aos escritores, aos pesquisadores, aos artistas, aos músicos, aos atores, aos leitores, aos livros, à literatura, às artes como um todo. Sentimos no ar a presença dos nossos homenageados especiais, Cervantes, Andersen, Erico Verissimo, abençoando-os. A seleção do tema norteador pela Comissão Organizadora – “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças” – permitiu que déssemos mais um passo seguro em direção à consolidação das Jornadas Literárias de Passo Fundo como movimentação cultural. A sensibilidade do secretário de Educação, José Fortunatti, do secretário da Cultura, Roque Jacobi, do secretário da Cultura do Estado de Mato Grosso, João Carlos Vicente Ferreira, e do diretor da Fundação Cultural do Acre, Francisco Gregório Filho, permitiu a liberação de professores, bibliotecários e agentes culturais para construir o grande debate de resistência à globalização da cultura. Esse importante tema inspirou o poeta Paulo Becker a criar a letra da canção oficial deste evento que já ouvimos e que cantaremos durante a semana, “Mãos que se doam,” musicada por Pedro Almeida.

Há mãos semeando
A terra roçada
Há mãos levantando
Cidades do nada
Há mãos preparando
Comida pros filhos
Há mãos ensinando
O ABC dos livros

Há mãos transformando
A vida em poesia
Em dança, teatro
Em cor, melodia
São negras, vermelhas
São brancas, são pardas
As mãos que semeiam
A terra sonhada

As mãos que cultivam
As mãos que cultuam
São minhas, são tuas
São nossas, são suas
As mãos que se doam
A um mundo melhor

Respeitável público, o Circo da Cultura se abre e o espetáculo das letras e das artes vai começar.



Giovanni Chierini*

Quero cumprimentar a todos os membros da mesa, senhores, senhoras. Eu sinto muito orgulho por participar de um dos maiores eventos literários da América Latina. Meu orgulho se envaidece com a sanção, pelo governador do estado Germano Rigotto, do projeto de lei que reconhece a Jornada de Literatura de Passo Fundo como patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul. Germano Rigotto entra para a história como um dos homens da cultura gaúcha. Foi ele quem regulamentou a Lei do Livro, uma iniciativa nossa que ficou marcada pelo ineditismo. Hoje muitos estados copiaram a idéia dos gaúchos. A consagração dessa iniciativa veio com a aprovação da Lei do Livro nacional, de autoria do senador José Sarney, recentemente sancionada pelo presidente Lula. A regu-

* Deputado estadual.

lamentação da Lei do Livro está incrementando a produção gráfica e literária do Rio Grande do Sul e hoje nós temos, e todos os participantes receberam a lei nº 12 295, que torna a Jornada de Literatura de Passo Fundo patrimônio histórico e cultural. A lei, aprovada dia 31 de maio de 2005, dá o devido reconhecimento a um dos maiores eventos literários realizados no Brasil. Por iniciativa da Assembléia, a Jornada de Literatura de Passo Fundo foi declarada integrante do patrimônio histórico e cultural do nosso estado. A Jornada de Passo Fundo é o maior debate literário do Brasil, envolvendo centenas de escritores e milhares de leitores; por isso merece essa homenagem. A lei nº 12 295, de 21 de junho de 2005, declara integrante do patrimônio histórico e cultural do estado a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. “O governador do estado do Rio Grande do Sul, faço saber em cumprimento ao disposto no art. 82, par. 4º da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a lei a seguir. Art. 1º – é declarado integrante do patrimônio histórico e cultural do estado nos termos e para os fins dos artigos 221, 222, 223 da Constituição do Estado a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Art. 2º – Essa lei entra em vigor na data de sua publicação.” Quero fazer esse registro e dizer que a cultura deste estado está sendo reconhecida através da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, hoje terra de todos nós.



Beto Albuquerque*

Durante dois anos trabalhamos para que o Brasil reconhecesse uma história de 24 anos, que nasceu pequena como todos nós e que hoje, de forma indiscutível, incontestável, é o maior evento literário desse país, pelas mãos e obras da espontaneidade da nossa gente, da iniciativa pioneira, ousada e empreendedora da Universidade de Passo Fundo, sob a coordenação da amiga Tania Rösing. Nada mais justo, portanto, que o Congresso Nacional pudesse instituir, em definitivo, o título de Capital Nacional de Literatura. É isso que a Câmara Federal fez na semana passada. E nós nos sentimos orgulhosos como passo-fundenses de poder dizer ao Brasil e, por que não, ao mundo que aqui nós não estamos só querendo vender livros. Aqui nós estamos querendo inventar e fazer leitores, com arte e com cultura. E que bom que neste dia, eu di-

* Deputado federal.

zia há pouco, a Academia Brasileira de Letras, traz nove acadêmicos, que nos honram demais com suas presenças, para prestigiar isso que é de todos nós, que é do Rio Grande e que, agora, é do Brasil. Parabéns Tania, parabéns reitor Rui Soares, parabéns aos gaúchos e gaúchas.



Eliezer Moreira Pacheco*

Para grande honra nossa, dividimos esta mesa com essas personalidades, que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a continuidade, para o êxito dessa brilhante iniciativa e com todos os senhores e senhoras que aqui participam: a 11ª edição da Jornada Nacional de Literatura e da 3ª Jornadinha Nacional de Literatura, eventos que neste ano escolheram como tema “A diversidade cultural: o diálogo das diferenças”. Essa é uma questão de suma importância no mundo que anseia pela universalização da tolerância e pela construção de uma paz qualificada, com menos exclusão e mais solidariedade entre os povos e entre os indivíduos de cada nacionalidade e suas respectivas culturas.

Ao promover o diálogo das diferenças, a Jornada dá a sua contribuição para a construção de um mundo de paz, com um laço na maior riqueza humana e na diversidade cultural, esse

* Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

patrimônio coletivo do qual participa à sua maneira todo homem e toda mulher deste planeta. A Jornada e a Jornadinha realizam-se com esse importante tema dentro de um ano especial, 2005, que é o Ano Ibero-Americano da Leitura, comemorado em 21 países da Europa e das Américas, aprovado em 2003 pela cúpula dos chefes de Estado dos países ibero-americanos. É coordenado pela Organização dos Estados Ibero-Americanos, Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe, Unesco e governos dos países da região; no caso do Brasil, pelos ministérios da Educação e da Cultura, pela assessoria especial da Presidência da República, com o nome de Vivaleitura.

O Vivaleitura é, certamente, o marco de um gigantesco esforço de todos para que o Brasil implemente uma política nacional do livro, leitura e bibliotecas, com a dimensão do nosso grande país. Esse país necessita de leitores não só pela conhecida vantagem do hábito da leitura, tais como possibilitar uma maior riqueza de vocabulário, o que nos permite uma aproximação mais qualificada da realidade, abstrata e conceitual. Ler também significa humanização, cidadania e preparação para o mundo. Isso porque a leitura representa a chave de acesso a um tesouro de mais de quatro mil anos de gravação da história da humanidade, o que significa a nossa própria história como sujeitos, que, com isso, acessamos pouco a pouco essa grande riqueza. Cada brasileiro lê de um a dois livros por ano, contando os didáticos. Entre os nossos vizinhos argentinos, uruguaios e chilenos esse número dobra, enquanto que em alguns países da Europa passa de dez.

Portanto, a Jornada e a Jornadinha cumprem um papel decisivo nessa busca de avanços da cultura e do conhecimento em nosso país, em nosso planeta. E particularmente ao adotar o tema, a questão da “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças”, dá a sua contribuição fundamental para a humanização de todos os povos, para a paz, para a fraternidade e, principalmente, em busca daquela globalização que todos nós buscamos, que é a globalização das ciências, da cultura, dos saberes e da fraternidade, porque é esse o caminho que temos de trilhar para vencer esse período tão difícil da história da humanidade, de violência, de guerras e de exclusão social. Meus parabéns, a todos os organizadores e a todos nós que temos o privilégio de participar deste capítulo tão importante da história da civilização brasileira.



Rui Getúlio Soares*

Honra-nos a presença de todos no Circo da Cultura, exatamente quando a Universidade de Passo Fundo completa 37 anos. Constatamos que, dentre as múltiplas conquistas nas áreas do ensino, da pesquisa e da extensão, 24 anos ininterruptos foram dedicados a uma movimentação cultural cujos resultados educativos, culturais e sociais são imensuráveis pela magnitude do seu objetivo: formar leitores críticos, entendedores de linguagem as mais distintas no contexto de um país cuja necessidade cultural se constitui na sua maior riqueza; onde a comunicação entre os habitantes das mais distintas e longínquas regiões, com peculiaridades específicas, acon-

* Reitor da Universidade de Passo Fundo.

tece pela unidade da língua portuguesa e pela diversidade cultural.

A nossa alegria aumenta ao constatarmos que convidados de dez países, ao lado dos convidados brasileiros, estão aqui para o grande diálogo das diferenças, que nesta noite se amplia com a comemoração do Ano Ibero-Americano da Leitura, momento em que a 11^a Jornada Nacional de Literatura é distinguida entre os quatro eventos oficiais realizados no Brasil, por indicação da Comissão Coordenadora do Plano Nacional do Livro de Leitura, pertencente ao Ministério da Cultura, liderada pelo senhor Galeno Amorim, que nos prestigia com sua presença e distinta participação. É o reconhecimento da trajetória exitosa das Jornadas Literárias de Passo Fundo.

Agradecemos às autoridades governamentais, nas áreas federal, estadual, municipal, que se empenharam em viabilizar os recursos necessários através das leis de incentivo à cultura federal e estadual ou através de outros fundos para a realização de mais uma edição desta festa do livro, dos escritores, dos poetas, dos atores, dos músicos, dos contadores de histórias. Agradecemos aos senhores empresários, às instituições não governamentais, que mais uma vez efetivaram o seu apoio na realização da 11^a Jornada Nacional de Literatura e 3^a Jornadinha Nacional de Literatura. Agradecemos, de forma especial, à empresa Zaffari & Bourbon, que pela quarta vez viabilizou o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, concedendo cem mil reais ao autor do melhor romance publicado em língua portuguesa nesses dois últimos anos. Agradecemos o apoio concedido pela embaixada da Dinamarca para viabilizarmos o prêmio UPF Hans Christian Andersen 2005, em especial pelas empresas dinamarquesas em atuação no Brasil, Marchetti Brasil Ltda., Alborg Ind. S. A., situadas no Rio de Janeiro, intermediadas pelo professor Karl Erick Sholhammer da PUC/Rio, dinamarquês de nascimento, entusiasta das Jornadas Literárias, que se esforçou na compra das passagens aéreas a Copenhague e a Odense, terra natal de Andersen, aos vencedores na categoria Relei-

tura de Contos, aluna Bruna Dias do Carmo Costa, acompanhada de sua professora, Juliana Bitencourt Andrade, e, na categoria Publicitária, o universitário Gabriel Costa, aluno do curso de Publicidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A viagem ocorrerá no período de 30 de setembro a 7 de outubro de 2005. À Secretaria Estadual de Cultura, por intermédio do Instituto Estadual do Livro, nosso agradecimento pela parceria na realização do 9º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães. Estaremos entregando no encerramento da 11ª Jornada, no próximo dia 26, cinco mil reais a João Paulo Vaz e três mil reais a Marcelo Canellas, nascido em Passo Fundo, mas residente em Brasília, repórter especial da Rede Globo de Televisão.

Estamos todos aqui no Circo da Cultura para aprendermos mais com literatura, com o teatro, com a dança, com a pintura, com a música, com a fotografia, com o resgate de obras de personalidades como Cervantes, Andersen, Erico Verissimo, Sérgio Buarque de Hollanda, Vasco Prado, César José dos Santos, Maria Lucina Busato Bueno, Tadeu Vilhena. Estamos sendo estimulados a manifestar nossos sentimentos, nosso afeto, a nos envolvermos com as obras dessas pessoas cujo legado cultural é inquestionável na formação de idéias e de novas gerações. Em nome da Reitoria da UPF, desejamos a todos que se sintam bem em nosso meio e que promovam, por intermédio da diversidade cultural que todos representam, o grande diálogo que resulta na construção de homens e mulheres mais dignos.



Airton Langaro Dipp*

Passo Fundo é um pólo econômico, educacional, cultural do estado do Rio Grande do Sul. Muitos fatores contribuíram para que nós estivéssemos nesse estágio de desenvolvimento, mas, sem dúvida alguma, a nossa Universidade de Passo Fundo deu a toda esta região as condições necessárias para o crescimento e o fortalecimento educacional e cultural. Por isso, neste momento, queremos homenagear a professora Tania Rösing, que criou, juntamente com a sua equipe, a Jornada Nacional de Literatura, porque é o que distingue a UPF das demais universidades brasileiras, por isso merece a nossa homenagem. A Universidade de Passo Fundo, juntamente com a nossa gente, está dando condições para todos nós de crescimento. Queremos, em nome da

* Prefeito de Passo Fundo.

comunidade da nossa cidade, do nosso município, dar as boas-vindas a todos os visitantes, a todos aqueles que participarão efetivamente desta Jornada, buscando novos conhecimentos, debatendo literatura, música, arte. Tenho certeza absoluta de que todos nós sairemos daqui com um crescimento muito maior nessas áreas. E queremos também destacar dois passo-fundenses, um nascido em Passo Fundo e outro de coração, os quais tiveram a iniciativa de homenagear a Jornada Nacional de Literatura, deputado Beto Albuquerque e deputado estadual Giovani Chierini. Nossos parabéns a vocês por distinguirem também Passo Fundo e a Jornada nessas condições. A todos vocês uma boa Jornada.



Iradir Pietroski*

É com orgulho e grande satisfação que a Presidência da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul participa da abertura da 11^a Jornada Nacional da Literatura. Esta importante cerimônia, que se constitui no evento oficial das comemorações do Ano Ibero-Americano da Leitura no Brasil, faz parte de um grande esforço educacional e cultural de forjar novos, melhores e mais assíduos leitores. Dessa forma será possível aguçar a consciência da nação e transformar o seu destino rumo a um futuro mais luminoso pelo conhecimento e pelo saber. Disse o sábio que um país se faz com homens e livros. Este magnífico encontro, que há mais de uma década mobiliza Passo Fundo e também o estado, constitui-se num dos maiores, mais populares e democráticos eventos da cultura do Rio Grande e do

* Presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

país, convidando e provocando as pessoas para o ato da leitura. Realizada a cada dois anos, a Jornada Nacional de Literatura já está consagrada como um momento cultural num país em que o livro ainda é um artigo de comércio difícil e de preço inacessível para muitos.

Iniciativas como esta vêm ajudar a diminuir índices preocupantes constatados recentemente pela Unesco. O levantamento feito, que ouviu dez mil jovens brasileiros de 15 a 29 anos, apontou que 60% dos entrevistados raramente vão ou nunca estiveram numa biblioteca. A maioria da população jovem não se interessa ou não tem acesso a bens culturais. Todavia, livro não é um privilégio, é um direito. Ele fundamenta o desenvolvimento. A leitura desenvolve a capacidade crítica, aperfeiçoa o desempenho profissional, estimula a imaginação, forja a personalidade e o caráter humano. Sabemos que esta magnífica iniciativa, não sem enfrentar enormes desafios, vem cumprindo a missão. A 11ª Jornada Nacional da Literatura é mais um compromisso necessário, é um elogio à cultura, é um sorriso de orgulho de Passo Fundo pela obra incansável de sua comunidade. O meu abraço fraterno a cada um e a todos vocês.

Este município há mais de uma década estimula o hábito da leitura e do desenvolvimento, ofertando às pessoas que lêem a possibilidade de conhecerem preciosidades do mundo. Aos jovens aqui presentes gostaria de dizer que, ainda que estejamos em plena era da internet, da informação em tempo real, o que é maravilhoso, o livro nunca foi tão valorizado, porque a literatura é fundadora de atitudes, e apreciá-la é um ato de amor e de crença na espécie humana, em nós mesmos. Cumprimento a Universidade de Passo Fundo na figura do reitor Getúlio Soares, a coordenadora geral das Jornadas Literárias, professora Tania, a Prefeitura Municipal, na figura do prefeito Airton Dipp, pela importância e magnitude deste evento. Vamos trocar a marginalidade pelos livros, as armas, pelos livros; vamos alterar os rumos do país com mais educação, com mais leitura, com mais cultura e informação para todos. Escrever é criar, é resistir. Ler é unir-se ao ato

transformador das consciências, é saber. Vamos combater o desemprego com o livro, vamos revolucionar o país com a leitura, porque, como disse o sábio, o país se constrói com ideais, idéias e livros. As grandes verdades impressas em papel não podem e não devem permanecer em segredo, mas, sim, serem democraticamente compartilhadas.

Os nossos cumprimentos também a todos os veículos de comunicação que vêm garantindo espaço merecido e necessário pela longevidade do evento, pois da ampla cobertura da mídia e do trabalho dos organizadores, dos apoiadores, dependem o sucesso e a permanência da Jornada Nacional da Literatura. Quero cumprimentar aqui, especialmente, com muita alegria, o colega deputado Giovani Chierini, pelo bellissimo projeto recentemente aprovado por unanimidade na Assembléia Legislativa, que inclui a Jornada de Literatura de Passo Fundo como Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul, a qual estará sendo sancionada pelo nosso governador Germano Rigotto. É a participação do poder público no esforço de promover o conhecimento, a informação e a cultura. Mário Quintana, o nosso poeta maior, disse: “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas, os livros só mudam as pessoas.” É bom, muito bom pensar que futuras gerações, à sombra das árvores ou no aconchego do lar, nas escolas ou nas bibliotecas, homens, mulheres e crianças, estarão se dedicando a um ato unicamente humano e pacífico: o ato de ler. Um fraternal abraço e uma boa Jornada para todos nós.



Germano Rigotto*

Minha saudação muito carinhosa a todos os senhores, a todas as senhoras na pessoa desta que é, na verdade, aquela que simboliza esta Jornada de Literatura. A 11^a Jornada de Literatura tem a mão, tem a cabeça, tem os braços, tem as idéias e, principalmente, o trabalho dedicado da professora Tania, que é um exemplo, porque projetou esta Jornada que orgulha tanto o Rio Grande do Sul. Não é apenas uma lei do deputado Chierini, sancionada pelo governador, que transforma em patrimônio cultural a Jornada de Literatura de Passo Fundo; não é apenas a iniciativa do deputado Beto Albuquerque no Congresso Nacional, transformando Passo Fundo na Capital da Literatura brasileira, mas é aquilo que esta Jornada representa. Esta Jornada cada vez mais se transforma numa jornada não mais nacional, mas internacional. São dez países com autores, com escritores, com artistas, com livreiros, com editores, com pessoas que representam a literatura nacional e

* Governador do Rio Grande do Sul.

internacional passando por aqui durante esta Jornada. É a terceira Jornadinha, pois, quando se fala em Jornada, em sua 11ª edição, não podemos deixar de destacar o que representa a 3ª Jornadinha, que traz a criança, traz o aluno lá da escola de 1º e 2º graus para tentar desenvolver nele o hábito de leitura. A 11ª Jornada é importantíssima, mas aquilo que a Universidade de Passo Fundo faz com a 3ª Jornadinha é algo que tem um valor incrível, porque significa a criança desenvolver o hábito de ler, poder receber o livro, poder ser incentivada à leitura. Isso significa a formação de cidadãos que vão ter muito melhores condições de produzir para a sociedade e crescer individualmente.

Então aquilo que acontece em Passo Fundo é motivo de orgulho para o Rio Grande. Ontem eu encerrava o Festival de Cinema de Gramado em sua 33ª edição, que traz para cá já não mais o cinema nacional, mas internacional, latino-americano, e no ano que vem vai ser mais internacionalizado. Daqui a alguns dias teremos a nossa Bienal do Mercosul. Se nós olharmos o que representa a Bienal, o que representa o Festival de Cinema e o que representa esta Jornada Literária, são eventos que colocam o Rio Grande do Sul na ponta da cultura nacional. Então, está de parabéns a nossa Universidade de Passo Fundo, mas não apenas a universidade.

E eu quero dizer aos meus professores da rede estadual de ensino, do meu carinho, do meu agradecimento ao trabalho de cada um e de cada uma. Tenho a certeza de que os professores universitários, os professores das escolas estaduais, os professores das escolas municipais, que são maioria aqui neste plenário, são os grandes responsáveis, sim, pelo sucesso desta Jornada Literária, porque, se não estivessem na linha de frente, produzindo, incentivando a leitura, com todas as dificuldades que enfrentam no dia-a-dia, com certeza, não teríamos o sucesso que temos nas Jornadas.

Também a imprensa, que aqui está, através de todos os órgãos do nosso estado, tem divulgado muito esta Jornada. A imprensa tem responsabilidade sim, a nacional, a estadual, a municipal e a regional, pelo sucesso da 11ª Jornada. Nós temos Passo Fundo como referência nacional hoje, do Rio Grande do Sul. Com esta 11ª Jornada de Literatura de Passo Fundo, o estado é referência para o Brasil e já é, devo dizer, uma Jornada internacional, para orgulho de todos nós.



Luis Fernando Sarmiento*

Acolhendo o lema deste congresso e sobre o tema de diversidade cultural, me permito falar em espanhol, pois não falo português. Em novembro de 2003, a 13ª Cumbre Ibero-Americana de chefes de estado e de governo expressou na chamada Declaração de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, que a leitura é um instrumento real para a inclusão social e um fator para o desenvolvimento social, cultural e econômico.

Esse pronunciamento de alguma maneira rubrica a percepção e o papel que cumpre esta prática social, transcendendo essa visão lúdica de uma maneira hedonista que dominou durante um bom tempo e nele se falou do gosto e do prazer da leitura. E mais, ler não é bom nem é mau. É provável, também, que nem sempre ler torne melhores os seres humanos, pelo que isso pode significar. O que é certo neste começo do século XXI é que a leitura é um direito do cidadão. Aqueles que, por

* Centro Regional de Fomento ao Livro na América Latina e no Caribe (Cerlalc/Unesco).

diversas circunstâncias, não têm as condições mínimas de leitura ou não têm acesso ao livro ou ao exercício efetivo dessa prática são, de fato, marginais, marginalizados, cidadãos que devem assumir uma condição que lhes dificulta a possibilidade de participar, de articular-se com as dinâmicas de uma sociedade dominada pela informação e pelo conhecimento. Saber ler ou não, ter acesso à leitura ou não, converte-se numa drástica fronteira de exclusão ou inclusão social. E é frente a isso que a leitura e o acesso ao livro e à informação têm um sentido político fundamental.

De fato, quando se fala de leitura desde a lógica do Estado, fala-se essencialmente de duas coisas: da formação de cidadãos em leitura e escrita, responsabilidade que recai no sistema educacional, e do acesso social ao livro e à leitura, responsabilidade das bibliotecas públicas. Esta, a biblioteca pública, é o vínculo que se enlaça, por uma parte, na obrigação que tem o Estado de garantir o acesso social à informação, ao conhecimento e ao exercício democrático da cidadania, através da reflexão, da crítica, do diálogo racional; por outro lado, há a materialização desse direito social que se chama leitura, um direito que caracteriza de maneira essencial esse mundo globalizado, interligado pelas redes de informação e pelo domínio do conhecimento. O que quero assinalar aqui, de maneira muito precisa, é o papel e o profundo significado político que tem a leitura.

E é desse prisma que tem tanta importância a aprovação do Plano Ibero-Americano de Leitura (Ilimita), por parte dos chefes de Estado e governos ibero-americanos, como o Programa Cumbre, que coloca a leitura num ponto muito importante da agenda política, que se trata neste conclave dos 21 países da região. Ademais, e como ratificação da importância desse tema, foi declarado 2005 como o Ano Ibero-Americano da Leitura. O impulso das atividades no marco desse Programa Cumbre no Brasil está denominado de Viva-leitura. A coordenação do Plano Ibero-Americano da Leitura ficou ao encargo de dois organismos internacionais: o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe (Cerlalc), e a Organização de Estados Ibero-Americanos (OEI), organismo a que pertencem. Esses organismos começaram a trabalhar fundamentalmente sobre duas ações: em primeiro lugar, articulação – articulação entre países, entre

os governos, a sociedade civil e o setor privado e convocando os setores que tradicionalmente não estão vinculados ao tema leitura; em segundo, a comunicação e divulgação, com o que se busca identificar experiências e ações que de fato estão se desenvolvendo, promovê-las e dar-lhes visibilidade. Com esse trabalho se pretende fortalecer um grande movimento social e institucional em torno da leitura.

Nesse cenário cabe destacar a pertinência que cumpre esse programa, pois a situação na América Latina apresenta graves deficiências. Em algumas regiões as crianças permanecem pelo menos seis anos no sistema educacional e só conseguem aprovação em quatro graus e alcançar 50% de níveis mínimos estabelecidos pelos currículos nacionais; o nível de repetência chega a 35%. Essa situação é mais grave na metade inferior dos setores socioeconômicos, que é atendido em sua maior parte pelo sistema público de ensino. Nos últimos anos, a pesquisa educacional tem mostrado que muitos desses problemas de aprendizagem estão relacionados com as graves deficiências que têm as crianças na leitura e na escrita. Nos setores de menor ingresso, três de cada quatro crianças que cursam a 4^a e 5^a séries não podem compreender o que lêem. Muitas dessas crianças que abandonam a escola ao terminar a educação primária vão engrossar o número de analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que foram aprovadas em vários graus de educação primária, que se definem como alfabetizadas, porém não alcançam os níveis mínimos de leitura e escrita e não os podem utilizar de forma efetiva no seu trabalho e na sua vida cotidiana.

Por outro lado, nos últimos anos se viu um ligeiro decréscimo no número de analfabetos, todavia segue havendo no mundo 850 milhões de pessoas que não sabem ler nem escrever, dos quais 41 milhões estão na América Latina e no Caribe. De acordo com a estatística da Unesco, 20,3% da população mundial de adultos, quer dizer, um em cada cinco, segue sendo analfabeto.

Nas duas últimas décadas foram realizadas nas regiões múltiplas ações para criar condições para melhorar o desenvolvimento da capacidade de leitura de crianças, jovens e adultos. Nunca antes se haviam realizado tantas campanhas, programas, congressos, estudos e publicação de relacionadas com a leitura e a escrita. No entanto, apesar do esforço e dos recursos

investidos, graças aos quais se têm conseguido alguns êxitos importantes nas duas últimas décadas, as investigações sobre o comportamento do leitor, consumo de livros e competência na escrita seguem apresentando resultados insuficientes em relação aos esforços realizados. Um dos problemas centrais que se vêm assinalando há vários anos em diferentes estudos e documentos é a ausência de políticas públicas que imprimam sentido, coerência e continuidade a todos esses esforços. As ações de fomento à leitura têm surgido muitas vezes como resposta a situações conjunturais; não contam com recursos permanentes; são esforços isolados, esporádicos, ou a curto prazo por parte do setor público e não há uma continuidade suficiente para mostrar resultados consistentes.

A aprovação do Plano Ibero-Americano de Leitura por parte dos chefes de Estados e governos da região tem estimulado com um novo impulso as ações em nível nacional. Segundo um estudo do Cerlalc, neste momento estão sendo desenvolvidos nove planos ou políticas nacionais de leitura – na Argentina, Brasil, Colômbia, Cuba, Equador, El Salvador, Espanha, México e Venezuela – e durante o presente ano sete novos países estarão começando a ensinar e preparar sua política nacional nessa matéria, como Bolívia, Chile, Guatemala, Honduras, Panamá, Peru e República Dominicana. Se bem é certo que essas ações de caráter estatal vêm fazendo esforços muito diversos em quase todos os países, o mencionado estudo do Cerlalc registou cerca de 160 projetos diversos que podem ser consultados através da internet na página web do Ilimita. Analisando os programas e políticas nacionais de leitura que estão sendo aplicados hoje, o principal problema que existe, no meu ponto de vista, é a desarticulação e falta de coordenação entre os ministérios da Educação e Cultura. Cada um nos seus setores atua como se o outro não existisse. Isso tem conseqüências no manejo ineficiente dos recursos públicos e na repetição ou justaposição de atividades.

Outro assunto problemático é a ausência de instrumento de seguimento e a falta de estudos que permitam compreender o efeito das ações que estão se desenvolvendo. E, nesse sentido, não é possível compreender com um certo grau de clareza as transformações de comportamento do leitor, sobretudo num contexto marcado pelo embate das novas tecnolo-

gias e a multiplicação de suportes e forma de uso da leitura e da escrita. Nesse sentido, as únicas cifras que se manejam são as que são dadas pelos estudos Pisa (Programme International Student Assessment) e Pirls (Progress in International Reading Literaly Study), onde as comparações com Suécia, Noruega e os países mais ricos deixam esta região do planeta num dos últimos lugares, muito distante da situação dos países nórdicos. Não obstante, desde o Cerlalc consideramos que esse complexo de inferioridade não é muito útil para compreendermos melhor o que está passando no nosso continente. É por isso que é prioritário desenvolver ferramentas e indicadores próprios que nos permitam acercar-nos sem complexos da nossa própria realidade.

Fora esses problemas gerais, é fundamental destacar o que está fazendo o Brasil nesse tema. Cabe assinalar que, neste ponto de vista das políticas nacionais, este país é um ponto de referência fundamental para a região, posto que aqui se vem trabalhando já há mais de 13 anos na aplicação de programas de promoção de leitura. O primeiro documento de política nacional de leitura que tem o Cerlalc, se fez em coordenação com a Fundação Biblioteca Nacional. A partir desse trabalho organizou-se a Casa da Leitura, no Rio de Janeiro, e se deu corpo ao Proler, como entidade coordenadora do plano. O minucioso trabalho que fez o Proler nos estados e municípios de todo o território nacional, comprometendo através do envolvimento das instituições, organizações da sociedade civil e autoridades locais em função da promoção da leitura com mais de noventa núcleos em seiscentos municípios e cerca de trinta mil agentes promotores de leitura, tem estabelecido uma complexa rede que trabalha sigilosamente de maneira permanente, superando até agora câmbios conjunturais da nação. Antes de tudo isto, se fez uma “ciranda de livros”, em princípio dos anos 80, quando a Fundação do Livro Infantil e Juvenil distribuiu mais de doze mil coleções de livros para crianças, nas escolas dos bairros periféricos de todas as principais cidades do Brasil. O trabalho posterior dessa fundação estimulou a criação de instituições similares em outros países.

Desde o ponto de vista acadêmico, na Ibero-América sobressai-se com muita força o que organiza em Campinas a Associação Brasileira do Livro, chamada Cole, centro de con-

ferências, debates e reflexões que tem já um prestígio internacional. Atualmente, a dotação de bibliotecas públicas, que se faz através do Fome de Livro, ampliando os serviços bibliotecários em cerca de mil municípios que até o momento não contavam com essa infra-estrutura, seguramente produzirá uma espécie de revolução silenciosa, que garantirá o acesso ao livro à população que havia permanecido marginalizada da informação e do conhecimento. É provável que um dos processos mais interessantes que surgem seja o que está sendo liderado pelo Vivaleitura, a propósito do Ano Ibero-Americano da Leitura, que convocou com tanta minuciosidade e amplitude a sociedade brasileira para falar de políticas de livro e de leitura. É um exemplo paradigmático para a Ibero-América de consertação de política. Esta câmara setorial apontará com muita força o desenvolvimento de políticas públicas para fomentar o acesso a este insubstituível bem cultural que é o livro.

Por esses importantes ganhos, o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe (Cerlalc/Unesco) ratifica uma vez mais seu apoio irrestrito e seu compromisso com o Brasil para respaldar todos os trabalhos que sejam possíveis, para que este país avance de maneira certa no caminho que conduz uma sociedade de leitores autônomos e participativos. É por isso que saudamos com muito entusiasmo a realização da 11ª Jornada Nacional de Literatura, evento que ocupa um posto muito importante no marco da celebração do Ano Ibero-Americano da Leitura. Estas Jornadas vêm ganhando um espaço cada vez mais reconhecido nacional e internacionalmente ao longo de seus 24 anos de trabalho contínuo, onde tem sabido conjugar a qualidade de seus conteúdos, de seus expositores e um número muito importante de participantes, que este ano espera chegar aos vinte mil inscritos entre crianças, jovens e adultos. O tema que se analisa este ano, sobre o papel que cumpre a literatura em meio a um mundo mais globalizado, tanto por seus efeitos sobre as identidades e para garantir a diversidade cultural, requer amplos debates e discussões sem prejuízos. O papel das indústrias culturais e a generalização de novas expressões urbanas e internacionais são aspectos que requerem análise serena e desprevenidas. Estou seguro de que todos estaremos muito enriquecidos ao final desses debates.



Galeno Amorim*

Quero trazer um abraço especial do ministro Gilberto Gil a todos vocês leitores e escritores e autoridades que durante os próximos cinco dias vão fazer de Passo Fundo a Capital Nacional do Livro, da Leitura e da Literatura. Quero rapidamente dizer que é motivo de muita alegria retornar a Passo Fundo, onde já estive na condição de participante da Jornada, neste momento em que o Brasil participa de uma forma bastante ativa do Ano Ibero-Americano da Leitura. Este ano nós estamos comemorando aqui e em mais vinte países da Europa e das Américas o Ano Ibero-Americano da Leitura. Aqui, no nosso país, é chamado de Vivaleitura.

Eu poderia iniciar falando de alguns indicadores, que, certamente, não são os melhores, com relação a bibliotecas, a livrarias, a

* Coordenador do Plano Nacional do Livro e Leitura do Ministério da Cultura.

número de livros lidos, a analfabetismo e tantos outros. Mas não, eu quero fazer esse último pronunciamento desta noite lembrando aqui que, neste ano de 2005, o Brasil está desenvolvendo, entre o mês de janeiro e o mês de dezembro, nada menos que cem mil ações para desenvolvimento da leitura em nosso país. São projetos, são programas, são eventos e são ações de todos os tipos desenvolvidos pelo governo federal, pelos governos estaduais, pelas prefeituras, mas, principalmente, por empresas privadas, por organizações não governamentais, que em todas as cidades brasileiras, sem exceção, neste momento, estão fazendo ações positivas para que nós melhoremos o nosso número de menos de dois livros lidos por habitante por ano.

Eu quero dizer que o Ano Ibero-Americano da Leitura tem três partes: projetos e programas que já vinham sendo desenvolvidos, outros novos que começaram este ano e, principalmente, integração de vários deles e a construção de uma agenda macropolítica, que sem dúvida nenhuma é a mais importante de todas. Isso significa construir uma política nacional do livro, leitura e biblioteca para vinte anos, ter estruturas, ter orçamentos não contingenciados e pessoas participando da construção dessas políticas da Câmara Setorial do Livro e da Leitura, principalmente com essa disposição que nós encontramos aqui na Tania. Se o Brasil tivesse cem pessoas como a Tania, talvez a gente não precisasse ter grandes políticas nacionais do livro e leitura, pois certamente em pouquíssimo tempo nós conseguiríamos ampliar de uma forma vigorosa os índices de leitura no nosso país. Eu quero encerrar cumprimentando a cada um de vocês, que são aquelas pessoas benditas a que se referia o poeta Castro Alves lá atrás, quando falava daqueles que saíam pelo país afora semeando livros à mão cheia e mandando o povo pensar. Um brinde especial a Cervantes, Ariano Suassuna, a Erico Verissimo e todos aqueles que fazem da beleza das palavras a forma mais singela da expressão dos nossos sentimentos. Viva a Jornada de Passo Fundo.

Jornada Nacional de Literatura

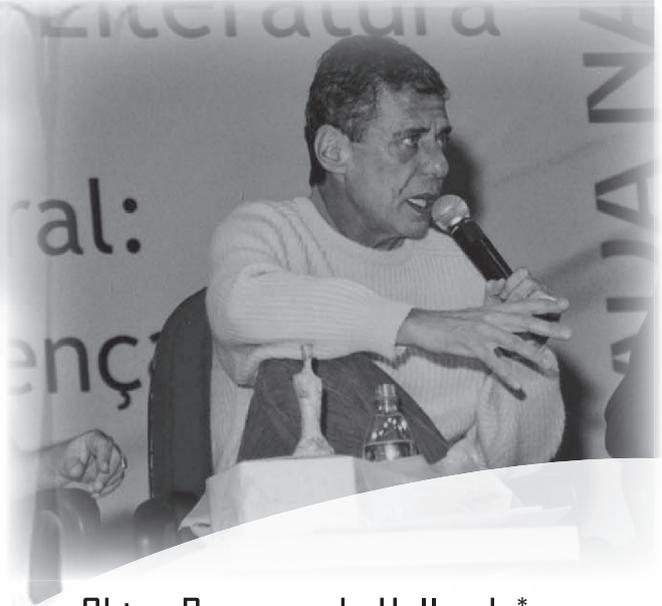
Diversidade cultural: o diálogo das diferenças

UPF 11ª Jornada Nacional de literatura

Carlos Alberto Forcelini – vice-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo; Ariano Suassuna; Rui Getúlio Soares - reitor da Universidade de Passo Fundo



Ariano Suassuna e Tania Rösing



Chico Buarque de Hollanda*

Em sua 4ª edição, o prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura concedeu cem mil reais a Chico Buarque de Hollanda, com o romance *Budapeste*, considerado como o melhor romance em língua portuguesa em 2005. O prêmio é resultado de uma parceria entre a Universidade de Passo Fundo com a empresa Zaffari & Bourbon. Participaram do prêmio 230 romances. Chico Buarque disputou o prêmio com grandes nomes da literatura, como Antonio Torres, Francisco I. C. Dantas, José Eduardo Agualusa, José Saramago, Luis Antonio de Assis Brasil, Silviano Santiago e Wilson Bueno.

* Chico Buarque de Hollanda, conhecido como Chico Buarque, é músico, cantor, compositor, teatrólogo e escritor brasileiro. Sua principal atividade é compor; desde muito jovem, conquistou reconhecimento de crítica e público tão logo os primeiros trabalhos foram apresentados. Ao longo da carreira foi parceiro como compositor e intérprete de vários dos maiores artistas da música popular brasileira (MPB), como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Toquinho, Milton Nascimento e Caetano Veloso. Seus parceiros mais famosos são Francis Hime e Edu Lobo.

Olha, obrigadíssimo, cantar eu não vou poder porque eu não trouxe o violão; discurso também não vou fazer porque não preparei, fui apanhado de surpresa, mas fiz questão de vir aqui. Conhecia a Jornada de Passo Fundo por meio das crônicas que eu lia de Luis Fernando Verissimo e tudo mais e me perguntava: “Por que não me convidam?” Mas me convidaram e, além de tudo, Passo Fundo é a terra de um grande e saudoso amigo meu, Tarso de Castro, que eu queria homenagear. Eu estou aqui para agradecer de coração a todos vocês, a Passo Fundo, aos patrocinadores, à prefeitura, à professora Tania. O combinado foi que eu não faria discurso, então, estou só agradecendo.



Loyola – Em 78 nós fomos juntos a Cuba, foi o primeiro grupo que foi a Cuba, que conseguiu ultrapassar a barreira de proibições. Numa determinada tarde, nós fomos visitar a casa do Hemingway. Num determinado momento, eu lembro que ouvi você dizer: “Deve ser bom escrever um romance.” Passaram-se muitos anos e, finalmente, você

escreveu um, aliás, dois, três. O que te levou realmente a escrever um romance? A música já não te satisfazia mais? A poesia já não satisfazia? Você queria a prosa? Dá para você falar alguma coisa sobre esse processo.

Chico – Sim, na verdade, antes de fazer música, eu já achava que seria bom escrever um romance. Eu gostava de escrever, escrevia em jornais de escola, escrevia contos, inclusive tive um conto publicado no suplemento literário do jornal *Estado de São Paulo*. Em determinado momento, eu tive a impressão de que a música me afastou da literatura. Meio por acaso, eu era estudante de arquitetura, eu comecei a fazer música, e meio por acaso me tornei um profissional de música e deixei o projeto literário encostado. Tenho a impressão de que, inconscientemente, eu estava alimentando e adiando o momento de me dedicar à literatura. E quando eu comecei realmente a escrever, quando eu escrevi o primeiro romance, *Estorvo*, eu vinha de um ano, um pouco mais que isso, de seca, não conseguia fazer mais música, não escrevia mais nenhuma canção. Então, eu precisava criar alguma coisa, eu estou sempre precisando criar, nós estamos sempre precisando criar alguma coisa. E por que não tentar a literatura? Voltar àquela primeira idéia? E foi o que eu fiz. E de lá para cá eu tenho tentado, e de certa forma eu tenho conseguido, alternar as duas coisas. Depois de escrever o meu primeiro romance, tive vontade, tive saudade de fazer música. Então voltei a escrever música. Depois escrevi o segundo e mais música e, agora, o terceiro. Em breve pretendo escrever novas canções.

Júlio – Chico, já que *Budapeste* é o grande vencedor, o processo de criação de *Budapeste*, a idéia, como é que você começou a escrever?

Chico – Antes de escrever *Budapeste*, comecei a escrever por escrever, pela vontade de escrever, sem saber o que eu pretendia fazer. Quando comecei o livro, senti que tinha uma coisa na mão, cheguei a ter a idéia de um sujeito, de um personagem, que não se entendia mais no país em

que ele vivia, no Brasil. Ele vivia aqui, mas não entendia mais o que se passava, tinha a impressão de não entender o que as pessoas falavam. Então, por algum motivo ele sairia daqui e iria para um lugar onde descobriria uma nova língua, onde aprenderia uma nova língua, criaria uma nova história, criaria uma nova identidade. O embriãozinho da idéia era isso. Aí, pouco a pouco as idéias foram nascendo e se encaixando. Não havia desde o início um plano, um roteiro, um plano de vôo; depois eu tracei um roteiro, que foi muitas vezes desrespeitado por mim mesmo, pois era obrigado a seguir outro caminho que não o previsto. E foi isso. Precisava inventar uma língua no começo; depois, achei que a língua inventada podia ser o húngaro, do qual eu conhecia algumas palavras da minha infância e me lembrava daquela frase do Carlos V, que, quando herdou um reino que abrangia quase toda a Europa continental, dizia das línguas que era obrigado a falar ou compreender. Ele dizia que o italiano é a língua para se falar com a amante; o francês, a língua para se falar com o amigo; o alemão, a língua para falar com os soldados; o holandês, a língua para se falar com os criados; o espanhol, a língua para se falar com os reis; o latim, a língua para falar com Deus e o húngaro, a língua para se falar com o diabo. E foi por aí.

Alcione – É notório o seu amor pela palavra, e a sua profissão, você ter se tornado músico, o seu processo de criação ficcional, prende-se a uma musicalidade que você percebe na palavra e como é que as personagens surgem dessa sonoridade?

Chico – Acho que personagem principal dos meus livros, talvez *Budapeste*, mais acentuadamente, é a própria linguagem, é a própria palavra. Para te dar um exemplo, muitas vezes eu seguia por um caminho, quer dizer, eu pretendia seguir por um caminho traçado, em que o personagem deveria fazer tal e tal coisa, porém não resultava no que eu queria que ele fizesse, as palavras não seguiam por esse caminho, não eram adequadas. Então,

se as palavras não eram adequadas, era porque a história não estava boa; eu tinha que buscar outro caminho para o personagem, outra história, outra estrada. Quando você fala linguagem, ela obedece, de alguma forma, a uma lógica musical. Eu sou músico, antes de tudo sou músico. Então eu leio o que escrevo e aquilo me satisfaz ou não devido a uma lógica musical. Quando leio, vejo que a idéia até é boa às vezes, a história está correta, mas as frases não estão, alguma coisa está manca, falta algo. No caso, falta uma palavra que vai dar o ritmo, ou sobra, muitas vezes, palavra, o que atrapalha, segundo uma lógica musical, o ritmo, cadência, o andamento, enfim, eu continuo sendo escritor, mas continuo me sentindo um músico. Eu não falo da literatura da música, não falo das letras de música; falo da música mesmo, da música em si, da minha música ou da música que eu ouço, da música que eu gosto.

Luiz Coronel – Sem fugir do foco literatura, é muito interessante que paisagem é música; o vento numa esquina de Buenos Aires é bandoneon; o pretinho subindo as escadarias do morro no Rio é tamborim. Há um ritmo dedicado à paisagem. A tua música disse um Brasil, sintetizava todo o Brasil. Há um momento, que eu não sei se está exato, um que tu terias dito que a canção morreu, mas acredito que no ano de 2454 as pessoas ainda estarão ouvindo Chico Buarque de Hollanda com muita emoção.

Loyola – Quando eu escrevo um romance, tenho que ter um começo e tenho que ter um fim. Eu não consigo começar e não saber para onde eu vou. Você tem o fim ou o teu fim é algo impoderável?

Chico – Não, o fim do livro eu já tinha na cabeça, não quando eu comecei a escrever, mas pela metade do livro. Eu não sabia bem por onde o livro caminharia, mas sabia aonde queria chegar. Então eu tinha um final não escrito, mas já bastante adiantado na minha cabeça.

Júlio – Quando você está produzindo um livro, você está acabando o seu quarto romance, dá segura. Estou falando em “segura” em duplo sentido. Você fica seco como com-

positor, fica mais difícil de compor a canção, ou você sente uma secura, uma vontade de parar um pouco, de esfriar, ou pegar o violão, compor alguma coisa. O Chico compositor, o Chico poeta, letrista, convive bem com o romancista sabendo que os três são tricolores?

Chico – Ele convive bem, mas em quartos separados. A secura realmente acontece nos dois sentidos porque, terminado um livro, eu tenho secura por fazer música, tenho vontade de fazer música e me sinto seco, não tenho idéia alguma. Isso vai acontecer lá adiante: quando eu acabar de fazer música, terei vontade de fazer um livro, terei a impressão de que não saberei mais fazer um livro, não saberei mais escrever. Isso é doloroso, não é bom e é bom. É bom porque, agora, quando eu começo a escrever novas canções, isso vai me custar, tem me custado, mas as canções têm pouco a ver com as canções que foram escritas há cinco anos. É começar de novo, com todos os esforço que isso representa; ao mesmo tempo, é começar de novo com o frescor que representa a coisa nova, quer dizer, eu vou escrever uma canção como quem não sabe escrever uma canção. A impressão que tenho é esta: eu tenho vontade, mas como é que se escreve uma canção? Não sei, não tenho a menor idéia. Assim também, quando eu comecei a escrever *Budapeste*, eu pensei: “Eu não sei escrever um livro, mas eu quero escrever. “Tanto é assim que fiquei dois meses tateando, escrevendo qualquer coisa, me obrigando a escrever, até chegar a pegar algum caminho. Mas a impressão que tinha é que eu não saberia escrever. Então, quando escrevi, estava com essa sensação de estar escrevendo o primeiro livro.

Alcione – Sobre essa característica que você mesmo definiu, de que a música está sempre por trás de tudo, que escritores te influenciaram por esse lado?

Chico – Não sei se tem a ver com música. Eu acho que muitos músicos influenciaram a minha literatura, a minha literatura está impregnada de música. Então, os mesmos autores musicais que eu admiro estão presentes na minha literatura. A minha literatura é cheia de influência

musical, assim como tem a influência do cinema. Acho que a nossa geração é uma geração cuja literatura é influenciada não apenas pela literatura, não é mais assim. Isso talvez no século XIX fosse, hoje não. A quantidade de informações que a gente tem, isso tudo entra na literatura, a música, o cinema, a linguagem *pop*, a publicidade, o videoclipe, tudo isso alimenta a literatura.

Alcione – Só um detalhe. Você escreve ouvindo música?

Chico – De jeito nenhum, é impossível, a música vai me atrapalhar. Como músico que sou, só escuto música quando paro para escutar música. Qualquer música de som ambiente, música de elevador, tudo isso me perturba. Eu tenho a impressão de que eu não gosto de música, mas, ao contrário, aquilo vai me atrair. Eu estou conversando com você ouvindo uma música lá atrás, então, mas daqui a pouco eu não estou mais ouvindo o que você está falando, porque começo a prestar atenção naquele som ali. Então, durante o período em que eu escrevi o livro, durante dois anos, não peguei o violão, não fiz música e não ouvi música alguma. Parece que havia dentro da cabeça uma melodia qualquer o tempo todo, que era uma melodia que determinava a musicalidade do livro, mas era uma música muito abstrata, não era nada que eu ouvisse com certeza.

Luis Coronel – Eu queria só fazer uma pergunta rapidíssima: O livro está desafiado pelos novos tipos de comunicação, os jogos eletrônicos, que concentram e dominam a infância, a internet. O livro é um instrumento de relação e conhecimento, de sensibilização humana, desafiado, ou ele é seguro, uma permanência magnífica?

Chico – Eu acho que é seguro e permanente. O que eu estou vendo aqui em Passo Fundo, eu estou vendo em outras partes do país: uma juventude vivamente interessada em literatura, que pareceria improvável de quem pensa em jogos eletrônicos e coisa assim. E as coisas não se excluem, não são excludentes, não. Eu vejo isso até por experiência pessoal, próximo de mim. Eu tenho um neto

que é louco por jogos eletrônicos, mas veio me comunicar outro dia que estava lendo: “Eu li um livro, vovô, de 85 páginas”. A literatura não vai morrer por causa disso, ela vai se modificar, com certeza, pois a linguagem dos *blogs*, a internet e tudo o mais, vai modificar a literatura e é bom que seja assim, que seja dinâmica. Como eu falava, a linguagem *pop*, é a linguagem também desses joguinhos eletrônicos. Isso de alguma forma penetra na cabeça da criança hoje que vai ser o escritor de amanhã, isso vai estar presente. Quando perguntarem a ele sobre o que influenciou a sua literatura, com certeza, ele vai se lembrar disso, porque faz parte da sua formação, não deixa de ser a formação intelectual do garoto, da criança.

Loyola – Eu quero voltar ao processo de criação. Você tem uma disciplina, você tem horários, num determinado horário você senta à mesa e vai até um determinado ponto? E você reescreve muito?

Chico – Mais reescrevo do que escrevo. Não tenho horário, porque eu trabalho o dia inteiro. Trabalho neste sentido: penso naquele livro todos os dias, os dois anos e todas as horas desse dia, inclusive nas horas em que eu estou sem escrever, em que estou pensando, estou andando, estou jogando bola, sempre estou com aquilo na cabeça; depois escrevo, leio, reescrevo, rasgo. Eu gosto de ler mais do que de escrever. No fim da noite leio o que está escrito, anoto coisas para o dia seguinte, provavelmente sonho com o livro, é isso. Também tenho essa vantagem de, no momento em que eu me dirijo à literatura, posso me dedicar inteiramente a isso. Isso não é fácil, não é qualquer escritor no Brasil que pode. Essa é uma vantagem que eu tenho, porque eu tenho um músico que é o meu patrocinador: eu compositor sou patrocinador do eu escritor. Então, o escritor pode ficar dois anos escrevendo o livro porque os direitos autorais do compositor o sustentam.

Júlio – Chico, você falou que você, de uma certa maneira, prefere ler a escrever. Você imagina que tipo de leitor é o leitor do seu romance em relação ao ouvinte de suas mú-

sicas? E a segunda coisa; você não precisa citar nomes, mas o Chico leitor se formou como leitor lendo o quê?

Chico – Lendo de tudo. Eu lia muito nessa época em que eu pretendia ser escritor, lia muita literatura brasileira, muita literatura francesa, russa, li a literatura dos russos em francês. Agora, quando eu comecei mesmo a pretender escrever, minha influência mais forte, que ia arruinar minha carreira de escritor, foi Guimarães Rosa, porque eu fiquei tão enlouquecido com Guimarães Rosa que durante dois, três anos eu só escrevia “à la Guimarães Rosa”, era tudo, foi bom eu ter largado naquela época. Eu lembro a primeira música que eu gravei, ainda tinha um resquício de querer, de pretensão a Guimarães Rosa. Aquela música “Pedro, pedreiro, pensamento”, acho que mostra que eu podia inventar palavras por causa de Guimarães Rosa, o que era uma grande besteira, hoje eu não escreveria assim. Mas era uma leitura e uma influência para mim muito forte. Eu acho que foi necessário passar esse tempo todo, me libertar dessas influências mais diretas, a tal ponto que hoje eu não sei exatamente definir qual é o peso de cada escritor na minha formação literária, é tudo meio misturado, e tudo distante. Acho que isso foi necessário para eu descobrir a minha linguagem pessoal.

A literatura, com relação à música, tem este problema: você não tem o *feedback* do seu trabalho, você não sabe se seu livro está sendo lido, se o livro foi vendido na livraria; você não tem essa relação com o público que tem no caso da música. Você faz um show e sabe exatamente quanto a música agradou. A literatura, ao contrário, você não sabe onde é que está sendo lido o livro, você fica com um pouco de ciúmes disso, de não dominar a leitura de teu livro, pois gostaria de estar regendo aquele livro, para que o sujeito não lesse muito de pressa, para que não lesse em pé no ônibus. No começo, eu ficava muito preocupado: “Como é, será que estão lendo”. Depois perde-se um pouco o controle disso, quer dizer, controle que você não

tem nunca, perde-se a veleidade de poder controlar o seu leitor, como o músico, de certa forma, pode controlar a maneira como a música chega ao seu público.

Alcione – A tua música ficou muito marcada – a percepção feminina vai confirmar o que eu digo – com grandes personagens femininas, sensibilidade feminina e um olhar feminino sobre o mundo que encanta as mulheres. No entanto, na sua literatura, os personagens masculinos começaram a ganhar proeminência. O que aconteceu, o que mudou?

Chico – Nesses três romances meus, dois são narrados na primeira pessoa. Eu acho que não sustentaria o livro inteiro, um romance, dois anos falando pela primeira pessoa no feminino. Não é motivo para que eu não fizesse isso. Mas eu até agora não sentia essa vontade. Esses personagens têm muito a ver comigo, são mais confessionais, talvez, que os personagens da música. A música é escrita para diversos; a música escreve-se por escrever. Uma boa parte de minhas canções foi escrita para outros veículos, para cinema, para teatro, para outros cantores, para outras cantoras, muito isso. As canções foram escritas no feminino porque eram destinadas a cantoras ou personagens femininos de teatro e cinema, porém na literatura não existe isso, pois existe um alterego que é muito mais próximo de mim.

Júlio – Me parece, Chico, muito importante para os jovens escritores que existem aqui, todos aqueles que se entusiasmam pelo exercício de criar, como é possível por encomenda fazer obras-primas. Vamos começar na *catedral* de Miguelangelo, vamos para o Brasil com Tom Jobim, os teus trabalhos para o cinema *By, by Brasil*, *Joana Francisca*; para o teatro, *Vida e morte Severina*. Com isso eu quero conduzir o assunto de que é possível, dentro dessa relação profissional de encomenda, construir verdadeiras obras-primas quando o artista for verdadeiro.

Chico – Sempre foi, a encomenda sempre existiu. Preferimos trabalhar sob encomenda a trabalhar livremente. Eu faço duas, até mesmo porque trabalho muito em parcerias.

Então, nas parcerias, por exemplo, a música é composta com Tom Jobim, por outros músicos, e eu vou escrever a letra depois da música. A música me chega e eu tenho que botar a letra ali. Então, já é uma encomenda, encomenda de letra. É claro que também às vezes eu falho, pois me encomendam coisas e eu não entrego, a música é linda, mas não consigo fazer a letra. Agora mesmo, o filme é maravilhoso, pedem uma música, mas a música não sai. Eu não sou um funcionário da arte, mas tenho me saído até direitinho, acho que 50%.

Loyola – A maioria dos romancistas tem problema com o título. Eu conheço escritores que começam pelo título. Parece que o João Ubaldo tem um título e parte dele. Eu, particularmente, tenho muita dificuldade, mas depois eu tenho sorte. Como é o título com você, inclusive os três romances têm uma palavra só como título?

Chico – É, mas isso não é nenhuma manha, é coincidência. Na verdade, *Budapeste*, o título, ficou sendo o título do livro desde o começo, mas só nesse caso. Eu me lembro do primeiro, *Estorvo*, para o qual eu não tinha título até muito perto da página final. Então, eu estava terminando o livro e havia um problema de um sujeito que ia andando numa direção e vinha uma multidão andando contra a direção dele. E ele falava assim: “Há uma multidão que atrapalha o meu caminho, mas eu percebo que para eles eu sou o estorvo no caminho deles”. Aí bateu a palavra “estorvo”. “Esse é o título do livro”. Até tirei a palavra nesse episódio para não ficar localizado ali o estorvo, que tinha a ver com o livro inteiro; substituí por um sinônimo, que agora não me recordo, e cheguei ao título do livro, mas lá no final.

Loyola – Para *Budapeste*, você foi a Budapeste?

Chico – Não, eu fiz no escuro *Budapeste*. Eu tinha o mapa da cidade e tinha os dicionários de húngaro. Trabalhei com isso um pouquinho também com internet. Aliás, como eu não trabalhava com internet na época, pedi ajuda de pessoas. Então, eu queria alguma marca de cigarro, e me trouxeram fescht, que é andorinha, em húngaro.

Bom, estive em Budapeste agora, depois do livro pronto, e, conversando com jornalistas que tinham lido o livro, eles diziam: “Olha, tem momentos que realmente temos a impressão de que você conheceu Budapeste intimamente. Isso é curioso, a coincidência entre a imaginação e a realidade são impressionantes.” Em outros momentos eles dizem: “A gente percebe que você nunca esteve aqui, porque, inclusive, essa marca de cigarro não existe há trinta anos. O jornal que você diz que pôs um anúncio no domingo, ele não sai aos domingos.” Então há erros assim, mas isso faz parte da brincadeira, até mesmo porque eu não quis dar a impressão, em nenhum momento, de que eu conhecia Budapeste; aquilo permanece um pouco numa zona de penumbra, numa zona de sonho; eu não quis mentir, dar impressão de que eu teria conhecido Budapeste, porque não bastava eu ir e passar um mês, eu teria que viver anos. Então, eu preferi não estar lá, e fui de novo e, para minha surpresa, encontrei várias vezes o clima que eu imaginava.



Chico Buarque de Hollanda

Prêmio UFF Hans Christian Andersen 2005 – Categoria Releitura de contos e publicidade



Bruna Dias do Carmo Costa
Juliana Bitencourt Andrade
Gabriel Cosme Costa

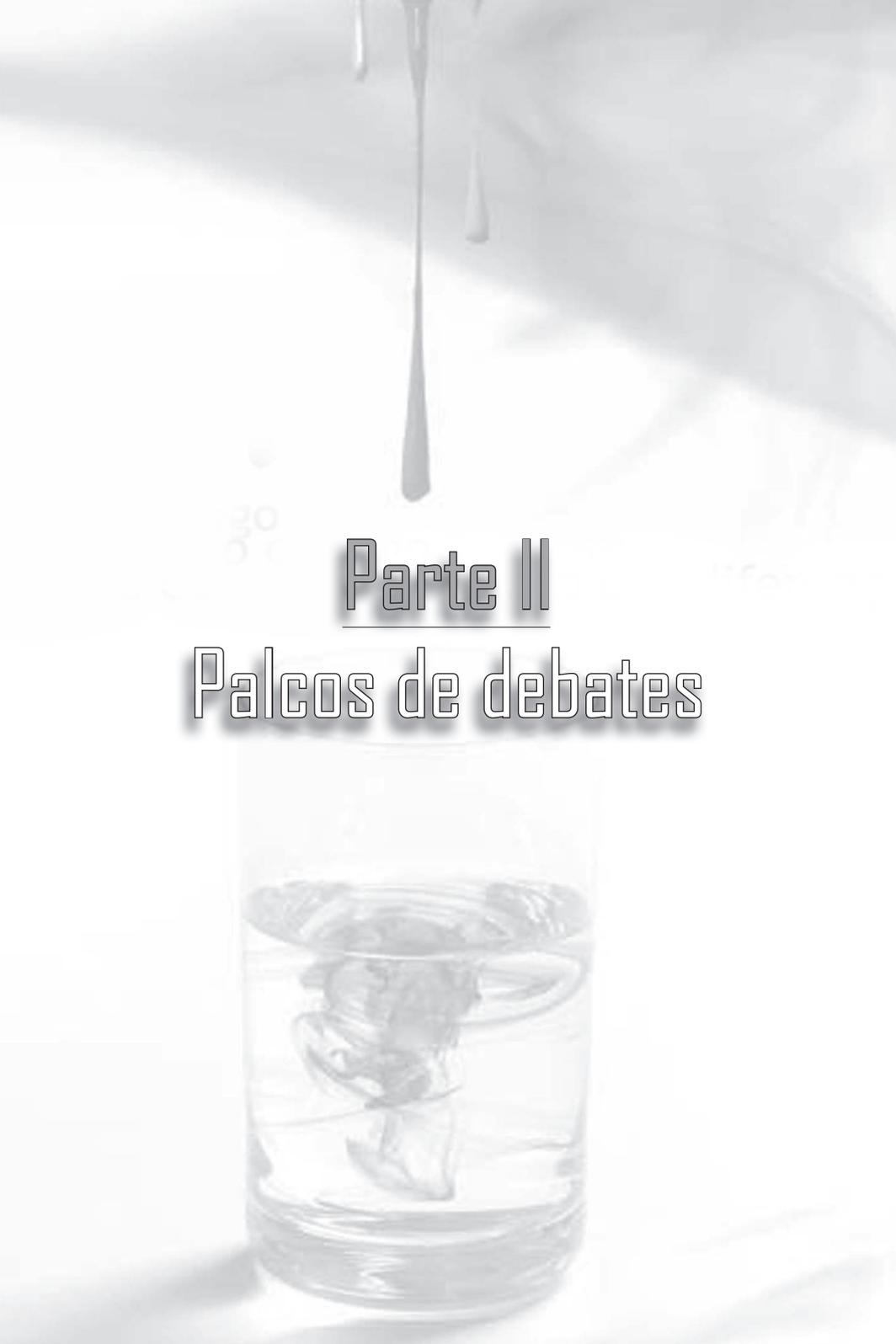
Festejando os duzentos anos do nascimento de Hans Christian Andersen, autor de contos infantis como *O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo*; *A pequena vendedora de fósforos*, entre outros, a 11ª Jornada de Literatura de Passo Fundo e a Embaixada da Dinamarca no Brasil promoveram o Prêmio Hans Christian Andersen 2005. O concurso teve duas modalidades. Na primeira, alunos da 4ª à 6ª série de todo o Brasil enviaram textos narrativos baseados em dez contos de Andersen, transpostos para o século XXI, num processo de releitura. A segunda modalidade foi dedicada exclusivamente a estudantes de Publicidade e Propaganda, os quais puderam apresentar uma campanha publicitária integrada por VT, *spot*, selo comemorativo, cartaz

e *outdoor*, utilizando personagens dos contos do autor dinamarquês. A primeira seleção foi feita dentro da instituição dos participantes. Depois, uma equipe formada por profissionais da literatura infanto-juvenil e da publicidade avaliaram os trabalhos.

Na categoria de alunos da 4^a à 6^a série, analisaram os trabalhos Joel Rufino dos Santos, (UFRJ), José Luís Jobim (Uerj e UFRJ), Maria da Glória Bordini (PUCRS) e Paulo Becker (UPF). Foi vencedora Bruna Dias do Carmo Costa, aluna da 5^a série da Escola Municipal Vinícius de Moraes, de Belo Horizonte, Minas Gerais, juntamente com sua professora, Juliana Bitencourt Andrade. No total, concorreram ao prêmio 244 inscritos.

Na categoria alunos de cursos de publicidade, julgaram os trabalhos inscritos uma comissão composta por Luiz Coronel, Miriê Tedesco (UPF), Maria Goreti Betencourt (UPF) e Eduardo Wannmacher (PUCRS). O trabalho selecionado foi de Gabriel Cosme Costa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Os vencedores ganharam uma viagem à Dinamarca, país de origem de Hans Christian Andersen, visitando as cidades de Copenhagen e Odense em outubro de 2005.

A grayscale photograph of a hand pouring liquid from a bottle into a glass. The liquid is captured mid-pour, forming a long, thin stream. The glass is partially filled with liquid and contains a rose. The background is a plain, light-colored surface.

Parte II

Palcos de debates

O nacional e as manifestações populares na ficção narrativa



Cecília Costa

Nasceu no Rio de Janeiro em 1952. Estudou literatura na UFRJ e história na Uerj. Desde os 24 anos é jornalista, tendo ingressado na profissão como repórter da revista *Bolsa e*, no ano seguinte, passou para a seção de economia do jornal *O Globo*, onde trabalhou por cinco anos. Passou depois pelo *Jornal do Brasil* e pela *Gazeta Mercantil*. Em 1988, retornou ao jornal *O Globo* como subeditora de economia. Depois de mais de dez anos trabalhando com números, dívida interna e externa, inflação, mercados em crise, em abril de 1998 assumiu a editoria do "Prosa e Verso", o caderno literário de *O Globo*.

É uma alegria estar aqui, neste circo cigano, pois o circo é uma tradição européia. Quando eu li no Rio “O nacional e as manifestações populares”, falei: “Poxa, valha-me Deus, que nacional é esse? Por quê?” É o livro nacional, apesar do nacional, da bandeira brasileira, o nacional-socialismo. A palavra “nacional”, ou mesmo “manifestações populares”, me dá uma sensação de facismo, de nazismo, de se querer restringir a linguagem artística. Seria o reducionismo, um funil. O nosso finado Gushiken, que ainda está vivo, mas perdeu o poder, quis, no cinema brasileiro que a gente realmente se pautasse pelo nacional e pelas manifestações populares; contudo, os cineastas brasileiros se revoltaram imediatamente pedindo que ele mudasse aquele conceito. Então, há todo o realismo socialista, o nacional-socialismo, o tempo do Stálin, e eu fico com medo.

No caso da nossa arte, principalmente quando se fala nisso na ficção literária, eu acho ainda mais problemático por causa da globalização cultural, que é a uniformidade contra a qual se luta: defendemos a diversidade combatendo a uniformidade. Eu gosto das coisas mais próximas, e nós temos realmente um combate a fazer, em virtude da enxurrada de material que entra pela internet, pelo inglês, que hoje em dia impera. O francês, quando imperava, ainda era latim, próximo do latim, uma língua latina. Então, se for teatro, se for dança ou música, qualquer outra linguagem artística, é mais fácil colocar uma barreira ou tentar fazer uma arte estritamente brasileira. Tudo que vem de fora tem de ser aproveitado, qualquer arte, mas na literatura, especificamente, nós não podemos ficar ligados apenas ao que seriam manifestações populares ou encarnação de expressão popular.

Como implico muito com o conceito de nacional, resolvi dar uma olhada em alguns livros. No livro do Mário de Silva Brito, sobre os antecedentes de 1922, vemos que Sérgio Buarque de Hollanda, naquela ocasião, falava exatamente na criação duma literatura nacional, ali em 1920, 21, 22. Em 22 nós temos Menotti del Picchia, que depois até foi integralista com Plínio Salgado. Era, então, uma ruptura com o passado, que era totalmente atrelado à Europa e a Portugal: o parnassianismo greco-latino, depois o romantismo ligado a Rousseau, o índio do romantismo, que eles diziam estilizado, falso, depois

o simbolismo. O modernismo, com uma influência italiana, de Marinetti, deu vazão a todo um regionalismo, o pau-brasil, o verde-amarelo, com Gilberto Freire, a *Casa grande*; depois, Guimarães Rosa, com *Grande sertão: veredas*. A nossa literatura passa a ser diversa.

Os nossos estados são pequenas ilhas culturais. É difícil, então, trabalhar no suplemento literário por que o Pará quer aparecer, o Maranhão quer aparecer e todos querem aparecer no Rio, que ainda seria a caixa de ressonância – infelizmente, politicamente, não somos mais caixa de ressonância; acho que nossos problemas de hoje vêm da alienação de Brasília. Se estivéssemos ainda no Rio de Janeiro, era mais fácil gritar e reclamar. Um escritor, mesmo gaúcho, que é muito forte, porque aqui há um pólo cultural, seja de cinema e principalmente de literatura, quer aparecer no Rio de Janeiro. Todo mundo quer o suplemento do Rio de Janeiro porque ainda é o lugar que repercute mais no Brasil. Essa diversidade enorme de falas no Brasil começou, para mim, no modernismo.

Seja com o Manuel Bandeira, seja, depois, com a geração de 45, vai nascer como uma tentativa de uma identidade brasileira ficcional, literária e na poesia.

Contudo, isso não quer dizer que eu abandone o internacional; meu maior mestre é Balzac, e eu amo Thomas Mann. Graciliano, Guimarães, Machado. Nós, brasileiros, temos de ler autores brasileiros e ler sempre. Contudo, não vamos deixar de ler um estrangeiro, um Dostoievsky, um *Crime e castigo*, por causa de um conceito de manifestações populares ou nacionais na literatura. Até porque a literatura, quanto mais íntima, quanto mais pessoal, quanto mais regional, expressa o que ocorre no mundo lido. Se escrevermos sobre um assassinato em Passo Fundo, o fato vai ser de Passo Fundo, vai ter as ruas de Passo Fundo, a praça de Passo Fundo, a memória de Passo Fundo, a história de Passo Fundo, mas vai ser um crime por amor como qualquer crime por amor em qualquer país do mundo. Então, esse conceito da nossa palestra eu acho muito polêmico.

Fiz um concurso de contos no Rio, quando estava n' *O Globo*, e tive quatro mil contos inscritos. Eram contos até do Japão, da Alemanha, dos Estados Unidos, do Oiapoque, do Chuí. Houve uma grande parte de contos dedicadas ao futebol.

Tinha até um conto lindo sobre o Bangu, o time de futebol ligado à fábrica de tecidos Bangu, que não pôde ser aprovada porque era muito grande. Tinha também o carnaval. Mas o que realmente estava presente eram o amor, a loucura, a morte, o ciúme, a vaidade, o desespero ótico, ou metafísico ou antológico. Isso está em qualquer literatura nacional, desde Homero ou Dante. Toda essa condição humana vai estar espelhada na literatura brasileira e na internacional, não se pode fazer divisão.

Nós temos de ler todos os nossos autores e nunca deixar de ler também os autores estrangeiros; todos são importantes. Agora, se quisermos algo estritamente nacional, vamos ler o Manuel Bandeira, no “Evoé Baco”, onde ele fala “Evoé Mono, Evoé Baco vai ser bacanal, carnaval”. A gente liga orgia, bacanal, luxúria. É um canto de luxúria e um canto de carnaval. Várias vezes teremos o carnaval espelhado na nossa literatura, que era considerado como identidade nacional, uma característica nossa. Tem um estudo inteiro sobre carnaval, que é *Ecos da folia*, onde a autora fala que, na verdade, o carnaval quase é um símbolo brasileiro, para a tristeza brasileira.

Como, socialmente, há tantos miseráveis, é no carnaval que o miserável vai ser príncipe, que o pessoal do morro vai ser alegre, vai dançar, ou vai se revoltar. Então, o carnaval não pode ser visto só como alegria, o Brasil, o país do carnaval, o Brasil como o país do futuro, que nós estamos esperando ainda... Carnaval vem também de nossa melancolia, e melancolia é humana, é européia, é asiática, é de qualquer país. O popular, o cordel, ou qualquer outra manifestação, ou artesanato, todas são manifestações. Nós somos brasileiros, mas, ao mesmo tempo, nós temos que estar abertos para receber o que vem de fora, apurar, depurar e transformar isso na própria literatura brasileira. Acho que tem um intercâmbio entre os dois sempre, uma interface sempre, sem fechar portas, sem fazer central o Brasil, por exemplo.

Eu tenho uma implicância já pública no meu grupo de pessoas com o *Budapeste* do Chico. Dizem: “Foi lá em Budapest, entendeu, uma cidade que nem conhecia”. Ele não escreveu sobre Passo Fundo, sobre Rio, sobre São Paulo, não escreveu sobre nada disso. É um livro muitíssimo do internacional. Con-

tudo, é o Chico, o maior compositor nosso, que escreveu músicas maravilhosas, totalmente brasileiras. A escolha literária dele é uma escolha. A literatura é livre, a arte é livre; podemos usar qualquer voz, seja a mais regional possível, seja a mais universal possível, não podemos ter barreiras. Então, sinceramente, espero que não seja só de manifestações populares, ou só de sentimentos nacionais, que a nossa literatura viva. Não podemos ser tão nacionalistas. O próprio João Ubaldo, que tem uma visão de Brasil e coisa e tal, também já foi à Alemanha, já viajou pelo mundo inteiro, tem várias vivências, fez um livro estritamente brasileiro, que é *Viva o povo brasileiro*, mas trocou os deuses greco-latinos, Vênus, tudo, por Oxóssi. É uma maravilha, é muito brasileiro, é um livro estritamente brasileiro e, ao mesmo tempo, universal. Tem todos os sentimentos universais, todos os sentimentos da nossa humanidade, do nosso cosmo planetário, desse planeta azul magnífico que gira pelo céu e que esperamos que gire, apesar de Brasília.

Comentário

Marisa Lajolo

Neste ano comemoramos os 140 anos de publicação de *Iracema* de José de Alencar. E talvez em *Iracema*, que é uma obra bastante conhecida, encontremos uma equação de compromisso entre o chamado “nacional” e “popular” não tanto e apenas sobre o que ele conta, uma lenda cearense, a fundação do Ceará, mas em termos de que, por exemplo, se vale de uma lenda. Essa lenda, depois de escrita, transforma-se num romance absolutamente erudito e concebido pela crítica como sendo uma expressão do nacional. Todavia, ao mesmo tempo, o romance *Iracema* é um romance que tem treze versões em cordel, que correm oralmente no Brasil de hoje. Realmente, a nossa dupla face de um nacional e vários populares é uma questão que sempre se coloca, talvez se coloque mais agudamente aqui nesta Jornada, onde temos uma grande maioria de professores, para os quais essa questão é menos uma questão acadêmica intelectual e mais uma questão metodológico-educacional do que eles fazem com os alunos que lhes cabem em classe.



João Ubaldo Ribeiro

João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro nasceu na Ilha de Itaparica, Bahia, em 23 de janeiro de 1941. O ano de 1956 marca o início da amizade com Glauber Rocha, seu colega na escola. Iniciou no jornalismo trabalhando como repórter no *Jornal da Bahia* e, tempos depois, tornou-se editor-chefe do jornal *A Tribuna da Bahia*. Participou de algumas coletâneas antes de publicar seu primeiro livro, intitulado *Setembro não tem sentido*, em 1968. Com seu segundo livro, *Sargento Getúlio*, de 1971, ganhou o prêmio Jabuti. Morou nos EUA, em Portugal e na Alemanha. Participou de adaptações de textos seus e de terceiros para a televisão e o cinema e foi premiado e homenageado em várias partes do mundo. Atualmente assina textos semanais nos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*. É um dos mais importantes escritores brasileiros contemporâneos, autor de clássicos como *Viva o povo brasileiro*, que já superou a marca dos 120 mil exemplares vendidos, e é membro da Academia Brasileira de Letras. Escreveu mais de 15 livros, que já foram traduzidos em 16 países.

Eu sou tido como um homem profundamente ligado às minhas raízes. Meu livro *Viva o povo brasileiro* é descrito de uma forma que, às vezes, me é um pouco irritante, como romance histórico ou como um romance em que eu tento reescrever a história do Brasil. Nós temos por tradição no Brasil fazer uma separação – que não é uma separação sensata, nem é exata e nem útil – entre popular e erudito, entre o que é do povo e o que é dos “intelectuais”, assim chamados. Dizia a citação do autor, hoje não muito citado Schopenhauer, que toda arte aspira à condição da música, porque a música é a arte mais imediata, a que bate logo, não precisa de tradução, assim como o teatro. O teatro seria a literatura para analfabetos, ou seja, um analfabeto pode ouvir o teatro perfeitamente, o qual é um gênero literário de alguma maneira, um gênero, inclusive, venerável, que remonta há milhares de anos.

Em primeiro lugar, a distinção entre o que é popular e o que é erudito é difícil de ser estabelecida, difícil de ser demarcada. Eu me lembro que, quando fazia exames psicológicos para prosseguir no mestrado nos Estados Unidos, em Ciências Políticas, uma psicóloga viu profundas contradições entre eu gostar de *jazz* e dizer que música só tinha Bach e um pouquinho Beethoven e Mozart. Eu dizia: “Não, Bach, Beethoven e Mozart pronto.” Então, ela dizia: “Que contradição!” Eu não vejo contradição nenhuma.

Nós chamamos a famosa música clássica de “música erudita” porque talvez ela requeira um pouquinho mais de aprendizado da parte de quem está exposto a ela para que desfrute dela. Mas nós não havemos de esquecer que o que hoje chamamos de “música erudita” e “música clássica” era a música que se tocava. Mozart tocava, e não nas condições que nós idealizamos. Mozart, na realidade, era tecnicamente um empregado da cozinha, cozinheiro titular, cozinheiro real, imperial, da cozinha do palácio dos Habsburgos na época áurea do império austríaco. Então Mozart fazia as coisas como a maior parte ou, pelo menos, grande parte dos criadores fazem: fazia música encomendada pelo imperador. O imperador chegava e dizia para ele: “Wolf, grande, vem cá, eu vou receber a princesa tal, o duque tal, o conde tal sexta-feira – isso na segunda-feira – eu queria um concertinho para piano e orquestra aí. Mas não

quero essa velharia que você já repetiu. Então, você me traga um negocinho novo que eu estou precisando”.

Era assim que era feita a música naquela época, porque Mozart tocava e compunha como a maior parte dos artistas, por dinheiro. E era a música que se tocava. Assim, a distinção entre música popular e música erudita começou a esvaír-se. Se chegarmos a certos autores brasileiros de hoje, comuns, como o próprio Chico Buarque, de certa forma, principalmente através de certas letras, veremos que se aproxima do que chamaríamos de “erudito”. Um Wagner Tiso, um grande músico mineiro, está ainda mais próximo do que chamaríamos de “erudito”, mas não se pode dizer que o maestro Vagão, como é conhecido na intimidade, seja um erudito, ou, muito menos, um “bozé”, ou um intelectual no sentido pejorativo como a palavra às vezes é usada.

Também existe a discussão infundável e que tem pontos de contato, embora não tão evidentes assim, com o que eu estava falando, que é a questão também da famosa identidade nacional: quem somos nós? Existe um brasileiro ou não existirá um brasileiro? Não acredito que esta pergunta venha a ser respondida satisfatoriamente no fim deste debate. Seria pretensão demais minha e imagino que essa idéia ou essa crença é partilhada pelos meus companheiros de mesa do debate. Particularmente, acho que existe uma identidade brasileira. Ontem eu vi essa identidade aparecer aqui, vi aparecer a identidade gaúcha, sem desaparecer a identidade brasileira. Eu mesmo sou baiano, o baiano amigo de muitos gaúchos; por acaso e por coincidência, existem muitos gaúchos, mas muitos mesmo, na minha galeria afetiva. Ontem eu estava junto da carioca Ana Maria Machado, a grande escritora, de pé, ouvindo o Hino Nacional ser cantado com fervor e, mesmo, com emoção e lágrimas nos olhos por alguns que estavam junto de mim. Eu choro como um bezerro quando ouço o Hino Nacional cantado em copa do mundo. Eu me levanto para ouvir o hino, e posso ouvir sem dar vexame, calado, mas se eu for cantar...

Eu não estou nem pensando no sentido das palavras, nem nas anástrofes – é uma espécie de ordem inversa, meio complicada – que tornam o entendimento do Hino Nacional difícil.

Não pensei nada disso, pensei no Hino Nacional. O Hino Nacional estava sendo cantado e eu me arrepiei, me emocionei, e depois o Hino do Rio Grande do Sul – e para vergonha minha, e talvez dos demais, eu não faço a mínima idéia do Hino da Bahia. Eu acho que não existe conflito entre a identidade regional, onde cabe o multicultural. Até o Rio Grande do Sul não pode dizer que tem uma cultura única; nem sequer o Rio Grande do Sul, um estado com identidade tão fortemente marcada por seu gaúcho, seu churrasco, sua bombacha, sua cuia de chimarrão, o seu falar, enfim, a sua participação na vida política brasileira. O gaúcho é gaúcho, todo mundo sabe, mas assim mesmo existem, vamos dizer, não no sentido de inferiores, mas no sentido de divisões, “subgaúchos”. Existem gaúchos e gaúchos. Vocês que são gaúchos sabem melhor que eu: existe o gaúcho mais ao norte do estado, existe o gaúcho da fronteira, enfim, existem muitos gaúchos. Assim também existem muitos baianos: o baiano como eu, do Recôncavo, que é o baiano aberto, falador, o baiano Caetano Veloso; existe um baiano do interior, do sertão, que não me ocorre agora, razão por que eu não vou citar ninguém; existem também os baianos do interior, ou seja, o baiano sertanejo, tão baiano quanto os outros.

Não vejo conflito entre a arte chamada “popular” e a arte chamada “erudita”, que apenas continua tão distante porque somos um povo que cada vez mais despreza a formação intelectual de sua juventude. Cada vez a nossa educação piora, como é sabido por todos nós, desde a remuneração dos professores às instalações físicas dos estabelecimentos universitários. O Silviano, aqui, tem várias identidades não secretas, todas públicas, mas tem identidade de ensaísta, por exemplo, e a identidade de ficcionista. Claro que sua identidade de ensaísta é uma coisa para quem é do ramo, para quem se interessa pelo assunto, não para qualquer pessoa que não possa ler. Uma pessoa razoavelmente informada, que saiba ler, pode perfeitamente ler e lucrar com os livros de crítica e ensaios de Silviano Santiago, assim como poderá ler o romanista de *Stela Manhattan* e outros livros. Portanto, não vejo essa fronteira, como também não vejo conflito entre as diversas identidades regionais, do que eu acho que eu sou a prova viva. Eu me sinto em casa aqui no Rio Grande do Sul, assim

como sei que muitos gaúchos se sentem em casa na Bahia, porque nós estamos no Brasil.

Eu vou encerrar contando uma história de como que eu me saí, na Alemanha, onde o problema da identidade é uma obsessão nacional, porque, como vocês sabem, a Alemanha é um Estado mais jovem do que nós, agora muitíssimo mais jovem com a junção das duas Alemanhas. A Alemanha ocidental antiga e a Alemanha, ambas só começaram a existir depois de Bismarck no século 19, porque eram Prússia, Baviera e assim por diante. Lá vivem dizendo: “Eu não sou alemão, eu sou prussiano”. E eles ficavam me chateando com essa pergunta, que era invariável. Essa coisa de identidade é um problema muito alemão, pois você atravessa a rua e começa a falar outra língua, ou seja, tem um dialeto do outro lado da rua. Então eu disse: “Lá no Brasil nós já resolvemos esse problema há muito tempo e eu aconselho vocês a pensarem nisso. Nós temos uma carteira de identidade. Quando eu tenho dúvidas sobre carteira de identidade, eu pego aqui leio ‘sou João Ubaldo, brasileiro’. Pronto, tá aí. Já conheço minha identidade.”

Acredito, sim, na existência de uma identidade brasileira. Acredito que isso aqui é uma demonstração da existência e, ao mesmo tempo, um esforço para a manutenção dessa existência. Nós somos conscientes da existência de uma identidade nacional e fazemos força, como a professora Tania faz admiravelmente, para que essa identidade seja mantida. Tanto é assim que não se faz a festa de Passo Fundo para Passo Fundo, ou para a gauchada em geral, com a presença de uns poucos convidados de fora. Não, esta é uma festa brasileira, uma festa de que todos os brasileiros devem se orgulhar, tanto quanto Passo Fundo se orgulha. É evidente que a dona da festa é Passo Fundo, que toma iniciativa, que é invadida, enfim, quem arca com o ônus da elaboração da realização de uma festa tão bonita quanto esta são os gaúchos de Passo Fundo, mas são os brasileiros de Passo Fundo, são os compatriotas de Passo Fundo. E eu acho que não há o que discutir em relação a uma identidade nacional. Existe uma identidade nacional. Onde está, que traços a caracterizam, não sei dizer, não sou, graças a Deus, sociólogo, embora formado em Ciências Políticas.

Comentário

Marisa Lajolo

O tema da nossa discussão de hoje, “O nacional e as manifestações populares na ficção narrativa”, já começa com uma dicotomia, uma dualidade entre o singular do nacional e o plural de manifestações populares. Então, talvez uma forma de encaminharmos essa discussão seja pensar se no Brasil existe mesmo um nacional ou se esse plural das manifestações populares talvez pudesse dar uns “esses” ali no nacional. Por outro lado, também podemos pensar na questão da dupla mão do trânsito contínuo do nacional do que se chama de “erudito”, do que se chama de “cultural”, do que se chama de “cultura popular”, observando, em primeiro lugar, que geralmente a cultura popular é designada na terceira pessoa, mas quem faz cultura popular? Dificilmente a cultura popular se assume em assuntos literários como primeira pessoa, questão essa muito interessante.



Nelson de Oliveira

Nasceu em Guaíra, interior de São Paulo. Dos prêmios que recebeu destacam-se os da Casa de Las Américas de Cuba (1995), da Fundação Cultural da Bahia (1996) e da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA - 2001). Autor de *Naquela época tínhamos um gato*, *Treze*, *Subsolo infinito* e da antologia *Geração 90: manuscritos de computador*, reunindo os melhores contistas brasileiros surgidos na década de 1990. Em 2003, lançou o último volume do projeto *Geração 90: os transgressores*. Editou, com Marcelino Freire e Tereza Yamashita, a revista *PS:SP* e publicou o livro *Anseios cripticos*. Em março de 2005, Nelson de Oliveira lançou um novo livro, *Sólidos gozosos & solidões geométricas*.

De fato, concordando com os colegas que já disseram algo a respeito do nacional e do popular na literatura, é um tema muito espinhoso, que já deu muito pano para a manga. E pensando sobre isso em São Paulo e, depois, trocando figurinhas rapidamente aqui com o pessoal, propus o seguinte: ao invés de dissertar sobre a maneira como encaro determinadas armadilhas desse tema, ao invés de teorizar a respeito disso, posso ler um conto meu, que, de certa forma, ilustra até o que o João Ubaldo estava dizendo a respeito do conflito que há em algumas pessoas, intelectuais ou pessoas do povo, entre o erudito e o popular. Confesso que, no meu caso, esse conflito existe, ou seja, apesar de toda a leitura que fiz, de toda análise cuidadosa e até uma análise emocional, eu não consigo ainda não sofrer com o fato de gostar, ao mesmo tempo, dos Beatles e de Stravinsky. Num determinado momento há uma rixa entre essas duas modalidades culturais na vida de cada um, mas não vou partir por aí.

Sobre o conto que eu quero ler, eu preciso ambientar vocês a respeito do contexto em que foi produzido. Como todos sabem, o ano passado foi o aniversário da cidade de São Paulo – 450 anos. A *Folha de São Paulo* me convidou para escrever uma narrativa sobre esse tema, com liberdade total de forma, para somar forças para essa comemoração. Eu gosto muito de Guimarães Rosa e da paródia como gênero literário. O meu diálogo com a cultura popular vem mais do que eu leio em outros autores do que propriamente de maneira direta, ouvindo as múltiplas vozes dessa mesma cultura. Então eu decidi parodiar um conto de Rosa que é célebre, que todos vocês devem conhecer, “O meu tio Iauraretê”, um dos primeiros contos que ele publicou. Como vocês sabem, esse conto apresenta apenas duas figuras: um xamã índio, velho caçador de onças, e o seu interlocutor, um homem branco civilizado. Eu peguei essa dupla de protagonistas e inseri num conto que eu intitulei “Meu tio o mameluco-malaco”.

O conto é bastante curto e tem dois protagonistas: um é o tal mameluco-malaco do título, que já não está mais na natureza, não está mais no sertão, ou está inserido numa favela, cercado pela civilização por todos os lados, vamos dizer assim. O protagonista é um índio, um xamã, cujo nome é Manipu Tupinambá. O narrador desse conto também se autode-

nomina “Mameluco Beleza”, numa brincadeira com o “maluco beleza” do Raul Seixas. É um conto que tenta fazer uma fusão entre a cultura letrada e a cultura popular, no sentido de contar de uma forma alegórica o nascimento da cidade de São Paulo. Eu coloco esse mameluco, esse xamã, admirando uma fogueira. Essa fogueira é para ele o que para nós é a internet, a televisão. Observando o passado e o futuro nessa fogueira e nesse passado bastante remoto, quem aparece? Aparecem o padre José de Anchieta, o padre Manoel de Nóbrega, fundadores de São Paulo. Aparecem também duas figuras importantes, dois protagonistas, que são os bandeirantes, o Borba Gato e o Raposo Tavares, figuras misturadas com figuras ficcionais. Vamos ao conto:

Meu tio o mameluco-malaco

para LRG, mamaluco voador

Nhem? Apê! Espia cá fora. Lua tá redonda-redonda... Alá ele chegando, alá. O colégio, ele quer mais notícia. Chega de longe, chega do asfalto, sapato limpo, na estica. Sobe a colina, quer ver os rios lá embaixo, feixe de peixe. Quer beijar a mão do Padbranchieta. Salve-salve o soldado do papa, Padbranchieta de Piratininga, mano meu. Sovou o barro, o estrume, a palha, o sangue de boi, sovou o colégio e a igreja. Hã? Taipa de padre. Nem de pedra nem de Pedro, de Paulo. Vai-vai, some-some moleque, casca fora capeta. Alá ele pedindo informação, logo-logo chegaqui. Hum? Nhor sim. Quer entrar, pode entrar. Meu barraco é barra limpa, é meu seu nosso vosso. Hum-hum, Mameluco Beleza, eu mesmo, quiéqui mecê manda? Manipu vê tudo no fundo da fogueira. Têvê de pobre é a fogueira, pajé adora. Hã? Né da Minerva não, é da dona Eva... Don'Eva do lixão. É, essa erva é da boa, quer cachimbar? E cachaça-onça, mecê bebe também? Camarada sentaí e eu te conto o que aconteceu. O acontecido-cedo no tecido do tempo. Te conto, te mostro no fogo. Mecê veio ver o quê? Tudo-tudo o quê? O pelourinho? A força mecê já viu? Tá la fora esperando pescoço. Ui, é. Escola das boas, o tronco e a força. Ixe, mecê tá equivocado. Babel Babilônia foi fundada por jesuíndios. Foi fundada entre ontem e hoje, hontem. Fortificação da cruz tupi: cruces e credos. Começou como casescola de pau e barro: catorze passos de largura, dez de comprimento. Nhor? Nhor sim, mano meu Tibiriçá ajudou a amassar o mato. A missa veio depois, a missa e a missão, a igreja e o colégio: São Paulo, onde o pau mental comia dia sim dia não. Tô falando bobagem? Axe, mecê não sabe de nada. Nhem? Borba Gato? Borra-botas do diabo, não se encontrou

com o Gato de Botas, não. Que disparate! Hum-hum, Manipu Tupinambá não mente não-nunca-jamais, apê! Mecê tá chapado, meu chapa. Tava na taba, no forró-funk, né? Erva de lá não é da Don'Eva não, é do Belzebu, do Brasa-Viva, do Ó do Borogodó. Ih, hem! É menina-veneno tipo bororé, de ponta de flecha, deixa o bocó meio borocoxô. Manipu é mameluco-maluco mas não quebra a cara nas quebradas não. Ui ai, baile punk, balé funk... Forrobodó é nisso que dá. Se mecê marcar bobeira aqui-ali-acolá no Capão, na capital inteira, hum-hum, o capim mecê come pela raiz. Tipo-vacilão? Tipo assim-assim feito freira o bicho pega, tá ligado? Chegaqui cachimba mais, pode cachimbar, essa é da boa. Mas mecê quer saber mais do comprade meu Padbranchieta, né? Quer beijar a mão do mano meu, né? Quer conhecer a vila, mexer no barro e na palha, né? Mecê é dotô-professor, né? Ia-nhã? Bom. Gosta de estudar o ontem-hoje, o hontem? Ui, se assuste não: banguê-banguê esse aí é toda noite. Oxente, faroste de norte a sul. Acerto de conta é toma-lá-da-cá, não pagou o pau comeu: pó-pó-pó, pampampam e tomara-que-caia. Ó o auê aí, ó. Nhem? Ojeriza de jesuíndio, o dotô tem? Assaltestupro? Axe! E de negramarelo, de prêt-à-porteiro, de pé-rapado de Pretória? Mecê tem ojeriza? Pudera, pele boa a sua, brim-branquinha assim feito pó fininho. Cara-pálida dá muita bandeira aqui em cima. Hã-hã. Planalto de Piratininga aqui é matar ou morrer, eta morrão pele-vermelha. Cristo Redentor branco? Estátua da Liberdade branca? Nos barrancos daqui não tem não. Pra todo lado só mulato que late e morde. Mas não se borre não, oi, sangue bom. Barraco de Manipu é do balacobaco, dotô. Se é. Balaço perdido não balanço-osso aqui não, o fogo não deixa. Sente a fogueira? A tigrada tem medo, tem respeito. Ninguém bole com Manipu não. Manipu-Xamã, me chamam assim. Manipu-Chama, mamaluco. Malaco louco, eu. Xi, às vezes dá chabu. Até meu padrim-poeta Padbranchieta não gosta muito do rosto do fogo. Careta do capeta, ele diz. Ó Deus! Diz que faz mal à alma olhar o futuro, o passado. Hã? Do futuro não gosto, gosto só do passado. Gosto de ver gente assim-assado, de frente. No futuro vejo tudo de costas. Bela bosta, o futuro parece que foge. O passado não, tá sempre presente o assanhado. Nhem? Outra cachimbada? Manda brasa, maria-fumaça da boa, né? Padbranchieta amassou a palha e empalhou o barro pra amansar a indiarada. E mecê acha que hoje tá todo mundo manso-manso? Tá nada! Borba Gato não deixa. Axe, Borba Gato Barbazul quer índio flechando índio. Quer índio de quatro, esfolado. Vendendo crack no asfalto. Borba Gato faz gato-sapato de bugre. Até crucifica, se dá na telha. Esse tipo de cruz compadre meu Padbranchieta não aprecia não. Hum-hum. Cruz apressada, sem prece. Borba Gato e mano meu

Padranchieta, os dois batem boca direto. Cá entre nós... É, à boca pequena: o Borba é só bom de bico. Nhem? Faz chaça mas não dá coice. Boca-de-fumo mesmo cadê? Ainda não tomou nenhuma. Hã? Chacina? Quioquê!? Chacinha! Só ameaça-choca, salto em falso. Veio cheio de cinema e nada, deu em chacota. Viciado em ópio, ele? Não, pior. Em ódio. Manipu Tupinambá sacou logo, hum, a bandeira dele. Com tupi-tampinha e crioulo-doido o bacana encana. Mete bronca. No branco não. Se o papa fosse preto? Se o Pelé fosse o papa? Vixe, desfalque no Santos: tava ferrada sua santidade. Mas o dotô-professor não crê nisso, né? Hã-hã. Crê descrendo, sei sei. Tudo culpa do ouro. Do ouro pra Europa. Ouropa, um roubo. Mameluco Beleza sabe-sempre-soube: o ouro rouba o siso da gente. Ah-hi. Mas não. O Gatuno de Barba, barbaridade, não surrupia sozinho. Tem esse Raposa também, esse aí, vê na fogueira? O do olho de ouro. Gato-raposa. Hontem atacaram, se atacaram com o mestre-de-obras, mano Manoel. Manoel da Nóbrega. No Tamanduateí. Danou-se, deu nó. Ié, hum-hum. Meu padrim Padranchieta ouviu o chá-chá-chá d'água gelada, o sururu. Mas, ô céus, errou de rio. Mergulhou no Anhangabaú. Pulou pelado. As cunhatãs lá lavando as partes ui ui. Mó mico. Nem arca nem baú: fuzarca no Anhangabaú. Rio bom de peixe, esse. Oi? Boa boa: de peixe e prexeca. O dotô pesca, aprecia? Rê rê, peixe, ô! Isca? Neca? Tá vidrado na fogueira, hein? Tá de olho na cidadela, labaredazeda. Mire veja, mire no fundo do fogo. Sampa é isso, mecê sabe: tudo certo-incerto, samba e banzo. Tudo é e não é. Tudo-mestiço, tudo gato-pardo no lusco-fusco. Alá a briga de galo: polícia-ladrão. Alá o tiroteio, bala-varejeira no vaivém. O só o pipoco. Alá a pá de panaca empapado de sangue. Pó pó pó de pirlimpimpim, desfile de rifle, fuzuê de fuzil. Tiro zumbindo, Zumbi. Sampa-Canudos-Palmares alá é aqui. Apê! Mameluco Beleza nessa hora ajoelha e reza. Mecê não sabe rezar? Avemaria-painosso, ia-nhã? Oxente, então reza. Reza pra El-Rei dom Lusitano lançar luz na nossa Vera Cruz. Os orixás, ai ai oxalá se juntem pra ajudar. Mas mecê tá muito branco. Nhem? Tá passando mal? Outra cachimbada? Cachacinha-onça, boa de bochechar né? Ei ei, não se assuste não. Axi, Manipu é de paz, não quer roubar não. Nem ouro nem couro não quero não. Quiéqui mecê tá fazendo, hã? Vira esse cano pra lá! Mecê não brinca não, epa. O banguê-bangue não sai da fogueira não, é só passado. Cristo-jesus, quase me frou! Nonada. Tiros que mecê ouviu foram de briga não, Deus esteja. Precisa do tresoitão não. Aé, guarda a arma, guarda. O dotô-professor tá doente, tá variando. Hã-hã. A fogueira afaga assim sim. Se mexe não, fica quieto. Isso, fecha o olho. Já-já o fogo-fátuo mastiga-engole mecê.



Clara Ferreira Alves

Nasceu em 1956; é licenciada em Direito pela Universidade de Coimbra, mas trocou a vida jurídica pelo jornalismo e a escrita. É atualmente diretora da Casa Fernando Pessoa e da revista *Tabacaria*. Foi editora e redatora principal do semanário *Expresso* onde assina semanalmente uma crônica, "A pluma caprichosa". Colabora e colaborou em diversas publicações portuguesas e estrangeiras, tendo se dedicado durante anos ao exercício da crítica literária, assinado diversos trabalhos como repórter e feito jornalismo de guerra. Em televisão, foi comentarista e autora de programas culturais na SIC e na RTP. É co-autora de dois filmes feitos para a RTP sobre dois escritores portugueses, José Saramago e José Cardoso Pires; prepara um terceiro sobre Alexandre O'Neill. É co-autora de um programa de debate de política, cultura e atualidade na cadeia de televisão SIC - Notícias. Como autora e crítica literária, tem dado várias conferências em Portugal e no estrangeiro, na Europa, na África, no Brasil e nos Estados Unidos. É membro do júri do prêmio Pessoa, o mais importante e prestigiado prêmio português de Artes, Ciências e Humanidades.

Já publicou o primeiro volume das suas crônicas, *A pluma caprichosa - I, Passageiro assediado, Prosa poética para acompanhar os desenhos do pintor Fernando Calhau*. Tem publicado ficção, ensaios e textos dramáticos em revistas e no teatro.

É uma estréia absoluta para mim falar sobre livros ou sobre literatura numa tenda de circo e perante tanta gente. Podem crer, em Portugal seria impossível reunir toda essa gente para ouvir falar de livros, ou de temas que têm a ver com livros. Agora, o mais engraçado é que esta tenda é bem bonita e tem as cores da bandeira portuguesa: vermelha e verde. E se alguém tem vergonha das cores da sua bandeira é o português. Aí temos o nosso primeiro problema de identidade. Temos vários, mas o primeiro de todos é este. Faz muitos anos um sueco perguntou: “Por que vocês portugueses têm tanta vergonha da bandeira de Portugal?” Quando vestimos uma roupa vermelha e verde, todo mundo fica debochando: “Eh, tá vestida de bandeira nacional agora?” E aí bandeira nacional fica uma coisa má, até chegar ao futebol. Quando estamos disputando copa, aí bandeira nacional é uma coisa boa como quando ocorreu o Euro no ano passado, que foi em Portugal, e todo mundo estava pela primeira vez usando *t.shirt* com as cores da bandeira nacional. Foi a primeira vez que vi em Portugal todos terem orgulho dessas duas cores, que durante anos foram conhecidas como cores que chamávamos “piroso” e “fuleiro”, ou seja, “brega”.

Se Portugal tem um problema, esse é, de fato, o problema da identidade. Se pudesse resumir todo o problema português num só, esse seria o de identidade, que deu pano pra manga tanto na literatura como no pensamento português. Tem um horror de livros, de tratados, escritos sobre isso. O problema, é claro, nunca foi resolvido nem o será, e não tem, sequer, que ser resolvido. Pessoalmente, nem como escritora nem como leitora, esse problema me interessa, mas ele entra pelo meio de tudo que fazemos, quando escrevemos e pensamos em Portugal. Um grande poeta português, Alexandre O’Neill, que eu adoro, escreveu um poema muito engraçado. Esse poeta, já falecido, é um dos grandes poetas líricos da tradição lírica portuguesa, mas ficou também conhecido como um poeta satírico. Contudo, ele não era um poeta satírico, era um poeta lírico, um poeta do amor. Dele são alguns dos grandes poemas de amor que se escreveram na língua portuguesa. O’Neill tem um poema que se chama “Portugal”, justamente, que tem estes três versos: “Ó Portugal, Portugal, se fosses só três sílabas, e de plástico, que era mais barato!”

Falo desse poema porque traduz o sentimento duplo que todo português tem com seu país, com o nacional, com o ser português, em sentido físico e em sentido metafísico. Esse problema é uma relação de amor e ódio e também um problema quase psiquiátrico, que oscila entre a euforia megalômana, o momento em que o português se acha o dono do mundo, o farol da humanidade, e o momento em que se acha o mais miserável dos humanos e o último dos europeus. Essa dupla relação atravessa toda a literatura portuguesa. Poder-se-ia dizer que, numa certa altura, por causa da ditadura, que durou 48 anos em Portugal, a palavra “nacional” tinha uma conotação fascista, quer dizer, era uma palavra malvista.

Como já se falou aqui, “nacional” sempre tem uma conotação que tem a ver com os movimentos autoritários, políticos e autoritários da Europa, mas não só da Europa, pois se transmudaram da Europa para outros países. Portanto, a palavra tem uma conotação pejorativa, maligna, maléfica. Então, no tempo da ditadura, aquilo que era considerado nacional era considerado mau, pelo simples fato de ser considerado fascista. Entretanto, o problema do nacional entre nós portugueses já vem de antes. Essa relação de amor e ódio com o ser português tem uma origem erudita na literatura e tem uma formação popular, porque todo português sente esse amor e ódio pelo seu país, como vemos no caso das cores da bandeira. É uma formulação dupla também porque passou da cultura popular para a cultura erudita ou da cultura erudita para a cultura popular. Nunca sabemos onde começam e acabam esses fenômenos. Mas o importante é que, já antes, O’Neill, que é um poeta do século XX, tratou do tema nacional.

Um grande romancista português do século XIX, Eça de Queiroz, também escreveu toda a sua novelística analisando os portugueses, debochando dos portugueses e tratando, simultaneamente, mal e bem os portugueses. Essa tendência está, de fato, no meio de nós. Com o fascismo muito da nossa literatura teve que se exilar, teve que fugir do regime. O próprio Alexandre O’Neill se exilou. Eu fiquei em Lisboa, mas tive problemas com a polícia política. Um dos grandes poemas de amor dele, muito famoso, chama-se “Um adeus português”, que é um poema de ódio à pátria, um poema em que ele formula essa relação com o país do qual não pode sair porque, se

o fizer, não poderá mais regressar, ficará um exilado. Numa parte desse poema, ele compara o país a uma grilheta, a uma armadilha, na qual ele foi preso como um animal, onde fica apodrecendo e sangrando ferido em sua pata. Ele compara a relação com o país com uma pata que vai sangrando e apodrecendo lentamente, até morrer de tristeza.

Eu participo dessa relação de amor e ódio com Portugal. Como boa portuguesa, é uma relação que faz com que, por um lado, eu sinta que temos que transcender o nacional português, que temos que sair um pouco do país, temos que tomar recuo para perceber melhor o país. Portanto, no tempo do fascismo, tinha que se exilar, que fugir e, agora, tem que ir ao exterior, que ir ao estrangeiro para poder observar um pouco o país de fora. Por outro lado, temos que ter um lugar de pertença, íntimo, total e secreto, que é esse retângulo, que já foi mais que um retângulo que se chama Portugal. Essa contradição vemos na poesia, na prosa e em quase todas as manifestações do próprio pensamento português, do mais antigo ao mais contemporâneo. Ela nunca foi solucionada.

Aliás, é um fato curioso, por exemplo, que lá em Portugal hoje uma coluna de jornal dos colunistas mais lidos, mais conhecidos dos últimos dez anos, é onde aparecem maníaco-depressivos, que ficam puxando para cima a bandeira e o farol e julgando que vão dominar o mundo, num sentimento de grandeza, às vezes quase louco, alucinado. Em oposição, tem momentos em que o colunista fica dizendo mal da pátria, dizendo que Portugal não tem emenda, não presta.

Há uma frase famosa: “Portugal na cauda da Europa”. Temos, de fato, um problema entre o fecho do império português, o recentramento de Portugal no retângulo, e, depois, a adesão à União Européia, ou seja, passamos do Atlântico para a Europa, para lá dos Pirineus. Nós nos interrogamos também nesse período em que Portugal aderiu à União Européia, que ainda se chamava Mercado Comum, se tínhamos a ver mais com os vikings, com o nórdico, com o inglês, ou com o brasileiro, com o mexicano, o africano, no caso, evidentemente, de nossa história imperial. Essa é outra discussão que ficou atormentando as almas portuguesas, ou seja, se íamos renegar a nossa identidade, a nossa cultura, tanto na sua for-

ma popular quanto erudita, ao fazer a oscilação do Atlântico para o território interior europeu.

José Saramago, que escreveu o livro *Jangada de pedra*, é ferozmente antieuropeu, sempre foi e continua a ser. Nesse livro, ele põe a península Ibérica destacando-se da Europa como uma jangada e vagando Atlântico afora. Ele faz uma alegoria, um simbolismo, em torno disso para dizer que não temos nada a ver com a Europa e que vínhamos buscar o Atlântico, ou seja, regressar às nossas supostas origens africanas, brasileiras do tempo do império. Essa discussão hoje – porque nós, de fato, somos parte da Europa – não tem mais o peso que tinha alguns anos atrás, mas continua a estar por dentro da discussão política e da discussão filosófica. Há também um livro de um pensador português chamado José Gil, irmão dum outro pensador, Fernando Gil, que se chama *Portugal: o medo de existir*. Esse livro virou um *best seller* porque é um livro que diz mal de Portugal e dos portugueses.

Eu mesma passei a analisar todas as colunas mensais, tudo o que escrevi sobre o tema do meu país. Então, verifiquei que eu própria tenho essas oscilações maníacas entre um sentimento exagerado de portugalidade e um sentimento exagerado da perda e da quase-vergonha de não sermos tão avançados quanto os alemães, os espanhóis, os dinamarqueses. Essa é sempre uma comparação ridícula, porque, em primeiro lugar, temos de nos contentar com aquilo que temos; em segundo lugar, não podemos ficar nos comparando com os países que têm a extensão, população e riqueza muito maiores que nós. Nós somos dez milhões de pessoas nesse retângulo, que eu acho que às vezes não existe tanto como país, mas como utopia. Tomando Álvaro de Campos, de Pessoa, que diz que todo “cais é uma saudade de pedra”, eu penso que Portugal é um enorme cais, tem a forma de um cais e é todo um país que é uma saudade de pedra. E, neste preciso momento, o país está ardendo de norte a sul, com incêndios que estão devorando Portugal. Nós estamos atravessando uma crise grave em Portugal, crise política, crise moral; estamos num desses períodos de baixa. Tivemos um período de alta com o Euro, a Expo, quando organizamos uma série de eventos que tiveram muito êxito. Agora, contudo, não há mais dinheiro, gastamos o dinheiro, que é outra coisa que fazemos bem.

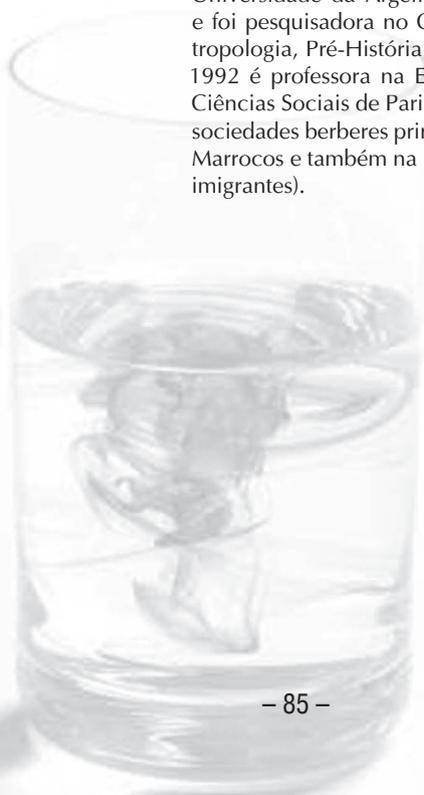
Estamos num período de crise financeira, política, sociológica, em que ficamos nos autoflagelando todos os dias, e por conta disso essas alterações climáticas fazem com que o país esteja verdadeiramente ardendo todo. Uma das razões por que o país está ardendo não é apenas porque a temperatura está em 30 °C, ou porque não há vento, todos esses problemas físicos. Uma das razões é que, quando aderimos à União Européia, fomos obrigados a matar a nossa agricultura. Como não podíamos competir com a França nem com a Espanha, não tínhamos mais como competir, os europeus – Bruxelas – disseram que teríamos de reconverter a área de serviços, com o que os agricultores e os pescadores ficaram desempregados. Então, muita gente que estava vivendo da terra teve que plantar mata para sobreviver, teve que plantar árvores para não ser riscado do mapa social do país. Esses agricultores ficaram plantando mata de norte a sul. Ninguém lhes explicou, claro, que mata tem que ser limpa todos os anos, e isso custa dinheiro. Ninguém lhes explicou que qualquer pequena alteração do clima poderia dar nessa tragédia. Essa gente está ficando sem nada.

Se vocês forem a Portugal de carro de norte a sul, se atravessarem o país, verão uma grande seca, meses e meses sem chuva; o país está preto, está negro, está de pedra, está ficando um país de pedra. Por isso, muitos colunistas, escritores, estão usando este termo: “O país está ficando pedra”. Aí nós voltamos a ser esse cais de saudade de pedra de que falava com essa melancolia o heterônimo Álvaro de Campos, de Fernando Pessoa. Claro que eu tenho pena, me dá uma tristeza saber que esse país está ardendo, mas, por outro lado, é quase uma fogueira metafísica, porque Portugal, ao longo de sua história, tanto nas suas manifestações eruditas como nas populares, sempre teve que se inventar. Passamos a vida nos inventando e nos reinventando, indo e regressando, fazendo a guerra e desfazendo a guerra, fazendo o império, desfazendo o império. Assim, essa fogueira em que estamos ardendo, provavelmente, vai ser como a Fênix que renasceu uma vez mais para inventar um outro Portugal, um pouco melhor, porque nesse momento, para parafrasear o Chico Buarque, a “coisa lá tá preta”. E eu termino dizendo que ao menos não tenhamos mais vergonha da bandeira, pois hoje essas cores nos dão um calorzinho na alma.



Tassadit Yacine

Antropóloga, nascida na Argélia em 1949, concluiu seus estudos em seu país. É formada em Letras pela Universidade da Argélia, onde lecionou até 1987 e foi pesquisadora no Centro de Pesquisas em Antropologia, Pré-História e Etnologia (Crape). Desde 1992 é professora na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris (EHESS). É especialista em sociedades berberes principalmente na Argélia e no Marrocos e também na França (com populações de imigrantes).



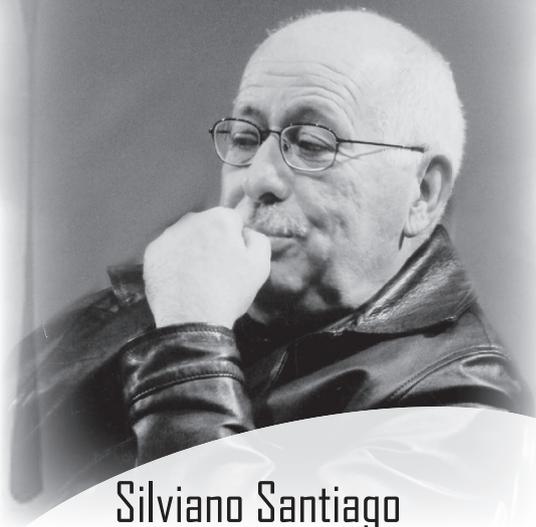
O tema sobre o qual vou falar está muito interligado com o que foi escolhido por esta Jornada. A literatura da África do norte e, sobretudo, a literatura argelina, me parece, é algo muito apreciado e muito adequado. Por quê? Porque é justamente a literatura argelina e, no geral, a literatura que conhecemos de maneira mais universal. É a literatura que se escreve em francês. Então, justamente, há que se perguntar como uma literatura argelina pode se manter dentro de um sistema colonial. Então, há esse problema muito importante de emergência de uma elite, de uma literatura indígena, autóctone, dentro de um sistema colonial. A literatura magrebina que se escreve em francês é a mais conhecida, e temos nobres conhecidos, como Kateb Yacine, Hamlet Manri, Mohammed Dib, Assia Djebar, que entrou na Academia Francesa ultimamente, e tantos outros escritores de fama internacional. Essa gente escreve com a língua do colonizador, quer dizer, isso foi antes da independência da Argélia, em 1962. Porém, ao escrever com a língua francesa, isso não impediu os escritores de atuarem, cada um a seu modo, de darem a possibilidade ao povo argelino, à sociedade argelina e à cultura argelina de existir; cada um tinha o seu grau de compromisso, quer dizer, cada um havia lutado completamente com a fonte de vibração, porém sabem que não lutaram de modo evidente. Como disse o companheiro, o que acabamos de ver é a obra mesma que transmite a mensagem de um povo que luta por sua existência, por sua identidade.

No caso, justamente havia um povo, porém havia diversas culturas; havia uma cultura escrita, reconhecida, que era francesa, porém havia outras que se escreviam e não eram reconhecidas, ou não se escreviam, como, por exemplo, toda a cultura merecia que encontramos na Argélia, no Marrocos, na Líbia e até no sul da África do Norte, a qual se tornou completamente oral. É justamente nessa hora que encontramos um modo de resistência muito forte que sobreviveu aos séculos, aos milênios. Então, trabalhar sobre esse tipo de sociedade o que significa? O que significa hoje, por exemplo, ser escritor nessas condições? Significa que esses escritores que

vão lutar contra o colonialismo serão ou os mesmos, ou seus descendentes. Quando digo descendentes, não se trata mais de uma filiação intelectual; serão os mesmos que virão lutar dentro da grande nação recuperada. A partir de 1962 houve uma luta, por meio da literatura, por mais liberdade, por uma identidade mais flexível, não uma identidade imposta pelo poder oficial, mas uma identidade que justamente reconhece a mestiçagem cultural que os governos argelinos, tunisinos, não reconheciam, porque reconheciam somente a identidade árabe e a religião muçulmana. Com essa literatura, os que haviam lutado em 1952 para fazer reconhecer as saídas argelinas seriam os que viriam lutar para uma nação mais aberta, não somente sobre o passado norte-africano, mediterrâneo, com suas raízes cristãs, judias e pagãs, porque havia uma cultura pagã e, ao mesmo tempo, uma cultura árabe ou muçulmana, mas aberta à Europa e à europeização.

Essa geração atual é também a que vai lutar para que as mulheres possam existir com toda a liberdade. Isso justamente me ocorreu sobre o que dizia De Gaulle de um grande escritor argelino: “A mim não me dá medo lutar contra todo o choque de liberação argelina, porém o livro de Jean Amrouche é a arma, a mais difícil para os franceses.” E por que justamente esse Jean Amrouche? Porque era de raízes argelinas, de cultura argelina, porém, ao mesmo tempo, era, entre os argelinos, o mais culto, justamente um dos amigos de Andre Gide, de Claudel, de Mauriac. É muito conhecido pelas suas entrevistas com os agentes. Quando a luta do povo argelino tinha que existir em primeiro plano, Jean Amrouche parou de escrever para lutar publicamente e transformar-se em periodista do cotidiano, escrevendo em jornais e em rádio para a fé existir em seu povo, porque fora era uma luta mundial, do que se chamava naquela época “tertemundo”. Esse “tertemundo” que ele chamava o mundo mudo, justamente, significa a percepção do escritor em momentos de conflitos, em momentos de lutas. Isso quer dizer que há uma intercomunicação dos problemas que um povo num momento de sua história.

Assim, o fato de recuperar a palavra de um povo através dele permite que o povo deixe de ser mudo, que o escritor fale por uma comunidade. Essa comunidade, claro, é que vai adiante para a recuperação de sua identidade, de sua língua e de sua cultura. Isso, justamente, é um preâmbulo para dizer-lhes por que não posso entrar em detalhes sobre literatura norte-africana, ou da literatura de origem magrebi na França, que é muito interessante. Esse preâmbulo é somente para dizer como uma literatura nascida dentro do conflito conserva, traz generalização. Esse marco é específico; é um marco que permite justamente ir adiante, porém também é um marco que pode ser um freio, porque sempre essa gente de origem africana e que escreve em outra língua está em busca de algo que não existe, essa coisa que não existe e que permite ir adiante.



Silviano Santiago

É mineiro de Formiga. Formou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorou-se em Literatura Francesa pela Sorbonne. Como prosador publicou *O olhar*, *Em liberdade* (prêmio Jabuti), *Stella Manhattan*, *O banquete*, *Carlos Drummond de Andrade: uma literatura nos trópicos*, *Vale quanto pesa* e *Nas malhas da letra*. Como poeta publicou *Salto* e *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*.



O popular, para mim, na literatura brasileira é um subalterno. Toda a literatura brasileira, seja ensaística, seja ficção, seja poesia, nada mais é do que o resgate do subalterno. E o que se deve entender por “subalterno”? Entende-se subalterno com a ajuda da história e, sobretudo, da antropologia. O subalterno é aquela figura que, numa estrutura de poder hegemônico, é dominada e, portanto, desprovida de identidade e desprovida de voz. Quer dizer, é um pouco tarde para falarmos da colonização portuguesa nos trópicos, mas é sempre intuitivo, não com o intuito de criticar Portugal ou de demonstrar um nacionalismo xenófago, totalmente ridículo, mas com o intuito de esclarecer que toda a forma de colonização, seja a colonização portuguesa nos trópicos, seja a colonização francesa, como foi muito bem mostrado agora na Argélia, representa uma espécie de dominação que se transmite por um processo de uniformização.

Não há como não lembrar nesse momento da célebre frase de Sérgio Buarque de Hollanda que abre *Raízes do Brasil*, que “nós somos desterrados na própria terra”, quer dizer, nós vivemos na nossa terra com outros hábitos, com outros costumes. Vivemos na nossa terra com uma língua que não é a nossa, uma religião que não é a nossa, dentro de princípios étnicos que não são os nossos. Não estou dizendo isso com nenhum intuito de revanchismo, mas apenas para que possamos entender um determinado processo histórico. Esse processo histórico é o resgate de uma língua, como já foi muito bem exemplificado aqui, a língua indígena, que se tornou silenciosa. E esse resgate foi feito de maneira maravilhosa por José de Alencar talvez pela primeira vez. Não há melhor exemplo de diálogo entre diferenças do que *Iracema*, porque *Iracema* está escrito em português, mas no português híbrido, no português cheio de palavras indígenas. Isso torna aquela língua não mais a língua portuguesa de Portugal, tampouco a língua indígena dos que estavam aqui, mas torna-se uma língua híbrida, que passa a nos representar enquanto identidade.

Portanto, a coisa mais ridícula, a meu ver, é pensar que identidade é algo que permanece intacto no correr dos anos. A identidade é plural, é híbrida, é mestiça, não há como querer que a identidade brasileira seja branca, seja simplesmente o catolicismo, o cristianismo, que nos foi imposto desde a carta de Pero Vaz de Caminha e assim por diante. Não há possibilidade de nos definirmos enquanto tal. Então, nós nos definimos através do quê? Nós nos definimos através dessa capacidade extraordinária do brasileiro, dessa maleabilidade extraordinária do brasileiro de que falou brilhantemente Gilberto Freire em *Casa-grande e senzala*; essa maleabilidade de poder trazer, seja no próprio corpo, seja no próprio sangue, esse caráter híbrido, como trazer também no seu modo de falar. O conto do Nelson é um belíssimo exemplo disso, baseado num Guimarães Rosa, que fez um trabalho lindíssimo de resgate de um falar caipira, de um falar sertanejo, tal qual está no *Grande sertão: veredas*. Ou, ainda, o caso do nosso vizinho aqui, o João Ubaldo, que tem feito esse resgate de um determinado baianês nas suas obras. Portanto, cada escritor tem a sua própria linguagem, que é, ao mesmo tempo, um microcosmo de um macrocosmo muito mais complexo, que é o Brasil.

Eu gostaria que começássemos a pensar o popular não em oposição ao erudito, nem em oposição ao clássico; o popular com um determinado desejo que o subalterno tem de poder se exprimir numa sociedade que se quer mais e mais cidadã, que se quer mais e mais democrática. E o escritor é esse que está emprestando a voz ao subalterno, que está tentando deixar esse subalterno falar, como é o caso do belíssimo *Vidas secas* de Graciliano Ramos, no qual todos os personagens migrantes não têm fala. Graciliano Ramos, naquele momento, nada mais podia fazer do que se entregar a uma descrição daquilo que estava acontecendo, porque a miséria era tão grande que eles eram desprovidos de fala. Outros livros vieram depois e começaram a dar-lhes fala. E quando eu falo de diferenças, eu falo na questão étnica, mas a questão da diferença não é apenas étnica: é a questão da própria mulher

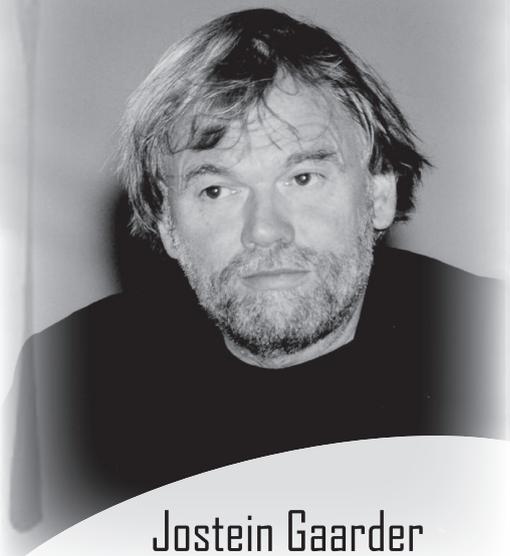
numa sociedade patriarcal como o é a sociedade brasileira. Se vocês tomarem os romances de José Lins do Rego, vão ver que a mulher é desprovida de rosto, é desprovida de fala. E é extraordinário como, a partir dos anos 70, toda uma geração de mulheres está aí escrevendo, fazendo uma literatura de mulher e tentando construir uma identidade feminina que não deve, de novo, ser tomada apenas como identidade feminina só de mulheres. É uma identidade feminina que trabalha, que questiona, que desconstrói aquela identidade feminina que lhe foi construída pelo homem.

E é isso que é bonito, pois de novo se vê que não é a mulher enquanto mulher, mas a mulher como ser híbrido. E já que estamos falando de híbrido, é uma questão de gênero, portanto, gênero não no sentido de gênero literário, mas no sentido de gênero masculino, feminino; também no gênero de novas minorias sexuais que querem ter alternativas de comportamento sexual, que não condizem com aquelas alternativas que são dadas protocolarmente pelo poder hegemônico, pelo poder definitivo. Portanto, é esse diálogo que está surgindo hoje nos grupos, por exemplo, de *gays* e de *lésbicas*. Esse diálogo também é um diálogo da diferença, é essa tentativa de nos aprimorarmos, para que possamos viver democraticamente, igualitariamente e como cidadãos dentro de uma sociedade tão complexa quanto a sociedade brasileira. A sociedade brasileira é apenas um pedaço de uma sociedade muito mais extensa e global, que é a sociedade universal.

Nesse sentido, o que é importante para o brasileiro é que ele consiga ter uma voz, consiga alçar essa voz híbrida dentro do contexto das nações, como todos têm salientado aqui. Não é se reduzir, ficar com receio de ser brasileiro; não é ter receio de só tratar de temas nacionais; não é ter receio de, de repente, não usar uma palavra no seu texto, porque aquela palavra estrangeira pode conspurcar, pode sujar o belíssimo léxico português. É essa capacidade que nós temos de trabalhar todas essas diferenças que estão ao alcance do artista. Dessa maneira, o artista brasileiro – e aí eu volto à minha tese principal – nada mais faz, nada mais fez durante cinco séculos, do

que desrecalcar, do que trazer à tona todo um inconsciente nacional que foi dominado, que foi reprimido, que foi esmagado e, muitas vezes, assassinado. Ele faz esse inconsciente transportar, aparecer, nas obras de arte, de tal maneira que os leitores possam por seu turno, se dar conta da própria complexidade que é a sua vida, que é a nossa vida. Então, aí já não haverá diferença entre autor e leitor. Nós todos somos o quê? Nós todos somos seres híbridos, seres em constante diálogo com as diferenças, com as diferenças nossas, com as diferenças nossas no mundo, com as diferenças nossas dentro do mundo, com as diferenças nossas dentro do capitalismo, com as diferenças nossas dentro da globalização. Desse modo, devemos nos afirmar de uma maneira independente, com a nossa identidade uma identidade que, contraditoriamente e belamente, é uma identidade mestiça, híbrida.

Grande conferência



Jostein Gaarder

Nasceu em Oslo, Noruega, em 1952. Na Universidade de Oslo cursou Norueguês, História das Idéias e História da Religião, tornando-se professor de filosofia e de História das Idéias por 11 anos. Lançou ensaios sobre temas como ética, hinduísmo, literatura, mas ficou conhecido em seu país quando ganhou, em 1990, com *Os mistérios da cabala*, o Prêmio Nacional de Crítica Literária e o Prêmio de Literatura para Jovens do Ministério da Cultura. A partir de 1993, depois do grande sucesso de *O mundo de Sofía*, dedica-se totalmente à atividade literária. Atribui, todavia, o segredo do seu sucesso ao fato de preencher uma das necessidades fundamentais de qualquer ser humano: a de que lhe contem histórias.

Em primeiro lugar, eu gostaria de dizer que estar aqui é uma experiência fantástica, quase surrealista. Eu estava dizendo para a minha esposa ontem à noite que, embora só entendêssemos palavras como “cultura”, “literatura nacional” e outras assim, era um pouco estranho, mas é maravilhoso saber que um número tão grande de pessoas se reúnem não para futebol, não para esporte, mas para literatura. Como a minha função aqui é fazer uma conferência,¹ eu quero começar respondendo à pergunta que o Cassiano realizou. Eu lembro muito bem de uma experiência que tive quando tinha dez anos de idade e que guardo desde então. Eu tive essa experiência surrealista porque eu achei que estava querendo entender um pouco do universo. Eu perguntava para meus pais, para meus professores: “Vocês não acham que é estranho, que é engraçado que o mundo exista?” E aí todo mundo dizia assim: Não, pára com isso, não tem nenhum problema”. Eu respondia para eles: “Mas o que vocês pensam? Vocês não acham que o mundo não é simplesmente uma coisa normal, uma coisa ordinária?” E todo mundo dizia: “Certamente”. E todos me diziam assim: “Pára de pensar nessas coisas porque vai ficar é louco.” Então perguntava aos meus amigos da minha idade: “Vocês não acham que é engraçado, que é estranho que a gente exista?”

Eu estava sempre nessa situação de não ser entendido, mas sabia que estava certo. Eu me sentia uma figura assim meio “fora da casinha”. Hoje sei que não sou “fora da casinha”, porque eu estou aqui. Eu recebo centenas, milhares, de cartas do mundo inteiro e nessas cartas sempre tem uma mesma fórmula: “Querido Mr. Gaarder, eu preciso contar-te a minha história”. Todas as cartas dizem: “Ah, eu sou uma menina, ou um menino...” A maior parte das cartas são de meninas, dizendo que são estranhas e que os pais não entendem isso. E quando eu leio as suas cartas, eles continuam relatando que em livros do tipo *O mundo de Sofia* e *O dia do coringa* vêm que essas perguntas também estão ali presentes. Isso é filosofia pura.

¹ A conferência de Jostein Gaarder foi traduzida pelo Dr. Cassiano Kuchenbecker Rösing, professor da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Depois que eu cresci, estudei na universidade disciplinas como História das Religiões, História da Filosofia e também línguas e literaturas escandinavas, porque eu queria saber como é que as pessoas se sentiam sendo parte desse mistério que é o mundo. Por isso, também eu fui professor de filosofia por muitos anos, tempo em que escrevi muitos dos meus livros. *O dia do coringa* foi um momento importante em que eu consegui trespassar as barreiras do meu próprio país. Então, a partir desse momento, eu pensei: “Talvez seja o momento em que eu possa ser um autor em tempo integral.” Nesse momento eu estava tentando fazer essa passagem entre ser um professor e ser um escritor, e achei que seria interessante escrever um livro sobre a história da filosofia. Então, todas as experiências que eu tinha com os jovens na sala de aula eu tentei escrever para que pudessem, talvez, ser lidas e entendidas por outras pessoas.

No início comecei a escrever como se fosse um livro didático, um manual. Escrevi mais ou menos umas vinte páginas, e ainda me lembro da primeira frase desse livro: “Os seres humanos sempre fizeram perguntas filosóficas.” Mas era tão monótono escrever que desisti totalmente dessa idéia. Até que um dia consegui imaginar a história de uma menina que estava voltando da escola, a Sofia, e a história então aconteceu, pois comecei a escrever uma coisa híbrida: entre um livro didático e um romance. Achei que toda essa história ia acontecer como falamos num ditado norueguês: “Isso vai cair num espaço entre duas cadeiras.” Eu lembro que dizia para minha esposa: “Esse livro não vai ser um livro popular, poucas pessoas vão gostar dele. Eu tenho certeza de que esse livro não vai nos dar nenhum dinheiro.”

Depois que terminei o manuscrito, levei-o para a minha editora, que, mesmo depois de todo o sucesso de *O dia do coringa*, hesitou e não queria publicar. Eles diziam: “Isso é uma história longa, sobre filosofia, é uma mistura entre livro didático, são quinhentas-seiscentas páginas. Acho que não vale a pena publicar”. Na verdade, quando eles finalmente aceitaram publicar o livro, acabei até escrevendo uma carta oficial

de gratidão, justamente porque eles tinham sido sensíveis em publicar um livro nada comercial. E para ser honesto com vocês, *O mundo de Sofia* tornou-se o livro mais comercial que a Noruega já viu. Ainda continuo um pouco extasiado a respeito do interesse tão grande neste tipo de livro, mas tenho algumas suspeitas do porquê de o livro ter tantos leitores no mundo todo. Eu acho que existe um sentimento por parte das pessoas de que a filosofia é muito importante, no entanto é muito monótona, muito difícil de ler e muito acadêmica.

Particularmente, acredito que a existência de uma história no meio é muito importante para esse tipo de livro. O cérebro do ser humano é feito para as histórias, não para a informação digital, não para a informação teórica. Eu estou em Passo Fundo agora. Se alguém aqui me der informações a respeito da cidade, eu vou ouvir com muito cuidado, vai ser bastante interessante, mas eu vou esquecer. Contudo, se vocês me contarem uma história sobre Passo Fundo, com certeza eu não me esquecerei das informações. Na verdade, estou ciente de que isso faz parte de uma cultura que tem bastante tempo. Quando estamos celebrando em Passo Fundo, eu tenho muita consciência de qual é a herança cultural de cada um. A razão pela qual nós conseguimos nos comunicar é porque existem algumas referências culturais em comum. Depois que eu escrevi *O mundo de Sofia*, fiquei mais e mais ciente de que pertencço à natureza. E depois que entendi *O mundo de Sofia*, entendo que não sou mais um ser só cultural, mas um ser natural.

Tradicionalmente, a filosofia sempre tem feito perguntas a respeito da nossa existência. Mas qual é a natureza real desse universo? De onde esse mundo surgiu? Essas questões não são mais debatidas entre os filósofos hoje em dia, mas entre os cientistas naturais. Na verdade, então, o foco que eu tomei transformou-se de um foco que era muito vinculado à cultura num foco muito vinculado à natureza. E tem uma pergunta que sempre encontro em todos os lugares do mundo, que é uma questão filosófica: “Quais são os valores mais importantes na vida?” Eu só posso falar a respeito dos meus

valores. Por exemplo, é acordar de manhã e ter boa saúde, é muito profundo. A maioria das pessoas tem na amizade um valor muito importante e aquilo que eu poderia chamar talvez de a “amizade erótica”, por exemplo, um casamento. Então, quando eu respondo a essa pergunta, que esses são os valores universais, em diferentes línguas, em norueguês, em sueco, em russo, em alemão, em japonês, sempre a resposta é naturalmente que sim.

E um outro valor muito profundo, muito importante, um quarto valor, é estar próximo e ter próximo de si uma natureza intocada. Então, quando eu falo em ter uma natureza virgem perto de mim, as pessoas perguntam se realmente isso é importante. Talvez daí venha aquilo que se mencionou no início, que sou norueguês, que sou escandinavo. Talvez eu seja uma pessoa meio romântica, na medida em que me sinto parte da natureza, mas isso também tem o aspecto prático, pois nós vivemos na Terra e nós temos de cuidar da Terra. Talvez este planeta, esta Terra, seja o único dos planetas existentes que tenha uma consciência cósmica. Na verdade, então, não é mais uma responsabilidade global cuidar deste planeta, mas é uma responsabilidade cósmica, é uma consciência cósmica que tem que estar presente. Acho que uma palavra-chave nisso chama-se “responsabilidade”. Talvez uma das grandes conquistas dos seres humanos tenha sido em 1948, a Declaração Universal dos Direitos do Homem. O século XX foi um século em que as pessoas estavam lutando por direitos humanos e tem sido sempre muito importante essa briga, que nunca vai terminar.

Nós vimos muitas conquistas aqui mesmo na América Latina, mas não podemos ficar, no século XXI, simplesmente vivendo em cima dos direitos humanos; nós temos que pensar muito nas obrigações. Se os artistas, os escritores, a literatura foram vanguarda na proteção dos direitos do homem, esses escritores, artistas, terão, também, que ser vanguarda para lutar pelas obrigações humanas. E isso vai ter que se focar fundamentalmente na proteção do planeta Terra. O que é a literatura? O que é a cultura? O que é a arte? Literatura, arte

e cultura são uma celebração da consciência humana. Talvez não seria, então, uma função da literatura e da arte proteger este mundo da extinção da consciência dos direitos? Nós sempre enfatizamos, e acho que é muito importante, a liberdade da arte. Eu concordo, a arte é livre, mas os artistas têm a obrigação de ter consciência da missão que eles estão transmitindo.

Com o perigo de não ser tão modesto, eu gostaria de compartilhar um segredo com vocês. Eu escrevi esses livros que vocês conhecem, mas a última coisa que eu escrevi foi uma dissertação, um artigo, um ensaio, que intitulei “Será que a consciência é uma coincidência cósmica?” Não vou dar aqui a resposta do que eu escrevi a esta pergunta, mas ela está muito ligada com astrofísica e com ciência, é um artigo de astrofísica e ciência. Claro que eu sou um amador quando se trata do assunto desse artigo, tanto em astrofísica quanto com relação à questão biológica. Portanto, antes de publicá-lo perguntei a uns astrofísicos noruegueses se tinha condições de ser publicado. E acho que, na verdade, estou mais orgulhoso deste artigo do que até mesmo do próprio *O mundo de Sofia*. Eu fiquei orgulhoso porque um astrofísico norueguês disse que não tinha nada para corrigir. E eu digo isso por duas razões: ele fala da natureza e da chuva que veio de novo. Isso mostra que eu estou agora cada vez mais me focando nas ciências naturais. Então, acho fantástico, acho muito desafiador popularizar questões que sejam difíceis. Quando eu, um amador, tive que escrever sobre essa questão da coincidência cósmica, tive que pegar sempre matérias e subsídios de ciências que vêm popularizados. Portanto, antes de terminar, estarei voltando à questão de como é que eu tentei popularizar a história da filosofia.

Comentário

Claudio Dalbosco

Gostaria de fazer um pequeno relato de uma experiência feita em sala de aula com o seu livro *O mundo de Sofia*. Eu trabalhei este seu livro durante um semestre com uma

turma de pedagogia, primeiro nível, ou seja, quando os estudantes ingressam na universidade, inclusive muitos deles estão hoje aqui me ouvindo. Foi uma experiência muito interessante, e eu gostaria de tornar pública essa sua capacidade de conseguir trabalhar as questões filosóficas e traduzi-las numa linguagem compreensível para estudantes que nunca ouviram falar em filosofia. Essa foi a minha impressão trabalhando com o seu livro com estudantes.

Questões

Sendo filósofo, acha que seria possível falar de filosofia sem o auxílio da literatura?

Uma resposta imediata para isso é sim, mas acho que uma das melhores maneiras de trazer reflexões filosóficas é através da literatura. Na verdade, esta é a segunda melhor maneira. Desde o início da filosofia ocidental, a filosofia tem sido trabalhada através do diálogo. Então eu gosto muito, em primeiro lugar, do diálogo filosófico. Mas também, muito firmemente, acredito em simplicidade. Um momento bastante importante, bastante profundo, pode ser comunicado através das palavras. Existem alguns ditados, alguns dizeres da literatura mundial que são muito simples na sua construção. Por exemplo: “ser ou não ser, eis a questão”. E outro: “Penso, logo existo”. Existem outros pensamentos que são acadêmicos, mas estes muitas vezes não têm nenhum conteúdo. No final da Idade Média, houve um homem chamado Okan e outro, David Yung, os quais tomaram como uma obrigação se ver livres dessas palavras, para voltar a Shakespeare de novo. Nós celebramos neste ano o aniversário de Hans Christian Andersen. A maior parte de vocês conhece a história dele, *A roupa nova do rei*. Vocês se lembram que todos aqueles adultos que estavam assistindo àquela parada diziam vários elogios a respeito das vestes daquele imperador, mas, de repente, uma criança disse: “O imperador está nu.” Isso é simplicidade. Mais um exemplo: eu estava numa conferência internacional, e estávamos falando a respeito de ética para o futuro, em Praga. Lá encontrei a mãe de uma menina de seis anos de idade, que me contou que, depois de esta criança ter ouvido um dos

discursos de Bush, perguntou: “Por que esse presidente termina todos os seus discursos dizendo: ‘Deus abençoe a América’? Por que ele não diz ‘Deus abençoe o mundo?’” É uma questão tão simples que talvez um doutor na universidade jamais conseguisse.

Sobre a pergunta que a Sofia recebeu na sua caixa de correspondência, “quem é você”, a resposta que eu dou, que também está no livro *O mundo de Sofia*, é: eu sou um primata envelhecendo. Isso eu digo por causa desses óculos. Mas, muito antes de você aceitar que precisa usar óculos, você pensa que é um vertebrado envelhecendo indo até o dentista. O primeiro sinal de envelhecimento é na boca e o segundo, nos olhos.

Você acredita em coincidência?

A pergunta é tão interessante que talvez eu tenha que usar a próxima hora inteira para responder a ela. Eu sou muito cético com relação a todas essas ciências ocultas, mas não sei se acredito que o mundo seja uma coincidência. Existe um vencedor do prêmio Nobel de Biologia, chamado Jacques Monod, que escreveu um livro muito interessante, *O acaso e a necessidade*. Ele diz que o mundo nunca esteve grávida da vida e que a vida, ou a biosfera, nunca esteve grávida da consciência. Tanto a vida quanto a consciência no universo são meras coincidências. Sem ir muito mais profundamente nisso, eu quero dizer que não acredito nisso. Acho que, na verdade, alguns segundos depois do *big bang* o mundo foi engravidado por vida.

Qual é a sua opinião a respeito da indústria da cultura?

O tópico deste ano na Jornada é diversidade cultural. Eu acho que a diversidade cultural é tão importante quanto é importante a biodiversidade. O maior inimigo da biodiversidade, ou seja, dessas diferentes espécies que existem em todo o mundo, é justamente o que chamamos de “monocultura”. Por exemplo, simplesmente podemos plantar tomate ou milho, ou simplesmente desmatar as florestas para criar gado. Isso é

parte do que chamamos de “globalização”. A mesma coisa eu digo em relação à cultura, ou seja, na questão da diversidade cultural, que cada cultura produza aquilo que precisa para poder compartilhar as suas próprias histórias. Acho que a maior inimiga da diversidade cultural é justamente a unificação da cultura, ou seja, a comercialização da cultura, a indústria da cultura. Por exemplo, uma parte da indústria da cultura é a televisão. Agora, a televisão é boa ou é ruim? É claro que é as duas coisas. É como o bêbado que diz: “Antes eu estava bebendo da garrafa, agora é a garrafa que bebe de mim.” Acho que vocês podem dizer a mesma coisa sobre a televisão.

Será que as artes têm a ver com questões políticas?

Eu posso responder isso bastante brevemente, pois a resposta é não. A arte vincula-se com outras coisas, como com o amor, flores, ou com uma série de outras coisas. Mas eu gostaria de conversar um pouquinho mais sobre aquilo que eu chamo de “literatura engajada”. Por exemplo, o que a literatura e a arte têm feito em relação ao grande problema que nós temos a respeito de qual será o futuro do planeta Terra? Nós sabemos que a validade, que os valores desta Terra são um pouquinho menores a cada ano que passa: sempre um pouco menos de água fresca, sempre um pouco menos de ar, sempre um pouco menos de cada coisa. Portanto, onde é que estão a literatura e a arte que desafiam esse tipo de perigo?

De onde veio a sua inspiração para escrever *Através dos espelhos*?

Eu vou fazer um breve resumo desta história que é a história de uma menina chamada Cecília. Ela está seriamente doente e, gradualmente, começa a absorver a idéia de que com muita proximidade irá morrer. Mas o que acontece quando ela está sozinha no seu quarto, no seu leito? Ela sempre acaba enxergando um anjo e, claro, cenas que acontecem nesse cenário têm algumas curiosidades a respeito do que acontece no céu. E o mais interessante dessa história é que esse anjo, chamado de Ariel, é muito curioso a respeito de como é

ser um ser humano. Este livro é, na verdade, como se fosse um encontro entre o céu e a terra, entre o tempo e a eternidade. Esse episódio acontece efetivamente no quarto, na casa de Cecília, ou efetivamente na cabeça dela, como pensamento, é uma coisa que quem decide é o leitor. Eu sempre me pergunto se acredito em anjos e acho que a resposta para isso é que não acredito. Mas estou convencido de que a Cecília realmente encontrou um anjo nesse livro. Na verdade, a idéia da escrita do livro, que é a mesma idéia do último livro que escrevi e que foi publicado recentemente aqui, chamado *A garota das laranjas*, é tentar explicar e mostrar como eu sinto ser parte desse mistério que é o mundo. Portanto, considero que em *Através dos espelhos* e *A garota das laranjas*, dois livros relacionados, encontramos seres humanos sem as barreiras culturais. Nesses dois livros, num ele se encontra com anjos e, no outro, é uma carta deixada por um pai antes de falecer. E a pergunta é se acho que existe semelhança entre essas duas coisas, porque a barreira cultural do pai que vai falecer depois é diferente da barreira entre um anjo e um ser humano. Talvez a construção da história não seja tão relacionada, mas nesses livros, bem como em todos os meus livros, sempre existem duas vozes e, mesmo, às vezes, duas histórias ao mesmo tempo. Na verdade, acho que existe nos meus livros um contraponto, à semelhança de uma pessoa tocando uma música. E falando a respeito de contraponto em música, existe uma regra de que um-mais-um sempre é mais do que dois. Eu sempre gosto de trazer a história para uma dimensão do fantástico, mas sempre tenho que fazer essa ligação entre essa história do fantástico e um fenômeno psicológico real. Nós acabamos conhecendo o pai no livro *A garota das laranjas* através da história. Talvez o encontro de Cecília no livro *Através dos espelhos*, encontrando-se com o anjo, seja somente sonho, mas nós acabamos conhecendo a respeito de como um ser humano vê através dos pensamentos. Se você contar, por exemplo, a respeito de um sonho que teve, você pode dar dois tipos de informação: pode contar uma história, que pode ser como se fosse um conto de fadas, mas também

pode contar uma parte de sua história. Então, sempre tem um pouco de você quando você está contando um sonho, e isso traz uma dimensão psicológica sensual para a história. Eu não gosto muito do que as pessoas chamam de “literatura de fantasia”, pois, na verdade, eu estou numa fantasia sem fronteiras. Por exemplo, se vocês pegarem dentro dos clássicos *O pequeno príncipe* de Saint Exupéry, pode ser que, quando ele encontra o pequeno príncipe no deserto, sejam somente as suas alucinações. As pessoas às vezes esquecem, mas em *Alice no país das maravilhas* está escrito na história que ela está indo dormir. Na verdade, *Alice no país das maravilhas* não é uma fantasia, mas é um livro que traz o senso psicológico da Alice para o mundo.

Onde é que se enquadram *As mil e uma noites*?

Na verdade, *As mil e uma noites* é um *pout-pourri* de várias histórias contadas pelo povo. Parece uma colcha de retalhos que cola na coleção: a história de uma princesa que vai acumulando histórias ao longo de sua vida. É muito interessante porque tem características de ser uma dramaturgia através de uma grande coletânea de histórias. E a pergunta talvez seja: será que *As mil e uma noites* são somente fantasias? Eu diria que não. Para mim literatura de fantasia é um novo conceito. Nas histórias populares, nas histórias do povo, como, por exemplo, *As mil e uma noites*, existe muito de psicologia e também muito de informação. Eu só quero dizer uma coisa, porque não quero ser mal entendido: particularmente, dou as boas-vindas ao Harry Potter, que é um bom fenômeno, é uma experiência universal que os meninos parem um pouco e comecem a ler histórias, isso na idade entre 11 e 17 anos. Uma coisa boa que Harry Potter fez foi conseguir colocar uma geração de meninos voltar a ler. Eu não classificaria Harry Potter como uma “indústria cultural” no senso negativo. Na verdade, o que Harry Potter consegue fazer é trazer de volta uma série de crianças e adolescentes para uma mesma cena que acontece no mercado.

Será que você encontrou algumas das respostas às perguntas filosóficas, ou a vida continua sendo um mistério?

Para mim, absolutamente, a vida continua sendo um mistério. O que as pessoas fazem é me perguntar: “Por que você questiona e faz todas essas perguntas se não existem respostas para elas?” Eu diria que existem respostas e nós, todos os dias, encontramos respostas para elas. Só, por exemplo, no século 20 nós encontramos a teoria da relatividade, e a descoberta das moléculas do DNA, o genoma humano. No livro *A garota das laranjas* escrevo muito sobre o telescópio Hubble, mas, na verdade, o telescópio Hubble nos trouxe muitas visões bastante aprofundadas a respeito da natureza deste mundo, do universo. Antigamente, as pessoas diziam que discutir metafísica ou todos esses assuntos era tentar discutir o lado de trás da Lua. É claro que, naquele momento, não conhecíamos nada a respeito do outro lado da Lua, mas, se você for hoje em dia a uma livraria aqui em Passo Fundo, vai encontrar uma grande quantidade de fotografias em livros a respeito. Eu acho que existem várias questões menores na ciência hoje, mas as duas questões são básicas: primeiro, o que tinha no mundo, o que era esse mundo algumas frações de segundos depois do bigue-bangue? Ninguém sabe o que causou o bigue-bangue; nenhum cientista honesto pode dizer uma palavra a respeito disso; segundo, o que ninguém sabe responder é: o que é a consciência humana, o que é a memória? Nenhum neurologista honesto diria que sabe alguma coisa a respeito da consciência humana. Não estou dizendo que tem alguma coisa a ver a consciência humana com o bigue-bangue, mas também não excluiria a possibilidade de que tem alguma coisa a ver. Se o nosso cérebro fosse construído de uma forma tão simples que pudéssemos completamente entendê-lo, seria tão estúpido, tão burro que também não iríamos entender. Talvez um dia se possa completamente entender o cérebro de um verme, de uma minhoca, mas acho que não vai ter nenhuma chance que a minhoca entenda alguma coisa.

O que você pensa de Jean Paul Sartre e do existencialismo?

Quando escrevi *O mundo de Sofia*, tentei falar um pouco a respeito do pensamento filosófico até o início do século XX; tentei em todo o livro permear uma injeção de liberdade e de responsabilidade, que são a base da filosofia de Jean Paul Sartre. Na verdade, Sartre também não dá nenhuma resposta a respeito do que é um ser humano. Nós temos que dar essas respostas por nós mesmos. Frequentemente, encontramos pessoas jovens que ficam bastante preocupadas dizendo da maneira como ele disse: “Ah, eu sou muito preguiçoso, eu estou cansado dessa sociedade, eu tive uma infância difícil”. E o que o Sartre faz com uma pessoa que diz isso é: “Para com isso, deixa dessa história e tome suas responsabilidades, cresça”. Por isso acho que Jean Paul Sartre é muito importante.



Júlio Diniz, Luciana Rosa, Jostein Gaarder, Cassiano Rösing, Claudio Dalbosco, Ignácio de Loyola Brandão

A indústria cultural: homogeneização, diversidade, resistências



Gilles Lipovetsky

Professor de filosofia em Grenoble, França, é considerado também um dos maiores defensores atuais das democracias liberais. Sociólogo, nasceu em 1944, em Millau, na França. Considerado um dos mais importantes teóricos da modernidade e da pós-modernidade, é responsável pela popularização desses conceitos. É autor de *O império do efêmero*, *O crepúsculo do dever*, *A terceira mulher*, *Os tempos hipermodernos*, *Metamorfose da cultura liberal* e *O luxo eterno*.

A questão da indústria cultural, homogeneização e diversificação não é de hoje. É uma questão clássica, pois há mais de cinquenta anos existe um grande debate sobre o impacto da indústria cultural, na medida que se tornou muito rapidamente instrumento de manipulação de massa. Esse tipo de análise continua atualmente com relação à globalização, que nós assimilamos como uma espécie de “macdonaldização” do mundo, ou seja, a imposição de um modelo cultural homogêneo em todo o planeta. É como se interpretássemos a indústria cultural comparando-a a máquinas de produzir cultura. É evidente que a mídia tem um poder considerável de transformação dos comportamentos e dos gostos. Isso se vê, por exemplo, nos fenômenos de *best sellers*, das canções que fazem muito sucesso, o que explica a capacidade que a mídia tem de criar em grande escala uma similitude nos comportamentos. Em 2003, por exemplo, na França quatro filmes apenas ocupavam 57% dos cinemas do país e trinta filmes vendiam mais ou menos 50% dos ingressos nas salas de cinema.

Esse poder de homogeneização vemos claramente também nas questões ligadas à beleza. É por isso que se fala muito sobre a tirania da beleza exercida pela TV, pelo cinema e pela publicidade em geral. De uma certa maneira, por um lado, quanto mais diversificada se torna a moda, mais os ditames da magreza e os modelos de beleza se uniformizam. Esse *look* da magreza, o ideal da linha do corpo, tornou-se quase que uma realidade planetária. Os primeiros a criticar essa tese da homogeneização foram os sociólogos que estudam a teoria das classes sociais. Esses sociólogos dizem que, mesmo que a mídia se dirija a todos, ela não consegue homogeneizar todas as classes e os comportamentos sociais, porque os gostos e as práticas culturais permanecem determinados pelas classes de origem. Claro, todos vêem televisão, mas certamente nem todos vêem os mesmos programas, nem o impacto do programa é o mesmo de acordo com a classe social à qual nós pertencemos. Acho que essas críticas têm a sua parte de verdade, mas, talvez, não considerem aquilo que constitui a essência do trabalho da mídia, que é o advento de uma nova cultura individualista, porque o que caracteriza a nossa épo-

ca é a ausência de compartimentalização entre as culturas, o fim da compartimentalização entre as classes.

Assistimos, na hipermodernidade, à erosão das barreiras entre culturas e classes, porque em todos os grupos atualmente existe o desejo de participar do consumo dos produtos do lazer, enfim, do consumo em geral. Todos, até mesmo aqueles que moram nas favelas, têm acesso ao universo do consumismo. Até as pessoas mais desfavorecidas vêem os objetos que estão na moda, os objetos de marca. Pessoas que pertencem a todos os grupos querem ter seus carros, querem viajar em férias, mas, por trás dessa uniformização, existe, na realidade, uma heterogeneização dos comportamentos, maneiras muito diferentes de sonhar e de imaginar. O grande novo fenômeno da hipermodernidade é que os grupos, em si mesmos, não são mais culturalmente homogêneos, mas permeados por aspirações e por gostos individualizados. Isso significa que as mídias da hiperglobalização não devem ser vistas e concebidas como máquinas todo-poderosas que dominam os espíritos e as mentes. Com efeito, as mesmas imagens, as mesmas informações não são interpretadas da mesma maneira pelos diferentes indivíduos. É preciso recusar a visão mecânica do condicionamento de massa. O público não é passivo; são sempre indivíduos que criam, interpretam e que filtram as suas próprias percepções. Nesse sentido, a mídia contribuiu para a individualização da cultura.

Portanto, através da cultura de massa se difundiu por toda a parte o ideal da felicidade privada, do prazer e do desenvolvimento pessoal. Ao difundir os ideais de prazer e de felicidade pessoal, a mídia contribuiu também para fazer com que começasse a desaparecer a força das tradições, pois implodiram-se as culturas de classes tradicionais. Daí os comportamentos cada vez mais individualizados que vemos em matéria de religião, nas relações familiares, em relação à sexualidade, à alimentação. Em toda a parte há uma espécie de individualização *a la carte*, que caracteriza a nossa época, e as mídias e a indústria cultural contribuíram para isso. Todos conhecem a polêmica suscitada pelas indústrias culturais, que são acusadas de embrutecer os indivíduos; a televisão, de in-

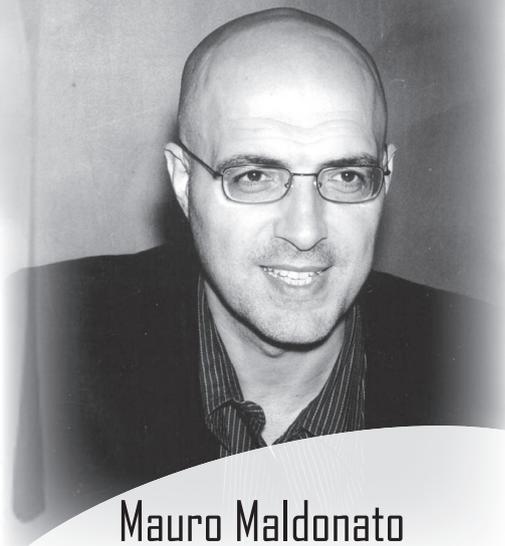
fantilizar o público, de atrofiar suas capacidades intelectuais. Nesse sentido, as indústrias culturais seriam empresas de devastação espiritual. Em parte, isso é verdade, mas trata-se de meia-verdade, porque a indústria cultural e as informações abrem os horizontes dos indivíduos. É preciso conhecer diferentes pontos de vista. Doravante as questões ligadas à vida política, à saúde, todas as pessoas têm acesso a elas. E, por isso mesmo, os indivíduos têm condições, atualmente, de estabelecer entre eles mesmos e os outros, entre o aqui e os outros lugares do mundo, entre o hoje e o ontem. A mídia amplifica as possibilidades de comparação. São janelas que se abrem para o mundo e contribuem de maneira desigual para multiplicar os valores de referência. Eliminar a fidelização individual diante de partidos políticos e Igrejas não faz desaparecer o conformismo, mas o comportamento e as mentes se tornam menos rígidos, as coisas são questionadas.

As críticas radicais ao mundo em que nos encontramos vão se apagando e as críticas parciais, ao mesmo tempo, não param de se multiplicar. Dizemos que há homogeneização, mas isso não é verdade, pois cada vez mais as pessoas não estão mais de acordo entre si sobre questões como droga, publicidade, clonagem, mães de aluguel, aborto. Não há mais uma única questão na qual todos os indivíduos estejam de acordo. Em outras palavras, a indústria cultural e a mídia, por um lado, fazem com que as pessoas pensem menos ou não pensem, levam-nas a superficializar os comportamentos e a cultura; por outro lado, permitem que os indivíduos coloquem em questão seu próprio comportamento e exerçam um exame mais livre. Nesse sentido, a indústria cultural trabalha para produzir um indivíduo mais reflexivo. Poderíamos fazer a mesma análise no que diz respeito aos gostos e aos sonhos de consumo. Houve época em que os lazeres eram os mesmos nos vilarejos, mas isso terminou. Assistimos hoje à individualização e à heterogenização dos gostos e dos lazeres, e os indivíduos se tornam uma espécie de hiperconsumidor do lazer e da cultura.

Resta-nos uma questão importante de impacto político. Acusamos freqüentemente a indústria cultural de criar

rupturas nas culturas, particularmente o imperialismo americano em relação ao cinema e à música. É verdade que no planeta inteiro são principalmente os filmes de Hollywood que nós vemos no cinema e na televisão, pois 50% dos filmes difundidos pela TV européia são americanos. Esses números – nós podíamos dar muitos outros – são inegáveis. Mas o problema cultural é mais complexo que isso. É preciso sublinhar ao mesmo tempo essa homogeneização, mas também o fracasso dela. Atualmente, cada vez mais a cultura e os problemas culturais voltam à tona. Quanto mais a globalização da cultura se impõe, mais sentimos a necessidade de defender nossa identidade cultural. Os originários do Quebec, os bascos, os catalães, os judeus, os arábes, em toda a parte nós vemos o crescimento das identidades culturais. Nem a globalização nem a individualização conseguirão uniformizar o planeta; cada vez mais os indivíduos estão apegados à sua própria língua, às suas próprias raízes e à sua identidade coletiva. Isso não quer dizer que nós devemos permanecer inativos, passivos, diante do poder da indústria cultural. Devemos reagir porque a cultura não é uma mercadoria como as outras; a cultura é aquilo que forma e constitui a identidade de um povo, e a diversidade cultural é necessária à criação.

A partir disso creio que existem duas atitudes que não devemos aceitar. Uma é dizer “vamos proteger integralmente a nossa cultura para impedir o mercado”. Por que não devemos aceitar essa posição? Porque, em última instância, é o público que é soberano. Outra perspectiva que não devemos aceitar é a do mercado, a força integral do mercado, porque, no final das contas, ele impede a diversidade. Então, creio que devemos nos orientar em direção a soluções que permitam que as produções culturais existam. É preciso poder ajudar os criadores, mas não ajudá-los colocando-os dentro de um balão de oxigênio. Não devemos ajudá-los para que eles não fiquem sujeitos à concorrência do resto do mundo. É preciso ajudá-los para que sejam capazes de criar, mas dentro de uma competição com outros produtos. Em outras palavras, é preciso ajudar a criar, a produzir, mas não se deve proibir o acesso ao mercado.



Mauro Maldonato

É médico psiquiatra, italiano, professor de Psicopatologia da Universidade de Nápolis e de Psicopatologia de Idade Evolutiva e Psicologia da Comunicação da Universidade da Basilicata, além de estudioso da fenomenologia, da filosofia e da epistemologia das ciências humanas. Desenvolveu seus estudos na Universidade La Sapienza, de Roma, na Universidade de Nápoles e na Universidade de Londres. Autor de vários livros, é colaborador do jornal italiano *IL Corriere Della Sera*, diretor editorial da revista *Elites* e membro do Conselho Científico da revista italiana *Pluriverso* e da Associação para o Pensamento Complexo. Tem os seguintes livros publicados no Brasil: *A subversão do ser, identidade, mundo, tempo e espaço*, *O desafio da comunicação: caminhos e perspectivas*, *Raízes errantes* e *Edgar Morin: religando fronteiras*, do qual é um dos autores e também organizador.

Evidentemente, o tema da diversidade cultural e do diálogo das diferenças é um tema demasiado complexo e sobre o qual muitas coisas importantes foram ditas. O tema sempre me interessou muito, porque faz fronteira com o território do meu próprio pensamento, da minha própria investigação e da minha própria existência. É verdade que o homem é um animal cultural com sua precisa memória biológica cultural, esse conceito universalmente condiviso. Muitos de nós imaginamos e concordamos no fato de que a cultura é um mundo com uma condição problemática: é um mundo das idéias, das teorias e das críticas; é um mundo de artefatos humanos; é um universo das obras de artes; é, em suma, um mundo das criações humanas. Concordamos no fato de que o nosso mundo é um mundo de tradições culturais e que está imerso nas virtudes do desenvolvimento de uma linguagem descritiva exclusivamente humana.

É certo que as funções expressivas, semióticas, da linguagem são comuns aos animais e aos humanos, mas a função descritiva e a capacidade crítica e argumentativa são prerrogativas exclusivas do homem. E por essas funções do homem, ele pode reivindicar sua própria unidade, a própria singularidade da consciência, quer dizer, essa racionalidade faz com que ele siga os traços de sua própria origem e possa se colocar o problema de sua própria existência. Mas em que sentido o homem é um animal cultural? Bem, retomo algumas observações feitas pelo grande cientista Johann Mendel, que fala sobre a evolução propriamente dita, essa evolução endossomática, como entendemos para os animais inferiores, mas que continua a verificar-se também no homem, mas aí de caráter relativamente inferior, ao passo que as mudanças aportadas na sociedade humana pela evolução exossomática têm sido muito mais rápidas e profundas. É preciso fazer uma distinção crítica entre a evolução endossomática e a evolução exossomática: a evolução propriamente dita efetua-se através de um processo de hereditariedade; a evolução exossomática, que podemos também chamar de “transformação muscular e somática”, ao contrário, não se efetua por hereditariedade,

mas por tradição, quer dizer, a informação transforma-se de geração a geração através de canais não genéticos. A tradição é, portanto, a condição normal da evolução intergeracional; sem esta, com toda a probabilidade, os homens não teriam chegado aonde chegou Adão quando morreu, sem deixar atrás de si um traço.

Mas eu vou dizer um pouco mais. Vou tomar o exemplo dos roedores e dos homens para dizer que há entre eles uma diferença fundamental. Os roedores não têm tradição, e essa tradição que não existe não pode inflamar o nosso interesse científico. Assim, se se tentassem separar depois do nascimento, através das gerações, os novos roedores dos roedores da geração antecedente, o seu comportamento não teria mudado muito; ao contrário, se se pudesse fazer uma coisa assim com seres humanos, em pouco tempo nós estaríamos destruindo a estrutura da sociedade humana tal qual a conhecemos hoje. E por que tudo isso? A razão é que a tradição é o instrumento com o qual os homens vão se conservando, vão se transmudando e vão se incrementando com essas propriedades, às quais nós devemos a nossa relativa eficiência biológica e a esperança de nos transformarmos sempre de um modo cada vez mais eficiente no plano evolutivo.

Se o que eu disse é verdade para as funções biológicas humanas, então parece claro que a tradição é essencial para a civilização, para a transmissão e o desenvolvimento da cultura. Uma descoberta científica se inscreve numa tradição científica e não poderemos ser servidos do imprevisto de uma descoberta científica sem uma ordem precedente de referentes previsíveis. Por tudo isso, se olharmos bem as descobertas, as reformas, as inovações, elas não se criam cancelando tudo o que está para trás e partindo do zero num mundo absolutamente novo e racionalizado. Não pode existir um mundo projetado inteiramente a partir do nada. É com esse tipo de evolução, que defino como naturalmente cultural, que as idéias e as teorias têm um papel essencial, por exemplo, pela sua enorme conseqüência. Devemos nos convencer de que mesmo

o empirista mais intransigente sabe que suas idéias são a coisa mais real que existe no mundo.

Tomemos as idéias científicas. Essas idéias são peças reais de um mundo real criado pelo homem e, assim, são mais fortes que as montanhas, porque uma montanha não vai criar uma idéia; do contrário, uma teoria, como a teoria nuclear, pode cancelar uma montanha e pode fazer ainda muito mais. Entretanto, fique claro que não me refiro apenas às idéias científicas, mas também a essas idéias tremendamente reais que são a moral, a política, a economia e a concepção do mundo. Este mundo das idéias tão real e com sua história tão precisa não nasceu por acaso; ele nasceu e cresceu debaixo da pressão de problemas vitais, dos problemas de compreensão da realidade e da existência humana, da convivência, da sobrevivência, do sentido e do destino da vida. Essas idéias agiram sobre a realidade, sobre a existência humana, sobre outras idéias e teorias, criando problemas complexos ulteriores, que, por sua vez, abriram uma espécie de cortina sobre novas vias de saída e novos sentidos. Pensemos por um momento nas relações entre a ciência e ética; princípios éticos não podem derivar da ciência.

Se as teorias científicas dizem como foram feitos ou como certos fatos surgiram, e apenas certos fatos, não todos, os princípios e as normas morais nos indicam o contrário: o que devemos fazer. A ciência, quando se realiza, descreve, abre, prevê fatos ou fragmentos do mundo, ao passo que a ética prescreve o modo de mudar o mundo. Então, os valores não se deduzem dos fatos. Mil certezas científicas não conseguem produzir um drama de moral; portanto, aquele que se põe à porta da ciência para saber que coisa deve fazer está se colocando na porta errada. A mentalidade do homem das massas é inimiga da pluralidade e da invenção das idéias; é o terreno ideal do servilismo político, mais favorável à estandardização da indústria cultural. As razões do homem, da sua vitalidade e da sua originalidade estão na sua individualidade, não na sua massificação. O grande filósofo espanhol Ortega e Gasset assume que, por razões de ordem antropológica e epistemoló-

gica, o homem, ao contrário do animal, é o único ser dotado de memória, aquele que tem a sua história e que chega através dela, com sua imaginação, com seu consentimento e com a ajuda da ciência e da técnica, a projetar o futuro. A única diferença radical entre a história humana e a história natural é que aquela não pode nunca começar de novo.

Coller e outros mostraram como os chimpanzés e os orangotangos não se diferenciam do homem por causa da inteligência, mas porque têm menos memória. O homem, pelo contrário, graças ao seu poder de recordar, acumula a sua história; ele a possui e tira proveito dela. Assim, não há um primeiro homem que possa começar a existir a partir de uma certa altura, que tenha chegado a esse momento sem ter um passado; que é o tesouro do homem, é o seu privilégio, o seu sinal distintivo.

Devemos pensar um pouco sobre isto: será que a relação entre a aristocracia e a massa é uma dicotomia tão rígida e inevitável? É inevitável que a indústria cultural pretenda se apoderar dos massas/mídia e do cálculo numérico da audiência televisiva? Não creio. Para se conjurar um destino do gênero humano é necessário, portanto, convencer-mos a dar espaço a uma aristocracia cultural e autêntica, o que não significa legitimar o esnobismo, o aristocracismo, o elitismo da superfícies; significa o oposto, responsabilidade, medida, civilidade da relação, capacidade de invenção e a descoberta pelo exercício do próprio destino humano dentro de uma civilização da divisão do trabalho, ou seja, uma extrema unidade. Essa unidade vai ao encontro da arte e da ciência e ao encontro do outro. O esnobismo intelectual, aquele de nariz para cima, despreza o homem comum. A aristocracia natural, ao contrário, quer se fazer reconhecer por aquilo que realiza, pelo estilo de vida, pelo esplendor da mente, pela beleza e pelo valor das suas criações. Por essas razões, tudo aquilo que vem considerado como uma pretensão globalizadora acaba diminuindo o homem singular; acaba diminuindo o homem que tenta fazer um caminho através de sua própria mente.

Creio que chegou um momento de encontrarmos uma linha de resistência contra esse suposto olimpo da inteligência. Eu quero dizer que freqüentar um festival em Bariloche não é, necessariamente, uma maneira de ficar demonstrando essa superioridade. A melhor maneira de penetrar na maravilha do pensamento wagneriano é, precisamente, oferecer esse pensamento, devolver esse pensamento às pessoas explicando a sua enorme riqueza de uma forma diferente, de uma forma aberta, que as pessoas possam compreender. Sobre esse medo que temos hoje de manipulação da massa crítica, eu sou otimista, pois creio que o homem tem aí uma oportunidade de demonstrar que ele não se deixa massificar ou homogeneizar com facilidade. Um lugar como esse em que nós estamos hoje, uma iniciativa como esta, é precisamente a prova daquilo que estou dizendo, que é a capacidade de resistência a essa massificação, a essa tentativa de homogeneização; que o homem sempre tem a imaginação para se furtar a esses imperativos pessimistas. Justamente estamos num lugar de resistência, e um lugar como este não é inimigo de um lugar de investigação e de uma certa pureza do pensamento. Portanto, Passo Fundo é a prova de que não somos assim tão massificados.



Carlos Reis

Carlos Reis é professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde leciona desde 1974 Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura. Foi professor convidado de inúmeras universidades, como Hamburgo, na Alemanha; Salamanca, na Espanha; Wisconsin Madison, nos Estados Unidos. Exerce no presente momento a função de pró-reitor da Universidade Aberta e é diretor das revistas *Discursos* e *Erosiana*. Coordena a edição crítica das obras de Eça de Queiroz e dirige a *História crítica da literatura portuguesa*. Também foi diretor da Biblioteca Nacional em Lisboa.

Eu venho aqui falar sobre indústria cultural e o subtítulo desta mesa é “homogeneização, diversidade, resistências”. Eu me coloco nesta mesa como aquilo que sou, ou tenho sido, como professor de literatura; como alguém que, primeiro de tudo e fim de tudo, procura entender o significado das palavras e, particularmente, o significado das palavras literárias. Por isso mesmo, numa jornada de literatura a minha reflexão sobre indústria cultural não poderia deixar de ser uma reflexão de incidência literária. Eu vou, portanto, refugiar-me naquilo que mais me fascina e mais me ajuda, que são os autores literários, e nos testemunhos que eles têm dado em torno desse tema, que não é um tema ou não é um problema tão recente como parece ser, pois tem sido problematizado, pelo menos, não necessariamente com esta expressão, desde o fim do século XVIII, ou, mais propriamente, no século XIX.

Não vou fazer a história disso, mas vou começar perguntando aquilo que é sempre o meu ponto de partida quando olho para uma expressão que envolve um conceito complexo. Começo perguntando sobre o seu significado das palavras e, também, a forma como nelas os sentidos vão se reelaborando e os conceitos vão ganhando uma nova dimensão. E a palavra fundamental aqui é “indústria”. Parece estranho, à primeira vista, que numa jornada de literatura se fale de indústria. Todavia, olhando para as palavras, verificamos que não é tão estranho assim, independentemente da fortuna que esse conceito tem. Não é tão estranho assim se notarmos que o significado mais evidente, mais literal, por assim dizer, mais neutro, se é que isso existe, da palavra “indústria” tem a ver com aptidão para fazer alguma coisa, com arte, destreza, perícia. Derivadamente, indústria quer dizer também a capacidade de criar, de reproduzir com arte, de reproduzir com artifício. A isso se juntam ou vêm acrescentar-se os sentidos com que historicamente o termo está conhecido.

E aqui a questão começa a tornar-se um pouco mais complexa, porque desde o século XIX o conceito de indústria está ligado a um conjunto de atividades econômicas que estão centradas na necessidade ou no propósito de explorar maté-

rias-primas ou fontes de energia e transformar produtos e de produzir bens de consumo. Esse sentido, que é, de certa forma, um sentido derivado, arrasta agora sentidos figurados, uns mais negativos do que outros. Nós falamos de uma forma relativamente desvoluta e sem propósito negativo, como a indústria cinematográfica, mas certos usos do termo “indústria” em algumas discussões são o fato mais melindroso. É melindroso falar em “indústria do ensino”, ou em “indústria literária” ou “da literatura”, ou “indústria cultural”. Contudo, se nós olharmos de novo para a palavra, agora já não para a palavra em si, mas para de onde ela vem, o que verificamos é que a palavra vem do verbo latino *struere*, que significa reunir, ordenar, dispor, construir. E verificamos também que este verbo tem que vir com termos que lhes são familiares: “instruir”, “construir”, “destruir” e, também, o termo “estrutura”. Todos têm a mesma raiz da palavra “indústria”, e aqui começam a aparecer correlações muito interessantes entre indústria e criação literária.

Não é verdade que nós procuramos, às vezes, ler na literatura suas estruturas ou, nos textos, as suas estruturas. E não é verdade que às vezes utilizamos a literatura com o propósito de instruir ou de construção cultural e, também, evidentemente, de indústria cultural. Como se vê, tudo está relacionado com tudo, e as conseqüências disso, no plano que agora me interessa aprofundar um pouco, são, por um lado, a possibilidade de rearticular, de repensar funcionalmente a literatura, ou seja, é legítimo falar numa indústria de literatura; por outro lado, há a necessidade de fazermos uma nova avaliação crítica dessa expressão, pois até que ponto é legítimo, é correto, é pertinente, culturalmente, falar em indústria de literatura e indústria cultural também? Essa questão não é, como disse há pouco, uma questão nova e tem a ver com muitas outras coisas na história da indústria, como o fato técnico ou científico, de enorme importância econômica, de quando se começou a usar a energia a vapor para produzir mais. É o tempo, como se sabe, em que certos valores, como o valor do

progresso, o valor do indivíduo, o valor da liberdade têm uma importância crescente.

Estamos a falar, no fundo, da passagem do século XVIII para o século XIX, que é o tempo em que os escritores começaram a ter necessidade de repensar a literatura à luz dessa nova realidade. Produz-se agora mais literatura, porque agora é mais fácil, mais rápido e mais barato editar livros. Há certos textos na nossa vida aos quais nós voltamos sempre. Eu volto sempre a certos textos do autor da minha vida que não é, peço desculpa, Erico Verissimo, mas Eça de Queiroz. E Eça de Queiroz escreveu um texto relativamente pouco conhecido, em que falou disso com a intuição que os grandes escritores têm e com o relativo rigor com que os sociólogos sonham falar nesta questão. Ele disse o seguinte: “Numa manhã de julho tomou-se a Bastilha. E realmente a Revolução Francesa foi um momento crucial, para essa mudança de atitudes e de valores. Tudo se revolveu, fez-se a iluminação a gás, assomou a instrução gratuita e obrigatória, instalaram-se as máquinas que imprimem cem mil jornais por hora, vieram o clubes, o romantismo, a política, a liberdade e a fototipia.” E mais adiante diz: “Essa coisa tão maravilhosa chamada indivíduo desapareceu. Começaram a mover-se as multidões. Foi então que sumiu o leitor, o antigo leitor, discípulo e confidente. E em lugar dele o homem de letras viu diante de si a turva que se chama o público, que lê alto e na pressa no rumor das ruas.”

O texto foi escrito em 1887, finais do século XIX, mas é um texto com uma enorme atualidade quando pensamos o conceito de indústria cultural e quando, nesse contexto, pensamos em como se alteraram, às vezes de uma forma mais enganosa do que efetiva, as relações entre o escritor e seu leitor, entre a literatura e o seu consumo, e já não a sua leitura. Há um sociólogo famoso do nosso tempo, desaparecido há pouco tempo, Pierre Bordieu, que escreveu livros importantes sobre essa matéria e, num deles, um de seus mais conhecidos trabalhos, *A economia das trocas simbólicas*, fez essa reflexão para ilustrar como era enganosa essa liberdade que o escritor tinha conquistado para escrever o que quisesse e para quem qui-

sesse. Ele fala do escritor, do dramaturgo, do artista plástico também. A ruptura dos vínculos de dependência, em relação a um patrão ou a um mecenas, era assim até o século XVIII, em relação às encomendas diretas, propiciando ao escritor e ao artista uma liberdade que logo se revelaria formal, porque era apenas a condição da sua submissão às leis do mercado de bens simbólicos. Num mercado começa a funcionar também para essa indústria nova, que é a indústria da cultura, efeito e consequência visíveis dessas mudanças.

Desse ponto de vista, isto é, da reflexão sobre a literatura e cultura como indústrias, mas agora sobre a literatura em particular, deixa-se de falar em criação literária e passa-se a falar em produção literária; deixa-se de falar em leitura literária e passa-se a falar em consumo da literatura. E a industrialização da literatura envolve, evidentemente, fator, elementos, critérios, que já não são apenas de ordem artística, mas são também de ordem econômica, isto é, busca-se na literatura também um valor de mercado e, de acordo com esse valor de mercado, passa a ser extraordinariamente importante a difusão, ou aquilo que em linguagem técnica se chama a “distribuição”, justamente porque é preciso atingir não um leitor que lê só, mas milhares de leitores.

Acontece um outro fenômeno curioso também, que vem condicionar fortemente essa situação e introduzir elementos importantes no processo de industrialização da literatura. Assume uma dimensão própria, jurídica e econômica o conceito de “propriedade literária”, isto é, escrever passa a ser um direito de posse que o escritor tem sobre os seus textos. O conceito de direito do autor tem a sua origem no século XIX e relaciona a condição de que o escritor é uma peça nessa cadeia industrial que tem direito também a algum lucro. E essa questão do lucro, do direito do autor, do direito de propriedade que o escritor mantém sobre a sua obra, gera no escritor testemunhos às vezes um pouco contraditórios entre si e um pouco incômodos da forma como o escritor encara essa questão. Trago dois testemunhos, um do grande escritor argentino Ernesto Sabato, que disse assim: “Se ganhamos dinheiro com

nossa obra está bem, mas escrever para ganhar dinheiro é uma abominação. Essa abominação paga-se com o abominável produto que assim se engendra.” O segundo testemunho disso é um pouco estranho por vir de quem vem, de Saramago, um escritor que, em princípio e ideologicamente, crê ou deveria crer na chamada “coletivização” dos meios de produção. Questionado a propósito deste problema do autor, ele disse o seguinte: “Se se diminui o direito do autor, então chega-se a uma situação completamente absurda de que o editor publica esse livro para ganhar dinheiro, o livreiro vai ganhar dinheiro, a tipografia vai ganhar dinheiro, a fábrica de papel vai ganhar dinheiro, toda a gente ganha dinheiro na transformação de qualquer coisa, pela qual o responsável primeiro por essa qualquer coisa não recebe.” Isso, diz Saramago, “não tem ponta por onde se lhe pegue”.

Modernamente, ou recentemente, para tornar essa situação um pouco mais complexa, ou de um ponto de vista talvez mais sofisticado, desenvolveu-se no quadro da indústria literária uma função muito importante, atribuída a uma entidade que antes pouco existia ou não tinha qualquer relevância: o agente literário. Sabem bem os escritores que têm uma razoável circulação internacional que é não só cômodo como até relativamente chique ter um agente literário. A função do agente literário, no fundo, é uma função de ser intermediário empresarial; é uma função que está diretamente ligada ao processo de internacionalização da literatura de certo escritor e é um princípio de globalização de certa literatura e de certos escritores. Ora, esse princípio de globalização é, de um certo ponto de vista, meio caminho andado para que a literatura chegue a uma desconfortável situação de homogeneização, que é como escrever para todos, em qualquer lugar e de forma indiferenciada.

Volto ao José Saramago, que, questionado uma vez sobre o agente literário, disse o seguinte: “O agente literário é apenas um negociante que o autor não pode ser. Agora, não tendo o agente literário,” continua Saramago, “há maior ou menor celebridade ou fama do autor. O agente literário não

pode fazer nada para promovê-lo, não pode receber críticos, não pode manipular influências. O agente literário é só aquele que vai colocar o livro na casa de outros editores lá fora.” Quem conhece o caráter sinuoso da circulação dos livros e a sua internacionalização sabe que essa visão de Saramago é porventura um bocado medialista, relativamente ao que é função, à iniciativa de um agente literário e ao poder que ele detém sobre a própria produção literária.

E avanço para uma síntese em cinco pontos na qual procurarei também, de certa forma, desdramatizar um pouco essa questão da indústria cultural e dos valores, às vezes negativos, que nós costumamos atribuir-lhe. Primeiro ponto: a criação literária em regime industrial naturalmente muda a interface até o ponto de podermos chamar, como disse há pouco, “produção literária”. Ela se desenvolve, agora, no quadro de uma espécie de poliedro ou pentágono, ou de estrelas de cinco pontas, ou melhor, de círculo vicioso, como várias etapas de um processo. Ainda podemos encontrar termos que são claramente técnicos industriais. Vamos ver em cinco momentos: um momento de produção, um momento de reprodução, um tempo de distribuição, um tempo de consumo e um tempo de respostas que os leitores dão a isso. Segundo ponto, nesse contexto, produção literária depende de condicionamentos e determinações que são relativamente novos e depende muito da sofisticação, da rapidez, da eficácia dos procedimentos de revolução e de distribuição. São eles, no fundo, que asseguram e garantem um acesso e um consumo amplos e favorecidos agora pela emergência das novas linguagens e das novas tecnologias em tempo do digital, que introduz nessa questão novas questões.

Terceiro ponto, essa produção literária, a incontestemente industrial, desencadeia uma espécie de tensão ou de dialética: entra, por um lado, a industrialização, que é ponta e tende para a homogeneização, e, por outro, para a freqüente tendência à diversidade, à anti-homogeneização, a comportamentos de resistência a essa dinâmica de globalização. Quarto ponto, a industrialização da literatura permite e permitirá

cada vez mais a entrada no circuito da comunicação cultural a receptores que antes não atingiam bens que agora estão mais acessíveis, e isso é um ganho indiscutível. Esse fenômeno acentuou-se porque a dominância da produção tem aqui uma importância considerável. Tornou-se, agora, obsoleto o autor não escrever mais obsoleto, ultrapassado, o conceito de autocultura. Assim, Picasso, Dante ou Camões deixaram de ser exclusivos das elites, pois podemos encontrar sinfonias e poesia lírica nos supermercados, ou, como dizemos em Portugal, nas grandes “superfícies comerciais”. E a produção do livro se faz com rapidez considerável, como venda a domicílio ou nas bancas de jornais, ou pela internet. É claro que esse processo pode acentuar, e tem acentuado, um dos deslizamentos do conceito de valor cultural para o valor do mercado, com uma tendência inevitável a favorecer gostos majoritários.

Quinto, e último, vivemos hoje sob o signo da cibercultura, num espaço agregado e cada vez menos físico. Não sei se somos já aquele bilhão de metacidadãos que o profeta do ser digital Nicolas Negroponte anunciava para o ano 2000. Mas sei que o chamado ciberespaço – um termo que estão divulgando em Portugal e no Brasil – trouxe consigo a crença na circulação irrestrita de saberes, de conceitos e de informações provindos das mais diversas origens. Há vinte anos isso parecia ficção científica, hoje já não é. Curiosamente, no entanto, o ciberespaço parece-me cada vez mais como um cibermercado. Mas importa estar atentos ao seguinte: as novas tecnologias não são neutras quando se dá a sua inclusão política e ideológica; a sua face lúdica, no fundo, é uma face dupla e enganadora, porque ao mesmo tempo em que divertem, também dispersam. Nos diversos espaços podem circular todos, cientistas e turistas, poetas líricos e neonazistas.

Acumular informação não é, necessariamente, construir saber; o acesso à informação é um meio, não um fim em si. E no extremo final da produção ou da proliferação informativa e com autorizações desse final muito diverso está já uma preocupação, que é cada vez mais insistente e preocupante, que é a preocupação com a filtragem da informação, isto é,

não queremos isso, não devemos receber tudo aquilo que nos possa chegar. Não chego aqui à questão, que é uma questão melindrosa e que ultrapassa o âmbito desta mesa, da censura ou da autocensura. Digo apenas que por muita indústria cultural que aceitemos, o que não devemos aceitar é a anulação da dimensão individual e humana da criação artística e da criação literária em particular. E ninguém melhor do que Saramago, que já citei aqui duas vezes, para nos dizer, em termos muito mais expressivos, aquilo que eu poderia fazer: “O que eu quero é que se note nos meus livros que passou por esse mundo, valha isso o que valer, um homem que se chamou José Saramago. Quero que isso se saiba na leitura dos meus livros, desejo que a leitura dos meus livros não seja de uns quantos romances, [...] na literatura, mas que se perceba o sinal de uma pessoa.”

Comentários

Alcione Araújo

Na verdade, mais uma vez eu não deveria falar, mas me senti muito motivado a falar, até porque tivemos três conferências de três estrangeiros: um português, um francês e um italiano. Então, achei que não faria mal se um brasileiro, eventualmente, pudesse falar aqui. E a minha fala se prende ao fato de que a discussão sobre a questão da cultura de massa está umbilicalmente ligada ao fato de haver um emissor que produz essa cultura e um receptor que recebe. E esse receptor, evidentemente, está submetido ao processo da história cultural do país ou da região onde está inserido. E os professores, os ilustres professores que falaram aqui, falaram de culturas e de povos que nos antecederam muito. Um é da Universidade de Coimbra, que é uma universidade de sete séculos, pois nós nem existíamos, e já existia aquela universidade. O professor francês falou de uma cultura na qual a catedral de Chartres já estava pronta e nós ainda corríamos pelados pelas praias tropicais. E o professor italiano vem de onde havia a Universidade de

Bologna, que foi a primeira universidade do mundo, no século XI. Portanto, nós somos um povo muito novo, de modo que as circunstâncias que nos colocam como consumidores da indústria cultural são circunstâncias muito específicas do nosso processo histórico, não necessariamente uma teoria generalizada, que nos permite inserir e pode servir de modelo para as nossas circunstâncias específicas.

E um aspecto fundamental dessas circunstâncias específicas é que o que cria a característica fundamental do receptor da produção cultural, aquele a quem se destina a produção cultural, da indústria cultural, é a educação, que pode lhe dar antídotos para ser um receptor mais maduro, mais crítico e menos passivo diante da produção cultural que lhe é oferecida. Isso é um diferencial fundamental, fácil de compreender por esta platéia, quando se percebem as características da educação brasileira, do povo brasileiro e da produção cultural que se faz aqui. Quero dizer que uma questão grave, complexa e crítica que acontece no Brasil é exatamente a separação esquizofrênica entre a educação e a cultura. O modelo educacional brasileiro afastou progressivamente dele próprio a produção cultural natural, espontânea. Eu tenho dados e posso dizer que, numa população de 186 milhões de habitantes como a nossa, cerca de 52 milhões de pessoas estão envolvidas com educação, quer seja no ensino fundamental, no ensino médio, no ensino superior e entre os professores. Portanto, um terço da população brasileira, um pouco menos de um terço, está ligado à educação, numa população de 186 milhões de habitantes. Isso quer dizer mais ou menos o seguinte: mais ou menos vinte vezes a população de Portugal, duas vezes a população da França, duas vezes a população da Itália, aqui representada. Portanto, esses 52 milhões de pessoas ligadas à educação nos deveriam assegurar um público para produção cultural mais ou menos equivalente ao público francês, cuja população é mais ou menos essa. Não obstante, o que temos é o seguinte: para 186 milhões de habitantes, 52 milhões dos quais envolvidos com educação,

a primeira edição de qualquer livro no Brasil é de três mil exemplares; o público médio de cinema no Brasil para um filme é de seiscentos mil espectadores, e a ocupação média do teatro brasileiro é de 14% das cadeiras oferecidas. Portanto, toda essa população que cria a educação brasileira está fora da cultura.

Portanto, o que nós temos é uma educação sem a cultura; a produção das artes e uma produção cultural sem público. E na busca desse público, essa produção cultural está se desqualificando, porque está procurando o público que não está preparado para ela. Conclusão: do ponto de vista histórico, das relações entre a produção cultural e a nossa população, nós temos uma situação em que a cultura popular, tal qual a temos historicamente, é uma cultura espontânea de certas parcelas da população, que tem um significado muito mais importante como produção de pertencimento a uma comunidade, pertencimento a uma população. Exemplifico isso com o nosso caso no Rio de Janeiro, onde é muitíssimo mais importante dançar o carnaval do que ver o carnaval. Essa idéia de participar da cultura popular é muitíssimo mais importante do que ser espectador. Por outro lado, nós temos a cultura tradicional, o legado que o colonizar português nos deu, trazendo toda a cultura ocidental para nós ; é a cultura formada, em geral, pelas artes, pelo pensamento, pela formação acadêmica etc. Na nossa história do Brasil houve um afastamento entre a cultura popular e a cultura tradicional, de tal ordem que elas nunca conseguiram dialogar. Nos anos 60 tentou-se de alguma forma o diálogo entre essas duas culturas, mas não se conseguiu. Então nós chamamos a cultura tradicional de “elitista” e as demais, de “popular”. O que aconteceu no nosso processo de cultura?

Foi exatamente nesse afastamento entre as duas que penetrou a indústria cultural, com toda a sua punjança, com toda a sua força, e contaminou, de um lado, a cultura popular, de outro, a cultura tradicional, encontrando um público receptivo exatamente porque era um público que não tinha

participado da educação e que, portanto, não tinha antídoto nem uma visão crítica da produção de entretenimento. E hoje o Brasil é um país que sucumbiu à indústria de entretenimento. Nós temos uma produção cultural pujante, mas sem público; uma educação esforçada, mas que não tem reconhecimento como valor em si, pois a população não reconhece a educação como valor em si, mas apenas como um mecanismo para chegar a um emprego, e essa educação, ainda assim, está afastada da cultura. Portanto, por todas essas considerações generalizadas, que tendem a valorizar o indivíduo mesmo sob os efeitos da indústria cultural, vemos que nossa situação é inteiramente particular e singular, porque o que nós temos visto é a falta de educação. Como o europeu teve há muito tempo, nós sucumbimos porque não tínhamos antídotos em relação à indústria de entretenimento. Eu só queria fazer essa observação para circunscrever a nossa realidade particular, de sermos um povo novo e sermos vítimas de uma tecnologia avançada.

Questões

Gostaria que falasse um pouco sobre a Escola da Ponte. Qual sua importância para a educação no nível mundial.

Onde encontramos e qual o título do texto de Eça de Queiroz mencionado no início de sua fala? Ainda é muito bom saber que as universidades de sua escolha são gaúchas. Será que a indústria literária não baixou a qualidade da literatura?

Assim como está acontecendo com a música brasileira, só se cria para render dinheiro, há exceções, mas infelizmente poucas.

Gostaria de saber sua posição sobre a globalização cultural, como citou. Caso positivo, perguntaria: a indústria literária de integração faz bem, mas a concorrência, a obrigação do escritor de produzir uma obra de grande repercussão, bem-sucedida, não faria com que ele colocasse no mercado conceitos que ele mesmo não acredita, por dinheiro?

As editoras só publicam escritores conhecidos, o que faz com que os novos escritores não consigam mostrar seus trabalhos. Muitos fazem uso da internet, como *blogs*, para mostrar sua criação. Como conseguir ser escritor “sério” sem o apoio de uma grande indústria cultural?

Abusar da liberdade vira libertinagem. Para você, até onde vai o limite da liberdade de escrita de um escritor?”

Como já vi muitos intelectuais e pessoas famosas subjugando a cultura americana, penso que às vezes há um preconceito, pois todos temos o livre arbítrio de escolher o que nos faz bem e nos interessa e, muitas vezes, por fazer isso, nós sofremos o preconceito de estar traindo nossa pátria. Não seria excesso de patriotismo subjugar a cultura dos outros países?”

Carlos Reis

Sobre a primeira pergunta não tenho opinião sobre a Escola da Ponte porque não conheci e não conheço essa experiência. Quanto à segunda questão, o título do texto de Eça de Queiroz é um prefácio, é uma obra publicada no século XIX, de um autor chamado Conde de Arnoso, e que ficou célebre porque Eça de Queiroz escreveu o prefácio. Hoje esse texto está publicado num volume de textos dispersos de Eça de Queiroz intitulado *Notas contemporâneas*. Terceira questão, a minha posição sobre a globalização cultural, como citei, é de cautela conciliada com o conhecimento da história recente dos últimos duzentos anos. Como falei há pouco, quando a energia a vapor foi introduzida na produção industrial, houve verdadeiras rebeliões de operários que iam ficar sem emprego e que chegaram a destruir máquinas a vapor. Isso significa que são realidades contra as quais é, a meu ver, inútil lutar, o que não quer dizer que sejamos passivos e que não devemos procurar a melhor forma de tirar delas, e nesse caso da globalização, aquilo que é mais pertinente. É uma vantagem hoje nós sabermos que dispomos de um conhecimento planetário e

de uma informação planetária sobre quase tudo aquilo de que queremos dispor, mas é necessário, também, justamente porque esse é um dos temas deste encontro, cautela necessária para que essa globalização não signifique neutralização da diferença. Do mesmo modo ocorre a preocupação com a neutralização das diferenças, tema que hoje está, de certa forma, na ordem do dia, pelo menos na Europa, pois a neutralização da diferença não pode ser também um recuo a posições nacionalistas.

As editoras só publicam escritores conhecidos e os jovens escritores só dispõem da internet ou fazem uso da internet para mostrar a sua criação. Aqui está uma vendagem daquilo que é um dos grandes instrumentos da globalização hoje em dia. Se, há trinta anos, a publicação feita de poesia estava bloqueada, o que a internet veio trazer foi a possibilidade de qualquer pessoa colocar o seu poema, nem que seja uma quadra simples na internet para poder ser lida em todo o mundo. Nós sabemos como hoje abundam na internet jornais e revistas de poesias, de contos etc., de forma que publicar hoje é muito mais fácil e muito mais rápido do que era há vinte anos.

Sobre até onde vai o limite da liberdade de escrita do escritor, penso que não existe. A liberdade é um valor absoluto, não um valor relativo. Isso significa, evidentemente, que os Estados não procurem obter e trabalhar mecanismos judiciais, jurídicos, legais, políticos, para colocar, digamos assim, ao abrigo forças antiliberdade, para colocar os seus cidadãos ao abrigo dessas forças. Quase todos os Estados democráticos organizados dispõem de uma legislação constitucional, que, por exemplo, interdita a formação de associações de outros partidos políticos neofascistas, ou neonazistas. Essa é a forma que o Estado tem de se defender dessas ameaças. Mas isso não significa proibir a escrita e a publicação de obras de qualquer ideologia. O outro termo dessa liberdade é a liberdade do leitor de não ler ou de rejeitar. Contudo, quando se começam a colocar interdições à liberdade de escrever ou publicar, estamos num plano inclinado, deslizante e muito perigoso.

Uma pergunta especialmente interessante, feita por um jovem de 15 anos, que está na 8ª série, é sobre a citação de muitos intelectuais relativamente à cultura americana e o preconceito que isso implica. Eu tenho, sobre esse assunto, sentimentos e atitudes divididas. Já ensinei várias vezes nos Estados Unidos e tenho com esse país uma relação, como disse, dividida. Não partilho da posição intelectual primária e preconceituosa de recusa antiamericana a qualquer preço e não confundo a situação ou o momento político americano atual com a cultura americana da vida americana, com o modo de ser americano, que é tão digno como qualquer outro. Todavia, o que já vi também foram pessoas ditas de esquerda, em situações diferentes, num caso, recusarem e reprovarem violentamente a intervenção militar americana no estrangeiro e, noutro caso, solicitarem e exigirem a intervenção literária americana no estrangeiro. A mesma coisa não pode ser boa numa situação e má noutra situação. Isso mostra bem as condições que um certo pensamento de esquerda tem em relação aos Estados Unidos. De forma que eu colho dos Estados Unidos aquilo que me parece mais útil, mais importante, mais favorecedor do meu trabalho, da minha forma de viver, mas não sou obrigado a importar imediatamente tudo que vem dos Estados Unidos. Para dar um exemplo muito claro, para falar como dizia Alberto Campos, com licença da senhora diretora da Casa Fernando Pessoa, pela covardia do exemplo, eu não posso viver sem o cinema americano, mas posso viver muito bem sem McDonald's. E, por fim, para terminar, inevitavelmente, o poema de Fernando Pessoa. Há 12 anos, de fato, declamei aqui um poema e é o único poema que eu sei de cor, de Fernando Pessoa, que eu vou dizer outra vez, um pouco também como um tributo de gratidão pela forma como aqui nos recebem.

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,
Não as dores que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Domenico De Masi atribui à criatividade e, mais especificamente, ao ócio criativo as grandes conquistas e o êxito que a humanidade teve em sua evolução. enxerga a evolução industrial como uma vilã que mecanizou o ser humano, transformando a vida em uma linha de montagem. A indústria da cultura, da forma como existe hoje, em sua opinião, é benéfica ou maléfica para o ócio criativo, portanto, para a migração de uma sociedade mais criativa e menos industrial?

Mauro Maldonato

Ouvindo citar meu amigo Domenico De Masi, eu tenho que dizer que é verdade que o ócio criativo é indispensável à criação. É verdade que o gênio criativo não dispensa a contemplação, o êxtase, e que se desenvolve justamente nesse exercício de contemplação e de suspensão. Se isso é verdade para o artista, também é verdade para o homem comum. Estamos de acordo em que a globalização é a compressão do espaço do tempo, o cancelamento da experiência. A experiência significa atravessar e, quando atravesso, quando estou a caminho da possibilidade de pensar, nesse segundo maravilhoso de esplendor contemplativo, me aparecem os melhores pensamentos. Nós não pensamos mais, deixamos de pensar, porque não nos interessam os problemas puros; interessa-nos a eficácia do nosso pensamento. Eu penso que o único problema do homem em face da globalização é o do tempo, da passagem do tempo. Nós não temos mais tempo. E como podemos recuperar o caminho para tomar esse tempo para nós outra vez? Esta é a grande questão da cultura de massas: como vamos fazer o ócio criativo para conseguir repatriar o tempo? Resgatar o tempo sempre significa perder qualquer coisa, mas significa,

também, que nos candidatamos a um pensamento mais elevado. Não é possível, em tempo real, cancelar os efeitos e, ao mesmo tempo, cancelar tudo aquilo que pensamos. Claro, se criativo, não deve tornar-se uma arte. O problema da globalização é que é preciso governar-se com inteligência.

Você acha que o fato de o ser humano parecer apático diante de toda a opressão que vive é uma forma de resistência?

Mauro Maldonato

Sim, a apatia é uma forma de resistência. Eu não sei precisamente ao que está se referindo quando pergunta se a apatia é uma forma de resistência. Significa que ficamos no imediato; significa, ainda, estabelecer uma linha de resistência contra aquilo que se aprende, e não tem importância se aquilo que se aprende está dentro ou fora.

Obviamente, as regras são o poder do mundo. Então podemos dizer que a ciência e a ética vão em caminhos diferentes. Se a ciência e a ética vão por caminhos diferentes, como é que a ética e a ciências devem caminhar e por quê?

Mauro Maldonato

Essa é uma pergunta muito pertinente. Fala do conflito, do choque daquilo que conhecemos, do destino dos homens que foram feitos para conhecer e, ao mesmo tempo, de quais estrelas nós vamos enxergando no caminho. O problema da ciência contemporânea é um problema dramático. Quem pode decidir sobre as coisas que é necessário conhecer? É evidente que não deve haver controle, mas, ao mesmo tempo, a sociedade não pode se omitir em saber por que caminhos está andando, que está enxergando. É um tema muito difícil porque precisamos saber o que a inteligência deve privilegiar nesse caminho para o conhecimento.

É possível haver uma horizontalização na programação da televisão através da conversão digital dos sistemas de comunicação de massa?

Qual seria a opção menos bestializante para que este mundo tenha a informação homogeneizada, o conhecimento

fragmentado e os desejos individualizados? Como fazer surgir e manter ideais capazes de libertar o homem da inércia em que esses três fatores o prendem?

Quais práticas seriam possíveis e viáveis na escola como contraponto à dominação cultural hegemônica do pensamento dominante veiculado em horários nobres na grande mídia?

Você fala em seu livro *O império do efêmero* que a moda não é anjo nem fera. Vendo a moda sob o prisma que se encontra hoje como impositora de valores, como fugir de julgamentos baseados na estética corporal? Qual o lado positivo da moda?

Em seu livro *O império do efêmero* diz que cada vez mais o que vivemos é perdido, efêmero. Em *O luxo eterno* reforças a idéia de que o luxo é também cada vez mais efêmero e acessível. Como o senhor vê esse culto ao objeto e o futuro de nossa sociedade com esse culto?

Será possível uma estagnação nesse processo?

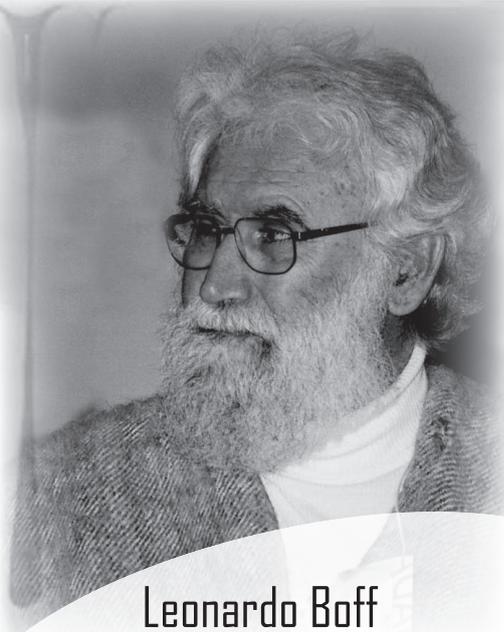
Com relação ao idioma, a proteção do idioma, como o senhor vê essa questão e como é na França?

Como o senhor avalia a programação da TV5 para a América Latina?

Gilles Lipovetsky

Partirei do conceito do efêmero e da sociedade do efêmero. O que me parece mais significativo em nossa época são os paradoxos que acompanham o efêmero. A sociedade de consumo nasce de fato, como disse um pensador, com os objetos, o nascimento dos objetos, o culto ao objeto. Tenho a impressão de que essa época está recuando e que nós estamos nos tornando mais sensíveis à questão da comunicação e das trocas. Daí o conceito paradoxal de que, quanto maior o número de objetos, mais nos dirigimos à busca das trocas e da comunicação; quanto maior o culto da aparência e da imagem, mais aparece uma preocupação em relação à emoção e aos sentimentos pessoais. Então, estamos nos dirigindo, de fato, a sociedades mais paradoxais, que não são propriamente

sociedades de objeto, mas sociedades onde se busca a qualidade de vida, os objetos não são mais suficientes. É por isso que vemos em toda a parte uma demanda emocional, demanda para a ecologia, demanda em relação ao respeito a certos valores considerados essenciais. Portanto, temos razões para não ficar totalmente pessimistas em relação ao futuro da nossa sociedade. Às vezes se diz que nesta sociedade do efêmero nada mais conta senão o dinheiro e as mercadorias, mas, ao mesmo tempo, nunca o amor foi tão celebrado. Diz-se que apenas as trocas comerciais existem, mas considerem o exemplo dos casamentos, a relação dos pais e filhos, as relações amorosas. Vemos bem que isso não é verdade, que não existem somente relações efêmeras e comerciais. Existem outros valores além do efêmero, e nós vivemos, de certa maneira, muito desconfortáveis nesse mundo do efêmero que se acelera cada vez mais. O retorno da espiritualidade é sintoma dessa resistência ao efêmero. A questão que nós colocamos é: qual o *status* da cultura nesse contexto? Será que a cultura vai se tornar ela mesma um objeto de consumo? Em parte acho que isso é verdade. A dimensão de consumo da cultura vai se afirmar cada vez mais, porém isso não quer dizer que o verdadeiro interesse dirigido à cultura vai acabar; quer dizer, mais exatamente, que a cultura perdeu o papel central que teve em outras épocas. No passado havia o mundo das mercadorias e o mundo da cultura, que se colocava acima do mundo das mercadorias. Acho que essa época está desaparecendo no universo, ao mesmo tempo da técnica e da mídia. No universo em que as técnicas passam a governar, o mundo e, inevitavelmente a cultura perdem sua importância social e existencial; a cultura é submetida à concorrência do corpo, do turismo, dos jogos. Nesse sentido, nós assistimos, de fato, a uma espécie de vitória do efêmero, mas isso é o grande paradoxo, pois não significa o desaparecimento dos valores.



Leonardo Boff

Nascido em Concórdia, Santa Catarina, doutorou-se em Teologia e Filosofia na Universidade de Munich. Ingressou na ordem dos Frades Menores Franciscanos. Durante 22 anos foi professor de Teologia Sistemática Ecumênica em Petrópolis, professor de Teologia e Espiritualidade em vários centros de estudos e universidades do Brasil e no exterior, além de professor visitante das universidades de Lisboa, Salamanca, Harvard, Basel e Heidelberg. Foi sempre um ardoroso defensor da causa dos direitos humanos. Em 1984, em razão de suas teses ligadas à teologia da libertação, foi submetido a um processo pela Sagrada Congregação pela Defesa da Fé, no Vaticano. Em 1985 foi condenado a um ano de silêncio obsequioso e deposto de todas as suas funções editoriais e de magistério no campo religioso. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, a pena foi suspensa em 1986, com o que pôde retornar às suas atividades. Em 1992, sendo de novo ameaçado com uma segunda punição pelas autoridades em Roma, renunciou às suas atividades de padre e autopromoveu-se ao estado leigo. Continua como teólogo da libertação, escritor, professor e conferencista em diferentes auditórios e em diferentes países e foi agraciado com o prêmio Nobel Alternativo em Estocolmo; é autor de mais de sessenta livros.

Eu queria retomar o discurso do frei Betto, da forma como eu mesmo estou pensando nos últimos anos: a importância contemporânea do tema da espiritualidade. Há muitos estudiosos, antropólogos, que dizem que, quando uma cultura entra em crise, como a nossa e a cultura mundial, há uma grande volta do religioso, do místico, do esotérico, porque é nesses campos, do religioso, do místico, que se elaboram grandes sonhos, aqueles que fundam um novo horizonte de esperança, e que se propicia às pessoas mergulhar mais profundamente no ser e, a partir daí, definir novos sentidos, novos rumos para a vida. Eu creio que nós, como país e como humanidade, estamos mergulhando numa dessas crises fundacionais, porque devemos criar um sentido que nos englobe e que permita à humanidade caminhar para a frente unida, junto com a única casa comum que temos, que é o nosso planeta Terra. Por isso a busca de caminhos espirituais, religiosos, não necessariamente sob o signo das religiões históricas conhecidas, mas espiritualidade, e a religião, com uma dimensão do humano, como uma busca que as pessoas fazem a partir delas mesmas. Uma vez foi perguntado ao Dalai Lama o que era espiritualidade e ele respondeu muito bem: “Espiritualidade é tudo aquilo que produz em você uma mudança interior”. E o interlocutor, não satisfeito, continuou: “E se eu seguir uma religião, um caminho espiritual, eu estou vivendo uma espiritualidade?” E Dalai Lama disse: “Se essa religião, se esse caminho, produz mudança em você, então é uma espiritualidade”.

Ocorre que grande parte das religiões é apenas memória das antigas experiências e deixou doutrinas e ritos. Por isso, faça o teu caminho, não corte o corpo do tamanho do seu manto, mas corte o manto do tamanho do seu corpo. Significa: não se meça com os grandes mestres espirituais, meça-se com você mesmo, com a tua interioridade, busque o teu caminho de sentidos. Eu creio que hoje é este o desafio: entender a espiritualidade não como monopólio das religiões, mas como uma dimensão inscrita no ser humano. Assim como o amor, a inteligência, a libido, a vontade de poder têm sua cidadania dentro do ser humano, da mesma forma é a espiritualidade.

É uma tragédia da nossa cultura, nos últimos trezentos ou quatrocentos anos, ter colocado sob rigorosa suspeita toda religião e toda a espiritualidade; ter movido um discurso demolidor da sua validade, ou tê-la marginalizado ou reduzido apenas a sua individualidade, isto é, cada um tem a sua religião, liberdade de religião, que, no fundo, significa liberdade para não ter nenhuma religião. Mais e mais está crescendo essa convicção de que nós precisamos, para desabrochar como pessoas humanas, de uma espiritualidade.

E aí eu definiria de uma forma muito simples a espiritualidade como aquele conjunto de valores, de inspirações que alimentam o nosso cotidiano, que dão sentido ao rumo de nossa vida. São valores, princípios, iluminações que nos acompanham ao longo da vida, que nos ajudam a superar dificuldades e que nós carregamos até para dentro da morte. A essa atitude, que é algo não material, que é realmente espiritual, chamamos “espiritualidade”. E se nós olharmos bem, todas as pessoas têm um certo nível de espiritualidade, porque nem tudo vale nesse mundo; há coisas que não valem, a que temos que denunciar, ou de que nos envergonharemos diante de nós mesmos. E essa espiritualidade é tanto mais sustentável e forte quanto é circundada por caminhos espirituais ensaiados para a humanidade. Seja na versão cristã, seja na versão budista, na versão afro-brasileira, não importa, o importante é que nós não sejamos reféns e vítimas de uma cultura que transforma tudo em mercadoria, que se orienta só por valores materiais e que faz da própria espiritualidade e da religião uma mercadoria que entra no mercado e produz muito dinheiro, como nós sabemos de tantas Igrejas e caminhos espirituais, que falam muito mais ao bolso das pessoas do que ao seu coração.

Portanto, a função principal da espiritualidade é isso que vocês formularam, é sublimar – não no estilo de Roberto Jefferson, que sublimou o seu mandato – tudo aquilo que para nós é a barreira na nossa vida, aquilo que impede que nós irradiemos e floreamos nesse mundo. Max Weber, grande pensador e sociólogo, no seu conhecido livro *A política*

como vocação diz que a verdadeira política é aquela que vive de uma mística. Ele entendia mística não no sentido religioso, mas como o conjunto de intuições, de valores, como ele diz, de idéias-força que nos levam a tomar iniciativas, a enfrentar obstáculos, a aceitar derrotas. Dessa mística muitos de nós hoje estamos precisando na conjuntura atual brasileira. Manter aquelas bandeiras que nasceram da mística da humanidade sofredora, cuja mística maior, utopia mínima, é poder comer três vezes ao dia; é quando estar doente poder ir ao médico; poder mandar as crianças para a escola; poder ter salário a partir do qual possamos viver e alimentar nossa família, ter uma aposentadoria mínima para enfrentar os achaques da natureza e poder sair desse mundo abençoando a vida, não amaldiçoando a existência. Dessa mística, que nos dá o sentido de vida, nós estamos precisando nos dias atuais da crise brasileira. Precisamos de uma espiritualidade.

Assim, procurem beber do vosso próprio poço, dentro de vocês. Façam um diálogo profundo com a interioridade, com o eu profundo. Façam silêncio, pois é tão difícil fazer silêncio hoje. Chegamos em casa e logo ligamos alguma música, ou a televisão, ou algum som. Nós não agüentamos o silêncio de nós mesmos, mas, se tivermos essa coragem, há um outro lado dentro de nós, há um inconsciente pessoal e coletivo, habitado por ancestrais arquéuticos, por sonhos poderosos. Então, se lhes dermos espaços, eles vêm à tona. E geralmente são arquéuticos. Há aqueles demoníacos, aqueles diabólicos, que nos dividem, mas há aqueles generosos, carregados de luz, que nos chamam para a cooperação, para a bondade, para a generosidade das coisas, para a capacidade de perdoar. Quando isso vem à tona, emerge aquilo que é espiritual em nós. Quando fazemos silêncio, emerge aquilo que está na agenda de todas as pessoas e cada um deve responder, finalmente: “O que estou fazendo neste mundo? De onde vim? Para onde eu vou? O que existe lá por trás das estrelas?” Meu neto de sete anos perguntou tempo atrás: “Vovô, quem está por trás daquelas estrelas lá em cima? Por que a gente sofre quando é atraído pelo amigo e chora quando um ente querido nos

abandona?” Quando essas questões são suscitadas, emerge a dimensão espiritual em nós. Espiritual é isso, ninguém pode responder por nós. Nós é que temos que responder. Por isso, devemos escutar a nós mesmos e, para aquele que tem fé, escutar esse eu profundo, essa palavra maior, é escutar a palavra de Deus, porque é lá que ele habita, mesmo que não o chamemos de Deus.

Portanto, se queremos superar a crise do atual momento, a crise mundial, a crise nacional, a crise pessoal, deixemos que emerja e cultivemos em nós essa espiritualidade. É uma fonte inesgotável de luz e de sentido que está dentro de nós e produz como efeito a leveza da vida; desdramatiza as tragédias, que são tão terríveis nas biografias de tantas pessoas; abre um horizonte de esperança e nos dá a certeza de que nunca estamos sós. É como aquele do Salmo 23 do bom pastor, que diz: “Ainda que você ande pelo vale profundo da morte, eu te digo, eu estou contigo, eu caminho contigo.” A espiritualidade nos dá essa percepção de que não estamos condenados à nossa profunda solidão. Há uma presença em nós e essa presença é benfazeja, nos acolhe, nos acompanha, nos mostra o caminho, nos adverte – “isto não é bom”, isto é bom –; nos faz estender a mão ao outro, ato supremo, para mim, da espiritualidade, quando se mostra como compaixão e perdão. Compaixão não é o sentimento de ter pena, mas é sair de si e sentir a paixão do outro, sentindo com ele, alegrando-se com ele, nunca o deixando só, porque o terrível do sofrimento não é o sofrimento, mas a solidão do sofrimento. Contudo, se alguém está junto, dor compartilhada é dor aliviada.

Então, a espiritualidade faz isto: alivia a vida, a minha e a do outro; me faz sair ao encontro do outro, fazemos uma aliança e, por fim, irradiamos. Porque se nós todos nascemos há bilhões de anos no coração das grandes estrelas vermelhas, onde se formaram todos os tijolinhos que constituem a vida de todos os seres humanos e todos os seres, foi para que a nossa vida fosse uma irradiação. Não nascemos simplesmente para viver e não vivemos simplesmente porque não morremos. Nós vivemos para irradiar um sentido que faz valer a pena a vida,

que ilumina a nós e ao outro, que mostra um caminho, de que lá há uma luz que nos espera para uma grande transfiguração.

Comentários

Frei Betto

Alguém me perguntou se um escritor é totalmente livre em sua escrita, em sua narrativa. Eu diria que sim. O grande desafio para o escritor não é escrever com as mãos, não é escrever com a razão, mas escrever com o inconsciente. Contudo, a questão reside muito no tratamento estético que se dá a esse escrito. Por isso eu sempre falo àqueles que se iniciam na escrita: “Nunca considere o seu primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto texto definitivos, considere apenas a matéria-prima de um trabalho, um longo trabalho estético, de elaboração estética para se fazer em cima daquilo que se conseguiu colocar no papel ou na tela do computador.” Eu não vejo, primeiro, nenhum moralismo na literatura. Não se pode fazer literatura do ponto de vista da ficção com a camisa-de-força do moralismo, da convicção ideológica ou religiosa. Grandes escritores, como Boccage, como DH Lawrence, como Henry Muller, são pessoas de altíssima qualidade literária. Pode alguma coisa que alguém escreve ferir os meus princípios religiosos, os meus princípios morais, isso é outra coisa, mas a arte não pode ter limites dentro do moralismo, nem dentro de uma conjuntura política. E o melhor exemplo disso é a própria Bíblia, que muitas vezes descreve situações, pessoas, relações que chegam a constranger determinados leitores. Antigamente, o livro “Cântico dos cânticos” era proibido de ser lido pelos seminaristas que estavam em formação porque podia provocar certas tentações não coniventes com o celibato.

Há uma pergunta também sobre se o título do meu livro *treze contos diabólicos*, que é o mais recente, teve alguma razão de ser: numerologia, metáfora? Não. O 13, nos Estados Unidos, é um número de muito azar, tanto que os prédios não têm o 13º andar. No Brasil até há pouco era um número

de muita sorte, enfim, agora deu um azar danado, mas isso independe do número. O grupo de Jesus tinha 13 pessoas e aparentemente fracassou, mas a longo prazo deu certo, como eu acho que o do Brasil também a longo prazo vai dar certo.

Agora me perguntam: “Quem é o diabo para mim?” Eu digo que o diabo não merece a nossa fé, porque não acredito que Deus tenha concorrente. Não sou maniqueísta, não acredito que haja uma disputa entre o bem e o mal personificados em Deus e o diabo. Aí você fala: “Mas como é que aparece o diabo na Bíblia?” A linguagem popular é plástica, é aquilo que se fala, se vê; ao contrário, a linguagem acadêmica é abstrata, precisa-se quebrar a cuca para entender. Assim, como a Bíblia é um livro popular: não tem uma aula de teologia, não tem uma página de doutrina; conta causos de ponta a ponta, as parábolas. Como os hebreus não usavam conceitos, eles personificavam os conceitos, e daí vem o conceito de mau. É claro que isso é muito discutido pelos teólogos, mas prefiro acreditar que Deus não tem concorrente. O diabo é criatura, não é criador, e a coisa mais difícil é ir para o inferno. Eu nem sei se existe, mas, se existe, é muito difícil, porque Deus é amor. Como disse o Leonardo Boff, Deus é cheio de paixão, de compaixão e de perdão.

Outra pergunta é se eu acredito na paixão de Jesus por Maria Madalena. Não acredito pelo seguinte: as relações homossexuais, heterossexuais variam muito de termo para termo, de cultura para cultura. E nós cometemos um grave erro projetando práticas e costumes próprios da nossa época no passado. Eu vou dar um exemplo muito recente. Na minha adolescência, segurar na mão da namorada era um acontecimento de um longo romantismo, mas uma coisa absolutamente inebriante e fantástica. Hoje eu tenho um amigo que troca de namorada como de camisa. Outro dia chegou na casa dos pais e falou: “Eu quero comunicar aqui que eu vou ser pai”. O pai deles se virou e falou: “Você tem mais ou menos a idéia de quem é a mãe?” Então, a gente fica projetando essas coisas só porque Maria Madalena fazia parte do grupo de apóstolos e apóstolas de Jesus. Eu estou convencido de que Jesus tinha apóstolas, pois são citados nomes dessas mulheres, como no

primeiro versículo do capítulo 8 de Lucas. Chegando em casa à noite, você pode abrir lá sua Bíblia onde consta o nome de todas as mulheres: Maria Madalena, Susana, Joana. Essas mulheres eram apóstolas, e não é porque convivemos com mulheres que, necessariamente, temos paixão, relação etc. Eu vejo muito Jesus na dimensão do Che Guevara lutando na Bolívia. Se se está na iminência de uma morte, não dá para ficar pensando muito em constituir família, em ter filho. Alguém também me fala que pouquíssimas obras literárias falam do diabo, ou religiosas. Pelo contrário, o diabo atravessa a literatura de ponta a ponta, sobretudo a religiosa. Aliás, tem padres e pastores que preferem venerar o diabo, pois tanto falam que dão mais importância a ele do que a Deus, o que também muito me constrange como cristão.

“O que que eu penso da crise atual?” Primeiro, nós, da esquerda, já passamos por tantas derrotas e algumas delas recentes, como o fracasso da revolução sandinista na Nicarágua, a queda do muro de Berlim, que não vai ser esse acidente de percurso agora no Brasil que vai nos abalar. Por que não? Porque a causa que nos move não é se o PT vai indo bem ou não, se o governo Lula vai bem ou não. Tudo isso é importante, mas não é o fundamento da causa. O fundamento da causa é a existência da miséria humana. É a vergonha que nós temos de ver semelhantes nossos injustamente condenados à morte precoce. Todos nós que estamos aqui somos frutos da loteria biológica, e essa sorte é injusta, porque todos deveriam nascer no mundo e nesse país para terem uma vida digna e serem felizes. Lamentavelmente, nós temos seis bilhões de pessoas no planeta, das quais quatro bilhões vivem abaixo da linha da pobreza, o que comprova que o capitalismo também não é um êxito. É um êxito para nós, que usufruímos dele, mas não para a maioria da humanidade.

Outra coisa, Paulo Freire deixou muito claro que é difícil construir o homem e a mulher novos, que eu acredito que no futuro serão filhos do casamento de Ernesto Che Guevara com Tereza de Ávila. Como é difícil construir o homem e a mulher novos vivendo na velha sociedade! A cabeça do oprimido tende a ser a hospedaria do opressor. E como é difícil mantermos

a ética numa política tão imunda quanto essa. Mas tem um detalhe: quem tem nojo de política é governado por quem não tem. E se nós entrarmos nessa de que a política é nojenta, que vamos anular o voto e que não vale a pena votar, vamos passar o cheque em branco para os maus políticos, pois tudo o que eles querem é a nossa indiferença diante da política, é que não lutemos pela moralização da política. E não é por causa de meia dúzia de dirigentes petistas que agora vamos desmerecer o papel importante que o PT tem na história do Brasil. O PT tem oitocentos mil filiados e que estão, agora, às vésperas de renovar a direção nacional do partido, no dia 18 de setembro. Eu espero que se faça uma renovação radical que se resgate a nossa esperança. Nós não podemos achar, que isso que está acontecendo no Brasil, na lavanderia, é, ao meu ver, positivo, porque este tumor precisa ser estirpado o quanto antes, mas não podemos confundir isso com todo um processo histórico que está sendo construído neste país.

Termino dizendo o seguinte: preservar o PT não é uma questão de petismo, é uma questão de fortalecimento da democracia brasileira, porque eu estou convencido de que, se o PT não der certo, a democracia nesse país de novo vai correr risco, porque os pobres vão buscar nas vias não institucionais a maneira de lutar pelos seus direitos, e nós teremos, em breve, a colombização do Brasil. Então, essa é uma questão de lucidez. Nós temos que preservar esse partido, que abraçou causas sociais, que abraçou causas do pobre, criticando os vacilos do governo; criticando, como eu critico, a atual política econômica, que eu acho que beneficia muito o grande capital, pouco os mais pobres. Também defendo que o Brasil é melhor com Lula do que sem Lula; defendo a política externa, as políticas sociais nas quais eu trabalhei. Portanto, não vamos confundir a água suja da bacia com a criança. Tem muita coisa, muitas conquistas feitas nesse tempo que precisam ser preservadas e aprimoradas. Portanto, vamos manter a cabeça fria, vamos exigir que essas investigações sejam rigorosas, tanto quanto as punições, mas vamos ajardinar a nossa esperança com o cuidado que ela requer, não permitindo, como dizia o Henfil,

que pisem nas sementes que nós estamos plantando, porque são elas que vão nos dar a primavera.

Existe um momento específico no qual o escritor percebe que sua criação está pronta para ser editada? Ele sabe o momento exato em que ela está pronta para passar das mãos do criador às mãos dos leitores? É possível descrever verbalmente esse sentimento?

Alcione Araújo

Eu nunca acho que está concluído, eu tenho que entregar e aí entrego. Mas é um sofrimento achar que no capítulo tal podia ser assim, ou então a experiência da crônica semanal: você manda, acabou de mandar, e diz: “Poderia ter sido melhor etc.” Então, eu não sei se alguém um dia dá um livro por pronto e acabado. Você sempre tem a possibilidade de na segunda edição mexer, na terceira, mexer. É infernal porque esse é um prazer que se prolonga, se prolonga, mas não tem um momento de ápice. Portanto, fica complicado esse prazer quando dura muito assim.

Como você vê a teologia da libertação nos dias de hoje e sua relação com o novo papa? Quais serão os rumos da Igreja Católica hoje?

Leonardo Boff

O frei Betto deu o mote principal. Essa teologia surgiu ouvindo o grito dos oprimidos do mundo inteiro: oprimidos pela fome, pela miséria, pela marginalização. E hoje não só os oprimidos humanos gritam, mas gritam as águas, gritam as florestas, grita a própria Terra, e grita pedindo libertação. Portanto, a teologia da libertação é uma resposta generosa, humanitária, a todos esses que gritam. Como a pobreza no mundo cresceu, fez com que essa teologia fosse mais urgente do que antes. Talvez ela não tenha a visibilidade que tinha antes, porque antes era uma teologia polêmica. Hoje ela está presente nos grupos de base, na Igreja da libertação, em mil grupos que não aceitam o tipo de mundo que temos, que se organizam e lutam para saídas alternativas. A esse processo nós chamamos “libertação” de mil formas e, quando vem inspirado pela fé cristã, chama-se “teologia da libertação”.

Quais são os rumos da Igreja?

Leonardo Boff

Eu acho que depende de nós, de nós cristãos, e, especialmente, acho que é extremamente arriscado entregar os rumos das Igrejas, não só católica, mas a luterana, a presbiteriana, aos bispos, aos padres, aos papas, porque eles não nos têm dado bons exemplos nem têm mostrado coragem profética. Acho que a herança de Jesus é tão extraordinária para a humanidade que nós mesmos devemos nos responsabilizar pela Igreja e ajudar esse papa, que é um grande teólogo, mas, pela idade, fraco; que no seu sermão de domingo, falando a um milhão de jovens, disse o que um aluno meu do primeiro ano de teologia não diria a um milhão de jovens e ao mundo inteiro: “Jovens, estudem o novo catecismo”. Eu esperaria dele: “Jovens, escutem, leiam a profunda palavra de Deus”. Catecismo é invenção dos bispos; palavra de Deus é coisa dos homens. Isso é que nós queríamos. Então o desafio é nosso: nós queremos salvar a herança de Jesus, nós leigos, já que Jesus não foi um levita, foi um leigo, um poeta, descendente de guerreiros, e até como Davi, amante de mulheres.

Você é conhecido como o teólogo da libertação. O que tem a dizer sobre a importância da literatura para a libertação integral do ser humano? O sincretismo religioso ajuda na libertação?

Leonardo Boff

Eu acho que toda a grande saga, todo o grande feito histórico, produz seus poetas, seus literatos, seus romancistas, seus escultores. A saga da libertação dos pobres, dos anos 60 para cá, produziu uma vasta literatura popular. Se vocês ouvissem as canções das 60-70 comunidades de base, dos grupos do MST, dos cristãos engajados na libertação, veriam que são de grande beleza poética e beleza melódica. Isso também é literatura. Nós não podemos entender Ernesto Cardenal, talvez o maior poeta vivo da América Latina, sem a saga da libertação sandinista, sem a luta da libertação dos pobres da América Latina. Não entenderíamos Pablo Neruda, com o exílio que sofreu, sem a poesia engajada dele a favor dos pobres,

contra os poderosos. Não entenderíamos Antonio Calado, com seu romance *Quarup*, que foi o antecipador da teologia da libertação, porque o padre que lá é um dos personagens principais é um teólogo da libertação. Pessoalmente, acho que nós, aqui no Brasil, temos o maior místico no âmbito dos cristãos, o maior místico e o maior poeta, que é dom Pedro Casaldaghi, que está à altura de um João da Cruz na poesia e na mística, profundamente engajado na libertação.

“O sincretismo religioso ajuda na libertação?”

Leonardo Boff

Acho que não existe religião que não seja sincrética, porque a religião é viva, é como o estômago: comem-se mil comidas, como comida japonesa, churrasco. Faço uma síntese de mil coisas e tudo é vida. Assim, as religiões assimilam símbolos, tradições e ritos e não existe nenhuma religião mais sincrética do que a Igreja Católica. É o maior sincretismo que temos, da tradição judaica, da tradição grega, da tradição latina, da tradição bárbara, do germânico, da tradição indígena, todas as tradições, mas manteve a sua identidade. Portanto, não é discutir o sincretismo, o que significa, em que medida o sincretismo não favorece as discriminações, pelo contrário, favorece a paz entre os povos. O importante é que as religiões hoje não sejam fonte de fundamentalismo. Quase todas as religiões hoje estão doentes. Tem o fundamentalismo católico, muçulmano, evangélico, que produz terror, que separa os povos dentro da globalização. Portanto, devemos perguntar: em que medida as religiões, sincréticas ou não, pois as puras não existem, servem aos seres humanos a se encontrarem e apresentam uma imagem de Deus que seja acolhedora de todos como filhos e filhas, sem nenhuma discriminação? Que elas sirvam à humanidade, porque essa humanidade é o verdadeiro povo de Deus.

Como teólogo independente da espiritualidade intrínseca a cada ser humano, como vê o embate entre os santos e a virgem Maria, entre católicos e protestantes?

Leonardo Boff

Essa é uma velha história, na qual eu nem gostaria de entrar muito porque talvez eu seja o católico mais exagerado que houve na história do cristianismo, pois fui o único teólogo, em dois mil anos, que teve a inaudita coragem de contradizer os nossos irmãos protestantes, que estão furiosos comigo até hoje, de dizer que os católicos não só veneram Nossa Senhora, não só têm uma relação de hiperveneração, mas têm todas as boas razões, que foram dadas pelo grande psicanalista Carl G. Young, de adorar Nossa Senhora. Ela é o rosto materno de Deus, ela é Deus na forma de mãe; por isso, a nossa relação com Nossa Senhora é única; atrás dela não tem ninguém, ela é a última instância. Eu cheguei a essa teoria teológica e escrevi dois livros sobre isso, mandei encadernar um a couro e a ouro para entregar para o papa João Paulo II, porque a minha suspeita era de que ele, em segredo, adorava a Nossa Senhora preta de Chestokova na Polônia. E como o papa é infalível, não pode errar, eu vou fazer a teoria da prática do papa. Então ele disse: “Pode continuar adorando Nossa Senhora, você está certo, porque, segundo a minha teologia, você pode adorar”.

Eu cheguei a isso quando estava no México, venerando lá Nossa Senhora de Guadalupe. São milhares de pessoas que vão para lá de joelhos, se arrastando quilômetros e quilômetros. Eu estava lá com meu hábito franciscano, dentro daquele quadro, e perguntei a um camponês que estava ajoelhado e chorando: “Irmanito, tu adoras a la virgem?” “Como não voi adorar la virgem fradezito, si que la adoro”. Eu disse: “Você tem razão, porque a Nossa Senhora de Guadalupe é uma das poucas estátuas, talvez a única, em que Nossa Senhora aparece grávida”. Então eu digo: num momento da história da humanidade a mulher é o centro, porque ela guarda dentro de si o filho, que, para os cristãos, é o Deus encarnado. E há o Espírito Santo, que continuamente está criando essa carne sagrada, esse filho que está nela, e, lá em cima, o Pai, que enviou o filho Espírito Santo. Num momento da história, portanto, não é o homem que está no centro, é uma mulher. E a antropologia nos diz que, na mulher grávida, a mãe e sua criança são uma realidade só.



Frei Betto

Mineiro de Belo Horizonte, nasceu em 1944. Estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Autor de mais de trinta títulos, já teve sua obra traduzida para várias línguas e publicada em dezena de países. É detentor de prêmios como Jabuti, Juca Pato, Intelectual do Ano, Medalhão Chico Mendes, entre outros. É autor de *Entre todos os homens*, *Hotel Brasil*, *Treze contos diabólicos* e *um angélico*. É assessor e consultor de movimentos populares.

O tema que foi sugerido é falarmos um pouco da sublimação pela estética e pela espiritualidade. Eu não tenho dificuldade com a questão da estética, nem com a questão da espiritualidade; a minha dificuldade é com a sublimação. Eu preferiria falar em transcendência ou em “transfundência”, com a permissão do neologismo, essa capacidade de podermos transcender, de penetrar no mais íntimo de nós mesmos. Do meu ponto de vista, quando falo em espiritualidade, estou falando de todas as tradições espirituais, não só daquelas que nós conhecemos. Existem centenas e milhares de tradições indígenas, nos clãs africanos, nos povos asiáticos, que, feliz ou infelizmente, ainda não foram catalogadas, não foram registradas, nem são divulgadas. Talvez isso faça muito bem a quem as pratica, porque evita um certo turismo para aquilo que muitas vezes, equivocadamente, chama-se de “folclore religioso”. Mas toda a experiência espiritual, nesse sentido mais profundo, é uma experiência estética.

O Jostein Gaarder levantou aqui que há dois grandes mistérios na cabeça dele, dos quais um é a consciência humana, que nenhum neurologista explica, e o outro é o que aconteceu nos primeiros segundos do bigue-bangue. Bem, eu não sei desvendar o primeiro mistério, mas sei a resposta que Santo Agostinho deu quanto ao bigue-bangue. É claro que, no tempo de Santo Agostinho, no século IV, não se falava em bigue-bangue, de modo que a questão foi colocada em outros termos. “O que fazia Deus antes da criação do universo?” Santo Agostinho deu uma resposta primorosa: “preparava o inferno para quem faz esse tipo de pergunta”. Então, pena que ontem não pudemos dizer isso para ele. Tanto na dança como na pintura, na música, na literatura, o que a experiência estética busca? Busca traduzir o belo. Por isso, embora eu seja uma pessoa assumidamente de esquerda, eu sempre digo aos novos autores: não existe literatura de esquerda ou de direita, existe literatura bela, ou não é literatura. Ou seja, o fundamental no texto é o sabor estético. Aliás, a palavra “sabor” e a palavra “saber” são irmãs gêmeas: o saber deve ter sabor e o sabor nos traz saber.

Portanto, o que caracteriza a arte é a expressão de um saber com sabor estético. A busca do belo é o que todos nós buscamos, embora, culturalmente, a noção de beleza se modifique de povo para povo, de época para época também. Na minha infância, as atrizes de Hollywood gorduchas é que faziam sucesso; hoje a anorexia predomina em matéria de modelo de beleza. Tem gente que morre antes de ficar bela porque passa fome; algumas sobrevivem. De qualquer maneira, revelam-se dois aspectos importantes: a beleza é um conceito cultural que varia de época, de cultura, de pessoas também. Quando a Rose Mari Muraro fez a pesquisa sobre a mulher brasileira, verificou que as mulheres pobres consideram belas as mulheres gordas, porque é sinal de saúde, de vitalidade. Aliás, essa ditadura, não da estética, mas da glamurização das formas, está de tal ordem ocupando espaços que, em breve, os prefeitos vão baixar leis proibindo sair à rua gordos, carecas, velhos, enrugados e de cabelos brancos para não estragar a paisagem. Se não tomarmos cuidado, isso em breve vai acontecer.

Ora, a questão da estética, da busca do belo, é, sobretudo, uma experiência espiritual. Pergunto ao Leonardo, que já escreveu mais de setenta livros, ao Loyola, ao Alcione, se eles estão satisfeitos com o que já produziram. Não, todo o autor está em busca de uma maior perfeição na próxima obra. Por quê? Porque nós estamos em busca de uma experiência espiritual, que buscamos quando pintamos, quando fazemos música, quando escrevemos poesia, quando dançamos, quando cultivamos uma planta, ou cuidamos de um jardim. Toda obra de arte é a busca de mais beleza, e isso é uma experiência espiritual. É isso que a fé lê como experiência de Deus. E é interessante observar que no Novo Testamento a definição de Deus é que Deus é amor. A primeira carta de João, inclusive, é revolucionária quando diz que “quem ama conhece a Deus.” É interessante que ele não diz “quem conhece a Deus ama”. Tem muita gente que professa o nome de Deus, mas não ama, como aquele imbecil pastor americano que pediu ao governo dos Estados Unidos para assassinar o Chaves em nome de

Deus. Nos Estados Unidos tem bons e maus terroristas. Eles fazem esta distinção: os de dentro são bons, os de fora são maus.

Ora, a experiência amorosa é o supra-sumo da experiência estética e da experiência espiritual. Eu queria chamar a atenção para esse ponto de síntese. Quando falo da experiência amorosa, não estou falando apenas da relação entre parceiros, da relação afetiva entre parceiros que se unem em função de um projeto de vida. Estou falando da experiência amorosa em relação aos filhos, à paz, mas, sobretudo, a experiência amorosa em relação às pessoas que não têm possibilidade de nos dar retorno afetivo. Este é o amor mais desafiador: quando a gente ama sabendo que o amor que temos àquela pessoa é vital para a existência dela, mas não devemos esperar retorno, porque esta pessoa possui condicionamentos objetivos e subjetivos. Estou, por exemplo, lembrando de pessoas que sofrem de deficiência mental, mas é o nosso amor que sustenta a vida dessas pessoas. Então essa é uma experiência de Deus.

Eu costumo sempre dizer que o ideal será quando as religiões ensinarem que tanto a paixão de João por Maria, aos 16 anos, quanto a paixão de João da Cruz e de Tereza de Ávila por Deus é a mesma experiência. Lamentavelmente, a nossa cultura, por fatores que não há tempo para analisar aqui, colocou Deus lá em cima e a experiência amorosa aqui em baixo. Contudo, toda experiência de amor, no nível mais pessoal, mais social, é uma experiência de Deus, a ponto de João da Cruz cunhar, já que estamos falando de estética, um dos mais belos versos da literatura erótica. E quando falo de erotismo, não estou falando de pornografia, mas dessa expressão mais forte da vitalidade amorosa. O verso é este: “Ó noite que junteste amado com amada, amada já no amado transformada”.

É preciso viver uma paixão muito intensa para fazer uma obra muito intensa. Isso me leva a um outro poeta, chamado José Coronel Urtrecho, da Nicarágua, que escreveu sete livros de poesia. Ele já morreu, e eu o conheci no início dos anos 80, na Nicarágua. Já era uma pessoa idosa, que dedicou seus sete livros à mulher, Júlia, por quem ele foi até o fim da vida profundamente apaixonado. Num desses poemas ele descreve

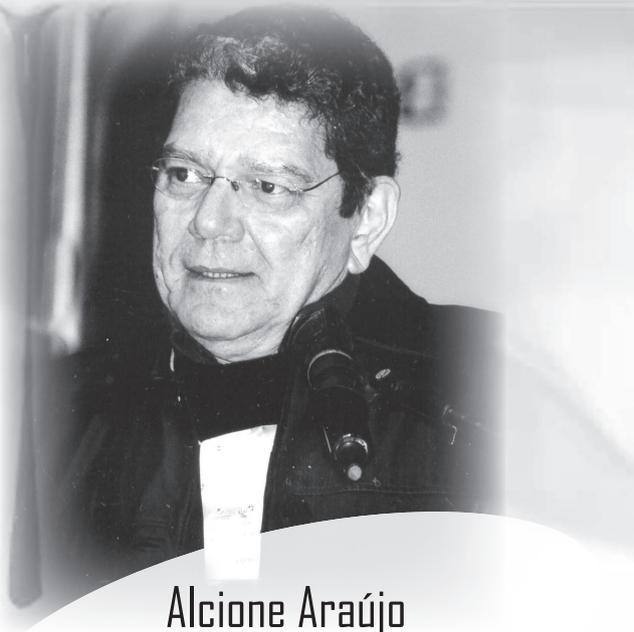
a lua-de-mel naquela época, quando as pessoas tinham lua-de-mel – porque hoje tem gente que casa de manhã e vai para o trabalho à tarde, dar aula em seguida –, viajavam, iam para um hotel e não existia telefone celular. Todos esses fatores são importantes, ou seja, havia uma liturgia do encontro nupcial e, como liturgia, é fundamental. Nós fazemos essa experiência todo o dia. Experimentem comer sozinho e em pé. É uma agressão, porque o ser humano é um ser litúrgico, nem que seja a simples liturgia de sentar-se a uma mesa e partilhar com outro o ato de se nutrir da vida que deixou de ser vida para nos dar vida, em outras palavras, toda refeição é uma experiência de comunhão; é um animal que morreu para nos dar vida, é um vegetal que morreu para nos dar vida, e quando comemos dialogando, estamos trocando vida com o parceiro, com a parceira.

O Coronel Urtrecho dizia no poema: “Quando me tranquei no apartamento com a minha noiva, já havia dado ordens ao hotel que de modo algum eu poderia ser incomodado. Era a nossa noite de núpcias. Eis que mal tranco a porta e preparamos o leito, alguém bate ferozmente querendo entrar. Fiquei profundamente irritado, porque havia ordenado: ‘Não posso ser incomodado’. Mas continuavam a bater. Para me ver livre do inoportuno abri a porta e eis que me deparo com Deus. Fiquei perplexo. E Deus disse para mim: ‘José, o leito é grande’. Virei-me para trás e verifiquei que a cama era grande. Disse: ‘Sim, Senhor, entre, cabemos os três’. Deus me fitou e disse: ‘José, três somos nós, o Pai, o Filho, o Espírito Santo’. E eu disse: ‘Venham todos’. E foi uma noite de grande orgia espiritual.” Ou seja, o que quero traduzir com isso? Quero traduzir que algo muito simples, a descoberta de Deus pelo ser humano, foi aquele exercício citado ontem aqui, de um salto da consciência animal nesse nível da escala humana, o bicho homem, o bicho mulher. Toda vez que produzimos arte, estamos querendo nos transcender, e toda a arte é também um exercício de busca de imortalidade, porque nenhum artista quer que sua arte pereça. A arte de alguma forma sobrevive a nós, embora existam academias de letras onde há escritores cujas obras são menos imortais do que eles, mas são exceções,

pois ali também tem muitos escritores cujas obras são imortais.

Ora a obra de arte, no mais profundo, é uma experiência religiosa; no sentido etimológico: ela nos religa com o transcendente, nos religa com Deus; nos religa com o próximo, porque toda a arte é uma forma de comunhão universal. Nós queremos que outros comunguem o ato criativo de que fomos capazes. Por que o amor é a síntese entre essa dimensão estética da criação e a dimensão propriamente religiosa da espiritualidade? Por uma razão muito simples: porque aprendemos no Ocidente uma espiritualidade da ameritocracia. O nosso Deus tem mais a ver com a filosofia grega, com a literatura grega, do que com o Evangelho. É aquela imagem de que os meus méritos me permitem subir a montanha das virtudes morais e ter como prêmio o convívio com Deus, a santidade. Na linha do Evangelho é exatamente o inverso: não há montanha, não há Deus lá em cima, não há mérito; o Deus de Jesus é o Deus que veio para os pecadores, não para os santos, em outras palavras, Deus é amor e nos ama incondicional e apaixonadamente, independentemente do que passamos.

Quando eu estava preso numa penitenciária comum, vi essa imagem de Deus no comportamento de uma senhora extremamente miserável, mãe de um dos maiores bandidos da penitenciária, chefe de quadrilha lá dentro, condenado a mais de quarenta anos. Ela tinha que ficar na visita três horas, porque o regulamento não permitia que ela visitasse o filho só 15 minutos ou meia hora, mas eles não tinham assunto. E eu vi aquele homem enorme, debruçado com a cabeça e o tronco no colo da mãe, que se sentava em frente a ele e ficava três horas alisando a cabeça do filho. E eu dizia, se essa mulher ama esse homem com toda a desgraça que ele já provocou na vida e continua provocando na cadeia, é porque Deus não pode ser menor do que ela. É isso. Em outras palavras, como a relação amorosa é uma relação de liberdade, cabe à nossa liberdade se abrir ou não ao amor de Deus que se derrama gratuitamente sobre nós. Essa experiência, que na tradição cristã se chama “mística”, sem dúvida, é a grande experiência estética e espiritual da felicidade humana.



Alcione Araújo

Nasceu em Minas Gerais e vive no Rio de Janeiro há mais de vinte anos. Deixou a carreira de professor universitário de filosofia para ser escritor em tempo integral. Escreve telenovelas, ensaios literários e filosóficos, faz conferências, dá palestras e participa de debates pelo país e no exterior. Escreveu, entre outras peças, *Vagas para moças de fino trato* e *A prima-dona*, reunidas em três volumes, lançados em 1999 com o título *Teatro de Alcione Araújo* e *Caravana da ilusão*. Para o cinema, escreveu roteiros de filmes como *Nunca fomos tão felizes* e *Policarpo Quaresma*. Desde 2001, escreve, semanalmente, crônicas para o jornal *Estado de Minas*.

O frei Betto mencionou a experiência estética como sendo uma experiência espiritual, portanto, transcendental. Esse argumento, essa partida, é suficiente para esclarecer o que eu gostaria de dizer a vocês. Ele também mencionou Santo Agostinho, por quem tenho uma enorme admiração, pois penso que é o santo mais pecador que tem; por isso tenho paixão por ele, por ser um santo homem. Santo Agostinho disse que Deus é inapreensível no domínio da razão. E a experiência estética é uma experiência dessa natureza, é uma experiência de transcendência, contudo uma transcendência de um ponto de vista diferente. Vou começar exemplificando como o sentido deste evento, sentido mais profundo que justifica, que explica esta Jornada, que é a leitura, o ato de ler. Há suposição de que a experiência estética está em nós artistas e escritores, mas eu penso que a questão tem uma certa fenomenologia singular que eu gostaria de ser minucioso para esclarecer.

O que é o ato de ler? Alguém pega um livro, que por uma razão qualquer veio parar nas suas mãos, e começa a ler; uma palavra se adiciona a outra palavra, a outra palavra, até se constituir numa frase, num parágrafo, e, a partir de um certo momento, essas frases vão criando, na verdade, estímulos à pessoa, ao leitor, que vai trazendo à tona a sua experiência existencial, a sua carga de vivência no mundo, a qual vai ser estimulada e, ao mesmo tempo, cotejada pelo estímulo que vem do autor. Tendo em vista que o autor pode até já ter morrido, o que restou foi aquela obra fria, letras, palavras com símbolos gráficos que precisam ter um certo tipo de instrumental para serem decodificados. Apesar dessa frieza, algo vai se dando no leitor a partir da sua própria subjetividade, daquilo que ele acumulou ao longo da vida. Então, a partir desse estímulo, num âmbito inteiramente subjetivo, ele começa a criar o romance, a história; o fato estético não se dá na obra concluída pelo escritor, mas no momento mesmo em que o leitor o realiza em si numa dimensão espiritual. O momento dessa realização desloca o leitor de si, desse lugar, pois, por causa dessa experiência emocional subjetiva singular, cada

leitor lê a sua própria história e é deslocado para algum outro lugar, no qual se dá a transcendência.

O fenômeno da estética é um fenômeno transcendental, porque te retira do teu pouso habitual, pleno de realidade daquilo que você possa capturar da realidade, e te transporta para alguma coisa que é subjetiva e que tem uma dimensão espiritual. Ali quem tem o privilégio da fé vai encontrar-se com Deus. Quem ainda não chegou a esse privilégio ou não o mereceu? Vai localizar aí o encontro consigo na mais profunda subjetividade, que é o desvelamento pela emoção do seu verdadeiro eu que se manifesta, emocionando-se com tal ou qual estímulo. Você se revela ao escrever, mas você se revela também com aquilo que o emociona na leitura. Esse é o fato estético mais profundo, onde há o encontro do eu consigo mesmo, e naquele lugar se dá uma transcendência do homem com ele mesmo. É uma transcendência diferente, que parece a transcendência do encontro com Deus, porque inclui a imanência, inclui as suas características de pessoa, pois o coração continua batendo, a sensualidade continua presente. Se aquilo te estimula de alguma forma, estará presente, você sua, o pulso bate, está todo o tempo vivo e presente. Não é um encontro apenas de espírito, mas um encontro que inclui a carne. É uma transcendência do homem com o homem para um outro lugar do próprio homem. A diferença me parece essa.

E, curiosamente, me parece pequena, porque, dentro da liturgia que o frei Betto manifestou aqui e dentro das diversas e sucessivas metáforas que as obras de arte são suscetíveis de apresentar, essa liturgia também subsiste a uma carne que é metaforizada em outra carne. Há também corpos que se transformam em outros corpos e muitas vezes vinho se transforma em água, dependendo do poeta ou do escritor. Essa liturgia também se cumpre num plano metafórico. Para exemplificar de outra maneira, de uma forma mais abstrata, é um sentimento comum que vocês estejam ouvindo uma sinfonia, um concerto sinfônico qualquer, de um grau de abstração extraordinário, que é um som e um silêncio, o conjunto de sons com o silêncio. Essa coisa abstrata, intangível, inapreensível

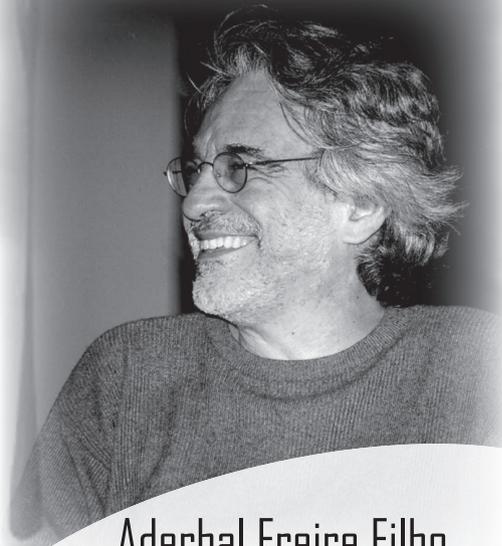
e invisível é capaz de fazer um transporte lento e progressivo de um determinado estado, “o estado d’alma”, como diriam os parnasianos, para um outro estado da alma, sem nenhuma materialidade. Trata-se de algo subjetivo que te leva a uma transcendência. Ouvir Beethoven é se deslocar de um lugar ao outro, arrastando consigo tudo que é emoção, corpo, vida, vitalidade, erotismo, sensualidade, e nesse outro lugar estar presente com o corpo e estar presente num outro lugar que não é o seu lugar físico.

O que estou querendo dizer é que a experiência estética não é algo do artista, mas se dá no fruidor, que é quem concretiza a plenitude da experiência estética. Nós somos apenas os estimuladores de um fenômeno que ocorre com vocês e no plano inteiramente subjetivo. Você pode estar completamente imóvel, parado, assistindo a um filme, e o mundo gira, roda, e você gira e roda com o mundo a partir do que você é capaz de imaginar, a partir do que você é capaz de perceber e se emocionar. Esse é o fenômeno estético que se dá não entre os artistas: se dá no fruidor. Aí aparece uma questão que Jean Cocteau colocou na forma de um paradoxo, que é “a arte é indispensável”. A arte é indispensável para ser isso, para fazer esse deslocamento, para fazer a possibilidade desse encontro de vocês, de suas emoções, de maneira que seja reveladora daquilo que você é. A cena de um filme que te tocou de tal ou qual maneira te revela um ser que talvez você não veja diante do espelho; portanto, a cena de um filme é muito mais um espelho para a tua subjetividade do que o espelho concreto que revela o teu rosto.

É lá, nesse lugar imaterial, intangível e invisível, que repousa o eu, um eu que nós não sabemos nunca definir, uma vez que é uma construção feita pelo outro. O que é o eu? É uma pergunta curiosa, tendo em vista uma sociedade, uma cultura que, num momento, fala em eu, eu, e alimenta um narcisismo sem que se saiba o que seja eu. Não existe um eu se você se perguntar o que sou eu, uma pergunta que Édipo, o rei, foi fazer e descobriu como uma tragédia. O eu é uma construção feita eternamente, que nunca tem um fim. Esse eu, a

possibilidade desse encontro extraordinário, pode se realizar no plano da estética, mas admito que possa se dar no plano do religioso. É um encontro profundo dessa cena que o frei Betto descreveu aqui, em que acredito piamente, porque, descrita como forma de arte, sou capaz de assimilá-la na sua plenitude. Quando tem três em cima de um mesmo leito, é possível ter uma noite de orgia, tanto quanto o êxtase de Santa Tereza de Ávila, que é, ao mesmo tempo, carne, paixão, religião, fé, amor carnal.

Portanto, o que é de transcendência na experiência estética é tudo, razão por que é quase uma banalização na nossa experiência no mundo discutir a arte do ponto de vista de mercado. É como se a nossa própria experiência subjetiva valesse dinheiro a ser trocado. Nós estamos nos submetendo às regras de um capitalismo que quer transformar em valor de troca alguma coisa como a minha subjetividade, o que é impossível de ser valorizado. É o que é, afinal, o que eu sou no mais íntimo de mim e que às vezes me é intangível. Portanto, se é que há uma diferença que eu não consigo alcançar entre a transcendência religiosa, o encontro com Deus através do espírito, e a transcendência pela fruição estética, o encontro comigo através do espírito, não sei localizar onde se dá essa diferença exatamente. Talvez isso tudo que eu falei explique por que eu esteja entre duas figuras santas e que, portanto, através dessa transcendência vocês possam entender a diferença entre o que eles encontraram e o que eu ainda não encontrei, não obstante sejamos todos homens e todos confiantes em que a arte é capaz de transformar o homem e fazer o encontro dele consigo mesmo no plano espiritual.



Aderbal Freire Filho

Diretor de teatro. Fundador do Grêmio Dramático Brasileiro, 1973, e do Centro de Demolição e Construção do Espetáculo, Aderbal Freire Filho assina, entre outros, *Apareceu a margarida*; *A morte de Danton*; *A mulher carioca aos 22 anos* e *Tiradentes*. Distingue-se entre os diretores brasileiros por aliar a busca constante por novas formas de teatralismo a uma encenação que prioriza o ator como agente principal da linguagem e da comunicação das idéias do texto. Privilegia dramaturgos nacionais e latino-americanos e dedica ao texto um minucioso estudo que, realizado em conjunto com os atores no processo da encenação, serve de alavanca à criação da linguagem de cada espetáculo. Percorre, ao longo da sua carreira, uma gama variada de linguagens e projetos cênicos e caracteriza-se pela ênfase na função questionadora do processo de criação teatral.

Durante algum tempo eu acreditava que, como o teatro é rico de possibilidades, ia encontrar na literatura não dramática, nos romancistas, mais assuntos, mais temas e até mais profundidade do que na própria dramaturgia, pelo menos na excelente dramaturgia brasileira e universal. No caso, são os dramaturgos que nunca escreveram sequer uma peça, pois são os romancistas levados ao teatro. Isso cria uma categoria de dramaturgos que eu poderia chamar de “não dramaturgos”, porque não escrevem peças, mas cujas obras oferecem ao teatro amplas possibilidades de usar o texto, os personagens, as situações e explorá-los cenicamente. Então eu tinha a fantasia de montar alguns romances, porque eu gostava muito de fazer adaptações desses romances. Então, num determinado momento, resolvi montar um romance de um escritor brasileiro que produziu toda a sua obra entre 1930 e 1935, que se chamava Ariosto Palombo, mas assinava “João de Minas”, pouco conhecido hoje como João de Minas.

O autor era de Ouro Preto, mas viveu a maior parte do seu tempo em São Paulo. Era uma figura extraordinária. Toda a sua obra tinha sido publicada entre 1930 e 1935. Era um romancista, digamos, de uma literatura pornográfica, como sugerem os títulos de alguns de seus livros: *Uma mulher, mulher, Fêmeas e santas, A prostituta no céu, A mulher carioca aos 22 anos*. Esse romancista tinha parado de publicar em 35 e eu sempre pensei que ele tinha morrido. Então comecei uma investigação sobre a vida dele nos anos 70 e descobri os seus livros nos sebos. Fui comprá-los em sebos do Brasil inteiro. Em Porto Alegre encontrei um ou dois dos seus livros, de cuja existência eu já sabia, mas ainda não os tinha conseguido, enfim, em Recife, no Rio, em São Paulo. Consegui juntar a obra toda dele e procurá-lo. Resumindo, descobri que, de fato, ele morreria em 1984, com cerca de cem anos e líder de uma Igreja no interior de São Paulo, a Igreja Comunista Cristã Científica. Então ele parou de assinar João de Minas e passou a assinar Mahatma Patiala, que era o nome com que ele conduzia a Igreja Comunista Cristã Científica. Ele não tinha parado totalmente de escrever, pois escreveu a Bíblia da sua Igreja, onde diz que a verdade está na ciência divina, algo assim, e começa com a vida do profeta, que é ele mesmo, que é sensacional. Ele conta, por exemplo, que até os seis anos de idade nunca tinha

pronunciado uma palavra, e a família, desesperada com aquele garoto que não falava, mas então, aos seis anos, ele entrou no meio de uma discussão e fez um discurso completo. Ele explica que não queria ficar dizendo “gu gu, pa pa, ma ma”, mas mostrar às pessoas o seu aprendizado; ele não queria exibir a sua pobreza verbal enquanto estava ouvindo e entendendo, nem queria mostrar que falava mal. Então, quando ele achou que já dominava, falou tudo. Assim começa a Bíblia de João de Minas, que foi o último livro que ele escreveu. Ele não ensaiou, como diz o Walmor, ele já estreou direto e pronto.

Eu encenei um romance desse escritor, desse cidadão, *A mulher carioca aos 22 anos*. Todos os romances dele eram esgotados, mas uma editora e livraria do Rio, chamada Dantes, há poucos anos reeditou *A mulher carioca*. Eu até fiz um posfácio, porque, como me interessei em descobrir sobre a vida dele, acredito que sou o maior especialista em João de Minas. Nessa edição da Dantes a vida dele está contada por mim, num posfácio que se chama “Quem é esse cara”. Quando eu li *A mulher carioca aos 22 anos*, achei que, se o adaptasse, estaria talvez, pelo estilo, pelas possibilidades, escrevendo um Nelson Rodrigues póstumo. Isso porque o estilo dele seria levado ao teatro, mostraria os personagens como aqueles do Nelson Rodrigues; mostraria algumas situações que talvez levassem a alguns diálogos como o dele. Por outro lado, seriam perdidas as descrições, os sabores, as loucuras, as barbaridades, no melhor sentido, de João de Minas. Por isso, resolvi montar o romance como era e não mexi nele. Nesse momento até intitulei isso de “romance em cena”, o que passou a ser uma obsessão na minha carreira, na minha vida, fazer romance em cena, pois eu estou sempre querendo fazer mais um romance.

Há dois anos fiz o meu segundo romance em cena, que é da obra de um português chamado Diniz Machado, *O que diz Molero*, que acaba de ser publicado no Brasil pela José Olympio. Eu escrevi a orelha desse romance. Agora, o Diniz fala muito comigo. O autor mora em Lisboa, e nos telefonamos com frequência. Então eu disse: “Finalmente o seu livro vai sair no Brasil e eu vou escrever a orelha, me convidaram para escrever a orelha: Ele dizia cortezmente: “Ah, muito bem, muito bem”. Só depois descobri que ele não tinha nem idéia do que era escrever a orelha. Ele devia dizer: “O que o

Aderbal quer dizer com isso? O que é a orelha? Que orelha ele vai escrever?” Quando o livro saiu, telefonei para ele, e ele disse: “Ah, adorei a suapa que escreveste”. Enfim, o livro do Diniz Machado está aí, em português, editado no Brasil; em Portugal é um sucesso de vendas, um livro que é considerado o grande retorno da literatura em Portugal depois do salazarismo. Editado em 1977, está na vigésima edição, pela Beltrant. Enfim, é uma referência da literatura pós-salazarista de Portugal. Esse romance também montei, sem mexer no livro, como um romance em cena.

No meu próximo projeto, tenho muita vontade de montar o *Púlcaro Búlgaro* do Campos de Carvalho, tal como está, como romance em cena. Naturalmente, pela extensão, o máximo que faço são alguns cortes, mas tento não tocar no romance. Para mostrar um exemplo, inclusive tenho aqui *O que diz Molero*, do Diniz Machado. A adaptação do romance em cena se dá assim. No romance está assim: “A passagem do relatório que esclarece o problema, passagem aparentemente insignificante, mas que talvez seja efetivamente outra coisa. Como o fato do pai jogar boliche com garrafas, como lá no bairro ainda ninguém sabia o que é boliche. Isso depois de beber o conteúdo das garrafas, eram garrafas de vinho, cerveja, aguardente e o mais que desse. Ele ficava bêbado e depois jogava boliche e partia as garrafas com a grande bola de [inaudível] de chocolate”. Vou ler agora como ficou depois que eu fiz uma adaptação profunda: “A passagem do relatório que esclarece o problema, passagem aparentemente insignificante, mas talvez seja efetivamente outra coisa, como o fato do pai jogar boliche com garrafas, como lá no bairro ninguém sabia o que era o boliche, isso depois de beber o conteúdo das garrafas. Eram garrafas de vinho, cerveja, aguardente e o mais que desse. Ele ficava bêbado e depois jogava boliche e partia as garrafas com a grande bola de [inaudível] de chocolate.” Como vocês vêem, é uma adaptação completamente diferente, muito melhor do que o original, porque eu sempre conto com o teatro para dar esse *plus* e fazer muito mais.

Falando disso, me lembra sempre um personagem do Borges, autor do *Quixote*, o Pierre Menard, que é um conto interessantíssimo. O conto é sobre um cara que queria escrever o *Dom Quixote* e fez várias tentativas até que, finalmente,

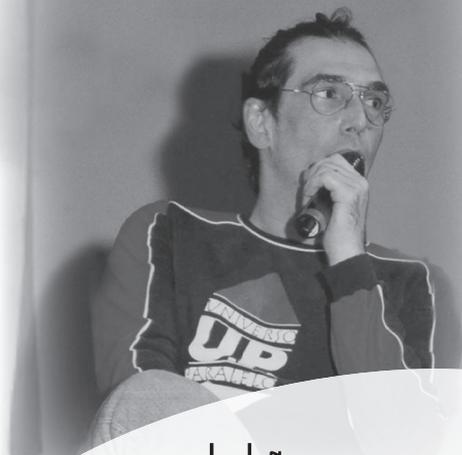
conseguiu e escreveu exatamente igual. O Borges transcreve um trecho de *Dom Quixote* do Cervantes, depois um trecho do Menard, e diz: “Esse do Menard é muito melhor, porque o Cervantes vivia naquele tempo, podia falar disso, sabia mais ou menos essa história. Agora o Menard hoje, vivendo hoje, escrever isso, é um escritor muito melhor, de muito mais recurso.” É o meu caso, pois fiz isso no Rio de Janeiro, sem ir a Portugal. Isso é a adaptação. Só para complementar, o romance em cena é um teatro que tem a narração, mas não tem o narrador; é um teatro que quer equilibrar o épico e o dramático, o que só é possível porque existia um cara chamado Prestes, que reconsiderou a questão da ilusão do teatro. Portanto, daí para frente fica cada vez mais claro que a natureza da ilusão do teatro é diferente, por exemplo, da natureza da ilusão do cinema, e é um jogo do qual participa todo o espectador.

Para deixar claro o que é um narrador, o que é ter narração e não ter narrador, o que é uma natureza de uma ilusão diferente, estou montando neste momento uma peça, que é originalmente o roteiro de um cineasta muito famoso e que vocês devem ter visto até o filme, *Sonata de outono*, do Bergman. O roteiro desse filme está sendo montado em teatro e posso, portanto, conviver com essa relação, com esse outro tipo de dramaturgia, a do cinema e a do teatro. É outro tipo de arte dramática, o cinema e o teatro: no cinema o ator vive e a câmara mostra; no teatro, o ator vive e mostra. Então, o ator do teatro é, ao mesmo tempo, para usar a linguagem de teatro de bonecos, o boneco e o bonequeiro, o que é o personagem e o que mostra o personagem. Essa questão modifica profundamente o jogo, o papel do ator no cinema e no teatro. Vou contar uma história. Não sei se vocês conhecem um diretor de cinema que se chama Andrzej Wajda, aquele polonês que dirigiu *Samson*. Ele diz que uma vez estava ensaiando uma peça de teatro, pois também é diretor de teatro, e o ator deveria fazer uma cena em que morria, em que começava a passar mal. Quando o ator estava ensaiando a cena, o Wajda, da platéia, disse: “Pára, pára que ele está morrendo mesmo”. O cara estava lá deitado, morrendo mesmo. Chamaram uma ambulância e salvaram o ator. Aí perguntaram ao Wajda: “Por que você, na platéia, descobriu que ele estava mesmo passando mal, estava morrendo e não representando?” Então,

o Wajda disse: “Ele estava fazendo tão mal.” Na verdade, eu penso que, se o Wajda estivesse filmando, o ator teria morrido. Provavelmente, ele sentiu falta, nesse ator, do bonequeiro, só havia o boneco, sem noção de disposição de fato, viver a situação. Se o Wajda estivesse filmando, ia dizer: “Ótimo, ótimo”. Portanto, essa diferença é fundamental.

Na peça que estou fazendo do Bergman, por exemplo, entre cena e cena, os atores desmontam seus personagens e preparam a próxima cena. Achei que o Bergman acharia até isso esquisitismo, mas, pouco depois de ter a peça pronta, li uma entrevista dele encenando *Cenas de casamento*, que é um filme que ele fez. Nele fez a mesma coisa e até escreveu frases para os atores dizerem sobre os seus personagens entre uma cena e outra. No meu espetáculo isso acontece, só não escrevi porque não sou o Bergman. Fazemos lá isso, e o ator, que, num determinado momento quase só mostra, noutro quase só vive, alternando a relação entre boneco e bonequeiro, entre a ilusão e a quebra de ilusão. Dizendo melhor, no romance em cena, o que é legal, é levado ao paroxismo, ao máximo, é que o ator, simultaneamente, vive e mostra; está sempre fazendo, propondo a ilusão e quebrando a ilusão. Isso porque ele fala em terceira pessoa, mas atua em primeira: então, volta ao mesmo trecho para dizer por que fica melhor. Quando essa frase é dita, não tem um narrador que diga, é o próprio ator que faz. Então o ator está narrando, mantendo um texto em terceira pessoa e está atuando em primeira, por isso não tem narração, porque o que ele diz já é uma narração; o que ele faz não é um papel de narrador. Durante o tempo inteiro todos os atores revezam-se nos personagens, todos fazem cada personagem e dizem o texto literal do romancista sem mexer. Portanto, é uma ilusão a diferença do teatro em geral, do teatro pós-Prestes em geral, que é alternar ilusão em torno de ilusão. No romance em cena é, simultaneamente, fazer a ilusão e a quebra da ilusão.

Essa é a minha experiência, que eu podia trazer como uma idéia para a discussão sobre transposição de romance para a cena.



Lobão

João Luiz Woerdenbag Filho, ou Lobão, nasceu em 1957, no Rio de Janeiro. Aos três anos já tocava bateria; aos 13 ganhou sua primeira bateria profissional; aos 15 desistiu de tocar bateria e começou a se dedicar ao violão clássico; aos 17 voltou à bateria e foi para São Paulo com o Vimana para tornar-se músico profissional. Em 1991, entrou em estúdio para gravar *O inferno é fogo* e seu último trabalho com a gravadora BMG. Durante quatro anos não lançou nem compôs nada. No ano de 1995 lançou o primeiro álbum de uma bela trilogia, *Nostalgia da modernidade*. Em 1998 e 1999 saíram, respectivamente, *Noite* e *A vida é doce*, completando a trilogia.

Falando sobre cultura brasileira, eu sou uma espécie, vamos dizer, de um homem-bomba, estou aqui meio como homem-bomba. Eu me coloquei como homem-bomba porque me coloco em ataque, mas tenho muito afeto no meu coração. Acho que a maior forma de amor é o meu antagonismo. E só declaro o meu antagonismo porque tenho muito amor a todos os circunscritos da situação, que seriam a cultura brasileira, os produtores de cultura no Brasil, os que pensam a cultura, que fabricam isso diuturnamente no Brasil e, no meu caso, por todos os engajamentos e circunstâncias que passei na minha vida. Não tenho nenhuma verdade que possa defender, mas tenho certas intuições, certos sentimentos, certas premonições e certas aversões também. Aqui, neste exato momento, eu gostaria de discutir, além desses fatos concretos sobre desigualdades, sobre uma censura branca, cruel, que acredito que é um divisor de águas sobre a informação cultural no Brasil, no caso da música, o “jabá”, o mensalão do rádio, que acho que é a forma mais cruel e eficaz de censura no Brasil.

Numa outra palestra que fiz com meu querido Antonio Abjunra e o Ariano Suassuna, na Bahia, o Antonio falou do pessoal de teatro, que nós precisamos de uma guerra, de uma revolução, dos calabouços da ditadura, torturas, generais com bigodes de Tom Mix. Aí eu disse: “Porra, Abjunra, quem dera que eu tivesse um bigote de Tom Mix, uma torturinha, um pau de arara, ser exilado”. Bom, nós temos a Xuxa, temos um mal impalpável. A minha geração sofre um mal impalpável, que paira e não conseguimos ver, é tátil; não conseguimos falar sobre o mal, sobre o bem, nem ser além, nem alguém do bem ou do mal. A nossa geração sofre isso, porque é uma situação muito constrangedora; não sofrer na pele fisicamente, pleitear o sofrimento que supostamente pode estar sendo acometido de uma maneira muito mais violenta do que a própria pele. Então, a minha geração foi a primeira que conviveu com a cultura da televisão. Eu, por exemplo, bem pós-guerra, em 1956, via a televisão com muitos filmes de guerra e torcia pelo cara que ganhava, evidentemente. Acredito que, desde que comecei a exercer a minha carreira, ou talvez até no colégio, delirei entre

esquerda festiva e sendo fã do Delfim Neto, numa contradição. Então essa cultura permeou por todos nós. Eu acho que a inteligência já estabelecida, por todas as razões do mundo, tem uma atitude extremamente refratária. Então eu posso imaginar o caos e o dano que podia acontecer naquele período, mas, do ponto de vista da minha geração, aquilo era a minha cultura. Eu comecei a pesquisar sobre antropofagia e, dentro do metabolismo de absorção de arte, não cabe ser antropófago, porque o antropófago não come o que ama. E se eu absorvo, eu amo, logo não posso comer aquilo; portanto, xeque-mate, não é verdade. A partir desses preceitos, ou desses fundamentos, desses *insights*, eu tenho críticas exacerbadas.

Chico Buarque, que estava aqui, é um dos meus álbuns favoritos, está no meu cardápio, inclusive porque acho o Chico um amor de pessoa, mas eu não concordo com praticamente nada com o que ele fez e escreveu desde que eu era criança. E tem um fenômeno, que até eu contei para a senhora, sobre o Chico, que é uma coisa que impregnou a nossa geração: o Chico sempre foi um homem de esquerda, sempre batalhou pelos direitos da nossa cidadania, da nossa identidade etc. etc., mas quando eu, na época da ditadura, estava no colégio, o Chico Buarque era o ídolo da minha mãe, que era da Arena, era o ídolo da minha professora de moral e cívica, que era da Arena também. Então, o Chico para mim, era Arena, o que podia ser um ponto de vista errado; logo, eu canalizava tudo o que ouvia do Chico, sem ainda ter elaborado toda a minha cosmogonia anti-religiosa. Eu acho que o Brasil peca por ser católico, e a cosmogonia ontológica da intelectualidade brasileira circunavega pela cristandade. Eu acredito que somos todos, como intelectuais, culpados cristãos; a teologia da libertação é uma situação culpada cristã e a esquerda brasileira é uma coisa culpada cristã. E eu sou baterista e pretendo ser ambidestro. Além do mais, eu acredito que o nosso anseio intelectual é pelo homem barroco, que é uma circunevolução para o nada. Isso nunca vai sair do lugar, porque a gente é miserável de alma e pobre porque é católico. Nós não vamos a lugar nenhum porque nós somos o país mais católico do mundo, tem

voto de pobreza, eu quero lucro. Agora eu quero socializar o lucro, agora eu não quero coibir o lucro, eu quero ser rico e quero dividir a minha riqueza com todo o mundo. Eu não posso ser assim se sou católico, pois o católico enobrece-se com a pobreza, com a miséria e com a morte; ele nos impele à morte. E nós, como intelectuais, aqui falando do ministro Gilberto Gil, estamos em silêncio há muito tempo. Vemos nossa querida Marilene Chauí pregando pusilanilmente um silêncio. Afinal de contas, quem elegeu esse governo foram esses intelectuais culpados. Eu também me enquadrei dentro desse quadro e agora está todo mundo tirando o cu da reta. Da mesma maneira configura-se uma cultura papauera, barroca, que se circunvoluciona convulsivamente para o nada, e nós ficamos inebriados com aracnídios dentro de percursividade. Temos que saber, por exemplo, como a minha cultura, além do combate, é o *rock-and-roll*. O que é interessante é a cultura da síntese do final do século XX. Godard era *rock-and-roll*, Bergman era *rock-and-roll*; Picasso era *rock-and-roll*, porque tinham condições de síntese e *rock-and-roll*. Se alguma coisa é boa dentro do *rock-and-roll* é a capacidade de síntese que a cultura, pelo menos a popular brasileira, não tem. Vocês precisam analisar em “Construção” a autopiedade narcísica em ver o pobre, em saber como eu me sinto bem em estar assim perplexo diante da pobreza, como eu sou legal; daí nasce a autopiedade com uma música dessa. Isso não me serve, eu não estou interessado nisso. Eu não quero perder tempo com isso, nem ver cantor andando de costas, com conceitos absolutamente provincianos, ultrapassados, isso já há quarenta anos.

Nós somos uma capitania hereditária, somos um coronelato, e nossa intelectualidade está se tornando absolutamente cínica, porque fica cultivando tradições que deveriam ser extirpadas, porque nós vivemos em movimento. Essa cultura da tradição é como se o Brasil fosse um celeiro de grandes tradições. Ora, eu não sou só raiz, não sou vegetal, não pratico fotossíntese. E outra coisa, eu sou artista e só tenho uma coisa para declarar, para terminar: eu quero mudar o mundo e é por isso que eu estou aqui.



Luiz Alberto de Abreu

Dramaturgo, roteirista e professor, autor de mais de quarenta peças teatrais encenadas entre as quais *Bella Ciao*, *Xica da Silva*, *A Guerra Santa*, é *Um livro de Jô*. Participou do projeto Comédia Popular Brasileira. Em cinema realizou, numa parceria com Eliane Caffé, o roteiro dos filmes *Kenoma* e *Os narradores de Javé*. Recentemente, co-roteirizou com Luiz Fernando Carvalho a microssérie “Hoje é dia de Maria”, veiculada pela TV Globo. Organizou e coordenou o núcleo de dramaturgia na Escola Livre de Teatro de Santo André e no Grupo Galpão, de Belo Horizonte (MG). Recebeu os prêmios Molière, Mambembe, APCA, Apetesp, Panamco e Shell.

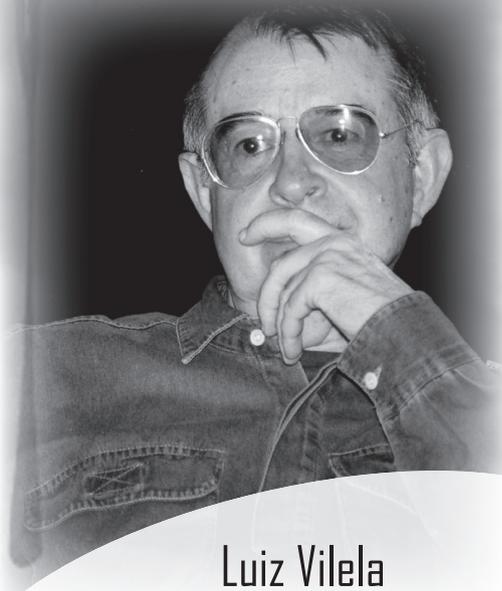
Eu sou de uma geração meio esquisita, pois, na verdade, estou um pouco ali na geração de 60, na verdade, eu tinha 16 anos nessa época e não participei daquele movimento político todo. Mas uma coisa legal também, muito rica, era um pouco essa geração de 60, que tinha uma auto-imagem não muito verdadeira; não parecia ser a última geração importante, a última geração interessante, a última geração que não era alienada. E o resto, quem nasceu em 1956, por exemplo, dali para cá, era estudentezinho ali do curso médio ou do ginásio, não sei como se chama hoje, mas dos anos 70 ou 80, eram todos alienados. Eu fico muito feliz não só com o discurso do Lobão, mas também com todo o movimento da música, porque foi uma retomada daquela vertigem dos anos 60. Acho que o risco das gerações anteriores ou de quem vive e chega até determinado patamar é o mesmo de cristalizar, ou seja, não existe cristalização enquanto se está vivo, pelo menos para o artista. Para o funcionário, ou o artista que é funcionário, ainda pode ser cristalizado: pode bater ponto, pode fazer o que bem quiser. Como dizia Mário de Andrade, “estou farto do lirismo comedido do lirismo bem comportado / do lirismo funcionário público com livro de ponto / expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor”.

Um encontro como este é rico por causa disso: porque é um encontro polêmico. Tem várias gerações aqui representadas e que não estão aqui à toa, mas porque ainda existe essa energia libertária, essa energia de crença, de antagonismo, de exercer o direito de ser antagonico. Isso é fundamental. Acho que o tema das diferenças é fundamental, é ótimo para a cultura, pois não existe cultura sem antagonismo, sem esse conflito básico. Antagonismo é um pouco o tema que está aqui, já que traz transposições entre as várias linguagens. O que tenho a dizer, que é colocado na contemporaneidade, é que a transposição é algo contemporâneo. O que é contemporâneo? Na verdade, o contemporâneo se caracteriza pelas fusões, pela extrapolação dos seus limites. Ele é um dado do que é contemporâneo e que é muito interessante. Eu adaptei, recriei, na verdade, um romance do Lima Barreto, que

inclusive o Aderbal dirigiu no Rio, *Um livro de Jó*; foi uma recriação do poema bíblico. O próprio “Hoje é dia de Maria”, por exemplo, foi uma recriação da época popular e da poesia popular dentro da TV. Trabalho também já há um bom tempo com teatro narrativo, ou seja, o épico dentro do narrativo, e talvez tenha sido uma necessidade também, porque o teatro está se tornando muito narrativo. O Aderbal está trabalhando com teatro narrativo, assim como outros diretores; quer dizer, daqui a pouco não vão precisar mais do dramaturgo, ou o dramaturgo faz como eu: antes que os autores, os literatos, sejam todos encenados no teatro, os dramaturgos começam também a cair na literatura, como fez o Alcione aqui, que também vai para a literatura.

Eu queria dizer, na verdade, que essas fusões são bastante antigas, pois são características do próprio teatro. O teatro junta a música, junta a própria literatura, o épico; poesia lírica, quer dizer, essa fusão de gêneros faz parte do teatro medieval, do teatro clássico. Em determinado momento, começou-se a se legislar sobre a arte, começou-se a dividir as artes; assim, de repente, a partir principalmente do século XIX, ou século XVIII, mais precisamente, começou-se a regerar a arte. E o que nós temos agora, contemporaneamente, é uma recuperação desse antagonismo de gêneros, e não só do antagonismo de gêneros, mas, sobretudo, o estabelecimento de uma síntese dos gêneros. Estabelecer uma síntese é fundamental a partir desse antagonismo. Então, me parece que os gêneros todos, ou as linguagens artísticas todas, nada mais fazem do que potencializar uma ou outra. E esse é o caminho da arte, com certeza, é o caminho mesmo do antagonismo, seja entre gêneros, seja entre discursos, seja entre pensamento. Eu acho que a cultura brasileira é, necessariamente, uma cultura antagonista em si; o produtor brasileiro é uma cultura antagonista. O que talvez não seja antagonista, mas chama-se “cultura de elite” mesmo, é uma cultura que preza pelo *status quo*, que preza pela manutenção das coisas como estão. É por isso que acho que a polêmica é fundamental. Até uma exposição é uma polêmica de linguagens, e cabe ao artista resolver a síntese.

Então, acho que a função fundamental do artista é justamente esta: unificar, ver o antagonismo, estabelecer o conflito, mostrar o conflito e, após, estabelecer uma síntese. Parece-me, contudo, que essa não é a função só do artista, mas também do filósofo, do professor, do ser humano. Portanto, as linguagens não são uma coisa tão nova, mas, talvez, a consciência de que arte é uma coisa muito maior do que a sua linguagem específica, seja dança, seja cinema, seja literatura, parece-me uma coisa muito legal hoje em dia. Uma obra de cinema, por exemplo, que eu acho lapidária é a do Luiz Fernando de Carvalho, que eu não conhecia na época, mas a adaptação ou a recriação que ele fez para o cinema da obra do Raduam Nassar *Lavoura arcaica*. Eu achei um trabalho primoroso; naquele momento ele foi um artista que ele conseguiu, na minha opinião, nos dar a dimensão da literatura dentro do cinema. Então, o caminho da arte é por aí mesmo.



Luiz Vilela

Luiz Vilela nasceu em Ituiutaba (MG) em 1942. Publicou seu primeiro artigo em 1956 no *Jornal de Estudantes*. Formado em filosofia, morou em São Paulo, onde foi jornalista do *Jornal da Tarde*, passando a publicar em diversos periódicos seus trabalhos literários. Aos 24 anos, estreou na literatura brasileira com o livro de contos *Tremor de terra*, com o qual ganhou, em Brasília, o Prêmio Nacional de Ficção. Foi premiado também no I e no II Concurso Nacional de Contos do Paraná e recebeu, ainda, o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, para o Melhor Livro de Contos do ano, com *O fim de tudo*. Suas obras já foram traduzidas em diversos países. Correu o mundo, viajou pela Europa, foi convidado a lecionar nos Estados Unidos e para ser jurado do prêmio Casa de Las Américas, em Cuba. Hoje, de volta a Ituiutaba, vive num sítio onde cria vacas leiteiras.

Eu me sinto muito honrado e feliz com as adaptações que foram feitas de meus contos, as quais aconteceram em Minas, São Paulo, Rio. Apenas gostaria de contar algumas coisas que se sucederam comigo quando essas adaptações aconteceram. Para não me estender muito, vou pegar apenas uma delas que acho que representa melhor que as demais tudo o que gostaria de dizer. É possível que vocês tenham visto uma adaptação de um conto meu na série “Brava Gente”, da Globo. Esse conto se chama “Tarde da noite”. A adaptação teve a direção do Roberto Farias e teve como atores a Maitê Proença, a Lilian Cabral, o Daniel Dantas e mais uma atriz cujo nome não lembro agora, que era nova, muito bonita. Por causa dessa adaptação, tinha pessoas que corriam lá na minha cidade para me abraçar, como se eu tivesse nascido naquele momento. Quando fui adaptado pela Globo, apareci na Globo. Contudo, os meus livros já estão aí há muito tempo, e com prêmios etc., todas essas coisas ligadas à trajetória de um autor. Mas foi uma coisa impressionante, pois as pessoas me ligavam como se eu tivesse ganhado a mega-sena ou qualquer coisa assim.

Descontado todo esse exagero, esse deslumbramento, como eu disse um pouco provinciano, mas em muitos casos sincero, coisas espontâneas de leitores comuns, pude perceber nesse momento o poder da Globo, que é realmente uma coisa impressionante. Isso, claro, eu já sabia, mas, no momento em que vi meu conto adaptado, foi como se houvesse um a.G. e d.G. (antes da Globo e depois da Globo). Essa adaptação, na época, teve as reações quase que assim de oito ou oitenta. Houve pessoas que viram, gostaram demais e outras que se manifestaram indignadas, porque mudara muito o meu conto, dando um salto para o presente. A adaptação feita aconteceu, me parece, há dois anos. Num evento cultural recente no Rio do qual participei e do qual participou também a Maitê Proença, nós conversamos um pouco exatamente sobre essa adaptação, e ela perguntou o que eu achava. Então, falei exatamente a verdade, que eu ganhara muito. Ela perguntou se havia mudado muito o conto, ou, pelo menos, o roteiro do

diretor. Eu disse que mudara bastante, que mudara muito, como o final, que não havia, ou seja, mudara bastante coisa. E ela me perguntou: “Isso te incomoda?” Eu falei: “Olha, Maitê, não me incomoda.”

Em outras adaptações anteriores a essa eu já equacionara isso muito bem. É que o conto era meu, mas o filme era do Roberto Farias, que não iria repetir o meu conto; ele ia fazer o filme dele e, é claro, desde que pusesse lá “baseado no conto tal”, ou “adaptado do conto tal”, que é o mínimo que um diretor deve fazer. Eu assinei o contrato e disse: “Você olha quem é o diretor, quem são os atores. Se você confia no talento deles, na seriedade, na competência e tudo o mais que acompanha esses valores, você entrega, na certeza de que vão fazer o melhor possível”. Um diretor desses, com trajetória tão importante no cinema nacional, com esses atores dos quais não preciso dizer nada, porque se conhece o talento deles, vai fazer coisa boa. Quanto a mudanças no próprio contrato, você assina autorização de permitir tudo que está no contrato; só não nos permitem mudar o nome do autor, que seria demais, mas mudar o nome dos personagens, acrescentar personagens, cenas, disso nem se fala. Então isso aconteceu realmente com meu conto. Quando eu vi, esperava tudo, não tudo pejorativamente; sabia o que ia ver, vi e gostei muito. Tinha lá um final que é do meu conto, tinha personagens que não existem no meu conto e até um cachorro que não tem no meu conto. Comentaram comigo algumas pessoas indignadas: “Tem até um cachorro lá no seu conto.” Então eu dizia: “Puxa, mas o cachorro estava ótimo, nunca vi uma interpretação tão genial como a daquele cachorro, fazia inveja a Marlon Brando e outros. Além do mais, eu gosto muito de cachorro. Que ótimo ter aquele cachorro lá na minha adaptação.”

Numa ocasião, uma pessoa assistia comigo à adaptação. Ela se virava para mim, fazia um gesto e dizia: “No seu conto não tem isso”. Eu dizia: “Ah, essa cena é esperta, cara, esqueça o meu conto e veja o filme”. Então é isto: a pessoa tem que esquecer. Eu próprio, no momento em que estava vendo a primeira vez, pensei: “Não é bem o meu personagem, essa

frase não é bem minha”. Então eu disse para mim mesmo: “Eu tenho de esquecer o meu conto para ver bem o filme”. Portanto, nessa questão tão discutida, tão, às vezes, polêmica, candente, que é a da fidelidade da adaptação ao texto, depois de todas as minhas experiências, cheguei à conclusão de que a melhor maneira de um diretor ser fiel ao texto adaptado é traíndo o texto, porque, se tiver muita preocupação de fidelidade, acaba fazendo uma coisa que nem honra o filme, nem o texto adaptado. Acho que até um certo momento preciso ter aquela consciência do texto que se vai adaptar, mas, a partir daquele momento, tem que voar, porque o compromisso nessa hora é com você mesmo, com o autor e com os autores, com tudo que está envolvido naquele processo.

Essa questão de fidelidade faz me lembrar muito o comentário do Bernard Shaw a respeito de traduções. O Bernard Shaw comparava as traduções às mulheres, dizendo que as fiéis não eram as bonitas e as bonitas não eram as fiéis. Portanto, é um pouco isto: tem que se desgarrar do texto e fazer a obra. Lembro uma passagem que achei interessantíssima me colocando do lado de lá. Foi de um diretor americano que esteve no Brasil, não sei se o Brian de Palma, pois eu li num jornal a entrevista. Ele falou na questão de adaptação e exemplificou com uma imagem perfeita ao dizer que a única maneira de se ser fiel, absolutamente fiel, a uma adaptação de um livro é pegar o livro, pôr na mesa, pegar a câmara e ir filmando página por página. Seria essa a única maneira de ser absolutamente fiel ao livro. Em resumo, e para concluir, são exatamente essas diferenças que se encontram do texto à obra que foi feita, desadaptada. Penso que se enriquece, porque ninguém precisa repetir o meu conto, a minha história exatamente, nem seria possível, pois entram todas essas diferenças de linguagem de um meio para outro: a linguagem do cinema é uma, a do teatro é outra, a do texto é outra. Portanto não há como haver essa igualdade, isso é utópico, não existe nem deveria existir.



Walmor Chagas

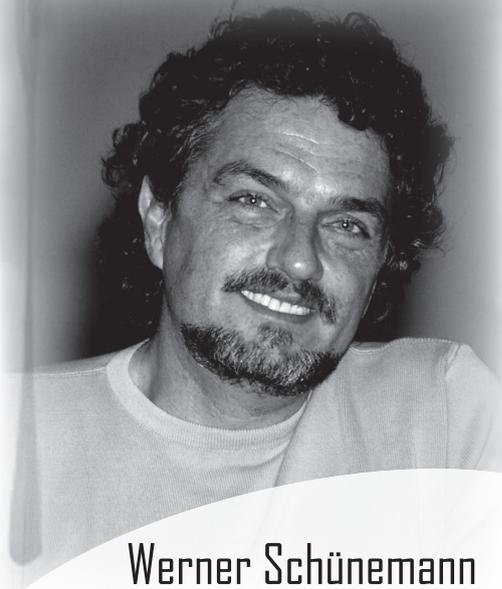
Dedica-se há mais de meio século à arte. São 55 anos de carreira nos palcos teatrais, nas telas de cinema e TV. O ator e produtor gaúcho Walmor Chagas, 73 anos, comemora uma extensa presença em obras e espetáculos. Walmor Chagas viveu na telinha da Rede Globo o Giuseppe de *Esperança* e, mais recentemente, fez parte do elenco da minissérie “Os Maias”, já em DVD, na qual interpretou Afonso Maia. É um dos fundadores do Teatro Ziem-binski, que lançou vigorosos autores da dramatur-gia nacional a partir de temáticas bem brasileiras. Aos 55 anos de carreira o novo espetáculo, *Um ho-mem indignado*, marca também outra parceria de Walmor Chagas e Djalma Limongi Batista, cineasta com quem trabalhou no filme *Asa branca*, ao lado de Edson Celulari e Eva Wilma.

Como já dizia Leonel Brizola, que nasceu aqui pertinho, “eu venho de longe”. Tenho 55 anos de teatro, por isso passei esse tempo todo vendo as revoluções que aconteceram no teatro. Nessa minha viagem sobre o teatro, eu percebi o nocaute que a televisão e o cinema deram no teatro, colocando-o contra as cordas. Quando digo que o teatro ficou contra as cordas é porque a imagem veio tirar a fonte da cultura, que era a literatura no teatro, e transferiu para si a fonte da cultura da atualidade. Então, quando eu vejo essa revolução, vejo esta jornada literária, eu cumprimento todos vocês, a cidade, porque isso aqui é uma nova revolução. É por isso que o Rio Grande do Sul é um estado especial, porque isto é uma revolução farroupilha em defesa da literatura. A literatura inclui a literatura dramática, que é o gênero mais alto de literatura. Não é à toa que se diz que Sófocles é a língua grega, Shakespeare é a língua inglesa, Molière é a língua francesa, Goethe é a língua alemã, ou seja, os dramaturgos é que são os donos da língua.

Portanto, a imagem veio causar esse sofrimento à literatura e ao teatro, e nós ainda não temos nem consciência do que é. Só por essas revoluções, tipo esta Jornada de Literatura, é que não vamos perder o gosto pela leitura, porque o que está acontecendo é o seguinte: a imagem nos transformou todos em crianças, que vêem os livros de figuras. Nós estamos aprendendo a vida pela figura da televisão. Criança, quando não sabe ler, vai abrindo a página, vai passando. Nós estamos hoje vendo as figuras, estamos nos educando, nos culturalizando pela figura e pela imagem. Primeiro veio a imagem do cinema americano, que fez toda aquela lavagem cerebral na nossa vida e nos fez considerar o ideal de vida como sendo o ideal americano, esse horror que nós estamos vendo todo o dia. O cinema nos fez essa primeira lavagem cerebral; a segunda foi a televisão. Então, hoje é fundamental a resistência, como se fosse a resistência francesa na guerra, a resistência pela literatura. E são essas jornadas, são esses esforços, essas feiras de livros, que vão fazer as pessoas despertar. As pessoas estão todas dormindo, estão todas vendo televisão; o mundo está hipnotizado pela televisão e só vai aprender uma nova vida, a nova cultura, pela televisão.

Portanto, nós temos que forçar a leitura do livro, o que vale tanto para o teatro quanto para a literatura. A proposta que se pode fazer é dizer como fazer a transposição do cinema também para dentro do teatro. Eu fiz uma experiência, a minha última experiência teatral, em que chamei um cineasta para dirigir o espetáculo e pus filmes no espetáculo. Então aparecem atores contracenando comigo, o José Celso, o Ítalo Rossi, uma jovem atriz que é candidata, um fotógrafo, um político, que, aliás, é único personagem. É a história de um velho que resolve fazer um *reallity show* da sua morte frente à câmara: ele vai se matar e encomendou pela internet uma espingarda de dois canos: o segundo tiro é para ele, mas o primeiro é para o político. Ele mata o político, porque acha que os políticos é que são a praga que nos está levando para onde vamos. As democracias autorizam a invasão do Iraque, autorizam as maiores barbaridades; a ONU, que seria o reino da democracia, autoriza um boicote a Cuba. Então os políticos, com as suas democracias, estão em xeque. Eu só tenho a esperança de que se crie uma espécie de democracia internacional, não mais nacional, mas para isso é fundamental que as pessoas saibam ler.

Está sendo cada vez mais difícil, em suma, lutar a favor da literatura, pois significa lutar para a sobrevivência cultural de cada um de nós, porque toda a imagem é falsa. Quando você vê a tua própria fotografia, olha e diz: “Ah, mas eu não estou bem, me pegou de um lado errado”. Todo mundo é assim. Quando você vê um filme, vê só aquela cena que ficou boa; a outra não vê, tudo é assim. A imagem engana, a única coisa que não engana é o palco. No palco temos a chance de ver como é o ator, o ser humano, na luz e na sombra. Por isso, essa é a arte mais nobre que existe. Nela se acrescenta a música. Não havia música em Shakespeare, nem em Goethe. No teatro moderno não se precisava de música, mas criou-se depois um outro gênero teatral, que é o gênero musical, cuja expressão mais alta foi o Brecht. Mas as operetas, as óperas todas são baseadas em textos literários. Portanto, o teatro, a dança, tudo entra dentro do teatro. O teatro é, de verdade, a semente da arte da literatura e da cultura. Leiam, leiam e leiam. É só o que eu tenho para dizer.



Werner Schünemann

Já fez teatro, lecionou história para crianças e adolescentes, dirigiu comerciais e chegou até a coordenar campanhas políticas foi no cinema que encontrou sua grande paixão. Em mais de vinte anos de carreira, tem inúmeros filmes em seu currículo de ator, diretor e roteirista, a maioria rodada no Rio Grande do Sul, sua terra natal. O caso de amor com a sétima arte é tão grande que por muito tempo Werner adiou a idéia de fazer televisão.

Neto de alemães, nasceu em Porto Alegre e foi criado na vizinha Novo Hamburgo. Aos 15 anos, começou a fazer teatro na escola e, aos 18, já atuava profissionalmente. A carreira no teatro, porém, ficou em segundo plano quando descobriu o cinema. Em 1981, aos 22 anos, fez sua primeira participação num longa, *Deu pra ti, anos setenta*, de Giba Assis Brasil e Nelson Nadotti. Em 1982, dirigiu *Coisa na roda*, ainda em super-8. E Werner não parou mais... o único intervalo aconteceu na era Collor, quando a Embrafilme foi extinta. Para ganhar a vida, Werner investiu na publicidade: criou uma produtora e passou a dirigir comerciais, chegando a ganhar prêmios. Entre os trabalhos que fez, encontrou mais prazer nas campanhas políticas. Werner relembra este período de sua vida e se orgulha por ter conseguido eleger oito políticos, entre governadores e prefeitos do sul do país. Quando a produtora faliu, seis anos depois, voltou a fazer cinema, mas com o objetivo de se concentrar no trabalho de ator, o que realmente gosta de fazer.

Eu imagino que tenha sido convidado aqui porque trabalhei, trabalho ainda, embora menos hoje em dia, como roteirista e diretor de filmes, de alguns longas metragens, poucos curtas. Durante dois anos também trabalhei numa experiência com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, junto com um pessoal de pós-graduação, onde fiz um exercício interessante com os alunos do curso, cujo objetivo era, ao final de seis semanas, eles terem alguma noção teórica. À noite eles tinham aulas práticas; durante o dia, aulas teóricas de filosofia, de linguagem, de gramática cinematográfica, essas coisas. Lá fizemos uma coisa muito interessante, que foi uma adaptação de um filme para um texto literário. Pegamos uma seqüência de *O último metrô*, de François Truffaut, e os alunos, em grupo, tinham que fazer daquilo um texto literário.

Vou contar uma pequena história do início dos anos 80. Na época houve uma crise econômica mundial, vários países quebraram, o Brasil, inclusive, deu calote na bolsa em Nova York, com a restituição de títulos, por conta do petróleo. Junto com isso houve uma crise na intelectualidade francesa e americana, principalmente a intelectualidade acadêmica, como uma crise geral da cultura ocidental, cristã, que estaria num momento de ruptura, ou, pelo menos, num momento de grande conflito interno. Então, na França houve um encontro mundial de intelectuais para dar sugestões para a solução da crise. Humberto Ecco abriu o encontro e, subindo ao palco, disse: “Intelectual não tem que resolver crises, tem que inventá-las”. E acabou com o assunto. Eu contei essa história porque eu adorei o Lobão, que faz o papel que deveríamos estar fazendo. As velhinhas de Taubaté pararam de acreditar no governo e agora acreditam em acusação. Vocês acompanham nos jornais: dá um cansaço ver que a informação substitui o conhecimento, substitui a reflexão. Ninguém está lendo, pois acha que é fonte secundária. Eu sou historiador também e fui professor de história algum tempo, e uma das coisas de que o professor de história mais foge é fonte secundária. Fonte secundária é comer na mão de alguém, e é isso que está acontecendo agora, nós estamos comendo na mão da velhinha de

Taubaté. Nós não sabemos nada do que está acontecendo, e isso é uma infelicidade

A internet hoje em dia é a informação no lugar do conhecimento. A pessoa pára ali, como se isso bastasse, como se nós não tivéssemos que pensar tudo de novo, o tempo todo, agora e para sempre outra vez. Sobre a transposição, acho que temos de ficar questionando não só a legitimidade delas. A discussão é o que nós estamos, na verdade, fazendo com os códigos narrativos, com os códigos de comunicação de linguagem e de mecanismos de linguagem, aquela coisa do emissor, do receptor, do espelho, do filtro e tal. A grande questão, e o Walmor tocou nisso, é o problema da imagem, literatura e imagem, porque quando você lê um livro, você é o diretor do livro, é o diretor da sua experiência naquilo; é você que dá o tempo; é você que dá a cor, que dá o som, que faz a música, o cheiro, você que decide qual é o ritmo e quais são os grandes intervalos que eventualmente você vai decidir colocar no seu acompanhamento dessa história.

Um filme visto no cinema tem uma ditadura de tempo que, para mim, por exemplo, é intolerável. Eu não gosto de assistir a filme assim, aliás, eu sou “confeiteiro diabético”, eu não gosto de assistir a quase nada das coisas por onde eu ando, que faço. A televisão não é feita para o público que eu sou, e pouco cinema é feito para um público que eu sou. Eu sou um leitor, eu só leio. Tudo o que eu faço na vida é ler; se um dia me pagarem para ler, eu vou largar todo o resto, podem ter certeza, porque ler é uma experiência transcendental. Eu me encontro tão bem ali dentro, eu gosto tanto desse mundo que comecei a tentar entender na verdade o que acontece, o que me leva a preferir sempre um momento de leitura a um momento de cinema. Por que prefiro um momento de leitura a um momento de cinema?

O Millôr fala de um antigo provérbio chinês que diz: “Uma imagem vale mais do que mil palavras”. E acrescenta: “Diz isso sem palavras”. Nós não chegamos, como humanidade, nesses 15 mil e poucos mil anos de história, pós-escrita, a nada acima da palavra. Então, acho que, na verdade, se você

tiver música e palavra escrita, o mundo vai muito bem, o mundo está ótimo. Para mim, como ser humano, se eu tiver acesso à literatura e à música, estou muito bem, de preferência que seja *rock-and-roll*. O acesso mais maciço à palavra escrita, à literatura, é muito recente na história da humanidade, tem quinhentos anos, um pouco menos; antes disso pouquíssimas pessoas tinham acesso à literatura. Daí a importância da arte dramática, do teatro, porque era uma das fontes essenciais de a reflexão literária chegar ao espectador. Isso porque ele não era um leitor; não havia condições de imprimir livros; não havia nem escolas que ensinassem, que alfabetizassem a população de uma forma maciça. Hoje em dia nós estamos numa experiência recente, de menos de quinhentos anos, com, um grande número de pessoas com acesso à palavra escrita e com condições de ler. É uma transformação importantíssima e já sentimos que poderia estar perdendo espaço para os veículos que utilizam mais a imagem, especialmente o cinema, que utiliza a imagem de uma forma muito mais metódica e rigorosa.

O cinema nos afasta mais do livro do que a televisão. O problema da televisão é que não dá para desligar, mas o cinema nos joga um código – e eu sei do que estou falando porque dirijo filmes há muitos anos, faço cinema há 25-26 anos e já participei de mais de trinta filmes, alguns como diretor. O cinema utiliza códigos que, na verdade, tentam romper aquilo que ele usa como base, que é o roteiro escrito, que é uma obra literária, ainda que não seja muito fácil de ler um roteiro, que é uma pentelhação. A grande experiência que eu queria ver mais desenvolvida, e não consegui fazer naquele curso a que me referi antes, é adaptar filmes para livros, porque existem filmes que foram feitos exclusivamente para cinema, que não partiram de adaptação de nada. Pegar o filme e transformar isso em romance é um desafio que eu queria ver, para observar se a pessoa ao meu lado vai identificar o filme. O problema são as mil imagens necessárias, as mil palavras necessárias para a imagem. Esse é o jogo.

Portanto, há um jogo de processo de alienação, há uma supressão de um princípio de incredulidade, que o cinema tem de conseguir nos primeiros cinco minutos. Você tem que acreditar que aquele robzinho, aquele ser que parece uma gelatina com olhos, fala e tem um sotaquezinho que lembra um nordestino americano, pode ser uma coisa engraçada. Se nos primeiros cinco minutos você não acreditar nisso, dançou. É que nem literatura, você dança, não consegue mais acreditar no livro todo. O cinema precisa disso o tempo todo, porque o espectador vai embora, ou desliga o vídeo, ou o DVD nos primeiros cinco minutos. Isso é um truque, é um mecanismo que a literatura não tem. Eu fecho a qualquer momento o meu livro, não há nada que me prenda a não ser a qualidade literária, o talento do escritor, ou a literatura propriamente dita. Ele não está se utilizando de música nem de efeitos outros para que eu me esqueça de fechá-lo, ou que me esqueça da hora, perca a hora de algum compromisso.

Nós temos que começar a pleitear a adaptação de obras de televisão para a literatura e de obras de cinema para literatura. Não é publicar roteiro, não é adaptar literariamente, mas fazer literatura mesmo. Por exemplo, pegar alguma coisa de televisão e fazer um livro, um romance sem diálogos, a partir de algo da televisão. Isso é um desafio.

Comentários

Júlio Diniz

Eu estou absolutamente surpreso com o andamento desta Jornada, especificamente, com a qualidade não só das apresentações nos debates, mas, e principalmente, num momento histórico que é fundamental. Nós podemos retomar uma coisa que parecia estar perdida, não só em relação ao mundo contemporâneo, como em relação à sociedade brasileira como um todo, que é a capacidade de produzir narrativas, seja narrativas delirantes, seja narrativas críticas, seja narrativas provocadoras, seja narrativas de sua própria vida pessoal, seja sua própria narrativa. Este espa-

ço está sendo fundamental nesta Jornada, num momento de tanta dificuldade, de tanto silêncio. A idéia de intelectual é muito mais ampla do que qualquer concepção dicionarizada. Nesse sentido todo mundo aqui tem um papel, tem uma função intelectual. Acabou a idéia de que intelectual é alguém encastelado, enciclopédico, na universidade, produzindo teses que jamais serão lidas, ou em diálogo em que há a exclusão do mundo real. Nesse sentido, todos nós estamos numa atividade, numa discussão, e as diferenças sempre têm que aparecer. O lugar que aqui foi formado, a Jornada, desde a primeira, tem como objetivo básico não dizer que a literatura ou arte produzem um deleite, um prazer, pois isto nós todos sabemos, mas lidar com o ator do silêncio e a capacidade de transformar esse silêncio no que nós estamos fazendo agora, quando entram as vozes de vocês, que é o diálogo.

Ignácio de Loyola Brandão

Eu quero lembrar um episódio que, por um acaso, foi contado hoje no almoço pelo Lula Vieira, que é um grande publicitário. Orígenes Lessa, que foi um dos maiores autores de histórias infantis e um grande publicitário, um dos pais da publicidade moderna, escreveu um livro que é fundamental, um livro maravilhoso, que se chama *O feijão e o sonho*. É a história de um homem que queria ser escritor e, no fim, acabou abandonando esse sonho para poder comprar o feijão. Depois de cinquenta anos de escrito, foi produzido pela Globo como uma novela, que se chamou, inclusive, *O feijão e o sonho*. Orígenes Lessa já estava morto naquela altura, mas o filho dele, que é também um grande escritor e jornalista, o Ivan Lessa, um dia estava no Rio de Janeiro, entrou num restaurante e viu umas mulheres jovens conversando sobre *O feijão e o sonho*. Elas, inclusive, tinham na mão um livro, o romance *O feijão e o sonho*. O Ivan Lessa se aproximou e ouviu a frase: “Olha que engraçado, daquela novela já foi feito um livro, a coisa é rápida”.

Questões

Aderbal Freire Filho

A propósito do teatro na educação ou o teatro em qualquer lugar, às vezes talvez bastasse dizer que o teatro é muito acessível. O teatro é o lugar para o ator. Você, em sala de aula, com seus alunos, com os pensamentos de todos, tem material próprio, pode fazer sem depender, como no cinema, de uma técnica muito inacessível. Está na mão de cada um. A questão maior talvez não seja essa. Num certo sentido é a visão dos temas. Então, quando alguém me pergunta sobre como o fazer o teatro na sala de aula, digo: “Faz como você puder, como você quiser, que é fácil, que é possível”. Porque eu também estou querendo me entender, me responder. Depois de ouvir a todos, de ouvir, por exemplo, o que disse o Abreu, de quem eu montei uma peça alguns anos atrás sobre o Lima Barreto, uma peça lindíssima, também estou tentando me situar: Que peça há para fazer hoje, nessa situação que estamos vivendo? Também busco qual é o campo do possível. Por exemplo, quando o Abreu disse que o mundo do teatro está buscando os narradores e talvez estreite o espaço dos dramaturgos, eu diria que não, pois ele é a prova viva quando diz que abriu um novo campo de dramaturgia para atuar. O teatro, hoje, tem um paradoxo muito interessante, que é: quando foi reduzido a parcela, cresceu, ou seja, o teatro não é mais toda a arte dramática. Quando meu avô queria ver uma história contada através de atores fingindo que eram os personagens, ele tinha que ir ao teatro. Hoje as pessoas podem ligar a televisão, podem ir ao cinema. O teatro que eu faço, que o Walmor faz há tanto tempo, é uma parte do que era um todo antes de 1929, para tomar uma data precisa, que é a data do primeiro filme sonoro, do primeiro filme falado.

Fazendo um aparte, eu diria que a compreensão do teatro passa pela existência desse paradoxo, que é que, quando foi reduzido a parcela, cresceu. Cresceu porque pode tudo, porque abandonou o caminho único que vinha seguindo, pelo

menos naquele momento. Todos nós, na função de intelectuais, estamos aflitos e necessitados de falar, querendo falar. É como se vivêssemos um momento histórico e político em que se descobre que caíram os últimos puros e que agora são todos podres. Eu me lembro de cenas de ver passando numa rua no Rio um partido de esquerda pedindo o *impeachment*, quer dizer, é como se, agora, voltássemos aos maniqueus e, aí, uma vez mais falando do pensamento cristão, como se fôssemos anteriores à conversão de Santo Agostinho e achássemos que teríamos de criar dois partidos, o PB e o PM, partido dos bons e partido dos maus. Então, como não é esse o critério, há uma complexidade sobre a qual é preciso falar muito e fazer muito teatro em sala de aula, e fazer muito teatro nos palcos, procurando expressar-se e não ficar em silêncio.

Lobão

Pelo que eu li, o mais importante de todo este contexto aqui é o fato de eu ter proporcionado aquilo que me propus, que é causar dúvidas, posicionamentos. Eu não quero prevalecer, eu detesto rebanho. Não sou um ser doutrinário, tampouco sou dono da verdade. Acho que aquilo que falo, falo por amor. É duro, às vezes. Então vou fazer uma pequena síntese e acho que isso vai ajudar muito a nossa compreensão dos fatos. Eu acho que calou muito o fato de eu dizer para todo mundo que quero mudar o mundo, porque é uma coisa que não parece ser muito atual. Pega mal até dizer que você é intelectual, dizer que você lê livro. Eu percebi, com todo o meu amor, que o que eu ia falar ia ferir muitas pessoas talvez, mas ia causar efeito dos mais diferentes em todos vocês. Esse era o meu intuito. Mas isso não é fácil. Seria muito mais confortável, com essa minha simpatia exuberante, esse poder de comunicação infalível que eu tenho, dizer e bajular, adular toda a situação e adequar-me ao *status quo*, dizendo que está tudo jóia e coisa e tal. Então é o seguinte, tem coisas que aqui são preciosidades, que eu não vou colocar nem como certas nem como erradas, mas era o meu intuito, era a minha meta, o que acho que cumpri

e agradeço a vocês. Por exemplo, olha só Alcione: acredita mesmo que através do *rock* doido é possível mudar o mundo para melhor? É, disseram que o *rock* é alienado, e isso paira na cabeça de vocês. Duvidem, questionem. Outras pessoas também questionaram o meu conhecimento sobre religião, ou sobre Chico Buarque etc. Vocês têm todo o direito e têm obrigação de me questionar. Então quero dizer a vocês que eu sou uma pessoa que não tem o 2º grau completo. Quando for para a cadeia, irei para o xilindró comum, não tenho benesses. Porém, sou um autodidata. Não faço propaganda, como o nosso querido presidente, com a minha falta de erudição. Procurei, como o Werner falou, ser um leitor contumaz, apesar de absolutamente empírico. Por exemplo, eu ficava lendo *O sofista* achando que o sofista era “surfista”, mas com ele comecei a abrir o mundo para a literatura. Eu queria ser padre quando era criança. Então li todos os evangelhos, inclusive os apócrifos, não somente como as religiões. O budismo tibetano é uma especialidade que me apraz muito; o *Torah*, o Alcorão, e todas as religiões, assim como arte sacra, me são muito gratos ao coração, porque a dramaticidade e a tragédia humana pairam sobre a religião, que é uma forma de poder e controle. E é bonito, é belo, porque dentro dessas religiões há preceitos que estão dentro do meu coração. Eu não posso nem me dizer um ateu, porque seria uma soberba diante do cálculo de probabilidade de que, se eu existo, é porque uma pessoa singela como Deus deveria existir. Isso para mostrar que eu seria suficientemente ousado em dizer que sou um ateu, porque seria uma soberba. Quanto ao Chico Buarque, também conheço a sua obra toda, admiro e questiono. Apesar de achá-lo um poeta e, como poesia é um poeta superior, como pensador, é péssimo; como um esteta, é péssimo também. Essa é a minha opinião. Contudo, vocês vão dormir com um barulho desse. O que eu queria instaurar, instaurarei. Agora pensem, se eu estou falando aqui, eu conheço toda a obra do Chico Buarque, eu li tudo. Vocês conhecem a minha obra?

Então se estou dizendo que quero mudar o mundo, estou mudando. Eu fiz o meu disco, lutei contra todas as expectativas estatísticas, sempre fui tachado de maluco, mas estou aqui, não sobrevivendo, porque detesto a sobrevivida. Eu sou um cara que vive integralmente, não sobrevivo não, eu vivo. Sou uma cara muito disciplinado, apesar de acharem que sou maluco. Acho que os palavrões fazem parte da nossa maneira de pensar e, se vocês se higienizarem com os seus palavrões, vão pensar menos, além do bem e do mal, na boa, *relex*. Imaginem isso, façam uma imagem de Deus, depois o perdoem, transformem a sua imagem em semelhanças. Façam de Deus um brinquedo, porque, se ele existir, ele vai se amarrar. Eu estou fazendo uma revista bimestral que se chama *Outra Coisa*. Se vocês quiserem conhecer, tem um *site*: revistaoutracoisa.com.br. São setenta páginas com informações sobre comportamento, religião, cinema, arte e a maior revista de música do Brasil e que está lançando músicos como Arnaldo Batista, B Negão, Cachorro Grande. Temos de parar de ser higiênicos e tratar nossa miséria com certo humor, porque, tendo a nossa estima combatida, como nós somos um povo com uma baixa estima, tendemos a nos enaltecer com o que não deveríamos. Então, para parar de ser deprimido, eu sugeriria que nós tivéssemos uma espécie de catarse, onde nada fosse poupado, a não ser o nosso amor, porque sempre estou falando sobre amor aqui. E outra coisa: a felicidade é incondicional, você não precisa ter fé para ser salvo, porque a fé é uma espécie de remorso na contramão; a fé não é meritocrática, a esperança é: eu faço, então, mereço. Porque a fé é covarde, pressupõe uma vida eterna de benesses que, de repente, você não mereceria. A esperança é meritória, a fé é uma covardia metafísica e, portanto, execrável. Então eu quero dizer que nós somos um país católico, provavelmente 90% de religiosos, cristãos, ou pessoas que são afeccionadas à religião de uma maneira mórbida, ou seja lá o que for. Acho isso, com todo o amor que eu tenho por todos, uma perda de tempo. Eu jamais arrebanharei vocês, mas pensem sobre o assunto, durmam

com este tipo de barulho. Mas, pelo amor de Deus, que se faça barulho na cabeça de vocês. O mundo continua a girar e está mudando a cada segundo. É isso aí. Estou lançando um disco, *Canções dentro de uma noite escura*, que fala sobre poesia. Dentro desse disco o conceito, inclusive, é transposicional porque eu me acho um Jorge Luiz Borges da canção. Acho que a canção está para o conto assim como o conto está para a canção. Sou um ser muito sóbrio, conservador e clássico; portanto, a vanguarda, quando se desdobra em mim, vem com essa maneira elegante e soturna de ser.

Luiz Alberto de Abreu

Uma pergunta me pede para explicitar o que seria um leitor comum. Na minha opinião, um leitor comum seria aquele leitor que tem menos acesso, que pode contar apenas com a sua sensibilidade. Para mim, esse é o leitor comum, e é, principalmente, esse leitor que deve ser contemplado por todas as linguagens artísticas, porque, de uma determinada maneira, as linguagens artísticas tornaram-se extremamente sofisticadas e feitas para um grupo extremamente diminuto. Isso acontece em todas as áreas. Acontece no teatro, que é um público extremamente reduzido por questões econômicas, é lógico, mas também porque não se dirige a esse público comum, a essa pessoa que não precisa ter Phd, que não precisa entender de uma série de coisas para ter acesso à linguagem artística.

Isso eu acho fundamental. Eu trabalho também com a dança e acho, de fato, que todas as linguagens artísticas são imprescindíveis. O ser humano não pode viver sem nenhuma delas completamente. Se houvesse uma linguagem artística que fosse mais importante do que outra, não teríamos necessidade de nenhuma outra; quer dizer, ninguém criou as linguagens artísticas, a cultura não criou as linguagens artísticas por ansiedade, por ociosidade, e, sim, porque são necessárias. Eu gosto demais de literatura, penso que literatura, como no antigo rito, é a linguagem introdutória a

todas as outras. O mito, a narrativa primeira, passa pela literatura, todas as linguagens passam pela literatura. A literatura é o código de acesso a todas as outras, fundamentais e necessárias.

Uma coisa muito importante com relação à literatura, na minha opinião, é que o que define uma linguagem não é o seu suporte. A literatura não pode ser definida pelo seu suporte, que é o livro; obviamente, o livro é um grande suporte, mas a relação da literatura é com o leitor. Nós vivemos num país em que as pessoas têm pouco acesso à literatura, por uma série de questões, e não podemos esquecer que, antes da literatura escrita, existe a literatura oral, que também é importante resgatar. Acho que é o momento de resgate, e algo que acho muito interessante dentro das linguagens artísticas, por exemplo, é a volta do contador. A relação que se trava entre o contador e a comunidade de ouvintes é literatura. É um movimento muito importante, junto com a tradição que já se formou do suporte livro. O suporte voz me parece ser muito importante tanto para a poesia como para a literatura, como para o teatro. Eu acho que o ser humano não pode viver sem nenhuma linguagem artística, pois cada uma delas tem a sua função na formação do ser humano

Luiz Vilela

Das perguntas que recebi, a mais pertinente ao momento é se não há limites a uma adaptação. Claro que há limites, esses limites existem e é o autor da obra que vai descobrir, não eu. Pode-se adaptar até tal ponto. Eu prefiro, como já disse, confiar na seriedade, no talento da pessoa que se propõe fazer a adaptação. No meu próprio caso, eu já tive adaptações, para citar especificamente um caso, que prefiro declinar aqui o nome, em que o sujeito me mandou um roteiro, uma proposta para um filme. Nesse roteiro ele pegou três contos meus, um pedaço de um, e acabou, meio imaginariamente, descobrindo que um pedaço de outro faria uma seqüência e um pedaço com um terceiro. O roteiro

estava ali, com parte dos meus três contos, mas a alma dos contos desaparecera. E foi isso que eu disse para ele. “O que você achou do roteiro?” “Tá lindo, são trechos, são partes de três contos meus, está ali o corpo, parte do corpo dos contos, mas a obra sumiu, não vejo mais nada da minha literatura”. E o cara se encrespou e acabou, felizmente, não voltando a fazer contato comigo. Alguém me contou uma história do Jorge Amado: um autor mais novo, que teve uma proposta de adaptação, foi lá conversar com Jorge Amado, que lhe deu um conselho resumido em apenas uma frase: “Peça muito e não veja o filme”. Não é o meu caso.

Walmor Chagas

A pergunta diz o seguinte: “Você é contra a democracia, quando fala que ela autoriza a barbárie?” Claro que eu sou contra essa democracia, porque nós temos que pensar o seguinte: a nossa democracia é feita pelas imagens, ou seja, nós votamos em quem a imagem manda votarmos, e é por isso que temos essas democracias. Mais uma vez o seguinte: não vejam tantas imagens, mas leiam mais livros. Penso que, depois de aprender a ler, as pessoas precisam aprender a pensar.

Sobre se as pessoas, no geral, não compreendem aquilo que lêem, é evidente que quem lê alguma coisa está compreendendo o que está lendo; se não compreende, deixa de lado. Quando eu tinha 15 anos, fui ler Stanilawsky, que é um grande teórico sobre teatro. Não entendi patavina. Alguns anos depois fui ler: “Ah, agora eu entendi”.

“O povo brasileiro é viciado em TV, não seria pelo preço dos livros, do cinema e do teatro?” Claro, porque é de graça. Essa, vamos dizer, é a parte subliminar desse domínio, que vem de graça. Então, de graça, tu vê tudo, de graça a gente toma até injeção na testa. Então a televisão está aí, o que não quer dizer que não se deva ler livros, ver filmes nem ir a teatro.

Como o Walmor falou da televisão, realmente, a televisão é de graça, ela fica numa programação ininterrupta. Não é como assistir a um filme, que termina. A programação de televisão não termina nunca, fica anunciando dentro do programa que você está vendo qual vai ser o próximo e o seguinte e fica te estimulando para fazer isso. Eu morava em Porto Alegre e tinha uma casa com lareira. Eu gostava de chegar em casa, desligava as luzes e ficava sentado com meus filhos pequeninhos olhando para o fogo. Nós três ficávamos mudos durante muito tempo, não 15 minutos, muito tempo, porque é uma fonte de luz. Então, acho que existe algo no fato de que aquele aparelho de televisão é uma fonte de luz que nos faz, às vezes, não nos darmos conta de que nas últimas horas e meia não sabemos nem o que vimos, porque estávamos parados diante do fogo, na verdade, só deixando a cabeça ir embora, a imaginação voar, olhando para uma fonte de luz.

Por isso tanta gente deixa a televisão muda, ou fica de costas para a televisão, com um sonzinho, porque não quer parecer que está morando sozinho. Quem vive muito em hotéis faz isso, eu, por exemplo, que viajo muito. Às vezes estou no banho, ligo a televisão de forma a não entender o que se fala, mas a perceber que há pessoas falando no quarto. Eu acho que tem um pouco disso. Sobre a leitura, eu quero dizer uma coisa, falando como pai também. Eu tenho crianças pequenas, que estão em idade de alfabetização e de começar a tomar o gosto pela leitura. E já briguei com professores que me dizem: “Ah, mas então ele pelo menos podia ler jornal”. Ler jornal não é literatura, jornal e revista não são literatura. Qualquer pessoa que tenha tido o prazer de ler um livro, daqueles que a gente volta rápido para casa para continuar a ler, que prefere não ser convidado para almoçar só para poder ler durante o almoço, não vai comparar isso com jornal. São mundos completamente diferentes, não têm nada a ver. Você não está ensinando o gosto pela literatura quando substitui o livro da criança

por uma notícia do jornal ou por um encarte da *Folhinha*, para que ele leia.

Penso que acabamos fazendo uma coisa que é um gesto preguiçoso do professor; é preguiçoso porque precisamos ter muito mais entusiasmo, muito mais fogo por dentro e mostrar isso para as crianças, para acender dentro daquela criaturinha uma certa curiosidade de ir até o fim numa experiência que, nas primeiras vezes, é uma experiência dura, de labuta árida, até que engata. Sabemos que ali adiante vai engatar. Isso é a experiência que dá, a vida que ensina. Daqui a pouco engata, e, depois, é uma maravilha. Essa maravilha não temos como explicar, pois é como explicar o azedo, explicar o doce, é difícil de explicar. Tem que dar o chocolate para a criança, não o substituto, porque o substituto não é chocolate, não alimenta e engorda.

Alcione Araújo

Eu quero dizer que as questões tratadas aqui, segundo a proposição temática que foi oferecida, foram um pouco transformadas pela presença ou ausência de pessoas que induziram a caminhos diversos. Eu queria só repor algumas das questões que eventualmente possam ser relevantes, tendo em vista a proposição original, a qual tratava de um conceito de transposição ou de uma idéia de adaptação que há de uma linguagem para outra. Gostaria de fazer pequenas referências a partir de uma experiência muito curiosa e singular no Brasil que fizemos eu e o Walmor em determinado momento. Nós fizemos um filme no qual eu supostamente escrevia e ele fazia o personagem, mas era um filme em que eu não escrevia, um filme sobre a campanha das Diretas Já, feito em função dos acontecimentos. Era dirigido pela Tizuka Yamasaki e chamava-se *Pátria amada*. Na verdade, nós não sabíamos o que ia acontecer amanhã, era um processo, isso que os americanos chamam de *working progress*. Não sabíamos o que ia acontecer amanhã. Em função do que dizia Tancredo Neves, do que dizia fulano de tal, nós armávamos e íamos todos gravar.

Eu me lembro de um momento em que o Brizola vinha de lá, e eu disse para o Walmor: “Você vai lá e pergunta isso para ele”. E o Walmor falou assim: “E se ele responder isso, o que eu faço?” Eu falei: “Você se vira”. Portanto, era um roteirista e um ator que iam inventar alguma coisa em cima de uma personagem real. Brizola era um personagem real, o Walmor era real, mas estava num momento ficcional, de uma ficção sobre a qual eu não tinha nenhum domínio, porque a realidade me induzia a criar sobre ela, a inventar um filme a partir dali. Isso me leva a crer, por incrível que pareça, como uma síntese, que as linguagens são específicas, são particulares e singulares; logo, não é possível transformar um soneto num filme, nem música sinfônica num romance, nem o romance numa peça de teatro. Na verdade, o que há é o que eu chamo de “transubstanciação” – roubei da liturgia católica apenas ocasional uma palavra que tem um conceito importante, que é você se apropriar de algo que é essencial de uma linguagem e levar a outra. E isso existe. Nada substitui a leitura e o que se passa no palco, e o que se passa no cinema. É uma linguagem específica, porque o cinema tem uma mídia, que é o som artificial, a imagem em movimento, a câmara em movimento, o ator em movimento.

Portanto, cada linguagem é específica e não se passa de uma para a outra; o que há é uma transubstanciação: você segura algo que é essencial de uma e propõe a outra. Na verdade, é isso que se faz, as linguagens se mantêm na sua originalidade, na sua pureza, cada uma de *per si*. Porém, o debate me levou a concluir que, pela reiteração da leitura e do questionamento da imagem e no questionamento estilístico de épocas e épocas, pelas posições do Lobão, legitimamente contestatórias, as verdades são provisórias, sobretudo verdades estéticas, que a questão central não é da falibilidade, ou ingenuidade, ou precaridade de uma linguagem e a essencialidade de outra. Todas as linguagens são suscetíveis de induzir a um ato maior. Esse ato maior pode ser induzido pela sensibilidade, mas pode ser induzi-

do também pela razão. Nós tendemos a achar que certas linguagens são estritamente sensíveis. Com isso, estamos querendo negar a outra dimensão indiscreto, inseparável do homem, que é o pensar.

Na verdade, o fenômeno da percepção estética é um fenômeno simultâneo, do sensível e do pensamento, o que me leva à conclusão de que, independentemente do suporte que se esteja discutindo, a questão essencial é o que pensar a partir do que se sente, e esse é um papel, reitero, que é responsabilidade da educação ou das famílias. Como é que eu levo a uma idéia, uma emoção, ou uma percepção sensível de alguma coisa? Por isso eu digo que é inseparável a questão da cultura da educação. Porque a educação mais pode nos levar conseqüentemente a algo; é decodificar o quanto uma criança está manifestando de sensível e o que há de idéia e pensamento naquela manifestação. A obra de arte não separa sensibilidade de pensamento, assim como o homem nunca vai separar a sua razão da sua emoção. Brecht, em determinado momento, disse: “Vocês estão querendo dizer que o teatro é só sensibilidade e eu estou querendo dizer que ele é sensibilidade e razão”.

Outra vez, por causa da hegemonia da imagem, todos estão seduzidos apenas pelo que é sensível à imagem; estamos nos deixando levar pelo canto da sereia que a imagem propõe. E, nesse sentido, ela pode ser enganosa, porque é estritamente sensível, e o homem não é apenas sensibilidade: ele é uma atitude intelectual que é capaz de separar, de decantar o que há de sensível e extrair dali uma razão que é a que pode levá-lo a uma atitude. Foi extremamente importante a diversidade das opiniões e das gerações que surgiram aqui. Portanto, é preciso não esquecer que em nenhuma decisão, quer seja política, quer seja na avaliação do *éthos* de uma determinada obra de arte, a sensibilidade deve induzir ao exercício da razão, que é o fim último da existência do homem.



César Azevedo
dos Santos*

Biografia de Ariano Suassuna

As modernas tecnologias de comunicação redefiniram nossa experiência de espaço e tempo criando novas subjetividades, que se organizam na ausência do calor do toque de mãos e corpos. O traço característico dessa nova realidade global é a intensiva globalização da cultura e a transformação estrutural da sociedade. Segundo Paulo Carrano, a padronização dos comportamentos no quadro da constituição de uma cultura do consumo global, resultante do fluxo de informações e mensagens audiovisuais, processa-se em contextos urbanos onde a diminuição das experiências pessoais é visível.

Na sociedade moderna, o lugar da mídia é preponderante uma vez que permite a globalização dos espaços. Uma das características

* Diretor da Faculdade de Artes e Comunicação (UPF).

dessa globalização dos espaços, promovida pelas diferentes mídias, é que cada lugar, não importando onde se encontre, revela o mundo, uma vez que todos os lugares são passíveis de intercomunicação. As identidades comunitárias locais ou regionais são cada vez mais constituídas pelo estabelecimento de laços transnacionais que rompem com as barreiras territoriais. Até mesmo as regiões “isoladas” geograficamente encontram-se sob a influência de processos culturais, econômicos e políticos provenientes de outros lugares do planeta.

Renato Ortiz pondera que a globalização das sociedades e a mundialização da cultura rompe com essa integridade espacial, tornando cada vez mais difícil discernir os limites de cada povo ou cultura. “A desterritorialização promove uma diluição das fronteiras”. Pois é na figura do homenageado desta noite, o dramaturgo, romancista, poeta e ensaísta, Ariano Suassuna, que encontramos um defensor incansável da cultura popular, das raízes brasileiras. Sua luta é contra essa “diluição das fronteiras” e a uniformização da cultura. Celebra em sua obra e em suas ações a arte e a cultura brasileiras.

Ariano Suassuna representa, no Brasil, a resistência que devemos ter em relação ao perigo da pasteurização cultural, considerando que uma de nossas maiores riquezas é a diversidade cultural, considerando a amplitude de nosso território e as origens étnicas responsáveis pelo desenvolvimento do capital humano e cultural nas mais distintas regiões brasileiras. Quando dele se diz ser nacionalista e não gostar da cultura de massa, ele refuta argumentando que cultura de massa e cultura popular não são a mesma coisa. “Cultura de massa, por definição, é baseada no gosto médio, o que não vale para a cultura popular. A cultura popular é feita pelas pessoas do Brasil real de bom gosto”, sentencia Ariano Suassuna.

No que se refere ao seu nacionalismo, o que parece pro- por é a união do que há de melhor na literatura universal, resultante de um processo histórico, com o gênio inato do povo brasileiro. Assim, não se trataria de um nacional excludente do que lhe é exterior, mas de um nacionalismo em que as

elites culturais enriqueceriam e seriam enriquecidas pela sabedoria popular.

Na década de 1970, Ariano Suassuna reúne um grupo de artistas e lança o Movimento Armorial. O grupo reuniu-se por sentir a necessidade de lutar contra um processo de descaracterização e de vulgarização da cultura brasileira. “Esse processo, infelizmente, ainda está em curso e é por isso que o Armorial não pode enrolar a bandeira, por enquanto. A gente tem de lutar contra esse processo até o fim. O movimento se destinava a lutar; ao mesmo tempo procurávamos uma arte erudita brasileira, baseada nas raízes populares da nossa cultura”, comenta Suassuna.

Em primeiro lugar, lutar contra o processo de descaracterização e vulgarização da cultura brasileira. Em segundo lugar, procurar uma arte erudita brasileira baseada nas raízes populares da nossa cultura. Era esse o programa do Movimento Armorial. Para Suassuna, o que se chama de cena musical pernambucana moderna nasceu com o Quinteto Armorial, que teve o mérito de chamar a atenção para esse tipo de música. Ele diz que MPB brasileira era uma música feita não pelo povo, mas pela classe média. “Os grandes nomes da MPB são todos da classe média como nós. Agora, chamar a atenção para os tocadores de rabeca e de viola, quem chamou foi o Movimento Armorial”.

Ariano Suassuna, advogado, professor, teatrólogo e romancista, nasceu em Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa (PB), em 16 de junho de 1927. É filho de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e de Rita de Cássia Dantas Villar Suassuna. Contava pouco mais de três anos de idade quando seu pai, que governava o estado no período de 1924 a 1928, foi assassinado no Rio de Janeiro em consequência da luta política que se desencadeou na Paraíba às vésperas da Revolução de 1930. Nesse mesmo ano, Dona Rita Villar Suassuna, que se vira obrigada, pela falta de segurança reinante em seu estado a mudar-se para Pernambuco, transferiu-se com os nove filhos do casal para o sertão paraibano, indo instalar-se na fazenda Acahuan, de propriedade da famí-

lia, e, depois, na vila de Taperoá, onde Ariano Suassuna fez os estudos primários. Em 1942, a família Suassuna transfere-se para o Recife e Ariano foi estudar no Ginásio Pernambucano e, após, no colégio Oswaldo Cruz.

A infância passada no sertão familiarizou o futuro escritor e dramaturgo com os temas e as formas de expressão artística que viriam mais tarde constituir seu universo ficcional, ou, como ele próprio o denomina, seu “mundo mítico”. Não só as estórias e casos narrados e cantados em prosa e verso foram aproveitados como suporte na plasmação de suas peças, poemas e romances. Também as próprias formas da narrativa oral e da poesia sertaneja foram assimiladas e reelaboradas por Suassuna. Suas primeiras produções – publicadas nos suplementos literários dos jornais do Recife, quando o autor fazia os estudos pré-universitários no Colégio Oswaldo Cruz – singularizavam-se pelo domínio dos ritmos e metros cristalizados na poética nordestina.

Em 1946, ao ingressar na Faculdade de Direito do Recife, Ariano Suassuna ligou-se ao grupo de jovens escritores e artistas que, tendo à frente Hermilo Borba Filho, Joel Pontes, Gastão de Holanda e Aloísio Magalhães, acabavam de fundar o Teatro do Estudante Pernambucano. Em 1947, escreveu sua primeira peça, *Uma mulher vestida de sol*, que obteve o primeiro lugar em concurso de âmbito nacional promovido pelo Teatro Experimental de Pesquisas (TEP) (Prêmio Nicolau Carlos Magno).

No ano seguinte, especialmente para a inauguração da Barraca, o palco itinerante do TEP, escreveu *Cantam as harpas de Sião*, peça totalmente refundida anos depois com o título de *O desertor de princesa*. A esses dois ensaios iniciais seguiu-se a peça *Os homens de barro* (1949), em que as inquietações espirituais exacerbaram os processos expressionistas empregados na primeira versão de *Cantam as harpas de Sião*. As mesmas inquietações estiveram presentes em duas outras peças, *Auto de João da Cruz*, que recebeu o prêmio Martins Pena em 1950, e *Arco desolado* (Menção Honrosa no concurso do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954).

Daí em diante foi produzindo vários outros trabalhos de dramaturgia, sempre preocupado em conciliar os clássicos ibéricos, como Lope de Vega, Calderon de la Barca e Gil Vicente, com a temática que envolvia o romanceiro popular nordestino. Após formar-se na Faculdade de Direito, em 1950, passou a dedicar-se também à advocacia. Mudou-se de novo para Taperoá, onde escreveu e montou a peça *Torturas de um coração*, em 1951. No ano seguinte, voltou a residir em Recife. São dessa época *O castigo da soberba* (1953), *O rico avarento* (1954) e o *Auto da compadecida* (1955), peça que o projetou em todo o país e que seria considerada, em 1962, por Sábato Magaldi, “o texto mais popular do moderno teatro brasileiro”.

Encenado, em 1957, pelo Teatro Adolescente do Recife no Festival de Teatros Amadores do Brasil, realizado no Rio, o auto conquistou a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. Sucesso permanente de público e de crítica, o *Auto da compadecida* está hoje incorporado ao repertório internacional, traduzido e representado em espanhol, francês, inglês, alemão, polonês, tcheco, holandês, finlandês e hebraico, além de ser transportado para a linguagem do cinema.

Em 1956, Ariano Suassuna abandonou a advocacia para tornar-se professor de Estética na Universidade Federal de Pernambuco. No ano seguinte, foi encenada a sua peça *O casamento suspeito*, em São Paulo, pela Cia. Sérgio Cardoso, e *O santo e a porca*; em 1958, foi encenada a peça *O homem da vaca e o poder da fortuna*; em 1959, *A pena e a lei*, premiada dez anos depois no Festival Latino-Americano de Teatro.

No dia 19 de janeiro de 1957, casou-se com Zélia de Andrade Lima, com a qual teve seis filhos: Joaquim, Maria, Manoel, Isabel, Mariana e Ana.

Em 1959, em companhia de Hermilo Borba Filho, fundou o Teatro Popular do Nordeste, que montou em seguida a *Farsa da boa preguiça* (1960) e *A caseira e a Catarina* (1962). No início dos anos 60, interrompeu a bem-sucedida carreira de dramaturgo para dedicar-se às aulas de Estética na Universidade Federal de Pernambuco. Ali, em 1976, defendeu a

tese de livre-docência *A onça castanha e a ilha Brasil: uma reflexão sobre a cultura brasileira*.

Foi membro fundador do Conselho Federal de Cultura (1967) e nomeado pelo reitor Murilo Guimarães diretor do Departamento de Extensão Cultural da UFPE (1969). Ligado diretamente à cultura, iniciou em 1970, em Recife, o Movimento Armorial, iniciado no desenvolvimento e no conhecimento das formas de expressão populares tradicionais. Convocou nomes expressivos da música para procurarem uma música erudita nordestina que viesse juntar-se ao movimento, lançado em Recife em 18 de outubro de 1970, com o concerto “Três Séculos de Música Nordestina do Barroco do Armorial” e com uma exposição de gravura, pintura e escultura.

Entre 1958 e 1979, dedicou-se também à prosa de ficção, publicando os romances *A pedra do reino* e *O príncipe do sangue do vai-e-volta* (1971), laureado com o Prêmio Nacional de Ficção conferido em 1972 pelo Instituto Nacional do Livro; e *História d’o rei degolado nas caatingas do sertão/Ao sol da onça caetana* (1976), classificado por ele de “romance armorial-popular brasileiro”.

De 1975 a 1978 foi secretário de Educação e Cultura do Recife. Doutorou-se em História pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1976. Na UFPE, foi professor durante 32 anos, onde, além de Estética, ensinou Teoria do Teatro, Literatura Brasileira e História da Cultura Brasileira, aposentando-se em 1994.

Em agosto de 1989, foi eleito por aclamação para a Academia Brasileira de Letras, tomando posse em maio de 1990, na cadeira número 32, que pertenceu ao escritor Genolino Amado.

No período de 1994 a 1998, Ariano Suassuna foi secretário de Cultura do estado de Pernambuco, no governo de Miguel Arraes. Além disso, é também membro da Academia Paraibana de Letras e Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2000).

Segundo Hermilo Borba Filho, seu amigo, já falecido, cuja esposa está nesta noite entre os participantes da 11ª Jor-

nada Nacional de Literatura, a senhora Leda Alves, acompanhando a família Verissimo que prestigia esta sessão solene, “Ariano Suassuna é extremamente coerente e radical em suas opiniões. Irreverente, é capaz de destruir o argumento mais sério de alguém com uma piada. Tem horror a aparelhos modernos, pois considera coisas do demônio. Para ele, arte e religião são fundamentais e acredita que o artista tem o poder de espalhar contradições.”

Principais obras

Teatro:

- *Uma mulher vestida de sol* (1947). Especial da Rede Globo de Televisão, 1994.
- *Cantam as harpas de Sião* ou *O desertor de princesa* (1948). Peça em um ato. Inédita.
- *Os homens de barro* (1949). Peça em três atos. Inédita.
- *Auto de João da Cruz* (1950). Prêmio Martins Pena. Peça inspirada em três folhetins da literatura de cordel. Inédita.
- *Torturas de um coração* (1951). Peça para mamulengos.
- *O arco desolado* (1952).
- *O castigo da soberba* (1953). Entremês popular em um ato.
- *Auto da compadecida* (1955). Medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. Estréia no cinema, 1969. Minissérie da Rede Globo de Televisão, 1994, e no cinema, 2000.
- *O desertor de princesa* (reescritura de *Cantam as harpas de Sião*), 1958. Inédita.
- *O casamento suspeito* (1957). Encenada em São Paulo pela Cia. Sérgio Cardoso.
- *O santo e a porca, imitação nordestina de Plauto* (1957). Medalha de ouro da Associação Paulista de Críticos Teatrais.
- *O homem da vaca e o poder da fortuna* (1958). Entremês popular.
- *A pena e a lei* (1959). Peça em três atos. Premiada no Festival Latino-Americano de Teatro em 1969.

- *Farsa da boa preguiça* (1960). Estampas de Zélia Suassuna. Peça em três atos. Episódio de Terça Nobre, Rede Globo de Televisão, 1995.
- *A caseira e a Catarina* (1962). Peça em um ato. Inédita.
- *As conchambranças de Quaderna* (1987). Estréia no Teatro Waldemar de Oliveira, Recife, 1988.

Ficção:

- *A história de amor de Fernando e Isaura*. Romance inédito, 1956.
- *Romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue vai-e-volta*. Romance armorial-popular. Adaptação teatral por Romero e Andrade Lima, 1997.
- *As infâncias da Quaderna*. Folhetim semanal do *Diário de Pernambuco*, 1976-77.
- *História d'o rei degolado nas caatingas do sertão / Ao sol da onça Caetana*. Romance armorial e novela romançal brasileira.

Outras obras:

- *O pasto incendiado* (1945-70). Livro inédito de poemas.
- *Ode*. Recife, O gráfico amador, 1955.
- *Coletânea de poesia popular nordestina*. Romances do ciclo heróico, 1964.
- *O movimento armorial*, 1974.
- *Iniciação à estética*, 1975.
- *A onça castanha e a ilha Brasil: uma reflexão sobre a cultura brasileira* (tese de livre-docência em História da Cultura Brasileira). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, 1976.
- *Sonetos com mote alheio*, 1980.
- *Sonetos de Albano Cervonegro*, 1985.
- *Seleta em prosa e verso*. Estudos, comentários e notas do professor Silviano Santiago, 1974.
- *Poemas*. Seleção, organização e notas de Carlos Newton Júnior, 1999.

- CD - *Poesia viva de Ariano Suassuna*. Recife, Ancestral, 1998.

Obras traduzidas:

Para o alemão:

- *Auto da compadecida*, em 1986.
- *Romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, em 1988.

Para o espanhol:

- *Auto da compadecida*, em 1965.
- *O santo e a porca*, em 1966.

Para o francês:

- *Auto da compadecida*, em 1970.
- *Romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, em 1998.

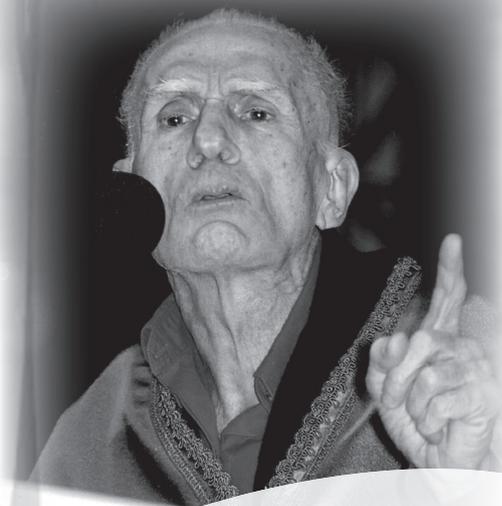
Considerando, então, o conjunto da obra cultural e artística e a sua trajetória como professor e homem público, responsável por mudanças significativas para a sociedade brasileira e mundial, constituindo-se em ferramenta conscientizadora do desenvolvimento da cidadania numa perspectiva crítica e transformadora, é que se atribui a Ariano Suassuna o primeiro título de Doutor Honoris Causa concedido pela Universidade de Passo Fundo.

A seleção do tema “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças” provocou debates no período preparatório desta 11ª Jornada Nacional de Literatura, promovida pela Universidade de Passo Fundo e pela Prefeitura Municipal, e tem estimulado no decorrer desta semana inesquecível outros tantos debates na defesa da manutenção da diversidade cultural, nossa maior riqueza, sem deixar de pôr em relevo o diálogo entre as diferenças, que propiciam a manutenção da identidade brasileira, da nossa identidade no cotejo com as demais nações. Nenhum debate poderá ressoar com tanta intensidade em outras comunidades, em outros recantos do Brasil, sem a sua presença, Dr. Ariano, síntese da resistência à globaliza-

ção da cultura, a quem agradecemos pela luta e pelo estímulo que tem dado a cada brasileiro, a cada um de nós, para que assumamos a nossa parte nessa frente de defesa da identidade plural de nosso país.

Muito obrigado por ter aceito o convite para estar presente, acompanhado de alguns de seus familiares, no Circo da Cultura, junto a este público maravilhoso de, aproximadamente, cinco mil pessoas, para se constituir no primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade de Passo Fundo. Muito obrigado por sua honrosa presença. Muito obrigado por sua luta. Muito obrigado por sua resistência e por sua liderança no movimento de resistência à indesejada globalização cultural. Sairemos daqui mais comprometidos com essa idéia e conscientizados de que todos precisamos ser agentes de manutenção da identidade plural brasileira.

Por derradeiro, o fato da concessão de tão importante título acontecer no espaço de uma lona de circo se reveste de um simbolismo profundamente ligado à trajetória do personagem central desta sessão solene. Ariano Suassuna conta que foi no circo, ainda menino sertanejo, que assistiu aos primeiros espetáculos de teatro. Ali surgiu seu interesse pela dramaturgia e, hoje, aqui, o movimento do Circo da Cultura deve ter aberto algumas janelas da sua memória e resgatado a lembrança de um certo palhaço Gregório, que tanto o encantou.



Ariano Suassuna

Advogado, professor, teatrólogo e romancista, nasceu em Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa, PB, em 1927. A infância passada no sertão familiarizou o futuro escritor e dramaturgo com os temas e as formas de expressão artística que viriam mais tarde constituir seu universo ficcional ou, como ele próprio o denomina, seu “mundo mítico”. Em 3 de agosto de 1989 foi eleito para a cadeira n. 32 da Academia Brasileira de Letras. Dentre sua obra destacam-se no teatro: *Uma mulher vestida de sol*; *Cantam as harpas de Sião*; ou *O desertor de princesa*; *Os homens de barro*; *Auto de João da Cruz*; *Torturas de um coração*, peça para mamulengos; *O castigo da soberba*, entremês popular; *O rico avarento*, entremês popular; *Auto da compadecida*; *O casamento suspeito*; *O santo e a porca*; *O homem da vaca e o poder da fortuna*, entremês popular; *A pena e a lei*; *Farsa da boa preguiça*; *A caseira e a Catarina*; *O casamento suspeito*. Na ficção: *Romance d’a pedra do reino* e o *Príncipe do sangue do vai-e-volta*; *História d’o rei degolado nas caatingas do sertão*. *É de tororó*, em colaboração com Capiba e Ascenso Ferrera; *Ode*; *Coletânea da poesia popular nordestina*; *Iniciação à estética, teoria literária*; *O movimento armorial*; *Seleta em prosa e verso*. *Organização, estudo e notas do prof. Silvano Santiago*.

Antes de mais nada, eu quero dar uma explicação sobre o jeito como me visto, porque eu não quero que vocês entendam como falta de respeito pela universidade, que está me concedendo este título tão honroso. Eu fui professor durante 33 anos e sou muito ligado à universidade, aos estudantes. Felizmente, tenho uma convivência muito boa com meus alunos. Não deixei de ensinar, não me aposentei, e continuo, como hoje aqui, dando uma aula. Eu não queria que vocês entendessem como falta de respeito o fato de eu me vestir assim. Antigamente eu usava paletó e gravata. Então, num artigo, mais ou menos por volta 1981, do grande líder da libertação da Índia, ele dizia que o indiano que, como ele, pertencesse às classes privilegiadas não deveria se vestir com roupas feitas pelos ingleses. Isso por dois motivos dizia ele: em primeiro lugar, porque ele estaria se acumpliciando com os invasores de seu país; em segundo lugar, porque estaria tomando das mulheres pobres da Índia um dos poucos mercados de trabalho que elas ainda tinham, a costura. Formado na Índia dominada pelos ingleses, ele se vestia como europeu. Então formou-se em direito na Inglaterra e quando voltou de lá, o povo indiano não reconhecia nele um dos seus grandes mestres. Então, ele passou a se vestir como – vou usar a expressão de “xoxo” – como um faquir, seminu.

Portanto, desde que li este artigo de Ghandi, vi que aqui no Brasil nós que pertencemos às classes privilegiadas fazemos a mesma coisa. Então tomei essa decisão. Eu não tenho a elevação moral nem a coragem de Ghandi; logo, não vou dizer que fiz um voto, que é uma coisa mais séria, mas tomei o propósito, não visto mais paletó e gravata. Aí minha mulher, que é uma figura extraordinária, me apresentou uma costureira, chamada Edite Minervina de Lima, e eu disse: “Quem vai fazer minha roupa agora é a Edite”. E nunca mais botei. Como já tenho uma vocação de ser barrado nos lugares, isso aumentou mais ainda. Eu chego nos lugares e as pessoas me barram. Eu tenho horror dessa figura do intelectual vaidoso, que chega dizendo: “Você sabe com quem está falando?” Eu não digo isso em canto nenhum.

O professor César Augusto disse aí que eu fui secretário de Cultura do governador Miguel Arraes, a quem presto as minhas homenagens. Então, como eu era secretário dele, um dia cheguei no palácio do governo e chegou uma moça soldada da polícia militar: “Onde é que o senhor vai?” “Eu vou para o primeiro andar.” “Falar com quem?” “Vou falar com o Dr. Arraes.” Ela disse: “O senhor marcou audiência?” “Não marquei não.” “Mas então não pode não.” Aí um segurança lá que me reconheceu, disse: “Não, esse homem é o secretário.” Aí ela disse: “O senhor é secretário?” “Sou, eu não tenho cara não, mas sou.” Ela disse: “Mas por que o senhor não disse logo?” “Porque você não perguntou.” Aí subi.

Outra vez fui à Academia Brasileira de Letras – eu só fui a duas sessões: a sessão em que eu tomei posse e a sessão que se fez lá quando o meu mestre Barbosa Lima Sobrinho, que era da Academia, completou cem anos. Eu não gosto de viajar e é muito longe do Recife, então fico na minha casa. Eu tenho uma casa, não é por estar na minha frente não, maravilhosa; minha família, mais bonita ainda, uma família extraordinária. O pessoal lá em Pernambuco chamava Gilberto Freire “o solitário de Apipulcos”, porque foi morar num bairro chamado Apipulcos. E eu moro num bairro chamado Casa Forte. Aí, uma vez um jornalista me disse: “Tem aqui o solitário de Apipulcos e você o solitário de Casa Forte”. Eu disse: “Eu tenho mulher, seis filhos e 15 netos. Eu não tenho nada de solitário. Eu não sou solitário”. Mas eu não gosto de viajar, sou sempre caseiro, gosto de viver lá na minha casa, cercado de esculturas, que fui juntando aos poucos. Aí cheguei na Academia para sessão do cem anos do Barbosa Lima e fui barrado. O porteiro disse: “Para onde o senhor vai”. “Eu vou para a sala das sessões”. Ele disse: “Você foi convidado por algum acadêmico ou não?” “Fui não.” Ele disse: “Então não pode não.” “Tudo bem, está certo.” Aí Raquel de Queiroz estava por perto e ouviu: “Esse homem é da Academia”. “Aí eu subi.

Quando eu fui eleito para a Academia, me telefonou um alfaiate exclusivo da Academia. A Academia tem um fardão para se tomar posse; com ele fica-se parecendo um rei. Ele fa-

lava com aquele sotaque desagradável – eu não sei, as pessoas, de repente, deram para falar com uma voz, principalmente de aeroporto. É um sotaque que não é de estado nenhum. Eu já fiz uma pesquisa: aquilo é sotaque de aeroporto. Eu tenho a impressão de que eles fazem um curso. Uma das coisas que me leva a não gostar de viajar é porque se fica em quatro tipos de lugares de que não gosto: aeroporto, avião, hotel e restaurante. Todo mundo fala com aquele sotaque. Eu vim do Recife agora. Lá no aeroporto, no alto-falante, uma mulher disse: “Varig vôo, 787”. “Minha Nossa Senhora”. Aí eu tomei o avião, desci em São Paulo, de onde ia pegar outro avião para vir para Porto Alegre. Aí, quando eu estava no aeroporto de São Paulo disse: “Varig, vôo”. Eu disse assim: “A mulher veio”. Mas não, era outra. É porque estão todos falando assim.

Então o camarada alfaiate me telefonou: “É o Suassuna?” Digo: “Sim.” Ele disse: “Aqui é o alfaiate exclusivo da Academia. Eu estou te telefonando para tomar as tuas medidas para fazer o teu fardão”. Eu digo: “É, vai falando aí, quem vai fazer o meu é a Edite. Ela faz todo o dia.” E foi, porque eu digo: se ela faz a roupa do dia-a-dia, ela vai fazer o da glória também. Aí peguei um retrato de José Lins do Rego vestido com o fardão e disse: “Edite, você sabe fazer um negócio desses?” “Sei”. “Pois então faça um para mim”. Ela fez e disse: “Eu só não sei bordar”. Aí a Zélia me arranjou novamente uma bordadeira extraordinária, que bordava para um clube popular do Recife, chamado Clube da Paz Dourada, Ceci Ferreira. Pois bem, a Ceci fez os bordados. Olha, eu vou dizer uma coisa, e o que eu vou dizer agora não tem nada a ver com as mulheres que pertencem à Academia, é só sobre os homens: não vou dizer que estava bonito não, porque não tem ninguém bonito lá, eu nunca vi uns imortais mais feios, não estou me excluindo não. Eu não era, não vou dizer o mais bonito, mas eu era o menos feio, e fiquei lá com a roupa feita por Edite.

Olha, eu passei aventuras tremendas. Tem também uma espada da Academia, pois toma-se posse com o fardão e com a espada. No tempo que fui tomar posse, eu era secretário do Dr. Arraes. Eu sei que não é o fato de eu me vestir assim

que vai fazer de mim um camponês pobre do Brasil, mas não gosto de impostura não. Eu nasci no Brasil oficial, fui criado no Brasil oficial e tenho as deformações naturais de uma família proprietária de terras, mas eu acredito na importância da liturgia e dos rituais. Então acredito nisso aqui que eu recebi agora. Eu acho que esta liturgia está certa, isso tem um significado. Eu sei que de chapéu eu fico meio esquisito, mas eu me senti orgulhoso no momento em que o reitor me colocou isso e aquela linda moça me colocou essa [...]. Eu me senti orgulhoso, porque sei que isso tem um significado. O que é que quer dizer? Quer dizer que os gaúchos de Passo Fundo simpatizam comigo, e eu também simpatizo com eles. Então, está em paz. Agora, no meu caso, procuro fazer com que os rituais ligados a mim se pareçam o mais possível com os rituais do povo brasileiro. Como o povo brasileiro passa, às vezes, as maiores dificuldades para fazer uma roupa, para se vestir de rei durante três dias, eu tomo isso aqui como um sinal litúrgico da minha posição hoje na universidade do Rio Grande do Sul, universidade gaúcha.

Pois bem, aí eu sabia que no Rio, na Academia, eu ia ter mais dificuldades. Então, seguindo uma tradição, o Dr. Arraes me mandou dar o fardão, a espada, as insígnias. E aí eu disse a ele: “Dr. Arraes, eu queria fazer uma pré-posses aqui no palácio do governo”. A espada me ia ser entregue na Academia por Barbosa Lima Sobrinho, esse mestre, a pedido meu. Então eu disse: “Eu quero que no palácio a espada me seja entregue pelo mestre Salustiano, que é um mestre de um maracatu rural, chamado Piaba de Ouro”. E foi ele quem me entregou a espada. O colar me foi colocado ao pescoço na Academia pela minha querida amiga Rachel de Queiroz, no palácio, por uma cantora, uma mulher extraordinária, Moícinha de Paraira. Foi ela quem me colocou o colar.

Pois bem, no dia em que eu fui tomar posse na Academia, minha mulher e minha filha Maria foram comigo. Quando fomos entrar no avião, minha mulher e minha filha entraram e ninguém disse nada, mas quando eu fui entrando um homem me barrou. “Espera aí, o que é isso que o senhor está

levando aí?” Eu estava com a espada no estojo, parecia assim um clarinete. Aí eu disse: “Isso é uma espada.” Ele disse: “O quê?” Eu digo: “Uma espada.” “E o senhor vai viajar com uma espada?” Imaginem se eu seqüestraria o avião com uma espada! Que coisa arcaica, desgraçada, de espada em punho! Mas aí, com a vergonha do lado, eu disse: “Não, é o seguinte, eu fui escolhido para pertencer à Academia Brasileira e tal... O senhor é da polícia?” Ele disse: “Não, eu sou da Infraero. Não é melhor a gente ir à polícia?” Digo: “Vamos. Vamos à Polícia Federal.” Chegamos na polícia, onde estava um agente na porta. Ele chegou junto e disse: “Olha, esse homem está querendo viajar com uma espada e veja aí.” E foi-se embora. Aí o homem disse: “O senhor quer viajar com a espada?” Eu digo: “Não é melhor falar com o delegado?” Disse: “Vamos.” Aí ele me levou para falar com o delegado. O delegado olhou para mim e disse: “O que é isso? Quer viajar com a espada?” “É porque eu fui escolhido.” O delegado tinha cara de poeta parnasiano e me identificou: “O senhor é o Ariano Suassuna?” “Sou.” Aí ele começou a dar carão. “Vocês precisam aprender a trabalhar, como é que se pega um homem com a categoria de Suassuna?” E eu com medo: “Meu senhor, eu quero é viajar, pelo amor de Deus, não foi nem ele que me barrou, foi o homem da Infraero, já foi embora.” Aí ele disse: “Olha, o senhor faça o seguinte, leve a espada, chegue lá, procure a moça do avião e dê a espada para o piloto levar na cabine. Quando o senhor for saltar lá, pegue.”

O avião já estava atrasado esperando por mim. Cheguei lá de espada em punho, entrei, não disseram nada, mas quando eu fui botar a espada naquele lugar, a mulher disse: “O que é isso?” Eu digo: “Uma espada, é uma espada.” Ela disse: “Espada de esgrima?” Digo: “Minha senhora, eu vou lhe dizer, é uma espada literária, não tem outra definição melhor não.” Pois bem, enfim, aí eu fiquei, tomei posse lá. Eu procurei fazer a roupa, minha mulher me ajudou, escolhemos mescla azul, um pano branco, outro caqui, para eu me vestir.

Aí eu fui escolhido para a Academia Pernambucana de Letras. Bom, aí eu disse: “Como é que eu vou?” Então eu dis-

se: “Edite, de novo, agora eu preciso de uma roupa igual àquelas que você fez para mim, sem preto.” Ela fez, eu botei uma camisa branca e tomei posse na Academia Pernambucana. Uns dois anos depois ou três, o então presidente de Portugal, Mário Soares, me deu uma medalha, medalha do Infante Dom Henrique. Eu fiquei muito honrado, aceitei. A entrega foi no Recife, num clube chamado Clube Português. Quando faltavam uns três dias, me mandaram um convite e, escrito embaixo, traje esporte fino. “Minha Nossa Senhora, que diabo é esporte fino?” Eu disse: “Vou ver se me arranjo aqui.” Eu gosto muito de futebol, sou torcedor do Recife, do Sport Clube Recife. Então disse: “Esporte fino? Vou fazer o seguinte: vou pegar a minha roupa preta com que tomei posse na Academia e vou botar uma camisa vermelha, porque aí eu fico esporte fino. A finura é da Academia.” Então, fui assim para receber a medalha, e a partir de lá passei a me vestir assim. Ficou sendo o meu traje de cerimônia. É a camisa vermelha e a roupa preta, fazendo as cores preto e vermelho do Sport. Eu não sou político. Eu vou dizer aqui uma coisa que nem devia dizer, vou dividir vocês. Eu podia ficar calado, que é muito melhor unanimidade, mas eu não vivo em cima de muro, não, eu tomo partido em tudo. Aqui sou do Internacional, está certo. E meu amigo Luis Fernando Verissimo é também.

Eu peço desculpas a vocês, porque eu falo demais. Parece que eu me encanto com o som da minha própria voz. Mas eu queria dizer que, além de agradecer o honroso título que recebi, fiquei muito contente de ser num circo. O circo, para mim, é uma coisa importantíssima. Eu recebi uma influência muito grande do grande dramaturgo espanhol Calderon de La Barca, que escreveu uma peça chamada *o Grande teatro do mundo*. Ele influenciou ninguém menos do que Goethe. Goethe, para fazer *o Fausto*, partiu de duas peças de Calderon, *o Grande teatro do mundo* e *o Mágico prodigioso*, que narra a história de São Ciprião, o qual fez um pacto com o demônio, como o Fausto. Essa visão do mundo como um grande teatro sempre me tocou muito. Ele tem outra peça chamada *A vida é sonho*, onde mostra a vida como uma representação teatral

ou como um sonho, uma peça belíssima. *A vida é sonho* conta a história de um príncipe polaco, Segismundo. Quando a mãe de Segismundo estava grávida dele, um profeta vaticinou que o menino que ia nascer ia ser perigoso para o reino. Então o rei, pai dele, Basílio, foi alertado por um dos seus assessores de que, quando o menino nascesse, seria perigoso para o pai também. Então quem criou Segismundo foi Clotaldo, numa torre circular, o que me parece uma coisa muito boa, porque é como que o símbolo do mundo.

O grande poeta português Bocage tem um soneto que começa assim: “O cárcere materno em hora escura, eu fui um dia arremessado por um duro fado”, qualquer coisa assim. “Meus dias cometendo a desventura”. Então o Segismundo foi criado por Clotaldo, que foi quem o ensinou a falar, entregava-lhe a comida por baixo de uma grade, lá naquela torre. Quando Segismundo atingiu a idade adulta, ninguém sabia da existência dele, só o rei e Clotaldo. Aí Clotaldo disse ao rei: “Você tem um certo medo do que a gente fez com o menino por causa de uma profecia. Vamos fazer uma experiência com ele”. Clotaldo, então, colocou um narcótico na água de Segismundo, que adormeceu e, quando acordou, estava na corte, vestido de príncipe. Então convenceram Segismundo de que a sua vida de prisioneiro fora sonhada, que ele estivera doente desde que nascera, diziam: “Você sonhou, numa espécie de delírio, sonhou que estava preso, mas não, você é um príncipe.” Acontece que uma pessoa criada desse jeito não pode ter um comportamento manso, e Segismundo matou uma pessoa, revelando um gênio violento. Então o rei resolveu adormecer de novo Segismundo, que, quando acordou, estava na torre, carregado de correntes e cadeias. Clotaldo, então, convenceu-o de ter sonhado a vida anterior, de príncipe; assim, ele ficou na dúvida: não sabia mais o que era sonho e o que era verdade. E, quando ele despertou na torre carregado de correntes e preso, disse duas estrofes que eu acho uma beleza, que é o seguinte: “Sonha o rico na riqueza, que o cuidado lhe oferece, sonha o pobre que padece na miséria e na pobreza. Sonha o que busca a beleza, sonha o que luta e pretende, sonha o que agrava e

ofende e no mundo, em conclusão, todos sonham o que são. Coisa que ninguém entende. Eu sonho que estou aqui, de cadeias carregado e sonhei que em outro estado, como príncipe vivi. O que é a vida? Um frenesi. O que é a vida? Uma ilusão, uma sombra, uma ficção, e o bem mais belo é medonho ou toda a vida é um sonho e os sonhos, sonhos são”. Eu acho bonito. Viva Calderon, era muito bom.

Então desde aí, muito jovem ainda, com essa peça sobre o grande teatro do mundo, eu comecei a ser seduzido por essa visão do mundo como um teatro, como um palco. E os grandes escritores barrocos tiveram sempre essa visão. Não sei se já viram a peça *Macbeth* de Shakespeare, mas tem um verso lá muito bom: “A vida é um conto narrado por um idiota, um conto cheio de sonho e de fúria, mas que nada significa. O homem é um pobre ator que dá cambalhotas e logo se retira do palco.” Estão vendo que beleza? O grande pensador brasileiro Matias Aires tem um texto muito semelhante a este. Eu, aliás, estou vendo muito satisfeito que a universidade brasileira está mudando.

Quando me tornei estudante universitário, a universidade brasileira ensinava de costas para o país e para o povo. Então, uma vez, dando uma aula na Universidade de São Paulo – não tinha tanta gente quanto aqui, não; é a primeira vez que eu tenho um público tão grande – eu disse, que a universidade brasileira ensinava de costas para o nosso país e para o nosso povo. Eu disse para eles: “Vou mostrar a vocês que é verdade.” Olhem o maior filósofo de língua alemã no século 18, Emanuel Kant. Quem ouviu falar dele? Praticamente os dois mil estudantes que estavam lá levantaram a mão. Aí eu disse: “O maior filósofo de língua portuguesa do século 18 era Matias Aires. Quem foi que já ouviu falar nele”. Só um estudante levantou a mão. Eu disse: “Poxa, vocês estão vendo? Matias Aires, o maior filósofo brasileiro, o maior filósofo de língua portuguesa do século XVIII era brasileiro e era paulista, como vocês, no entanto, já tinham ouvido falar de Kant e de Matias Aires só quem tinha ouvido falar era aquele que ali está?” Então eu disse: “Me diga uma coisa, você ouviu falar

dele em alguma aula, ou leu algum livro dele?” “Não senhor, é que eu moro numa rua que tem o nome dele.”

Nós rimos porque a história realmente é engraçada, mas o que está por trás disso é muito triste. O maior pensador brasileiro, nascido no Brasil, em São Paulo, não é estudado. Pois bem, vocês vão ver como ele é bom. Ele tem uma frase que tem o mesmo sentido da peça de Calderon, o mesmo sentido do texto de Shakespeare, no qual tem uma coisa que eu não concordo: Shakespeare diz que a vida é um conto narrado por um idiota. Idiota era ele. Não, ele não era idiota não, eu estou brincando, mas chamar o narrador da vida de idiota está errado. Não é não. Deus não é idiota, não. Eu gosto dele, estou do lado dele. Shakespeare tem uma certa amargura.

Até hoje de manhã, dando uma entrevista para uma jornalista, eu falei: “Ele era meio herege”. Eu estava contando que na minha terra tem um herege, uma figura extraordinária. Às vezes as pessoas dizem que eu tenho imaginação, eu não tenho nada, eu copio o que eu vejo. Eu tenho um interesse enorme por gente, eu gosto de gente, e essa figura se chama Galbino, Galbino do Borges – o Borges é a terrinha dele lá, o sitiozinho dele. Ele tem horror quando dizem que ele é ateu. “Eu não sou ateu, ateu é quem não acredita em Deus. Eu acredito, só que eu não simpatizo.” Já imaginou a pessoa que não simpatiza com Deus? Ele é engraçadíssimo. A minha terra, no sertão da Paraíba, que se chama Taperuá, é vizinha de outra cidade, chamada Soledade, e, como sempre acontece, são rivais. “Um dia numa feira em Taperuá, na seca de 58, uma grande seca, nós estávamos numa discussão. Havia lá algumas pessoas que eram de Soledade, e travou-se uma discussão cada um dizendo que sua terra era a melhor: o pessoal de Taperuá dizendo que era melhor que Soledade e o pessoal de Soledade dizendo que lá era melhor. Galbino é de Taperuá. Então chegou um camarada lá dizendo: “Vocês parem com isso que lugar bom é o céu.” E começou a chegar gente besta para a discussão. Aí disseram: “Ô, Galbino, você não acha que o céu não é bom não? Eu vou achar bom um lugar que, para ir para lá, eu tenho que morrer? E se depois eu achar que lá

não é um lugar tão bom como dizem? A seca tá por lá também. Porque dizem que a pessoa mais importantes de lá é Nossa Senhora, e Frei Damiato já passou aqui pedindo esmola aqui para ela. Então não é tão bom como dizem não.” É uma figura o Galbino, Galbino Borges. No romance que estou escrevendo, presto uma homenagem a Gregório, palhaço Gregório, a Galbino. Eu criei duas figuras de palhaço, Gregório Mateus de Souza e Galbino Bastião Soares, para homenagear essa figura que eu conheci muito.

Matias Aires falou: “São os homens mais do que a aparência de teatro. A vaidade e a fortuna governam a farsa desta vida. Cada um escolhe o seu papel. Ninguém escolhe o seu papel, cada um recebe o que lhe dão. Aquele que sai sem fausto e nem cortejo e que logo no rosto indica que é sujeito à dor, à aflição e à miséria, esse que representa o papel de homem. A morte tem estado de sentinela: numa das mãos, segura o relógio do peito, na outra, a foice fatal e com esta de um só golpe certo e inevitável dá fim à tragédia, fecha a cortina e desaparece.” Não é bonito? Eu acho uma beleza. E vocês vejam que é a mesma idéia central do mundo como representação do homem como ator. Pois bem, para mim, o que realizou primeiro a imagem do teatro foi o circo. Eram as duas grandes encantações da minha infância, o circo e a leitura. Olhe, vocês não podem imaginar a alegria que se apoderava de mim quando diziam: “O circo chegou.” Antes do espetáculo já começava o ambiente de festa, porque o palhaço, que é uma figura, montava num jumento de costas, virado para o rabo do jumento e de costas para a cabeça. Então um bando de meninos seguia o palhaço e ele anunciava: “Hoje tem espetáculo, é sim senhor. Às 8 horas da noite, é sim senhor.” Aí ele dizia: “Arcocha negrada da canela fina”. E os meninos gritavam: “Eeeeeee, arcocha, eeeeeee.” Ele cantava: “Tomei, tomei, mandei tomá, perna fina no meio do mato, oi eu vou ali e volto já, oi cabeça de bode, não tem que chupá, eu vou.” Era uma beleza. Eu já ficava encantado, eu queria ir, minha mãe não deixava. Levei muito cascudo por causa do palhaço. Eu passava a semana todinha enchendo a paciência de minha

mãe e de meus irmãos dizendo as brincadeiras do palhaço, de manhã até de noite. Um dia minha mãe disse: “Olha, você não repita mais nenhuma dessas besteiras não, que eu vou lhe dar um cascudo.” Quando ela disse isso, eu disse: “Dó, ré, mi, fá, relaxou.” Então o palhaço, para mim, ficou sendo um emblema da alegria.

Eu digo sempre que a alma humana tem dois hemisférios: o hemisfério rei e o hemisfério palhaço. No hemisfério rei eu coloco tudo aquilo que o homem tem de mais elevado. Não é à toa que se chama o Cristo Rei, aquele ideal do ser humano, que é o Cristo do ser humano; o masculino, que é o Cristo, como a Compadecida, que para mim é o emblema do ser humano feminino, é chamado de rei por isso. E quando se diz que o Cristo nunca riu, a meu ver, isso não significa que o Cristo não recebeu os seus amigos com um afetuoso riso de alegria. Isso quer dizer que o Cristo não zombava, não ria zombando de ninguém, coisa que infelizmente eu faço, eu vivo fazendo. Eu gosto de zombar de mim mesmo e gosto de zombar dos outros. Eu, podendo rir, estou rindo. Mas eu acho isso. Agora o hemisfério rei não podemos levar muito a sério, não, senão ficamos levando a nós mesmos demais a sério, o que não é bom. Hoje eu estou aqui com o meu hemisfério rei, eu tenho muito medo, porque não quero me tornar um intelectual vaidoso, eu tenho uma antipatia a essa figura. Eu vou dizer mais uma coisa a vocês, não faltando com o respeito aos outros que estão aqui: eu escritor, conviver de manhã a noite, só convivo com um, e todo o dia, quando vou fazer a barba, vejo a cara dele, já vou enchendo. Eu não quero, não.

No dia que cheguei aqui, eu me encontrei com o Marcus Accioly, que brincou comigo: “Você é a grande estrela da Jornada.” “Bom, estrela não”. Aí o pessoal vai dizendo que eu sou modesto, não é nada, não. É que eu sou muito seguro, eu posso ser astro, estrela não. Mas nem isso era verdade, tanto assim que me deixaram até sossegado nos primeiros dias, porque Chico Buarque estava aí. Só quando o Chico foi-se embora eu virei um vice-astro. Mas então, vejam bem, quando eu vejo que estou muito rei demais, que estou querendo me

levar a sério demais, o palhaço que tenho dentro de mim dá uma cambalhota, eu faço uma careta pro rei e, com isso, vou me livrando da vaidade, que é uma coisa ruim. Por falar nisso, tem uma história muito boa. Eu de fato sou um contador de histórias, eu gosto de contar histórias. Eu falei a vocês do fardão da Academia e Aurélio Buarque de Hollanda, o do dicionário, era meu amigo e era da Academia. Lá o fardão só se bota no dia de sessão solene. Então, quando ele ia para a sessão solene da Academia, levava o fardão numa sacola e ia vestido de roupa civil dele e, quando chegava lá, mudava a roupa. Mas um dia ele chegou atrasado do trabalho, quase na hora, mudou a roupa, vestiu o fardão e desceu do prédio de apartamentos onde morava. Aí vinha um táxi, ele ergueu a mão, o táxi parou, ele entrou. Então o motorista falou logo no pronome “vós”. Virou-se para ele e disse: “Sois rei? Sois rei?” Aí o Aurélio disse: “Não, olha, eu não sou rei, não, eu queria é que você fosse com um pouco depressa porque eu estou meio atrasado.” Aí ele disse: “O senhor não se preocupe, não, uma pessoa vestida desse jeito, eles só começam quando o senhor chegar.”

Eu queria ainda dizer, sem desdoro, que já encontrei vários companheiros aqui, como Ignácio de Loyola Brandão. Tive o prazer, nesse policiamento que faço para não me tornar vaidoso, de conhecer aqui o Silviano Santiago, a quem eu conhecia muito bem de nome, mas não pessoalmente. No dia que cheguei aqui, Silviano me reconheceu: “Ariano, eu vim conhecer você, eu sou Silviano Santiago”. Imediatamente saiu, veja como a gente se julga importante. “Ah, eu sei, não foi você quem organizou a seleta de Ariano Suassuna?” Que coisa horrorosa, isso é coisa. Imagina, na hora que eu conheci. “Ah, sim, conheço você, é uma pessoa importantíssima, tanto assim que organizou a minha seleta.” Que mania de grandeza desgraçada. Aí, quando eu vi, falei: “Silviano, me desculpe, os escritores têm essa tendência, é terrível.” Eu estando lá, estou contando coisa da Academia, daqui a pouco eu vou ficar impopular lá.

Mas lá na Academia tinha um escritor que era muito vaidoso, era até um vaidoso simpático, ele era assumido, dizia que era. Na Academia, no dia em que a gente é recebido, faz um discurso e um acadêmico de lá faz outro recebendo a gente. No dia da posse de Gilberto Amado, ele foi recebido por um grande brasileiro, nascido e criado no Rio de Janeiro, Dr. Alceu de Amoroso Lima, pessoa de quem eu gostava muito e até admirava muito. E o doutor fez um discurso para receber Gilberto Amado. Todo mundo disse: “Foi uma beleza o discurso.” No dia seguinte, Gilberto Amado telefonou para a casa do Dr. Alceu, mas ele não estava. Atendeu dona Maria Tereza, mulher do Dr. Alceu. Gilberto Amado disse: “Dona Maria Tereza, que beleza de discurso o Alceu fez ontem para me receber.” E dona Maria Tereza: “É verdade, Dr. Gilberto, muitas pessoas já me telefonaram hoje para dar os parabéns ao Alceu.” E Gilberto Amado: “Também não admira não, que com um assunto como eu é muito difícil o discurso não ficar bom.” Outro dia, uma professora de antropologia cultural, chamada Aparecida Nogueira, defendeu uma tese sobre o meu romance *Na terra do reino*, que depois ela editou sob a forma de livro, chamado *O cabreiro transmalhado* – o cabreiro sou eu. Então eu cheguei junto dela: “Aparecida, o seu livro ficou muito bom, muito bem escrito.” E por brincadeira eu disse: “Também não admira, um assunto como eu é difícil não ficar bom.”

Mas hoje, enquanto eu esperava a hora de vir para cá, meu genro Alexandre me avisou. Eu liguei a televisão e estava passando uma matéria sobre a Jornada, onde vi uma coisa que me deixou contente, mas muito contente mesmo. Eu só queria que ele estivesse aí, um índio chamado Daniel Munduruku, se não me engano – eu quero dar um abraço nele. Eu fiquei contente com o que ouvi de Daniel hoje de tarde e vou mostrar a ele que procuro, na medida do que me é possível, reparar a injustiça que o Brasil significou em relação a ele e ao seu povo. Eu sempre protesto contra isso. Eu uma vez cheguei na Universidade Federal de Pernambuco e estava lá um cartaz escrito “Arte no Brasil, uma história dos cinco séculos”. E como é arte no Brasil uma história de cinco

séculos? Isso significa que a arte só começou aqui quando os portugueses chegaram? E todo o patrimônio anterior aos portugueses não valia nada?

Eu sempre protestei contra isso e estou escrevendo um romance que vai ser publicado em dois momentos: no primeiro momento tem quatro partes. A primeira parte é dedicada aos brasileiros descendentes de índios, às pessoas, onde botei, inclusive, o Garrincha, que – não sei se vocês sabem – era descendente do índios pernambucanos, dos índios funiões, e era aquela beleza de jogador, que representava o que o Brasil tem de mais verdadeiro. O povo brasileiro se identificava com Garrincha. Na época não havia televisão não, mas eu vi no cinema, fizeram um documentário, num jogo do Brasil com a Inglaterra, eu vi Garrincha dar um drible: a bola vinha e ele, com aquelas pernas tortas, fez assim na bola. Eu só vi era perna branca passando, passaram três ingleses na carreira, aqueles ingleses todo duros, e Garrincha ia dançando lá. Então eu dediquei a ele.

Outra coisa, eu chamo sempre atenção para isso. Eu vou mostrar uma figurinha aqui. Eu me dou muito mal com essa aparelhagem moderna. As pessoas dizem que sou inimigo, mas não, elas é que são minhas inimigas. Por outro lado, tem vantagem também. É um desenho feito pelos antepassados dos nossos índios, lá no cirindó do Rio Grande do Norte. Então vocês vejam que beleza de desenho. Contudo, nós temos preconceito, só estamos habituados a ver desenho em papel. Então, vemos um desenho desse na pedra como se fosse alguma coisa que tem interesse arqueológico somente. Não é não. A arte é um impulso fundamental do homem. Não existe comunidade humana que não tenha arte. Na grande comunidade humana existem alguns que gostam de contar histórias, eu sou um deles, e existem alguns que gostam de pintar figuras ou não figuras. A outra imagem é de um grande pintor europeu do século XX. Então me digam uma coisa: por que é que isso é arte e aquilo que acabamos de ver é apenas um documento de interesse arqueológico? É não, aquilo é arte. Podemos dizer até que isso aqui é superior, mas eu posso

dizer meu gosto pessoal. “A arte brasileira, uma história de cinco séculos”, é uma conversa.

Eu disse que estou escrevendo sobre os brasileiros descendentes de índios em homenagem aos “quinhentos séculos” da nossa cultura em sua vertente indígena. Estão vendo aí, isso são quinhentos séculos. De presença ibérica aqui temos quinhentos anos; de presença indígena, quinhentos séculos. Agora é outra imagem, de um grande artista popular, o grande gravador popular J. Borges. Esta gravura é do irmão dele, Mário Francisco. Vejam que beleza. Por que considero as duas raízes mais importantes da cultura brasileira? Considero a raiz barroca, que nós herdamos dos portugueses, e a raiz popular, que nós herdamos de portugueses pobres, índios, negros e quem mais venha. Então, dediquei a primeira parte do romance que estou escrevendo aos brasileiros descendentes de índios; a segunda, aos brasileiros descendentes de portugueses; a terceira, aos brasileiros descendentes de negros; a quarta, aos descendentes de árabes, espanhóis e judeus. Eles brigam lá, mas são primos e são muito importantes para nós. Pois bem, a segunda parte eu vou dedicar aos brasileiros descendentes de italianos, de alemães, de quem mais tenha, porque eu considero da mesma importância os brasileiros descendentes de japoneses, eu tenho uma admiração enorme pela cultura japonesa. Eu sou apresentado, às vezes, como inimigo das culturas estrangeiras. Isso é um absurdo. Eu não sou adversário de cultura nenhuma. Eu devo muito a muita gente. Devo muito aos grandes russos, gosto de Dostoievski, Tolstoi; devo muito aos grandes espanhóis – Cervantes, Calderon; devo muito a Molière, a Goldoni.

Hoje, na entrevista que dei, contei que fui almoçar um dia na *Folha de São Paulo*, onde houve uma verdadeira sabatina. Tinha umas 18 a 20 pessoas, jornalistas, que adotam um sistema curioso, (porque um faz uma pergunta. Então, quando eu começava a responder, ele começava a comer. E eu, quando terminava de responder aquela, um segundo perguntava e se sentava. Eu não comi nada no fim, mas, enfim...). E um deles me perguntou: “O senhor é uma pessoa contraditória,

porque vive falando mal da influência americana na nossa cultura, no entanto também vive elogiando Villa Lobos, que recebeu uma grande influência de Debussy. Então respondi: “Mas não é possível que eu, depois dos setenta anos, ainda tenha que explicar que eu não tenho nada contra Debussy. Eu tenho uma admiração enorme por Debussy. Acho Debussy um músico tão importante quanto Mozart, inclusive ele fez essa revolução da dissonância. E a influência de Debussy em Villa Lobos foi decisiva e foi benéfica. Não tenho nada contra. Agora, por isso eu tenho que aceitar Robocop? Isso não, não sou idiota não, não é verdade?” E mais do que Robocop. Vou dizer uma coisa para vocês: outro dia eu vi apresentarem um artigo dizendo que o Walt Disney era um gênio. Se o Walt Disney era um gênio, tem que inventar outra palavra para Dostoiowski.

Estamos vivendo numa cultura muito curiosa. Eu fui jantar um dia desses na casa de uma pessoa rica – eu só gosto de jantar em casa, mas estava numa situação que eu não podia deixar de ir, e fui, eu e minha mulher. Passei mal também, porque eu me esqueci – eu sou um sertanejo, janto às 6 horas – que em casa de granfino só se janta às 10 horas. Eu nunca passei tanta fome na vida. Eu sempre como alguma coisa, mas eu me esqueci, não comi. Aí começaram a passar uns salgadinhos. Eu nunca fiz tanta falta de educação, tirava de punhado assim, com fome. De repente o dono da casa disse para mim: “Você sabe que salgadinho é esse que está comendo com tanto gosto?” Eu não estava comendo com gosto não, eu estava comendo com ânsia e falta de educação por causa da fome que eu estava. Aí ele disse: “Você sabe o que é isso?” Eu disse: “É cocatolé”, um coco que tem lá no Nordeste, parecia muito com cocatolé. Ele disse: “Não, rapaz, isso é um salgadinho que foi desenvolvido pelos americanos nas Bahamas.” Eu disse: “Parece cocatolé, mas cocatolé é melhor”. E era mesmo. Quando terminou, finalmente saiu o bendito jantar. Nós estávamos sentados, eu, minha mulher e os donos da casa, quando, de repente, a dona da casa virou-se para mim e me perguntou: “Você naturalmente já foi à Disney, não?” E eu: “Já foi aonde?” “À Disney”. Era a Disneylandia, com que ela

tem tanta intimidade que já chama assim, a “Disney”. “Você naturalmente já foi à Disney”. “Não, nunca fui não”. Ela disse: “Mas nem conhece?” Eu disse: “Eu nunca saio do Brasil, não.” Ela olhou para mim com uma cara de desprezo, porque eu nunca saí nem saio.

Vou dizer para vocês, tem até um lugar que eu gostaria de ir: à Espanha. Eu tenho uma paixão enorme pela Espanha, mas eu só iria se fosse ali em Alagoas. É muito longe. Tem uns lugares que eu não vou, como no Japão. Eu gosto muito de Kurossawa, que abriu um caminho importantíssimo no cinema, que pode nos ajudar na busca de um cinema brasileiro, não para imitarmos Kurossawa, mas para fazermos em relação ao Brasil e ao povo brasileiro o que ele fazia lá, baseado nos belos filmes dele, *Os sete samurais* e *Roshomon*. Ele se baseia no espetáculo nacional e popular do Japão, o Nô e o Kabuki. Eu não sei nem se vocês sabem disso, mas, quando a gente enche a pia para fazer a barba ou lavar o rosto, a água desce e faz assim, não é? Me disseram que no Japão é o contrário. Olha, num lugar desses eu não vou. Um lugar em que a água desce ao contrário, não há hipótese de eu ir, vou nada. Meu juízo já é meio despilotado, se eu vir um negócio deste, eu endoio, vou nada. Vou não.

Uma vez baixou na minha casa um professor alemão que queria que eu fosse ensinar literatura brasileira na Universidade de Colônia. Ele disse: “O senhor pode escolher: passar seis meses, um ano, três ou.” Eu disse: “Eu não quero passar nem três dias, o senhor me desculpe. Olhe, eu vou lhe ser franco, eu não tenho nada contra a Alemanha, não, mas eu agradeço a Deus por ter nascido num país sensato, que fala português, porque eu vou dizer uma coisa, se eu nascesse na Alemanha, eu era mudo, porque aquela língua eu não aprendia não”. Pois bem, mas voltando àquele jantar. Daqui a pouco o marido da mulher falou num homem lá. Ela disse: “E ele já foi à Disney?” O marido disse: “Já”. Então eu comecei a pensar: “Eu estou desgraçado, porque essa mulher divide a humanidade em duas categorias: os que já foram à Disney e os que não foram. E eu estou desgraçado, porque eu nunca fui.”

Uma filha minha foi. Ela disse que foi uma das coisas mais grotescas que já viu. Tinha um bando de brasileiros babacas lá assistindo aos espetáculos, o Pato Donald, o Mickey Mouse, aqueles bonecos horrorosos, muito diferentes dos nossos aqui, o Dom Quixote. Que beleza! Eu entrei aqui acompanhado por Dom Quixote, coisa honrosa.

Outro dia, um camarada que queria me insultar no Recife disse que eu era um Dom Quixote lutando contra os moinhos de vento da globalização cultural. Aí eu disse: “Além de burro é incompetente. Ele está querendo me insultar me comparando com Dom Quixote. Eu fiquei honrado com isso.” Outra vez um caramada também disse de mim: “Dos nordestinos nefastos para o Brasil já morreram Antonio Conselheiro, Padre Cícero e Lampião. Só falta agora Ariano Suassuna.” Eu disse: “Mas é outro incompetente. Eu nunca pensei que eu fosse tão importante para ser comparado com Lampião, Padre Cícero e Antonio Conselheiro. Eu não quero mais nada. Isso que é um insultador incompetente, que o insultado fica contente.”

Ainda naquele jantar em Recife, a mulher, que tinha três filhos, um com 17 anos, outro 16 e outro 15. Ela virou-se para mim e disse: “Você teve muitos problemas com a educação dos filhos?” Eu disse: “Não, as coisas naturais mesmo.” Ela disse: “Eu também não, a dificuldade maior que nós temos é que os professores dos nossos filhos não têm nível suficiente para conversar com eles”. Eu disse: “Danou-se, é a mãe de Olavo Bilac, Coelho Neto e Joaquim Nabuco”, três adolescentes. Mas vocês vejam como eu sou ingênuo, não era nível intelectual, não, que isso não interessa a esse nível econômico. Então ela se virou para mim e disse: “Outro dia, nosso caçula chegou aqui arrasado, porque foi conversar com o professor dele sobre o nosso vídeo importado, um videossom *the body walls kennedy* [...] e o professor nem sequer tinha ouvido falar num vídeo desse. Aí disse: “Agora me diga, que respeito o estudante pode ter por um professor que nunca sequer viu o vídeo?” Então, eu confesso que me incomodei. Eu já não tinha ido à Disney e disse mesmo: “Que coisa horrível!”, morrendo de medo de que ela me perguntasse qual era a diferença de

um videossom *body...*, que eu não sabia não, nunca vi, e ainda hoje não sei. Então vocês vejam, que coisa triste, quer dizer, uma pessoa que divide a humanidade em duas qualidades de gente: os que foram à Disney e os que não foram à Disney.

Eu já prestei minha homenagem ao grande J. Borges e agora quero dizer que, com muita alegria para mim, participa hoje desta festa o grande artista pernambucano Antonio Nobrega, meu amigo pessoal. Então vamos ter o prazer de ouvi-lo e eu vou me transformar em público como vocês. Mas não quero acabar sem prestar minha homenagem ao Luis Fernando. Eu sou amigo de Lúcia e de Luis Fernando, eu gostava muito de Erico. Estamos celebrando os cem anos de nascimento dele, e eu espero Luis Fernando e Lúcia em Parati. Espero que tenha pelo menos dito alguma coisa que não disse lá, porque eu já estou ficando acanhado. Eu sou um contador de histórias, mas o número de histórias que eu sei é pouco. Então eu conto as mesmas coisas. A pobre da minha mulher, coitada, já vive triste. Eu namoro com ela desde o dia 20 de agosto de 1947, nunca acabou, nem vai acabar. Às vezes eu estou dando aula, quando eu vejo, ela chega. Eu tiro as vistas, porque é uma tentação dela ter de ouvir de novo aquela história que não agüenta mais. Então, agradeço o título honrosíssimo que a Universidade de Passo Fundo me deu. Daqui a pouco eu vou ficar convencido mesmo, pois sou é doutor. Vou dizer, quando me barrarem: “Eu sou doutor.”

Pois bem, então eu quero agradecer a todos vocês o carinho com que me receberam, a atenção com que me ouviram, e pedir desculpa pelo desarrumado das minhas palavras. Deixa eu mostrar só mais uma figura, do teatro indígena, que quero que o Daniel veja também, porque fico muito indignado quando leio nos manuais brasileiros de teatro que dizem que o teatro nasceu na Grécia. Na minha visão, o que nasceu na Grécia foi o teatro grego, uma coisa óbvia, porque um teatro japonês não nasceu na Grécia, nem o chinês. Então o teatro brasileiro não começou quando os jesuítas chegaram aqui não. Os jesuítas trouxeram informação importante, mas isso é uma fotografia do teatro indígena, que eu peguei e guardei. Como

o teatro grego, era um teatro de máscaras, como os bonecos de Parati, o teatro mítico. Vejam que coisa bonita. No centro eles colocaram como cenário um desenho indígena feito em casca de árvore e representando uma espécie de signo do zodíaco indígena. Então, quando os portugueses chegaram aqui, já encontraram essa forma de teatro.

Outra figura é um desenho feito pelo grande brasileiro que foi Alexandre Rodrigues Ferreira, no século XVIII. Ele fez uma viagem, a viagem filosófica, e levou com ele um desenhista. Então documentou estas duas figuras de teatro indígena, com máscaras. Então, eu acho que o teatro brasileiro tem que levar isso em conta. Outra imagem, para terminar, de uma cena, uma fotografia da minha querida amiga Morin [inaudível] que mora em São Paulo e é uma grande fotógrafa. Isso aí é uma fotografia do espetáculo popular nordestino, que nasce da fusão do teatro português com o teatro indígena e com o teatro negro, as danças dramáticas negras e indígenas. Então eu sempre falo que não convém ao meu texto de teatro uma representação convencional e européia. Eu quero que os meus textos sejam representados ao mundo brasileiro. Isso é um samurai brasileiro, os guerreiros, os nossos guerreiros. Eu já recebi o título. Um que me torna mais vaidoso é o de Guerreiro e Rei de Honra do Maracatu Rural Piaba de Ouro.

Concluindo, eu já disse da admiração que eu tenho pelo gaúcho. Eu quero, como escritor, escrever como Garrincha jogava: quero escrever dançando, do mesmo jeito que ele jogava dançando. Eu não sou capaz de dançar, nem de cantar, nem de tocar, mas não passo sem literatura não. A literatura, para mim, é a minha festa; para mim, literatura é missão, é vocação e é festa. É lá que eu toco quando escrevo um livro, é lá que eu canto, é lá que eu danço. E eu quero fazer isso como Garrincha jogava. E já que nós estamos no Rio Grande, eu quero concluir lendo para vocês um texto, que eu copiei numa entrevista, daquela gauchinha, Daiane dos Santos, que mezinazinha simpática! Ela faz ginástica como dança. A única coisa que eu faria – ela não tem culpa não, nem a mãe dela – não botaria o nome dela de Daiane. Eu gostaria muito que ela

se chamasse Maria, que é o nome mais bonito de mulher. Mas ela chama Daiane, tá bom. Eu estou ficando preocupado com esses nomes.

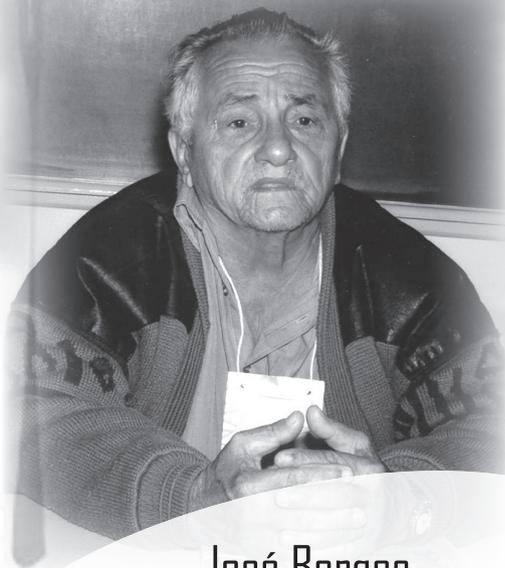
Outro dia eu estava dando autógrafos, lá em Pernambuco, uma fila. Aí chegou uma mocinha muito simpática, me pediu autógrafo. Eu disse: “Minha filha, como é seu nome”. Ela disse: “Wheydja”. Eu disse: “Como é que se escreve?” Ela disse: “W h e y d j a”. Aí eu : “Para Wheydja”. Após Wheydja, outra: “Como é seu nome?” “Whenyttta”. Eu disse: Como é que se escreve Whenyttta? Você é irmã de Wheydja?” Ela disse: “Como foi que o senhor adivinhou?” É claro que eu ia adivinhar. Agora o melhor de tudo: atrás estava um rapazinho. Eu acho que ele ouviu eu pedir para as moças soletrarem os nomes e deve ter pensado: “Esse homem é meio analfabeto.” Na vez dele, eu disse: “Como é seu nome?” Ele disse: “Hugo, H u g o”. Eu contei essa história num lugar que não lembro onde e me procurou um rapaz, que disse: “O senhor é uma pessoa muito autoritária”. Eu disse: “Por quê?” Ele disse: “Porque o pai de Whenyttta e Wheydja tem todo o direito de botar os nomes que quer”. Eu disse: “Eu concordo e, se alguém quiser fazer uma lei eu assino o manifesto. Ele tem todo o direito de botar. Agora eu também tenho todo o direito de dizer que não gosto”.

Mas vejam vocês que menina extraordinária é Daiane dos Santos. Ela deu uma entrevista e eu peguei vários trechos da entrevista dela e vou concluir com isso, porque ela é gaúcha. Eu vou dizer uma coisa para vocês: onde tem atleta aqui, vou substituir por escritor, e onde tem ginasta, por literatura. Quando muito moço, dois amigos meus quiseram me mandar para fora para eu fazer um curso. E um deles disse: “Você tem que ir, porque tem que fazer um curso na Europa. Escritor brasileiro não pode entender o Brasil, não.” “Mas como é, rapaz? Então o alemão, para entender alemão, tem que vir para cá? Eu não vou. Mas eles já tinham arranjado tudo, até passaporte para mim. “Eu não vou mais, não, quem quiser me conhecer tem que vir aqui, eu não vou lá, não”. E não fui não, nem vou. Pois bem, vejam que maravilha o que a menina diz: “Tenho a ambição, como atleta, de representar

bem o meu país e o meu povo. Nunca quis morar no exterior, acho que aqui é tão bom. É claro que tem coisas ruins, como pobreza, desigualdades, desemprego. Mas entre outras coisas não tem guerra, nem terremoto e a convivência com o povo brasileiro é ótima, para morar e criar os filhos. O Brasil é o melhor de todos os países”. Estou de acordo e assino abaixo.

Além disso, se você, em sua área de atuação, pode fazer com que seu país cresça e melhore, nem que seja um pouco, por que levar a sua contribuição para fora? Em minha cabeça, existe a responsabilidade de dar o máximo de mim. Cada atleta tem sempre que tentar fazer o melhor que seja capaz, com a consciência de que todos nós juntos representamos o Brasil. Às vezes me perguntam o que, pensando assim, eu tenho a dizer sobre o racismo. Acho que é um crime estúpido e ridículo, não só o racismo entre brancos e negros, mas também o do negro contra o negro. É muito feio uma pessoa branca ofender e humilhar uma outra negra, mas também é muito feio um negro negar sua condição. Quem faz isso está sendo preconceituoso com seu pai e sua mãe. Eu tenho orgulho de ser uma mulher negra, tenho orgulho de todas as minhas raízes. E, quanto à ginástica, tenho a consciência, não vaidosa mas orgulhosa, uma coisa boa, uma consciência não orgulhosa mas ativa, de que entre tantas e tantas crianças Deus um dia botou a mão na minha cabeça: “Olha você foi escolhida para ser uma atleta.” Para mim a fama não está acima de tudo. Sou uma atleta que, para além da busca exclusiva e vaidosa da fama, procura a ginástica como algo que para você é fundamental, indispensável, essencial como a realização como pessoa, é claro, mas que também, ao mesmo tempo, procura dar o máximo de si, para que seu país e seu povo encontrem o melhor caminho. Porque meu sonho é um mundo de justiça e liberdade e que, um dia, as pessoas se sintam e se tratem como iguais.

No teatro existe uma tradição de se dedicar o espetáculo a uma pessoa que está na platéia. Então, se essa aula tem alguma coisa de espetáculo, eu peço licença ao reitor, aos professores, a todos vocês, aos escritores meus colegas, que eu quero dedicar essa aula de hoje ao nosso Daniel. Muito obrigado pelo carinho com que me receberam.



José Borges

Nascido na cidade de Bezerros, em Pernambuco (1935), foi o único pernambucano que recebeu o prêmio de Honra ao Mérito Cultural, em 1999, do Ministério da Cultura. Sua primeira obra foi *O encontro de dois vaqueiros no sertão de Petrolina*, com xilogravura do mestre Dila, publicado em 1964. O cordel atingiu a marca de cinco mil exemplares, vendidos em sessenta dias. No ano seguinte, J. Borges fez a sua primeira xilogravura para o folheto *O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que virão*, também de sua autoria. Em quase quarenta anos de carreira, escreveu mais de duzentos cordéis, que, com exceção do primeiro, foram ilustrados por ele próprio. Já ilustrou capas de discos e livros dos quais vale destacar *Palavras andantes*, do escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano. Sua experiência internacional inclui exposições e oficinas realizadas em diversos países. Uma dessas exposições percorreu vinte países europeus na década de 70. Países como Estados Unidos, França, Alemanha, Suíça e Venezuela já receberam J. Borges para ministrar palestras e oficinas.

Quero pedir perdão a vocês por algum erro de palavras, porque, com essa bagagem famosa que tenho até pelo exterior, infelizmente, não tive o direito de aprender a ler. Fui para a escola dez meses somente, e nesses dez meses ainda foi defasado, porque, quando faltava o papa-figado, eu não ia para a escola. Mas com a pequena leitura eu aprendi a ler, escrever e contar e procurei fazer como se faz com um pequeno pé de planta: coloca-se água, vai colocando estrume e, mais tarde, torna-se uma bonita planta, frondosa, que vai frutificar. Igualmente ocorre com a pequena leitura, quando é bem cuidada. A pessoa que tem a pequena leitura cuida de ler tudo o que vem pela frente e cuida de zelar, gravar e entender aquilo que está lendo. Então ela se torna uma leitura maior. Esse foi o meu caso. Eu sou filho do sítio, sou filho do município de Bezerra, terra onde vivo até hoje, no estado de Pernambuco, a 100 km de Recife. Então, sou filho do sítio. Eu tive o direito de estudar na década de 1940. A diversão que existia na época era a literatura de cordel, que servia como diversão para o povo rir e ouvir aquelas histórias tradicionais, de lendas, de reino encantado, de moça bonita, de rapaz valente e coronel valente também. E tinha também os folhetos de cordel, que serviam como jornalismo, que traziam notícia do cangaceirismo, de Getúlio Vargas, da política e de todos os acontecimentos no Brasil. Era feito um cordel e as pessoas da zona rural, das fazendas, dos sítios e povoados compravam. Ali tinha as notícias. Na época já existia o rádio, mas era só para o rico. Nós não tínhamos direito a jornal, nem a livro, não tínhamos acesso a revistas, nada que estivesse relacionado ao jornalismo. Então, era unicamente o cordel.

Eu, criança naquela época, me apaixonei pelo cordel, pelas notícias e também pelas histórias, pelos gracejos, pela chamada “métrica e rima” que têm os versinhos da literatura de cordel. Me apaixonei e aos vinte anos comecei a comprar cordel, a vender pelas praças e pelas feiras. Como eu já tinha uma experiência ampla de cordel desde criança, resolvi escrever o meu primeiro cordel. Escrevi sobre o encontro de dois vaqueiros no sertão de Petrolina, que me deu muita sorte porque

eu coloquei como prêmio da vaquejada a filha do fazendeiro. O vaqueiro que trabalhasse bem e que vencesse a vaquejada casava com a filha do fazendeiro, o que aconteceu para um determinado vaqueiro. Vendi mais de cinco mil na primeira tiragem e depois fui fazendo e sempre fui publicando vários, dois, três, quatro milheiros e vendendo. Em seguida, eu escrevi *Palavras de frei Damião*, um aviso do frei Damião sobre os castigos que vinham na época, porque existiam muitos altos e baixos no Nordeste: a seca, a fome, as conseqüências. Aí escrevia aquelas histórias com palavras de previsão e vendia muito. E foi onde surgiu a necessidade de eu ilustrar o meu segundo cordel. Eu tinha somente a noção de que era feito um clichê de madeira. Então, pranchei um pedaço de madeira, botei no esquadro, desenhei, cortei, levei para a tipografia. Lá o rapaz fez uma prova e disse para mim que dava para imprimir. Imprimiu e eu fui muito bem-sucedido, pois vendi mais de dez mil cordéis com a minha primeira gravura. Continuei ilustrando para mim e para outros poetas cordelistas.

Em 1970 uns turistas do Sudeste e também da Europa admiraram muito o meu trabalho, compraram uma série de selos e mostraram para um grande escritor e teatrólogo, o professor Ariano Suassuna, que hoje eu considero meu padrinho de arte em primeira mão. Ele disse que eu era o maior gravador popular do Nordeste, e o povo acreditou na palavra dele. Então, até hoje procuro fazer jus à minha região, fazer jus à palavra de Ariano, procurando agradar o público que gosta do meu trabalho. Continuei trabalhando, fui crescendo e a fama aumentou mais. Fui captando coisas bem engraçadas, coisas da minha região, tudo o que existe, o dia-a-dia do povo, as lendas, as conseqüências, as mudanças de tempo, a seca, a fome, o sofrimento e as alegrias do povo do nordeste. Tudo tenho idéia de deixar escrito e gravado quando for embora. Então continuei trabalhando e escrevendo.

Em 1967, surgiram uns senhores comprando cabelo de mulher, e eu fiquei revoltado com aquilo, porque, para mim, o enfeite número um da mulher são duas coisas: cabelo e peito. Mulher que não tiver isso, para mim, é terceiro lugar, quarto

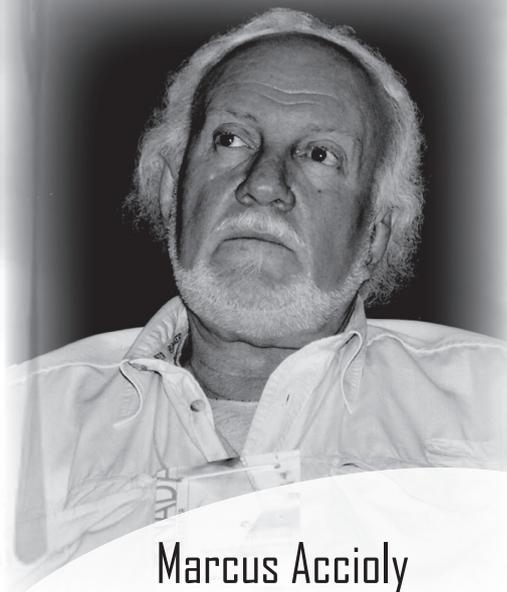
lugar. É o que mais enfeita a mulher. Então o cara comprava o cabelo daquelas sertanejas, um cabelão bonito, e ela saía, coitada, com trinta-quarenta contos na bolsinha e a cabeça feita João, pelada. Eu me revoltei com aquilo e escrevi a história da mulher que vendeu o cabelo e foi para o inferno. Oito dias depois não se vendia um fio de cabelo, ninguém comprava por um centavo. Eu acabei definitivamente com a compra de cabelo e tive muita sorte porque em sessenta dias vendi quarenta mil cordéis numa região de 200 km. Então isso foi uma coisa que me consagrou. Até hoje ainda vejo gente chegar e dizer: “É você que tem aquela historinha da mulher que vendeu o cabelo?” Tenho, ainda publico hoje, com quase quarenta anos, para historinha e ainda vendo.

Daí em diante, saí procurando o que é que se escrevia na literatura de cordel e agora, nos anos de 80, eu entendi de escrever, de criar, uma gravura, intitulada a *Chegada da prostituta no céu*. Esta gravura foi muito bem-sucedida. Quando lancei as primeiras provas, vendia como farinha em feijão. Depois escrevi o cordel, fiz um livrinho contando a história, e isso foi muito engraçado, pois o povo gostou muito. Faz mais ou menos vinte anos que eu escrevi esse cordel, estou me aproximando dos cem mil vendidos e foi feita uma peça de teatro. A prostituta é uma pessoa marginalizada perante as religiões e não tem direito às coisas boas. A maior parte das pessoas religiosas não lhe dá valor; ela é uma pessoa judiada. Então, quando ela morreu, chegando no céu, São Pedro acarinhou muito ela e ela começou a namorar com João. A história é mais ou menos assim, e muita gente viu. Eu li nos Estados Unidos, onde uma moça interpretou. Então vendi vinte exemplares que eu tinha na hora. É um livro que vai continuar sempre fazendo cinco-dez mil e desaparecendo.

A literatura de cordel são aqueles livrinhos que têm várias estrofes e sempre foi uma literatura de baixo valor. Eu vivi da literatura de cordel, mas nunca acreditei que ela fosse superar e chegar ao grau que chegou atualmente. A literatura de cordel sempre serviu como instrumento de ensinamento, ensinou as pessoas a ler, tirou-as do analfabetismo e, atual-

mente, está ensinando também, porque os intelectuais, os professores, as pessoas que sabem bem ler procuram comprar a literatura de cordel para aprender a linguagem popular que traz das outras regiões. É assim que ela continua retomando esse seu instrumento de ensinamento. Aqui para o Rio Grande do Sul, para Santa Catarina, para Mato Grosso, Paraná, no sul, nunca se vendeu cordel, mas, de alguns tempos para cá, recebo milhares de telefonemas, de cartas de pessoas procurando comprar literatura de cordel, porque estudam ou ensinam a literatura popular.

Pensei que o povo daqui não conhecia, mas muita gente conhece, e eu vendi muito cordel. Estou muito satisfeito de ter vindo e quero parabenizar a organização da Jornada por ter se lembrado de mim. Eu disse: “Não sei como é Passo Fundo, só sei que é um lugar muito longe, mas alguém se lembrou e me conhece”. Quando cheguei aqui já leram um texto meu lá na faculdade, uma história de trinta-quarenta anos passados. Então fico muito satisfeito por saber que aqui também sou conhecido. Eu sempre vou ao exterior, levo minha bagagem de cordel e em todos os lugares que chego sou bem aplaudido. Isso graças ao meu editor, graças às pessoas que foram entusiastas de meu trabalho, como o saudoso Ivan Marchetti, pintor carioca que morreu no ano passado; graças ao meu trabalho também ao amigo Marcus Accioly, que sempre foi um entusiasta do meu trabalho; de Ariano Suassuna, do Borba Filho, do saudoso Mauro Mota, e sem deixar de lembrar Aloísio Magalhães e também o Carlos Drummond de Andrade, que disse, lá na década de 1970, que eu tinha muito talento, podia continuar. Todos eles me fizeram pensar que eu era artista e hoje eu estou aqui. Eu quero que vocês entendam que tudo o que eu falo errado aqui é por força da minha linguagem popular da terra onde nasci e me criei, no tempo que telefone era um grito e o remédio era “meizinha” e era feito de erva de raiz de pau para curar as doenças que existiam na região.



Marcus Accioly

Nasceu em 1943, na cidade Aliança, PE. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Católica de Pernambuco (1969), mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1980), professor da Universidade Federal de Pernambuco, assessor do ministro da Educação (1980), diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco (1975), chefe do cerimonial do governo do estado de Pernambuco, membro do Conselho Municipal de Cultura do Recife e do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco. Poeta, Marcus Accioly sempre esteve voltado para a poesia do povo. É autor de *Poética popular* (tese de mestrado), *Cancioneiro*, *Nordestinados*, além de ensaios e artigos em revistas especializadas e jornais.

Esse auditório me lembra uma história de Jorge Luis Borges, que diz o seguinte: “Tudo isso que está acontecendo aqui pode não estar acontecendo aqui.” Ou seja, eu fui convidado para vir a essa Jornada, mas eu ainda não vim, eu ainda não cheguei. Eu estou sonhando que vim, estou sonhando que, neste momento, defronte deste microfone bastante complicado, eu me dirijo a vocês. Mas vocês dirão: “Não, não e não, nós estamos vendo você, você não está sonhando.” E seguindo a história de Borges: “Não sou eu que estou sonhando. Vocês é que estão sonhando. Vocês imaginaram que eu poderia vir aqui, ou vir na última Jornada e pensam que eu estou aqui, mas na realidade aqui eu não estou.” Esse sentido de ficção me faz contar um conto, e quem conta um conto aumenta um pouco, e terminar com um poema. A história que eu quero contar é muito interessante, e está no livro chamado *A fronteira de cristal*, do grande escritor mexicano Carlos Fuentes. É o sétimo conto do livro e diz o seguinte: um indivíduo muito rico, chamado Leonardo, viajava com a sua nora e, coincidência, a sua amante, Michelina, uma mulher muito bonita, de cabelos vistosos, com vários peões, do México para os Estados Unidos num final de semana. Ele levava os peões para limpar aqueles prédios gigantescos dos Estados Unidos, porque era muito mais barata a mão-de-obra mexicana, mesmo viajando de avião, do que a mão-de-obra dos estadunidenses. E quando o avião se deslocava – o ronco tem um sentido extremamente cinematográfico – aconteceu um fato curioso lá dentro. Uma moça muito bonita, chamada Audrei, brigava a noite toda com o marido, e a briga já ia tão extensa que ela não mais atendeu e ele começou a deixar recado na secretária eletrônica.

No outro dia Audrei, com medo que o marido a procurasse pela manhã, resolveu ir para o trabalho e foi exatamente para o prédio onde os peões iam fazer a limpeza. Entre os peões havia um chamado Lisandro Chaves, que era o único que estava “preparado para o crime”; tinha o bigode amplo de mariati, parecia um sujeito muito bem apessoado. Então, em Nova York, ele subiu no pranchão pelo lado de fora e começou a limpar o vidro com uma bucha. O conto é extremamente

cinematográfico porque, à proporção que ele ia limpando, ia descortinando aquela moça, que tinha chegado no seu gabinete, onde se sentia extremamente confortável, até com vontade de colocar os dois pés em cima da mesa, mas achou que era uma atitude extremamente masculina e ficou gozando daquela manhã nevoenta de Nova York. Lisandro foi descobrindo Audrei sem saber quem era e percebeu que ela era muito loura e que o seu cabelo, à proporção que se aproximava da nuca, que descia, ficava ainda mais claro, como se houvesse uma luz natural saindo da sua nuca que o deixasse mais iluminado.

De repente Audrei percebe também Lisandro e estabelece uma correspondência através e ao longo do ponto, a fronteira de cristal: aquele vidro que separa os dois, de um lado, Lisandro; de outro, Audrei. E ela começa a imaginar como seria aquele rapaz tão bonito, como ele seria diferente do marido dela, que tinha passado a noite toda feito babaca ligando para ela sem resultado nenhum. Enquanto se estabelece essa comunicação através da fronteira de cristal, ela se levanta, vai até o toalete e Lisandro fica em polvorosa, porque acha que tanto olhou para ela que a ofendeu. De repente ela sai do banheiro com a maquiagem retocada, com o batom na mão, aproxima-se do vidro e escreve o seu nome: “Audrei”. Ele lê do outro lado, no revés do vidro, o que soa como “Ierdua”, como se fosse uma deusa do milho, dos cereais. Então ela faz um sinal para que ele coloque o nome dele. Ele não tem jeito de escrever, então escreve “Mexican”, que, lido ao reverso, soa como “Nacixem”. Então, num novo gesto através da fronteira de cristal, eles colam os lábios num beijo através do vidro e, quando esse beijo acontece, alguém grita na rua: “Vamos, Lisandro, deixe de ser murrinha, desça daí e baixa o pranchão”. Quando Audrei abre seus olhos enormes e azuis, não encontra mais Lisandro.

Carlos Fuentes quer, neste conto, mostrar a aproximação e a separação típica entre a cultura latino-americana e a cultura dos Estados Unidos propriamente dita. O que eu quero com este conto é estabelecer os confrontos e os contrastes, para chegar mais perto de nós o diálogo das diferenças e das

diversidades com as aproximações. Primeiro, eu vou tentar separar a poesia da prosa para, depois, aproximá-la e separá-la da música. Sartre diz que o signo é arbitrário, por isso eu chamo o cachorro de “cão”, ou chamo o cachorro de “cachorro”, ou chamo o cachorro de “cadelo”, o americano chama de “dog”, enfim o signo é arbitrário. Quando eu digo “microfone”, quando eu digo “público” e quando eu digo “luz”, por exemplo, vocês olham para o microfone, olham para o público e olham para a luz. Vocês atravessam a palavra de imediato, como se passassem por entre elas, e a palavra desaparece para nomear esses três objetos. Isso é prosa, mas com a poesia é diferente. Quando eu digo “microfone”, quando eu digo “público”, quando eu digo “luz”, o que vai me interessar é a palavra “microfone”, a palavra “público”, a palavra “luz”, porque poesia se faz de palavra.

O poeta é a coisa mais antipoética do mundo. É triste para nós, porque não tem foco, ele vive sempre a informar, mas a tomar a forma de outra coisa. Se um pardalzinho pousa na minha janela, eu participo da natureza dele e bico os grãos de areia, ou seja, como diria Cortaza, ele rompe no pardal, ele salta no pardal, ele se torna pardal. Com Baudelaire acontece o contrário, ele faz uma poesia sobre uma tensão tão grande que, quando ele irrompe no pardal, quando salta no pardal, não se torna o pardal, mas o pardal se torna ele. É como o quadro de Van Gogh, que pinta a árvore, que pinta o girassol, que pinta os sapatos, e aquilo não é nada mais nada menos do que um retrato da sua própria alma. Fernando Pessoa estabelece uma diferença ao dizer que “o pôr-do-sol é triste”, mas o pôr-do-sol não tem nada a ver com isso; eu é que digo que o pôr-do-sol é triste, eu estou triste porque o pôr-do-sol está lá. Há uma separação como o vidro, entre eu e o pôr-do-sol. Carlos Drummond de Andrade estabelece outro fato, que é o eu plural, o eu coletivo. Eu preparo uma canção para que a minha mãe se reconheça, para que todas as mães se reconheçam e que falem. Eu preparo uma canção que faça contar os sonhos e adormecer as crianças. A palavra “lírica” vem de lira, mas na poesia épica, na poesia inicial, na poesia

de Homero, havia uma coisa muito interessante que era o sentido de cantar e contar: cantar contando ou contar cantando. E quem cantava contava ao som de lira.

Vem de Shoppenhauer a história de que a música é a única arte que independe de mim, que não precisa do homem para existir. Então eu estou aqui, mas lá fora há uma música na brisa, há uma música nas folhas. Aliás, o concerto de Artur Moreira Lima foi extremamente interessante, porque, enquanto o pianista tocava de um lado, do lado esquerdo de quem olhava para o palco, estava o crepúsculo de Passo Fundo e, do lado direito, o quero-quero, que cantava, rivalizando, digamos, com o pianista. Stravinsky diz que essa música do quero-quero ou do bem-te-vi não é música propriamente, mas promessa; é preciso que o homem organize, que o homem dê a ela uma forma para que se torne rigorosamente música. Mas há mais: enquanto eu falo, há vozes, há uma música no coração de cada um, há uma música do sangue pulsando na veia. Um professor de uma universidade americana, Anderson, diz que a estrutura do átomo é feita de música, que o universo todo é feito de música, que nós pobres mortais também somos feitos de música. Vale considerar que a poesia e a música são auditivas e temporais; que a música é quantitativa, daí um metrônomo, um especialista no campo, e que a poesia é qualitativa. O objeto da poesia, a mais importante de todas as artes, segundo Regan, não são árvores, montanhas, mas coisas totalmente espirituais.

Ainda lembraria que das nove musas que são filhas da memória, a poesia tem três numa vez: Erato, Calíope e Melpomene. Há um poema chamado “É tango”, que diz: “Feito de pó e tempo, o homem dura menos que a leve melodia”. Vejam bem, as piores músicas do mundo, “Mocotó pocotó”, que apareceu no carnaval, “Eu não sou cachorro não”, de Valdick Soriano, por exemplo, vão durar mais do que qualquer um de nós. Primeiro, porque vão durar em nós e, depois, por serem feitas só de tempo, e nós, ai de nós, somos feitos de pó. Borges já dissera que a música, o mundo mais estranho da arte, busca o músico. De fato quando Schuman se aproximou

profundamente da loucura, tentou o suicídio. Ele começava a ouvir umas músicas celestes, divinas, maravilhosas, ficava encantado com a música dos anjos, dos arcanjos. Então, de repente, aquelas músicas eram interrompidas e ele via um fogo do inferno, o demônio, e ficava exasperado com aquela música. Mas o próprio Borges diz que ninguém é poeta das 6 às 12 horas, nem é poeta das 2 às 6 horas da tarde, porque o poeta é poeta sempre, em tempo integral, sem parar. A poesia está continuamente o buscando, quando ele está acordado, ou dormindo, ou transando, ou fazendo qualquer coisa. Ele é poeta realmente em tempo totalmente integral.

Lobão disse ontem aqui uma coisa muito interessante, que ele, com a sua arte, queria mudar o mundo. Ele disse muito bem, ou repetiu muito bem, porque, claro, Freud disse o mesmo. Ele disse que o poeta, que o artista, de uma maneira geral, quer modificar o mundo circundante. Mas como ele modifica esse mundo circundante? Ele não tem poderes para isso. Como ele não tem poderes, cria o seu mundo pessoal, um mundo dentro do mundo. E quando ele vai para esse mundo que realiza a sua obra, a obra volta, e nós é que damos validade a este mundo. Ele sai, ele consegue voltar. Para exemplificar isso rapidamente, basta uma estrofe do poema de Fernando Pessoa, que diz: “O poeta é um fingidor, finge tão completamente que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente”.

Rubem Braga dizia sobre essa história de que “pancada de amor não dói” que dói, sim, no corpo e na alma; e quem já levou deve saber. Então ele finge a dor e a dor começa a doer um pouco ainda mais. Fernando Pessoa diz que a canção é uma poesia ajudada, uma poesia ajudada pela música. Chico Buarque de Hollanda, aqui também neste palco, estabeleceu muito bem que existem um Chico compositor e um Chico escritor, assim como existem um Vinícius de Moraes compositor e um Vinícius de Moraes poeta. Música tem letra, pode ter, mas letra de música, salvo raras exceções, como diz o próprio Chico, não se sustenta em si; falta-lhe o apoio da música e, por isso, às vezes não fica. Nós podemos falar poesia, mas não

podemos falar música; podemos falar da música. Quando o Chico estava no palco, para que todos nós ficássemos comovidos, ele só teve uma solução: cantar, porque ele não poderia exatamente falar, música não se pode falar. Claro que existe música antes de tudo: a palavra tem música, o verso tem, a frase tem. O cordel de J. Borges tem música, porque é cantado, tem poesia, porque é poesia, e ainda tem uma outra arte, que é a xilogravura. Certa vez eu ouvi uma história de João Cabral de Melo Neto contada pelo Chico Buarque. Em *Morte vida Severina*, que foi musicado por Chico, tem um trecho em que ele faz uma certa brincadeira, quase uma perfidiazinha a Gilberto Freire, quando diz: “Cada casebre se torna um mocombo modelar, que tanto celebra uns sociólogos”. Chico não musicou esta parte, e Cabral lhe disse: “Você não quis mexer com o Gilberto”. Ele respondeu: “Não, não foi nada disso, é que eu não consegui musicar, colocar música na palavra sociólogo. Sociólogo é uma palavra difícil.”

Assim como eu não posso chamar Homero de músico, não posso chamar Beethoven, surdo, de poeta, tampouco posso chamar Drummond, poeta, de músico, nem acho que não devo chamar Caetano Veloso, compositor, de poeta. Os gregos achavam que a poesia era uma compensação de algo que falta no poeta. Uma contestação à *Odisséia*, onde aparece o Demódoto, tira a poesia como nenhum mortal conseguiu dar, mas tira-lhe a visão e ele compensa. Só para não sair do Nordeste, eu queria lembrar que nós temos uma música do Luiz Gonzaga, sobre um pássaro, chamada “Açum preto”, uma música terrível. O açum preto é um pássaro que gosta de sombra. Então ele canta muito melhor em lugares escuros. O roceiro, na sua absoluta ignorância, vaza os olhos do pássaro para que ele compense a cegueira com o canto. É um tipo, sem dúvida, de compensação. Quando eu afirmo que o compositor não é poeta, obviamente, não aumento nem diminuo as categorias. Não significa que um seja melhor ou pior do que o outro, mas, simplesmente, que um não é o outro. Quando um é o outro, como o caso do Vinícius, e, para não ir muito longe, no caso de Paulo Cesar Pinheiro, que consegue ser os dois, é exatamente

dois em um: há um Vinícius compositor e um Vinícius poeta, o que é uma grande vantagem, segundo Chico, porque o compositor sustenta o poeta, paga a sua mesada, para ser mais atual, o seu “mensalão”.

A música popular tem substituído a poesia, mas não é poesia propriamente. Além do mais, se uma fosse a outra, não haveria as duas artes, pois uma seria a outra, uma cobra que engole a si mesma, começando pela cauda, até chegar a ter, como diria Valery, a garganta na própria carne. A poesia e a música são irmãs, às vezes, como no passado, são irmãs gêmeas; às vezes, como é o caso da composição musical, também podem ser feitas por todos os compositores. Juca Chaves dizia que para que possa ser feita por dois, sobre uma mulher, os dois compositores tinham que amar a mesma mulher. São irmãs siamesas, xipófogas, Cheng e Ieng, mas cada uma, a música e a poesia, com a sua cabeça, ou melhor, cada uma com o seu coração.

Eu vou dizer um poema – desconfio até que uma segunda parte da outra Jornada eu disse aqui – só para tentar mostrar. É um poema de um livro que vocês não leram, chamado *Nordestinado*, segundo livro que eu publiquei. É o último poema, um poema musical, um poema como se fosse um coco, popular, em que dois poetas entram num perfeito desafio.

Cantiga acesa com uma lua na janela
Noite clara e dentro dela vou batendo o meu ganzá
Quem sabe um coco mais duro que a macaíba
Do sertão da Paraíba, Pernambuco e Ceará
Cantiga acesa como a luz de um candieiro
Os guizos do meu pandeiro são como estrelas do céu
Tão verdadeiras como um sonho de menino
Estrelas que Virgulino acendeu no seu chapéu
Coco de praia, de embolado, de usina,
Meu ganzá só se ilumina, quando começa a tocar
Pois é por fora todo cromado de zinco
Mas dentro carrega cinco estrelas vivas do mar
A noite é limpa, quando a lua é cor de ouro
É como um sol sobre o couro do meu pandeiro na rua
Que se incendeia dando ao povo a impressão
Que eu tenho dentro da mão a lua dentro da lua

A noite é branca quando derrame surpresa
A trança da lua acesa nos frio do mar
Mas branca ainda quando o meu guizá desata
A trança da serenata na janela sem luar
Gosto da noite, pois é com a cantoria
Só finda depois que o dia acende seu candeeiro
Canto na noite, mas enquanto o sol demora
Eu acendo a minha aurora, com o sol do meu pandeiro
O dia nasce, depois que o galo desperta
A madrugada encoberta que no seu canto se avista
Porque o galo é como um búzio que canta
Com a voz do mar na garganta e o sol debaixo da crista
E quando o dia sai do mar como de um banho
Uma moça colhe um sonho aceso de passarinho
E no seu sonho conta as suas mágoas
Que nos seus pés viram águas
E as águas viram caminhos
E nos caminhos vira pedra sua mágoa
E da pedra, o olho d'água
Não se acesse o seu olhar, que ele desperta
Dos seus sonhos o seu receio
Com a mão prendendo o seio
Tendo o sonho que voar
Deixando a moça de lado
Deixando o sonho da moça
Deixando o banho do dia
Deixando a moça,
Deixando a moça sem sonho
E deixando o sonho sem moça
Deixando o banho sem dia
Deixando a moça
Retoma a linha do meu canto interrompido
Pois agora eu convido
Para entrar no desafio
Prove comigo que é bom mesmo,
Que não erra que a terra é da mesma terra
Que a faca é do mesmo fio provar meu can-
to não é fácil companheiro
Pois somente o bom ferreiro sabe o ferro quando quente
Venha comigo que eu lhe provo que não erro
O ferro bate no ferro
Mas o timbre é diferente
Conheço o timbre do seu canto enferrujado

Pelo som desafinado do aço que em ferro deu
Acimentado noutro ferro que é mais fraco
Cujo brilho é tão opaco que ainda não se acendeu
É que meu canto não se acende de repente
Demora feito a semente que dentro do chão enterro
Depois que eu canto ele se planta
E quando medra é o que acente a pedra
Pedra que acende o ferro
Ferro de cova, estrovenga
Foice, arado, enxada
Facão, machado, faca
Belo por fora por dentro seu cinto é oco
Coco. Quebra coco, macaí de catolé
Retoma a linha do meu canto, novamente
Meu pandeiro minha gente tem sete dedos de couro
De sete gato que esfolei com sete facas no curral
Com sete estacas e sete bolões de ouro
E feito um gato, meu canto tem sete vidas
Veze sete dividida por sete quantos ficaram?
Restaram sete menos sete, restaram nada
Boi preto, vaca pintada, foi assim que me ensinaram
Se me ensinaram contar e diminuir
Multiplicar, dividir, eu lhe ensino a de somar
Mas se tratando do seu canto
Eu sou sincero
Um mais um é igual a zero
Tire a prova se restar
A sua prova só termina e não houve nada
Mas é tarde, é madrugada
Lentamente principia
Daqui a pouco vai nascer o sol
Tão novo que só a gema de ovo
Dentro da clara do dia
Um sol redondo, pandeiro, roda de couro
Anel folhado a ouro, subindo leve sem peso
E é quando ele do alto mar se levanta
Que eu fecho a minha garganta
E deixo o meu canto aceso



Paulo César Pinheiro

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1949. Considerado um dos maiores letristas da MPB, escreveu mais de 1500 composições. Com seu primeiro parceiro, João de Aquino, compôs *Viagem*, em 1964. A partir de 1965 deu início à parceria com o violonista Baden Powell, que durou muitos anos e abriu as portas do sucesso para sua poesia. “Lapinha”, “Quaquaraquaca”, “Aviso aos navegantes” e “Refém da solidão” foram algumas das canções que surgiram nessa época. É parceiro de inúmeros compositores nacionais. Tem três livros publicados: *Canto brasileiro*, *Viola morena e atabaques*, *Violas e bambus*. Em 2003, foi agraciado com o Prêmio Shell de Música Brasileira.

Eu tenho dois sobrinhos com tendências artísticas: um tende mais para o lado literário e o outro, para o lado musical. Um me perguntou outro dia: “Titio, qual a faculdade que eu tenho que fazer para ser escritor?” E o outro, em seguida, com um violãozinho na mão, me fez a seguinte pergunta: “O que eu tenho que aprender para ser compositor?” Duas perguntas muito difíceis de responder para dois meninos de dez anos de idade. Dei uma enroladinha e deixei para responder daqui a alguns anos. Bom, me lembrei de mim adolescente ainda, quando comecei a escrever e a compor. Conheci um sujeito extraordinário, músico, ritmista, percussionista, do Rio de Janeiro, chamado Pedro dos Santos, conhecido no meio musical como Pedro Sorongo, porque tocava um instrumento chamado “sorongo”, que ele não inventou, mas adaptou. Muitos o conheciam também como “Pedro Maluco”, porque estava muito adiante do seu tempo. Ele foi o pioneiro desse pessoal de percussão e até show solo, como o nosso grande Iamar Vasconcelos, por exemplo. Foi pioneiro nessa área, o que já fazia na década de 50, e foi um inventor de instrumentos. Muitos dos instrumentos dele foram roubados, patenteados na Europa e nos Estados Unidos, mas nunca ligou para isso.

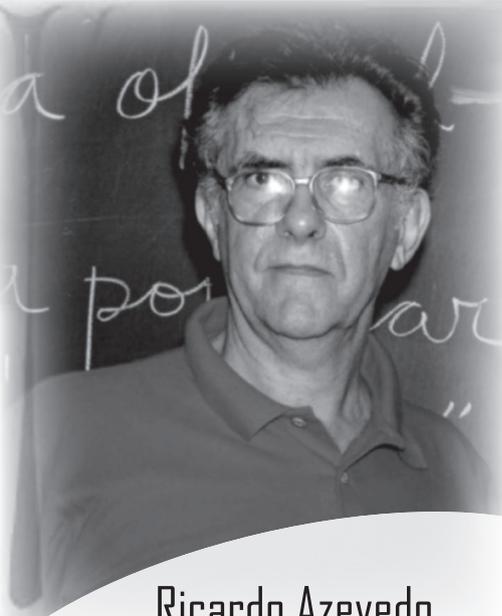
Um dia eu vi Pedro Sorongo conversando com o maestro Geraldo Vespar num balcão de bar, tomando um café. E o Geraldinho dizia para ele: “Você, talentosíssimo do jeito que é, um músico nato, da pesada, compositor – ele era um grande compositor também – por que você não estuda música?” Aí ele virou para o Geraldo e disse: “Maestro, eu sou a música”. Essa frase eu escutei passando e me marcou profundamente, me fez lembrar de mim começando e do quanto me perguntavam por que que eu fazia música. Essa frase passou a ser a minha resposta: “Eu sou a música”. E quando eu escrevi os meus primeiros versos, as pessoas sempre me perguntavam se eu tinha que estudar, de que forma eu tinha que estudar; contente, triste, isolado, como é que eu fazia a poesia. Eu dizia: “Eu sou a poesia”. Porque a criação é uma coisa que não se ensina e não se aprende, é a faculdade que o menino me perguntou – “tio, qual delas eu deveria fazer”. E é lógico que com

dez anos de idade jamais ia entender se eu dissesse que era a faculdade da vida, da rua, da calçada, do sertão, do campo. Vai entender um dia, vai ser um compositor, tem talento para isso, e o outro escreve também muito bem.

Então a criação é uma coisa que nem nós criadores sabemos explicar. É sempre um papel em branco em cima da nossa mesa, é sempre um mistério, um desafio e uma descoberta. A criação é isso. E a gente se entrega a isso, alma, corpo, mente, até o fim, porque essa fonte é inesgotável, não termina nunca e dela nos alimentamos. E estamos aí para servi-la, não para se servir dela. Eu sou um servo da minha poesia, da minha atuação. Eu me entreguei a elas duas completamente, vivo delas, competindo com as estrelas; a estrela que me guia é a estrela da sorte, porque sem sorte não conseguimos nada. O Nelson Rodrigues dizia que sem sorte você não consegue nem desaparecer, morrer chupando um picolé. Então essas duas estrelas me guiam, delas eu me alimento, delas tiro o meu sustento. Vivi de música e de poesia no Brasil – o que é uma coisa rara – a vida inteira, jamais tive outra profissão. Nunca fui funcionário público, bancário, padeiro; só fiz versos e canções e consegui sustentar a minha família com isso.

Eu tenho uma obra muito grande hoje, mais de mil e quinhentas músicas compostas e um pouco mais de novecentas gravadas. Até estávamos conversando sobre isso ontem, de fazer uma festa, como o Pelé fez no milésimo gol dele, quando eu fizer minha milésima gravação. A poesia é o meu caminho, é a minha luz, meu dom, meu destino e profissão. Eu sou escravo, estou aí para servi-la. E como todos nós, falar da poesia, da nossa própria obra, do nosso próprio verso, do nosso próprio texto, é um assunto recorrente. Nós vivemos tentando explicar isso, cada um fala a seu modo. Eu acho que todo o mundo entende quando falo e vou morrer tentando explicar isso para as pessoas e para mim mesmo. Então, espero que esses dois meninos se tornem, em algum tempo, um escritor e o outro um compositor; faço torcida para isso, porque acende a chama brasileira da nossa cultura e da nossa canção, que todo o resto do mundo sente quando nos dedicamos ao nosso país.

E para não me estender muito, para ser um pouco mais conciso, eu estou acostumado a fazer canção, e na canção temos que dizer tudo em poucos versos. Eu gostaria de encerrar essa minha fala. Cantando “A capela”, sem acompanhamento, mesmo porque eu caminho nos dois caminhos, na literatura de livro e na música popular. Eu fiz com meu parceiro João Nogueira uma trilogia que fala sobre esse mistério, esse segredo tão grande com que nos deparamos o tempo inteiro. É um samba chamado “Súplica”, que é um pedido para que isso nunca caia; um samba chamado “O poder da criação”, que fala sobre essa luz quando chega, e o outro chamado “Minha missão”, que é a que eu tenho, porque a poesia e a música são sacerdócio.



Ricardo Azevedo

Paulistano, nascido em 1949, escritor e desenhista, autor de vários livros para crianças e jovens. Recebeu o prêmio Noroeste (1984) por *Um homem no sótão*, prêmio Jabuti (1989) para Melhor Livro Infantil com *Alguma coisa e*, em 1991, Jabuti de Melhor Livro Juvenil com *Maria Gomes*. Também recebeu um prêmio da Associação Paulistana dos Críticos de Arte para *Pobre corintiano careca* - Melhor Livro Juvenil 1995, *Nossa rua tem problema*. Ricardo Azevedo é bacharel em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado, mestre e Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.

Como escritor de livros para crianças e jovens, eu sempre tive a preocupação, obviamente, de tentar entender o que é um texto compreensivo, o que é um texto que se comunique diretamente com o leitor; como não ser prolixo, como estabelecer um contato com o leitor. Isso me fez fazer um estudo sobre letras de samba, e é por isso que eu fui convidado para participar deste encontro. Estava pensando aqui, enquanto ouvia os companheiros falando sobre poesia, em música popular. Se formos pensar em termos de formação de leitores, veremos que poesia e música popular são três temas que praticamente não encontramos na escola. Há uma dificuldade muito grande de lidar com a poesia, pelo menos na experiência que tenho tido entrando em contato com escolas, conversando com leitores etc. Quanto à música, raramente aparece na escola, infelizmente, e o “popular” é um termo vago realmente. Aliás, vou começar falando do popular tentando, mais ou menos, estabelecer uma certa visão de popular, que quase é ignorado pela escola, a não ser no Dia do Folclore, um dia em agosto em que se comemora e se fala da cultura popular.

Antes de começar a minha fala, antes de colocar aqui certas questões, vou contar um caso que eu ouvi de um escritor lá em Natal, no Proler, Diógenes da Cunha Lima. Ele publicou inclusive essa história, esse pequeno relato. O Diógenes da Cunha Lima, quando era jovem, moleque de 15-16 anos, resolveu trabalhar. O seu ídolo era o Câmara Cascudo, que era o sábio da cidade, e ele resolveu trabalhar na casa dele, sem ganhar nada, tipo um *office boy*: levar livros, pagar contas, carregar livros, fazer qualquer coisa. Queria ajudar o grande mestre da cidade e uma pessoa que ele admirava muito, já com certa idade na época. Um dia o Câmara Cascudo não estava em casa e a empregada analfabeta, que trabalhava há cinqüenta anos na casa, estava varrendo. Diógenes da Cunha Lima chegou e perguntou à empregada: “Fulana, vem cá, você acha que o Câmara Cascudo é sábio mesmo?” Ele conta que ela parou de varrer, olhou para ele e falou: “É nada, estuda a noite inteirinha”.

Vejam que interessante essa observação dela, porque implica um modelo diferente de ver a vida e o mundo, diferente daquele que nós aprendemos, por exemplo, na escola. Fiz uma anotação aqui de algumas coisas que, imagino, estariam dentro desse modelo de divisão de mundo, porque essa mulher era uma mulher de idade já, de sabedoria de vida e com conhecimento, na verdade não era uma pessoa inexperiente. A visão dela era um tipo de visão de mundo. Então, por exemplo, dentro dessa visão, imagino eu, havia uma grande valorização da experiência da vida concreta, de experiência prática de vida, quer dizer, essa mulher jamais imaginaria que alguém pudesse saber coisas através de livros; ela imaginava que as pessoas aprendem fazendo, na experiência prática da vida. Em termos, ela teria uma certa dose de razão, como no caso de se entrar num navio e haver como comandante um marinheiro experiente e outro consultando livros para saber a direção do vento. Prefiro o marinheiro experiente.

Então, em alguns casos, essa experiência, obviamente, é uma experiência interessante que a empregada valorizava, não uma experiência teórica, de livros, de premissas teóricas, informações etc. e tal. Provavelmente, essa mulher era muito apegada a uma valorização das hierarquias. Muito rapidamente falando para vocês, é o seguinte: é o modelo de visão de mundo em que Deus ou deuses estão em cima; abaixo estão os mortos, os velhos, estamos nós aqui, estão as crianças e até as pulgas e plantas, o que vocês quiserem. Isso tudo numa rede integrada; todas as pessoas dessa rede fazem parte, de alguma forma têm uma familiaridade, chama-se o “modelo hierárquico”, que se opõe, por exemplo, ao modelo individualista, no qual nós nos sentimos como pessoas autônomas e livres. As pessoas desse modelo não estão nessa. Tanto a religião, a religiosidade, quanto a família são altamente valorizadas no modelo hierárquico; as comunidades também. Vou dar um exemplo de modelo hierárquico. Indo ao interior, aqui mesmo em Passo Fundo, mais fora da cidade, bate-se numa pessoa. Então, não se está batendo nela só, no filho do senhor João e da dona Emengarda, no irmão do Zé e não sei quem.

Está-se batendo em toda uma comunidade de pessoas, em toda uma família, e vai-se pagar o preço disso.

Na seqüência, um outro ingrediente dessa visão de mundo que eu imagino dessa empregada do Câmara Cascudo teria uma explicação da vida e do mundo religioso, baseada na religiosidade; conhecimento do senso comum, uma grande valorização do senso comum, que normalmente é totalmente desprezado. Contudo, o senso comum é um conhecimento prático da vida concreta. Eu dou exemplos, aliás, um provérbio que eu até vi lá: “Quem anda na linha o trem esmagaça”; “Boi sonso, cornada certa”; “Quem senta na garupa não pega na rédea”; “Quem está de fora joga melhor”. Não é pouco o conhecimento que nós temos nesses provérbios, que muitas pessoas podem chamar simplesmente de “senso comum”. É um baita conhecimento sobre a vida humana concreta, não abstrata, não teoria, uma moral ingênua. Já nós, da cultura escrita, seguimos princípios abstratos, por exemplo, princípios morais, não matar, não roubar etc. e tal, os quais funcionam como princípios gerais.

Se vocês estudarem um pouco a cultura popular, vão encontrar uma moral totalmente fragmentada, interessantíssima, que alguns autores chamam de “moral ingênua”. É uma moral que não é escrita, mas vivida; está dentro da cabeça das pessoas e, ao mesmo tempo, vai conviver com uma grande valorização dos interesses coletivos, da solidariedade entre as pessoas. Ao mesmo tempo, os interesses pessoais podem de repente subir acima de tudo: a pessoa puxa a brasa para a sua sardinha, a malandragem, as gambiarras. Às vezes as pessoas falam assim: “O malandro é uma figura da década de 40”. É uma teoria, mas, na verdade, a malandragem é recurso que a gente tem, que as pessoas têm, para poder sobreviver. Gambiarras, por exemplo, são malandragens, justiça feita pelas próprias mãos. Então se imagine uma moral de comportamento em que todos esses elementos estão em sinergia.

Como exemplo dentro desse modelo, eu me lembro de um criminoso em São Paulo, um tal de Batoré, que matou muitas pessoas. A polícia estava atrás dele e localizou a mãe dele.

Então foi superinteressante porque, na entrevista, ela fala que tinha a certeza de que Deus e Nossa Senhora iam proteger o Batoré e que jamais a polícia iria pegá-lo. Portanto, as pessoas podem sentir isso, falar com toda clareza isso. Ele era um assassino evidente. Então é essa moral que eu estou me referindo. Um último ponto: os assuntos coletivos, os assuntos nós, os assuntos gerais, são sempre colocados acima dos assuntos individuais, dos assuntos eu. Por exemplo, a morte muitas vezes aparece nesse caso. Eu estou muito baseado no estudo que fiz sobre letras de samba. É impressionante o número de vezes em que a morte aparece, a possibilidade de morte, contada do ponto de vista de quem está prestes a morrer. Envelhecimento, a festa, quer dizer, o encontro entre pessoas, o trabalho são assuntos sempre ligados à vida concreta, porque não há nesse modelo, digamos, uma “reflexão teórica”, um distanciamento a respeito das coisas.

Há um modelo que nós aprendemos normalmente na escola, um modelo que parte dos princípios de que nós vamos analisar coisas e decompor coisas para poder compreendê-las; um modelo em que as explicações são científicas, jamais religiosas; um modelo que, digamos, ensina-nos a examinar as coisas com objetividade, a qual significa examinar coisas sem a pessoa, ou seja, você tira a pessoa, tira a sua subjetividade fora, e olha com distanciamento objetivamente uma coisa. São modelos bastante diferentes – claro que convivem o tempo todo, mas são bastante diferentes. Um discurso objetivo muito comum da escola é a que água ferve a 100 °C. É interessante você ter um contato com um discurso assim, que não tem pessoa, ninguém sabe quem falou. A água ferve a 100 °C; são discursos recorrentes dentro da escola. Esse discurso é um discurso estranho a esse modelo; tem de ter alguém que fala e assine embaixo, inclusive.

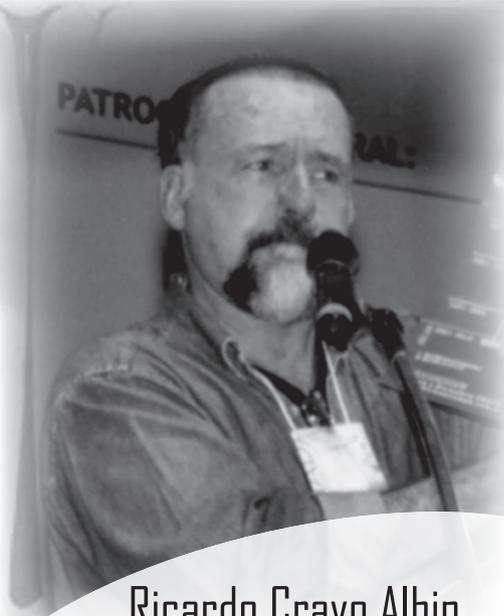
Esse modelo de consciência produz um discurso. Como, imagino eu, é baseado na oralidade, ou seja, é afastado da cultura escrita, isso não significa que a pessoa não saiba escrever; ela sabe escrever, mas está ligada a esse modelo cultural. É uma questão cultural. Esse discurso dela vai ter algumas

características das quais menciono algumas que acho interessantes. Primeiro, a tendência do discurso é de reproduzir uma situação falada face a face; de buscar sempre vocabulário a ser compreendido com imediatez, um vocabulário para o público. Esse discurso vai usar fórmulas, ditados, frases feitas, repetições; muitas vezes esses instrumentos são criticados por uma literatura que pode ser lida e relida. Então você fala: “Não, isso é do senso comum”. Mas não no caso de um discurso que parte do princípio que vai ser falado face a face. Como já falei, assuntos compartilháveis da vida concreta são muito mais importantes do que assuntos singulares e que gerem estranhamento – imaginem um discurso falado, de viva voz, se eu aqui, por exemplo, começasse a falar em assuntos que absolutamente vocês não conhecessem ou coisas desse tipo; fuga da ambigüidade, fuga de um texto que exija uma interpretação. Portanto, são discursos bem diferentes.

Falando um pouco da música popular, acredito que, quando fazemos música popular, a palavra “popular” é muito ampla. Todo mundo é popular aqui no Brasil, todos nós pertencemos a esse povo, mas, se formos falar em música popular, acho que há populares que são ligados a esse modelo. Eu diria que uma parte importante das letras de samba está ligada a esse modelo e há populares, discursos populares da música popular, que se aproximam mais da cultura escrita. Não entender esses dois modelos me parece uma coisa muito complicada; 20% da população brasileira, mais ou menos, está no analfabetismo, o que é um número muito grande se considerarmos a população brasileira. Essas pessoas são semi-analfabetas, analfabetos funcionais, seja o nome que tiverem; são leitores que não compreendem o que lêem. Não se pode ignorar a cultura popular dentro da escola. Por exemplo, um menino, filho de analfabetos, entra na escola, cujo discurso é o seguinte: “Você é nada, seus pais são nada, seus avós são nada, porque você e toda a sua tradição não sabem escrever, não sabem ler, não sabem gramática não sabem matemática etc. etc. Assim, toda uma cultura popular, todo um modelo de consciência diferente do modelo praticado pela escola, mas

não desconhecido de ninguém, simplesmente é desprezado. Esse modelo está nas formas literárias populares todas, que são criadas pelo povo e podem ser trazidas para a sala de aula, como as adivinhas, por exemplo, que são verdadeiras metáforas, uma verdadeira introdução à linguagem poética.

Eu tenho experiência com livros onde tenho mexido com cultura popular e é impressionante ver a criança que lê dizer: “Espera, meu pai conhece isso”. Aí a criança vai para casa e no dia seguinte traz material. Ela fala: “O pai é analfabeto, meu pai contou essa outra história”. Nesse ângulo as pessoas falam em formar leitores cada vez mais. Então fico pensando: falar em formar leitores no Brasil sem, por exemplo, usar a música popular, sem colocar a música popular para os nossos jovens e as nossas crianças ouvirem. Vamos olhar uma letra de Dorival Caymmi, um artista importantíssimo. Ao analisar a letra dele, ouvir a sua música, não precisa ser o texto escrito, podemos ver os procedimentos que ele usa na linguagem; também o Chico Buarque, o Paulo César Pinheiro. Vamos ouvir dentro da sala de aula esses poetas todos, os vários procedimentos com a linguagem que as pessoas usam, e também ver os poetas que não se utilizam da música, como Drummond de Andrade, Murilo Mendes etc. e tal, grandes poetas, obviamente. Eu tenho a impressão de que a música popular poderia ser uma introdução fantástica de literatura, mas a escola simplesmente ignora. Para encerrar, lembro que a música popular e o popular num país como o nosso, com as características do nosso, não podem ser ignorados.



Ricardo Cravo Albin

É escritor, pesquisador de música popular brasileira, jornalista, historiador e radialista. É formado em Direito, Ciências e Letras pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil; em Línguas pelo Instituto Brasil e Estados Unidos e pela Aliança Francesa. cursou Direito Comparado pela Universidade de Nova York e foi diretor cultural do primeiro Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro. Entre 1966 e 1971 foi membro efetivo do corpo de jurados dos festivais internacionais da canção popular. De 1968 a 1988 trabalhou como comentarista da rede Globo e julgador oficial dos desfiles das escolas de samba. Publicou diversos livros sobre vários assuntos, entre eles *O canto da Bahia*, *de Chiquinha Gonzaga a Paulinho da Viola*, *Da necessidade do fazer popular*, *Índia um roteiro bem a mal humorado*, *MPB a história de um século*. Atualmente supervisiona o maior banco de dados sobre música popular brasileira na internet e o dicionário sobre a música popular brasileira.

Quero dizer-lhes que essa paixão avassaladora pela música popular do país vem de muito cedo, mas se posicionou no momento fundamental dos meus verdes 25 anos, quando eu assumi o Museu da Imagem e do Som, estruturando, criando, definindo e baseando ali a primeira grande casa da oralidade para preservar a música popular do Brasil. Até então, nada, nenhuma instituição cultural preservava a música popular, nem qualificava e dignificava seus vultos, seus grandes nomes, muito menos a sua história. É claro que já existiam musicólogos, pois não esqueçamos que Mário de Andrade já tinha estabelecido uma generosa qualificação da música brasileira, especialmente da popular.

Então, abriu-se, determinou-se e consolidou-se aquele novo museu, que ninguém sabia muito bem para que servia, mas que veio para ser o primeiro a gravar a oralidade, especialmente sedimentada na dignificação do povo da música popular do país. Naquela altura, no Rio de Janeiro, convivi com os pioneiros e tive o privilégio, como um garoto de 25 anos, de conhecer a intimidade privada de Pixinguinha, João da Baiana, Tom, Heitor dos Prazeres, cuja gravação foi solicitada por telefone pela cronista Eneida e por Carlos Drummond de Andrade. Ambos sabiam que Heitor estava gravemente enfermo, tinha câncer no pâncreas, o que o levaria naturalmente alguns meses depois. Então, nós nos precipitamos e gravamos um depoimento brilhante do Heitor, o único depoimento oral, como muitos desses depoimentos que testemunham toda a história, a segmentação das figuras, dos personagens que povoam essa magnífica história. Este, a meu ver, reflete muito adequadamente o melhor da alma mulata do Brasil, que a gente quer fraterna, tão bem acentuada ontem pelo nosso monumental conferencista que desfilou verdades e verdades ontem aqui, o Ariano. Então, essa mulatice brasileira é o sedimento essencial da música popular do Brasil que começa a ser guardado com esse acervo a partir do Museu da Imagem e do Som. Eu tive a sorte de ficar dentro desse registro histórico da gravação da oralidade, da dignificação, é claro, dos personagens da MPB.

Trago-lhes aqui, exatamente por conta dessa situação, que, logo depois que eu saí do museu, me envolvi num projeto com Manuel Diegues Júnior, o pai do Cacá Diegues, para correr o Brasil inteiro levando essa história, que até então ninguém contava, sistematizada em termos de palestras-shows. Falei para mais de um milhão de estudantes enfatizando a necessidade de se ver na música popular brasileira um veículo de conhecimento, um veículo de educação, de melhor e mais convenientemente o Brasil se reconhecer na sua grandeza mulata, na sua grandeza fraterna, na sua grandeza especialmente estribada nessa história, que é uma longa história de preconceitos, sim, de narizes retorcidos, de burguesia em geral empedernida em relação à grandeza e à qualificação da música popular no país. O fato é que agora, com Júlio Diniz, fundamos um instituto cultural que tem um nome familiar, Cravo Albin. Eu doei todos os bens – a família concordou – e nós estamos desenvolvendo vários projetos, ligados, é claro, a lustrar pelo viés que é a música popular no país. Então, fizemos agora um projeto que é o primeiro Música Popular Brasileira nas Escolas (MPBE), o qual vou propor à organização desta magnífica Jornada, que possa de imediato vir parar também aqui, prioritariamente no Rio Grande do Sul, em Passo Fundo. Portanto, é uma prioridade que essa pastinha MPBE venha prioritariamente para o sul do país, para esta cidade, que realiza esse esforço de resistência que nos comove a todos.

Portanto, nós fizemos seis cartazes. Este aqui é a primeira cronologia para a formação da música popular do Brasil, com os cantos indígenas, as cantigas européias, com os ritmos africanos, que ao longo de séculos e décadas nos forneceram toda a realidade de hoje, a mais complexa e a mais evidentemente abrangente, que vai do som Brasil, ao brega, ao sertanejo, ao *pop* até o *funk*, ao *rap* Brasil. Portanto, nós fizemos esse primeiro mapa sinóptico da formação; em seguida, o primeiro gênero musical, o choro carioca, com a sua sedução e todo um contexto pedagógico que acarinha exatamente a mú-

sica do choro. A música do choro é uma música basicamente instrumental.

O choro, em geral, é o fruto missigênico da criatividade especificamente carioca. Dentro do contexto de Brasil musical, nas últimas décadas do século XIX, o choro forjou-se com pioneiros elevadíssimos, como Nazaret, Chiquinha Gonzaga, Anacleto de Medeiros e Pixinguinha, de todos o grande patriarca, com quem eu tive o prazer, mais que isso, o privilégio de conviver. Ele me dizia, como Jacó do Bandolin, que o choro não é para ter letra, mas muitos choros têm letra e ficam lindos. Paulo César Pinheiro, inclusive, fez uma letra muito bonita para a obra-prima de Pixinguinha, que é o choro ingênuo. Jacó do Bandolin era mais rigoroso, não queria letra em choro, mas, de qualquer maneira, até o coitado foi um pouco musicaldo *post mortem*. De qualquer modo, o segundo item vem a ser exatamente o samba dos bambas, o samba que nasceu também no centro carioca, no Rio de Janeiro, a partir de 1917, com Tonga, que fez uma deliciosa letra. Ele fala numa crônica de época de toda uma realidade daquele ano de 1917, quando diz que “o chefe da polícia, pelo telefone, manda me avisar, que na Carioca tem uma roleta para se jogar”. Era uma crônica poderosamente acusatória de um estado de coisas no qual o chefe da polícia estava numa jogatina, que era então proibida.

Portanto, a música foi, inclusive, uma das primeiras músicas da história do Brasil, mas foi também vítima de censura. O samba-enredo teve ramificações profundas em Porto Alegre, por exemplo. O samba, em plena época de ouro, viu nascer um gênio, o também meu amigo, a quem eu vinha visitar em Porto Alegre, Lupicínio Rodrigues. O “Lupi” começa a história da MPB com o samba, que era caracteristicamente urbano e também carioca. Esse samba teria a sua definição como letra mais qualificada através de um grande poeta dos anos 30, que chegou à MPB exatamente em 1931, com a peça *Com que roupa*. Esses catálogos são acompanhados por um disco, que tem um pequeno livreto com toda a indicação pedagógica para os alunos de escolas entre 10-12 até 16 anos conhecerem e reconhecerem a grandeza dessa história e desses personagens.

Noel Rosa foi o grande poeta do começo da época de ouro, aliás, o Noel se envolveu com uma das mais saborosas detrições antropológicas de tipo muito qualificado no Rio de Janeiro, mas pouco citado pelo Ricardo, que era o malandro. O Wilson Batista, um compositor importante, fez uma música em 1933 chamada “Ham, ham”, que dizia assim: “Meu chapéu de lado, tamanco arrastando, lenço no pescoço, navalha no bolso, eu passo gingando, provoço desafio e tenho orgulho em ser vadio”. É uma definição absolutamente perfeita. Conversando com o Roberto da Mata há uns seis anos, chegamos, ele especialmente, à conclusão de que isso é uma definição rigorosamente monumental daquela influência cultural que acabou no Rio de Janeiro, que era o malandro, o *vivant*, a pessoa semi-analfabeta que não vivia senão de biscates, mas que já queria viver apenas da poesia popular, viver apenas para um violão ou para compor e fazer música para o povo.

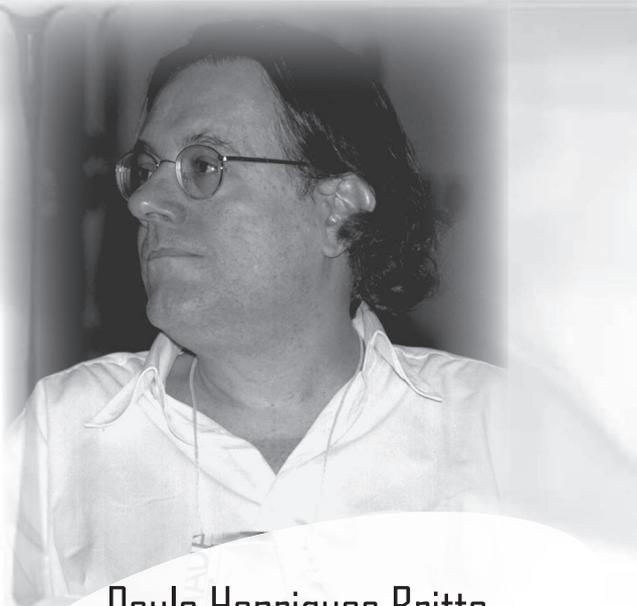
O Noel Rosa provocou o primeiro grande debate sobre a música popular ao responder ao Wilson Batista e dizer o seguinte: “Deixa de arrastar o teu tamanco, pois tamanco nunca foi sandália, tira do pescoço o lenço branco, compra terno e gravata e joga fora essa navalha que te atrapalha”. Era mais uma outra bela definição daquele começo luzidio da época de ouro, quando o rádio começava a fazer de todos os anos 30 e 40 também a mais opulenta aventura em torno da obstrução da música popular do Brasil. Então, Noel Rosa não quis prosseguir na polêmica, até porque o Lúcio fez uma tréplica dizendo a seguinte verdade numa época em que não podia ser dita, sendo chamado “Frankestein da Vila”. O Lúcio qualificou Noel naquilo que ele tinha de mais traumático, que era a sua qualificação física, porque Noel dizia-se um homem feio. Então ele disse: “Boa impressão nunca se tem, quando se encontra um certo alguém que até parece um Frankestein, e como diz o refrão por uma cara feia perde-se um bom coração”. O Noel Rosa encerrou a polêmica, que prosseguiria, é verdade, com mais alguns versinhos sempre renitentes de Wilson Batista, definindo toda a sua ambiência sociocultural-antropológica com o imortal “Palpite infeliz”: “Quem é você

que não sabe o que diz, meu Deus do céu que palpíte infeliz”. Ele jogou todo esse universo; toda essa poesia popular gravita, qualifica e faz com que a nossa música popular possa realmente prosseguir.

Eu quero lhes mostrar mais outras definições além do samba dos bambas, com toda uma indicação de história. Há outra definição da história da música popular do país, é claro, porque, por contingências da leveza, da mídia, no seu geral, há o esquecimento da diversidade do Brasil com a música regional, em que vocês aqui no Rio Grande do Sul são, graças a Deus, tão férteis e generosos. Portanto, a música está aqui, inclusive “Chimarrita”, uma jóia, que qualifica o Rio Grande do Sul. Há os fragmentos de Luiz Gonzaga, com o sertão ensolarado e telúrico de todo o Norte e Nordeste do país. Em resumo, a bossa-nova no Brasil e no mundo trouxe grandes poetas para a música popular. Temos grandes poetas além do Noel, como Orestes Barbosa, autor de um verso que, segundo Manuel Bandeira, é um dos mais belos escritos e lidos da língua portuguesa: “Tu pisavas nos astros distraída”. É uma maravilha, música composta sobre verso, de Orestes Barbosa, jornalista muito famoso no Rio nos anos 30-40. Há o Sílvio Caldas, que apregoava já a necessidade de que a música popular do Brasil fosse levada, através de sua poética miscigenica, da sua poética simples, mas de verdade, para os bancos escolares.

Finalmente o último cartaz, a febre dos festivais que nos trazem naturalmente as grandes revelações dos anos 60, graças a Deus, muitíssimas delas revelações gloriosas e realidades até hoje. A principal dessas, é claro, é o nosso Chico Buarque. Vinícius de Moraes, na bossa-nova, é nosso grande e queridíssimo poeta, pois, basicamente, pelo seu espírito de doação, de generosidade, aplicou todos os bossa-novistas, fazendo-se parceiro prioritário de todos eles, a começar, é claro, por Antônio Carlos Jobim. Entrando, na paixão da saga da música popular, ele convidou Tom Jobim, em 54 para 55, para letrificar, para musicar todo o seu auto, que é *O Orfeu da Conceição*, o qual foi encenado no Teatro Municipal, com Os-

car Niemayer fazendo o imorredor cenário. O nosso Vinícius certa vez me confidenciou, como Cartola de Mangueira, outro grande imemorable poeta da música popular, indagou-o de onde vinha realmente a inspiração: “Das ancas de uma mulher quase sempre”. Cartola de Mangueira foi autor de versos deslumbrantes sobre a rosa: “A rosa, o perfume que exala de ti”. Nelson Cavaquinho foi parceiro e companheiro de saga da Mangueira, das áreas pobres do Rio de Janeiro, que sempre deram poetas não alfabetizados necessariamente, pois eram semi-analfabetos. Nelson do Cavaquinho, junto com Guilherme de Brito, escreveu outro verso monumental: “Tire o seu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor”. Portanto, são esses versos que constroem a música popular brasileira. São esses personagens, com sua poesia verdadeira, qualificada, que constroem um pouco da sedução da alma brasileira; que melhoram o apreço dos jovens do Brasil não apenas em relação à própria língua, mas também em relação à percepção geral do fenômeno do país, que precisa se dar maior respeito, observando e absorvendo a sua necessária mulatice e miscigenação.



Paulo Henriques Britto

Possui graduação em Língua Inglesa e Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1978) e mestrado em Letras (1982) pela mesma instituição, que lhe conferiu o título de Notório Saber (2002). Atualmente é professor Assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de letras, com ênfase em tradução, atuando principalmente nos seguintes temas: tradução de poesia, tradução literária e poesia.



A partir dos anos 70 e 80, em particular, houve várias vezes na imprensa no Rio de Janeiro, e imagino que deve ter havido em outros lugares também, uma certa polêmica sobre a questão de a letra de música ser ou não poesia. Eu achei interessante e observei muito esta polêmica, pois sempre a pergunta era dirigida a poetas, críticos literários e professores de literatura. A pergunta que era feita era se música popular era a mesma coisa que poesia. A resposta vinha, na verdade, de uma pergunta diferente, sempre dada com relação ao *status* relativo das duas, ou seja, perguntava-se ao crítico ou ao poeta se letra de música podia ser considerada poesia e a resposta era não no sentido de mostrar a diferença, mas, sim, de afirmar a superioridade da poesia. Portanto, a pergunta era respondida de outra maneira, quase sempre com o intuito de afirmar uma certa superioridade da poesia. Interessa-me muito esta questão; por isso resolvi elencar aqui apenas alguns argumentos que mostram que, na verdade, nós não temos como afirmar nenhuma superioridade de uma arte em relação a outra. Eu só queria agora comentar alguns pontos específicos.

Uma primeira questão é que letra de música não é poesia, evidentemente. São duas artes diferentes: o poeta está trabalhando essencialmente com a musicalidade das palavras, ao passo que o letrista está trabalhando num certo diálogo ou triálogo entre a musicalidade das palavras, quer dizer, a distribuição de acentos nas sílabas, o ritmo da música, a sucessão de tempos fortes e fracos que vão definir o ritmo musical propriamente dito e, por fim, a melodia também. Há também uma sucessão de notas mais agudas, mais graves, mais demoradas, mais breves. O bom letrista, o bom cancionista, evidentemente, vai articular esses três elementos. Estou apenas destacando três elementos numa situação que é muito mais complexa, ora fazendo uma correspondência, ora criando, por efeito estético, uma oposição. Logo, a arte dele não é exatamente a mesma arte que a arte do poeta. Contudo, como um dos elementos que ele trabalha é a questão da musicalidade das palavras, evidentemente são artes afins.

Uma segunda questão é afirmar de algum modo a superioridade da poesia. A respeito, eu gostaria de expor alguns possíveis argumentos, demonstrando como esses, na verdade, são frágeis. São argumentos que ora eram explicitamente mencionados, ora ficavam mais ou menos implícitos. Por exemplo, um argumento que ouvi sempre era no sentido de que a poesia tem um passado muito mais nobre, tem um volume de obras-primas imenso em comparação com a música popular, que seria uma arte surgida na virada do século XIX para o século XX; não teria, inclusive, tido tempo para gerar aquela massa de obras-primas que a poesia desfrutava. Esse argumento, primeiro, parte de um ponto que me parece furado, ao afirmar que a música popular tem uma tradição que só remonta ao início do século. O que se diz é que um músico popular trabalha a partir de um repertório menor, de uma tradição menor. Ora, isso, evidentemente, não depõe absolutamente contra a arte dele; pelo contrário, podemos dizer que fazer uma arte ancorada numa tradição secular é muito mais fácil até, talvez, do que fazer obras-primas com uma arte que tem um passado menor. De qualquer forma, nunca vi, sinceramente, ninguém argumentar que o romance seria uma arte menor do que a poesia, porque o romance tem uma história claramente mais curta do que a poesia. Então esse argumento me parece que não se sustenta.

Um outro argumento que também aparece muito é uma certa idéia de que a música popular seria descartável, em comparação com a poesia, ou seja, a poesia seria uma coisa eterna e a música popular, uma coisa descartável, visto que a maior parte das músicas que ouvimos no rádio é realmente coisa que vai durar um verão e depois vai ser esquecida. Isso é verdade, sem dúvida alguma, pois a maior parte das canções populares produzidas vai ter uma duração breve. Contudo, essa situação é exatamente a mesma na poesia e em qualquer arte. Nós temos uma ilusão quando olhamos para a poesia do passado e vemos aquela sucessão de gênios, os quais surgiram, às vezes, com um intervalo de cinquenta anos do outro. Os historiadores de literatura que tomam um

período para estudar, seja o romantismo, o século XIX, o romantismo na poesia, e resolvem ler tudo o que se produziu na época, constatam a mediocridade absoluta que caracteriza a maior parte da produção de qualquer época; sobram um ou dois nomes, evidentemente, as quais associamos com a época. Todavia, o grosso da literatura, e de novo isso se estende a qualquer outra arte, produzido é descartável; o que vai realmente perdurar é uma fração muito pequena. Então, também desse ponto de vista não vejo nenhuma diferença entre a poesia e a música popular.

O terceiro argumento ressurgiu nos anos 90. Até alguns poetas respeitáveis, pessoas que eu respeito como poetas, usam esse argumento, que é o seguinte: a poesia seria a linguagem do sublime, dos temas mais profundos, e tematizaria o efêmero, o namoro dos adolescentes etc. Por trás dessa visão existe uma idéia de que a arte maior, a arte com “A” maiúsculo, que seria o caso da poesia, trata de temas sublimes, com uma linguagem sublime. Assim, a partir do momento em que a música popular vai tratar de temas que não são novos, com uma linguagem coloquial, imediatamente se desqualifica como arte maior. O que é interessante é que há uma certa coerência do discurso dos poetas que defendem esta posição com o trabalho que eles fazem, porque escrevem poesia como se não tivesse existido modernismo, ou seja, este argumento, para se aplicar à música popular, aplica-se, também, pela mesma razão, à poesia do modernismo. Logo, com base nesse argumento, vamos ter que rejeitar não apenas a canção popular, mas também a poesia de Bandeira, a poesia de Drummond, a poesia de Cabral, que são poetas que tratam de temas muitas vezes humildes e com uma linguagem que não tem nada de sublimadora.

Existe um livro magnífico, de Davi Arrigucci Júnior, sobre a poesia do Bandeira, no qual ele diz justamente que a força, a especificidade da poesia do Bandeira está na questão da humildade, da humildade da temática e da humildade da linguagem. Portanto, os poetas que dão declarações nesse sentido para os jornais pelo menos não podem ser censura-

dos do ponto de vista de coerência, porque a poesia que eles produzem, de fato, é uma poesia do sublime, uma poesia com uma linguagem sublimadora, é uma poesia que praticamente pula por cima de todos os poetas modernos que eu estive mencionando. A questão é que me parece uma visão bastante limitadora de poesia. Eu não estou dizendo que seja necessário descartar a temática do sublime ou a linguagem do sublime, pois me parece absolutamente insustentável afirmar que apenas isso vai caracterizar a poesia, vai caracterizar a grande arte.

Outra maneira também de fazer esse tipo de crítica é apelar para argumentos do tipo formal. Quando lembramos a pessoa que ataca a poesia popular, a canção popular como forma artística, na verdade, existe toda uma tradição, que vai desde, pelo menos, a poesia provençal francesa, com os poetas cancionistas, que eram cantores também, desde Provença até a música popular. Assim, o nosso contra-argumento é o seguinte: uma coisa é uma canção de arte, uma canção erudita, que vai se caracterizar por uma certa complexidade formal, e outra é a música popular, que é singela, que achamos bonito. Portanto, não podem ser colocadas no mesmo plano, ou seja, haveria um critério formal que seria a complexidade, que colocaria, de um lado, a grande canção de arte, a canção erudita, e, de outro, a canção popular.

Entretanto, esse critério também não se sustenta. Se analisarmos, por exemplo, o mais famoso ciclo de líder de canção do Schubert, que é a “Bela moleira”, do ponto de vista harmônico, ou melódico e poético, não há nada ali que não seja da mais absoluta simplicidade. Schubert, evidentemente, também soube fazer canções formalmente mais complexas, mas aquelas, em particular, e não por coincidência, talvez as mais universalmente amadas, são peças de absoluta simplicidade formal. Por outro lado, existe uma canção do Cartola chamada “Eu tive sim”, uma das minhas favoritas, que tem uma passagem harmônica absolutamente surpreendente, na passagem da primeira parte para a segunda parte. Eu só encontrei uma coisa igual num *lieder* do Hugo Wolf, que é

um compositor altamente sofisticado, austríaco, da virada do século, ou seja, no ponto de vista de uma análise harmônica, não há nada que coloque o “Eu tive sim” do Cartola num plano mais baixo do que essa canção do Hugo Wolf. Por outro lado, se fizermos uma comparação do plano da letra, novamente vamos ter letras extremamente singelas em canções de Schubert e letras de uma complexidade extraordinária na nossa música popular brasileira, como as de Chico Buarque, de Caetano Veloso e de tantos outros compositores. Portanto, também esse argumento não se sustenta. De onde vem, portanto, essa má vontade, que até cresceu nos anos 90, de poetas, eruditos e alguns críticos e professores dessa área? Por que esse mal-estar com a música popular? Por que essa certa necessidade de afirmar a diminuidade da poesia colocando a canção popular num plano mais baixo?

Uma das razões que levam as pessoas a fazer esse tipo de classificação é, evidentemente, o fato de a poesia ter perdido muito público, como já foi comentado aqui pelo Marcus Accioly, pois boa parte do público que consumia, há um século, poesia consome agora música popular. A música popular, de certo modo, roubou o público da poesia escrita. Quando pensamos que o Byron, o grande romântico inglês, publicou um livro de poesia e esgotou dez mil exemplares, ou seja, no dia em que chegou na livraria vendeu dez mil exemplares, compreendemos que alguns poetas fiquem irritados quando vêem que um disco vende um milhão de exemplares numa semana e um livro de poesia com uma tiragem de quinhentos exemplares muitas vezes continua na livraria dois anos depois. Para encerrar, eu só queria dizer que o poeta, ao invés de tentar afirmar a dignidade da arte dele, fazendo afirmações pejorativas contra a arte do cancionista, deveria ver o lado bom da impopularidade. A poesia sempre foi uma arte extremamente pobre, é a arte de que se precisa de menos material para fazer. Para fazer um filme, precisa-se de milhões de dólares; para fazer uma pintura, uma escultura, tem-se que fazer um certo investimento em tintas e coisas assim, assim como para escrever um romance precisa-se de muito papel e

tinta. O poema, em rigor, não precisa de nada, só precisa de memória. Mais de um poeta no século XX compôs poemas em campos de concentração e prisões, onde não havia papel nem lápis, mas os poemas foram compostos e durante algum tempo preservados apenas nessa mais frágil de todas as mídias, que é a memória humana.

Qual é a vantagem dessa pobreza da poesia, que agora está mais pobre ainda porque perdeu até mesmo o público? Quem lê poesia hoje? Basicamente, são os outros poetas, são os críticos, são as pessoas de literatura. Qual é o lado bom disso? O lado bom disso é que o poeta pode ter a certeza de que, quando ele está sendo lido, realmente está sendo lido pelo seu próprio valor. O artista plástico muitas vezes sabe que a arte dele vai ser comprada como investimento, ou como decoração de interiores; o romancista e o diretor de filmes sabem que muitas vezes a criação deles vai funcionar como remédio para insônia. Sejamos francos, quantas vezes vocês já não dormiram lendo um romance ou vendo um filme? E a música popular, até mesmo a canção popular, muitas vezes funciona como pano de fundo para conversas, para seduções e para tantas coisas. Por sua vez, o poeta não pode ter absoluta certeza de que uma pessoa pega um livro para ler poesia; o trabalho dele, o poema dele, não vai ser pano de fundo, não vai ser investimento, não vai ser nada. Ninguém lê poesia por nenhum outro motivo senão por gostar de poesia, e isso, sem dúvida alguma, é o lado bom da pobreza.

Foto coletiva dos palcos de debates



Lara Christina Malimpensa, Gilles Lipovetsky, Carlos Reis, Júlio Diniz, Neusa Rocha, Mauro Maldonato, Clara Ferreira Alves



Eládio Weschenfelder, Júlio Diniz, Leonardo Boff, Alcione Araújo, Frei Betto

Foto coletiva dos palcos de debates



Aderbal Freire Filho, Werner Schünemann, Márcia Barbosa, Júlio Diniz, Lobão, Walmor Chagas, Luiz Vilela, Luiz Alberto de Abreu



Ignácio de Loyola Brandão, Alcione Araújo, Ricardo Azevedo, Ricardo Cravo Albin, Júlio Diniz, Miguel Rettenmaier, Paulo César Pinheiro, José Borges, Marcus Accioly, Paulo Henriques Britto

Coordenadores dos palcos de debates



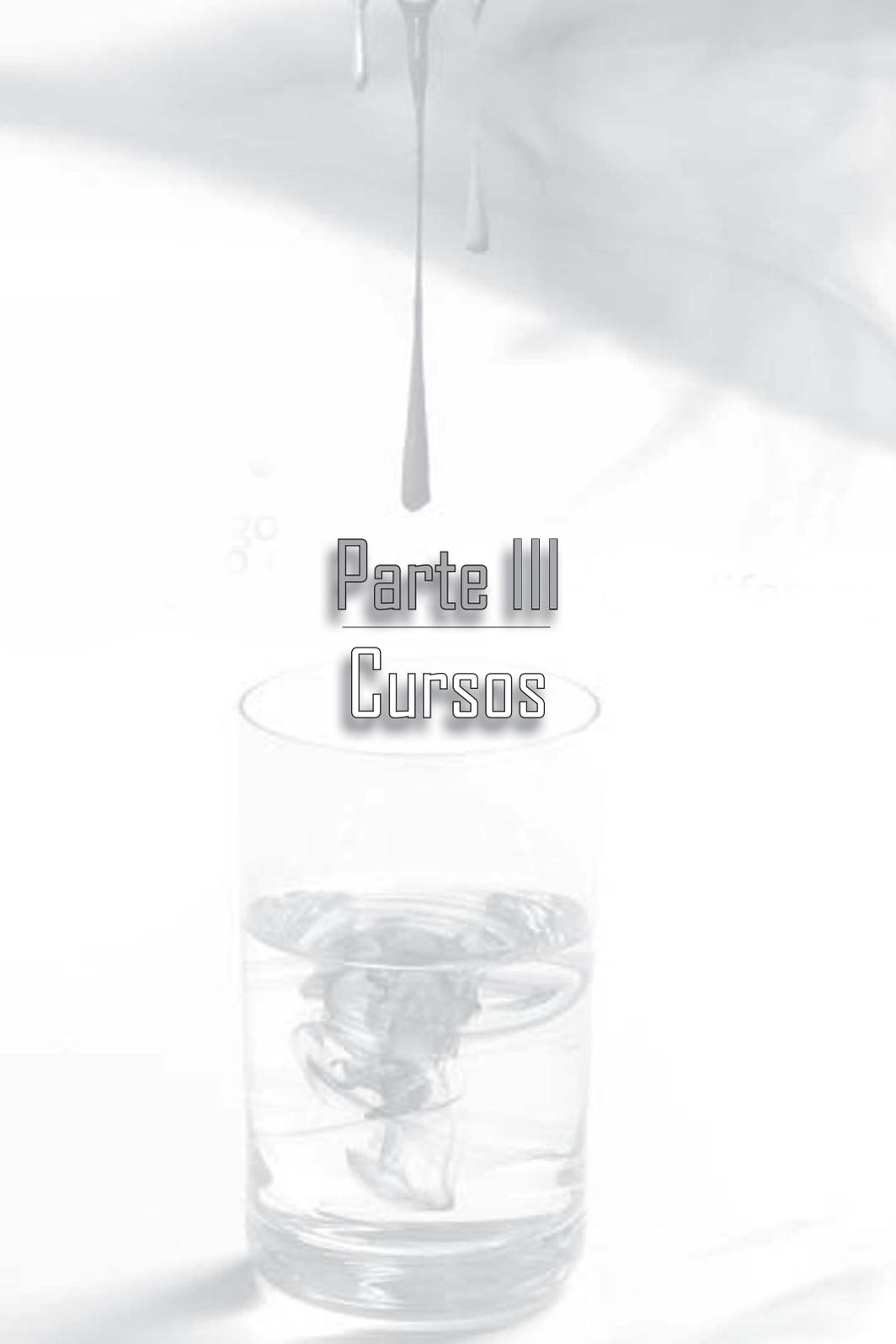
Alcione Araújo



Ignácio de Loyola Brandão



Júlio César Valladão Diniz

A hand holding a pen with a drop of ink falling into a glass of water. The background is a light, textured surface.

Parte III
Cursos

A leitura da literatura infantil em séries iniciais: atividades para formação de leitores



Renata Junqueira de Souza*

O livro didático no Brasil

O livro didático no Brasil se constitui como o elemento central para a difusão do conhecimento e em parte limita o fazer pedagógico de alguns docentes. Referindo-se à própria natureza e função dos textos inscritos nos livros didáticos, vários teóricos nos alertam para a fragilidade de seus valores, sobretudo no que se referem aos propósitos educacionais de formação do gosto da leitura.

Os textos dos livros didáticos brasileiros são condensados, muitas vezes fragmentados, e oferecem aos professores a ilusão de serem conhecedores para ensinar as mais diferentes disciplinas.

O autor do manual seleciona os textos, que, em geral, não foram escritos visando ao

* Unesp - Presidente Prudente - São Paulo.

ensino, e elabora uma proposta de trabalho a partir destes. Assim, o professor, ao adotar o livro, estará lançando mão de textos já didatizados, sendo apenas um transmissor do processo de didatização deste material.

Para mostrar esse primeiro nível de didatização e para evidenciar o tipo de texto que predomina nos manuais didáticos brasileiros, realizamos uma análise de textos inscritos nos livros didáticos disponíveis na escola e no mercado editorial. Nesta análise encontramos algumas características que descrevemos como os principais problemas dos manuais didáticos no Brasil:

- todos os livros de 1^a a 8^a séries priorizam os textos narrativos. São poucos os outros tipos de textos utilizados, como poesia, quadrinho, informativo etc.;
- não podemos garantir a qualidade estética, ou seja, literária dos textos inseridos nos manuais;
- o estudo do vocabulário se limita à apreensão do sentido literal das palavras; o sentido poético nunca é explorado;
- a forma de interpretação também é sempre redutora. Estimula-se a compreensão das relações lingüísticas firmadas entre as palavras, mas não se estimula a compreensão profunda das entrelinhas do texto literário;
- a gramática e ortografia sugerem atividades repetitivas e facilitadoras totalmente desvinculadas do desempenho social, ou seja, desvinculadas da função social dos textos;
- as sugestões para que os alunos produzam seus próprios textos não contemplam a necessidade de formação prévia do repertório cultural de seus produtores;
- todos os manuais se limitam a uma seqüência repetitiva de atividades: identificação do tema do texto, estudo do vocabulário, interpretação, estudo de gramática, aprendizagem de ortografia e produção de textos.

Enfim, os manuais didáticos reduzem o valor do texto poético, ora fragmentando-o ou descontextualizando-o, ora não distinguindo para o aluno a linguagem referencial da literária.

Desta maneira, é impossível proporcionar aos alunos uma relação de prazer na leitura da literariedade desses textos. A longo prazo, o que se pode prever é que, desprovidos da possibilidade de encontrar prazer e encantamento na leitura através da apreciação do literário, crianças e jovens se distanciam do ato de ler, pois não encontram nos textos significado para suas vivências pessoais.

No entanto, podemos reverter essas situações, sobretudo se utilizarmos textos literários não fragmentados para atividades de leitura, interpretação e produção de textos em sala de aula, ou seja, se possibilitarmos que o texto literário seja integralmente oferecido aos alunos na forma como ele é apreciado e apropriado nos espaços sociais.

O trabalho com o texto literário

Propõe-se aqui descrever sucintamente uma proposta de ensino da leitura a partir de textos literários. Nessa proposta tais atividades são estruturadas e organizadas como: a) atividades antes da leitura; b) atividades durante a leitura; c) depois da leitura.

As atividades “antes da leitura” têm como objetivos de aprendizagem: promover repostas pessoais, ativar e construir conhecimento de mundo, estabelecer objetivos para atividades de leitura e despertar a curiosidade e motivar alunos para a leitura. Podemos enumerar algumas dessas atividades que ocorrem como momentos anteriores à leitura do texto literário: guia de antecipação, questionários, caixa literária, mapa semântico, mapa dos contrastes, mapa de antecipação – inferência – confirmação.

Por sua vez, nas atividades “durante a leitura” determinam-se como objetivos: facilitar compreensão, focalizar atenção, encorajar reações para novas idéias, chamar atenção para a língua, permitir respostas pessoais. Tais atividades, realizadas após uma primeira leitura do texto, buscam a construção de sentidos e o estabelecimento de relações entre o texto e o contexto: círculos literários, mapas literários, mapas

dos personagens, teia – relações entre os personagens, quadro de sentimentos, quadro de contrários.

Finalmente, as atividades “após a leitura” fundamentam-se nos seguintes objetivos: suscitar reflexões, facilitar análise e síntese, promover respostas pessoais e conexões com idéias, temas e ideologias encontradas no livro, proporcionar compreensão, facilitar organização e informação. Neste bloco de atividades podemos destacar as seguintes propostas: boletim literário, organização do enredo, diagrama do livro, citações para a troca.

A título de exemplificação, descrevemos aqui uma seqüência didática desenvolvida a partir do livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Men Fox, publicado pela Brinque Book.

a) *Antes da leitura*

Como proposta de atividade “antes da leitura”, desenvolveu-se a “caixa literária”, que estimula o pensamento da criança para pensar na função dos objetos antes de saber a função que estes desenvolvem na história. Durante a atividade, aguçamos a curiosidade dos alunos com dicas sobre os objetos e tentamos despertar as inferências a respeito das funções dos objetos. O importante nessa atividade é ter exatamente os mesmos objetos da história na caixa literária. A história *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* faz referência a vários objetos: uma bengala, um ovo, uma bola, uma marionete etc., motivo pelo qual a caixa literária serve como estratégia ideal para esse texto. Tais objetos foram colocados nessa caixa para que, antes de conhecer o texto e o livro, as crianças pudessem elaborar hipóteses e estabelecer relações entre os objetos e a história que viria a seguir.

b) *Durante a leitura*

Como encaminhamento didático para atividades “durante a leitura”, optou-se pela construção da “teia dos personagens”, momento no qual as crianças puderam estabelecer relações entre os personagens no contexto da história.

Esta atividade é excelente para promover a discussão sobre o papel dos personagens na história. Utilizando essa estratégia, os alunos podem identificar particularidades dos personagens citando passagens do texto em evidência. As atividades da teia despertam compreensão e aprendizado sobre a estrutura da narrativa, além de promover a leitura e a produção de textos de maneira agradável e contextualizada. Essa atividade com o livro de Men Fox é boa para explorar adjetivos. Construiu-se com as crianças um gráfico simbolizando uma teia de relações, onde elas citavam para cada personagem as características principais, suas especificidades e sua função dentro da história.

c) Após a leitura

Para atividades “após a leitura” desenvolveu-se a “organização do enredo”, atividade que auxilia os leitores a compreenderem visualmente as ações da história. É útil para que os alunos sintetizem o enredo e compreendam sua organização; também serve como modelo para uma produção de texto futura.

Evidentemente, não se tem aqui a pretensão de receber “modelos”, mas, sim, ilustrar práticas de ensino da leitura a partir do texto literário. Considerando as características e especificidades do texto literário, sem descaracterizá-lo como ocorre nos livros didáticos, podemos auxiliar nossas crianças e jovens a construir a compreensão e o sentido da leitura e, ao mesmo tempo, colaborar para que o gosto e o encantamento pela leitura estejam presentes na sala de aula.

Ricardo Azevedo*

O curso teve como proposta geral determinar, discutir e caracterizar, a partir do exame de letras de samba, algo que poderia ser reconhecido como um “discurso popular”. Tal preocupação se justifica porque cerca de 85% da população brasileira é considerada analfabeta funcional, ou seja, é formada por pessoas que não entendem o que lêem e são incapazes de escrever um simples bilhete. Deduz-se que nosso país é profundamente marcado pela cultura oral. Essa imensa parcela da população obviamente produz um determinado discurso. Quais seriam suas principais características? O curso tentou propor respostas ou, pelo menos, levantar uma discussão a partir dessa indagação.

Na primeira aula discutiram-se problemas relacionados ao conceito de “cultura popular” e à noção de “folclore”. Foi feita também uma comparação entre as culturas populares – assistemáticas, espontâneas, diversificadas e marcadas pela cultura oral – e uma cultura que poderia ser considerada oficial e hegemônica, marcada pela escolarização, pelo pensamento crítico e, em suma, pela cultura escrita. Foi possível demonstrar que os paradigmas de culturas orais não coincidem com os de culturas escritas, e que cada uma delas produz um determinado modelo de discurso.

Num segundo momento, ainda na primeira aula, foi preciso fazer um breve retrospecto da história do samba: abordaram-se a

* Unesp - São Paulo.

etimologia da palavra “samba”, suas raízes proletárias, negras e rurais e sua transformação marcada pelo surgimento do sistema de gravação sonora, do gramofone e da vitrola, do microfone, do rádio e da indústria fonográfica. Tudo isso resultou, a partir da década de 1920, com Ismael Silva, Noel Rosa, Heitor dos Prazeres, Bide, Marçal, Cartola e outros artistas populares, no nascimento do samba urbano e suas variantes.

Na segunda aula foram abordados tópicos relacionados a uma tentativa de compreender e caracterizar o que poderia ser chamado de “modelo de consciência popular”, fonte primordial de um determinado tipo de discurso. Primeiramente, examinaram-se algumas características do pensamento marcado pela oralidade, como, por exemplo, a tendência ao pensamento contextualizado, não abstrato; a tendência ao pensamento agregativo, não diferenciador; a tendência a encarar todo o discurso como algo, por princípio, necessariamente relacional, dialógico, declarativo e utilitário, dirigido a alguém numa situação face a face; a tendência ao discurso visto como expressão declarativa, emocional, narrativa, acumulativa, direta e inseparável de quem fala; a tendência a unificar o ato ilocucionário – o que foi dito – e a força ilocucionária – o que se quis dizer (no discurso escrito, como sabemos, “o que foi dito” e “o que se quis dizer” estão separados em princípio (Cf. John Searle e David Olson), entre outros fatores.

Tal pensamento tem como resultado a tendência à utilização: a) de um discurso construído com linguagem acessível, popular, clara e sempre memorizável; b) do discurso visto como expressão da ação, ao passo que a linguagem da cultura escrita tende a ser descrição da ação. Isso implica a existência de um discurso *no* ou *com* o assunto em oposição a um discurso *sobre* o assunto; c) do discurso construído a partir de heróis, personagens, ações, eventos e temas importantes da vida cotidiana e coletiva; d) do discurso criado com imagens visualizáveis, ou seja, afastado de conceitos abstratos e descontextualizados; e) a tendência ao discurso vinculado às questões e perplexidades do grupo, ao temário coletivo e

a uma “sabedoria comunal” ligada ao senso comum, em oposição às perplexidades individuais e idiossincráticas, entre outras características.

Foram ainda apresentados alguns paradigmas da visão de mundo popular, tais como a valorização da família, das hierarquias e do contexto (torrão natal); a moral ingênua (oposta a uma moral de princípios abstratos); a religiosidade e a valorização do senso comum.

Concluindo a segunda aula, foram abordados algumas questões e recursos recorrentes no discurso marcado pela oralidade e presentes nas letras de samba: o problema da autoria; o vocabulário popular, o recurso do diálogo (implícito e explícito), a narratividade, o improvisado e a interrupção da palavra cantada (o samba de breque).

A última aula constituiu-se na audição de uma seleção de cerca de 85 sambas, compostos em diferentes épocas. Entre os sambistas, destacam-se Sinhô, João da Baiana, Ary Barroso, Noel Rosa, Assis Valente, Paulo da Portela, Ataulfo Alves, Ismael Silva, Wilson Batista, Geraldo Pereira, Henricão, Nelson Cavaquinho, Bezerra da Silva, Dorival Caymmi, Nelson Sargento, Monarco, Martinho da Vila, Nei Lopes, Paulinho da Viola e Zeca Pagodinho, entre outros. Procurou-se, nesta etapa conclusiva, ilustrar o que se discutiu nas duas aulas anteriores, ressaltar determinados procedimentos com a linguagem e, finalmente, identificar um conjunto de temas recorrentes nas letras de samba: família, hierarquias, amor ao contexto, solidariedade e camaradagem, malandragem, festa, religiosidade, comida e trabalho, entre outros.

Referências

ALBIN, Ricardo Cravo. *O livro de ouro da MPB – a história de nossa música popular, de sua origem até hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 2. ed. Trad. de Yara Frateschi. São Paulo-Brasília: Hucitec, 1993.

BOTEZELLI, J. C.; PEREIRA, Arley. *A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*. São Paulo: Sesc, 2000, 8. v.

CARTOLA. *Fita meus olhos*. Museu da Imagem e do Som, 1998. (Série Depoimentos).

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *A casa & a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DUMONT, Louis. *O individualismo*. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. de Vera Bueno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ENCICLOPÉDIA da Música Popular Brasileira. 3. ed. São Paulo: Art Editora e Publifolha, 2003.

FAVARETTO, Celso. *Tropicália, alegoria, alegria*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

FINNEGAN, Ruth. *Oral poetry*. Its nature, significance and social context. Indiana: University Press, 1992.

GOLDWASSER, Maria Júlia. *O palácio do samba – estudo antropológico da escola de samba Estação Primeira de Mangueira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GOMES, Núbia P. M.; PEREIRA, Edimilson P. *Mundo encaixado – significação da cultura popular*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1992.

GOODY, Jack. *Domesticação do pensamento selvagem*. Trad. de Nuno Luís Madureira. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

HAVELOCK, Eric. *Prefácio a Platão*. Trad. de Enid Abreu Dobránzsky. Campinas: Papyrus, 1996.

LOPES, Nei. *Zé Kêti*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. *Sambeabá – o samba não se aprende na escola*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MATOS, Cláudia. *Acertei no milhar - samba e malandragem no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

MÁXIMO, João. *Paulinho da Viola*. Perfis do Rio. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

MOURA, Roberto M. *No princípio, era a roda*. Um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

OLSON, David *O mundo no papel – as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. Trad. de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1997.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. Trad. de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

PAULINO, Franco. *Padeirinho da Mangueira*. Retrato sincopado de um artista. São Paulo: Hedra, 2005.

PIMENTEL, Luís; VIEIRA, Luís Fernando. Wilson Batista. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente – transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Editora UFRJ, 2001.

SEARLE, John R. *Os actos de fala*. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.

SILVA, Marília Barboza da; OLIVEIRA FILHO, Arthur. *Cartola – Os tempos idos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SPINA, Segismundo. *Na madrugada das formas poéticas*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

TATIT, Luiz. *O século da canção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular*. São Paulo: Círculo do Livro: [s. d.].

_____. *Música popular – um tema em debate*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

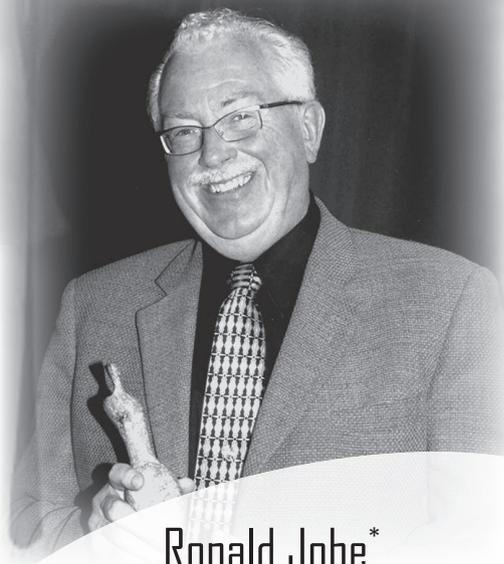
_____. *História social da música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

_____. *Cultura popular – temas e questões*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

VIANNA, Hermano; BALDAN, Ernesto. *Música do Brasil*. São Paulo: Abril, 2000.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta – as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. de A. Pinheiro e J. P. Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



Ronald Jobe*

Todas as crianças têm direito a se ver e a ver sua cultura refletida nos livros que lêem!

Não há dúvida de que a compreensão que as crianças têm de sua cultura está diretamente relacionada ao que elas vêem e lêem. A forma como enxergam a si próprias, sua família e seu país está baseada nas imagens que elas criam através da leitura e da observação.

Fala-se com frequência que a leitura nos transforma em quem somos e que somos o que lemos. Certamente o sucesso escolar e na vida depende de nossa habilidade de ler satisfatoriamente. Hoje em dia considera-se alfabetizado ou “letrado” o indivíduo que consegue ler e compreender textos de nível intermediário. Também se busca com afinco a flexibilidade na leitura, ou seja, a habilidade de alterar a velocidade com que lemos, dependendo do material que está sendo lido.

* Doutor e docente em Educação – The University of British Columbia.

O Canadá e seu país vizinho

As influências culturais também são uma fonte significativa de desenvolvimento de um país. Nações mais jovens e multiculturais, como o Canadá, são compostas de vários grupos étnicos, todos diferentes e, ainda assim, todos unidos pelo sentimento de ser canadense. E a cultura canadense? Para a maior parte dos brasileiros, suspeito, a América do Norte é apenas um grande continente e, já que a mídia volta sua atenção principalmente para os Estados Unidos, pouco se sabe a respeito de nosso país. Os canadenses, como conseqüência, sentem-se à sombra do gigante americano e frequentemente tentam definir-se de formas que demonstram o quanto são diferentes. Quando um amigo de São Paulo visitou-me em janeiro passado, rapidamente fez uma constatação ao conversar com meus amigos canadenses: “Vocês não pensam como os americanos aqui!” Apesar das risadas que essa descoberta provocou, temos de admitir que é a mais pura verdade: apesar de sermos amigos e vizinhos, certamente não nos deixamos levar pelo sentimento de medo infundado, necessidade de dominação e aceitação da perda de direitos que existem nos Estados Unidos hoje.

Em que os canadenses são diferentes dos americanos? Apesar de sermos um dos mais extensos países do mundo, temos a tendência de achar que somos menos nacionalistas. O Canadá pode ser extenso, mas nossa população é pequena e não temos um exército numeroso, tampouco temos um desejo de conquistar outros países – contentamo-nos em enviar nossas forças de paz a áreas necessitadas. Na verdade, é surpreendente, em razão das tendências atuais de divisão de grandes áreas em estados menores, que ainda existamos. Assim também é no Brasil. O Canadá é um país enorme, que cruza quatro fusos horários, com 5 514 km de largura, 4 634 km de comprimento e banhado por três oceanos. É relevante ressaltar que 90% dos seus 32 milhões de habitantes (população inferior à da Califórnia) vivem a 300 km da fronteira com os Estados Unidos. Estar tão perto tem um grande impacto no

nosso dia-a-dia. É um relacionamento de irmão maior e irmão menor. E, como em todas as famílias, os irmãos menores são assediados e às vezes manipulados pelos maiores. O desafio que temos pela frente é o de determinar nosso próprio valor. Quem somos nós? Como os outros nos vêem?

Como canadenses, falamos muito sobre nossa identidade. Quando deixamos nosso país, percebemos o quanto somos diferentes dos americanos em nossa história, nossa atitude perante os outros, nossa visão de mundo e nosso impacto no meio ambiente. Já que os canadenses têm uma forte ligação com a Grã-Bretanha e a Europa, e mais recentemente com a Ásia, algumas de nossas idéias aproximam-se mais das deles do que das dos Estados Unidos. Mais importante, eles influenciaram nossas tradições políticas e legislativas, dando-nos um equilíbrio em nossos pontos de vista.

Apopulação canadense em constante mudança

Culturalmente, o Canadá é um país bilíngüe, com o inglês e o francês como línguas oficiais devido à colonização inicial dos ingleses e dos franceses. A chegada destes teve um efeito negativo nos povos das Primeiras Nações que habitavam o Canadá, porque muitos perderam, ao longo dos anos, muito de suas línguas e culturas nativas. Hoje em dia as línguas das Primeiras Nações estão sendo resgatadas, assim como há um crescente reconhecimento de sua cultura.

Assim como no Brasil, a imigração tem sido uma grande força no desenvolvimento do Canadá, resultando em canadenses descendentes de chineses, alemães, hindus, escoceses, ucranianos etc. Não faz muito tempo que começamos a designarmos-nos como simplesmente canadenses.

Quando se fala em leitura e cultura, deve-se levar em conta a realidade da população escolar. Nas escolas públicas de Vancouver, 55% dos estudantes são considerados falantes de inglês como segunda língua, com 61% falando em casa uma outra língua que não o inglês. Conseqüentemente, nas escolas públicas foram identificadas 110 línguas diferentes.

Esse é um grande desafio para os professores, que precisam atender às necessidades de leitura e escrita de tantos alunos de diferentes grupos etários, lingüísticos e culturais. Muitas dessas crianças vêm de ambientes que são completamente alheios a experiências de vida ocidentais e, como conseqüência, os alunos têm de ser “aculturados”, assim como ter a oportunidade de aprender a ler. No momento, consultores em Vancouver estão elaborando um programa educacional especial para auxiliar o grande número de alunos imigrantes na faixa dos 15 aos 18 anos, que chegam às escolas com menos de dois anos do que chamaríamos de “experiência escolar” (ensino regular). A abordagem típica seria colocá-los em sala de aula para que interajam e aprendam com colegas da mesma idade que são falantes do idioma usado para instrução.

A leitura e a cultura canadense

Ao ingressar nas escolas de Vancouver, os alunos imigrantes enfrentam uma barreira de referências culturais ocidentais baseada, sobretudo, nos contos de fadas e contos populares europeus. Logo percebem que o conhecimento dessa herança cultural é crucial para seu sucesso na vida diária e nas avaliações.

As crianças não entendem e desenvolvem um sentido do que é ser canadense a não ser que sejam expostas a uma noção de “canadensidade” nos livros que lêem. Eles têm de se ver refletidos em seus livros para que possam desenvolver um senso de identidade. Também é muito importante que desenvolvam uma noção de lugar retratado nas personagens e nos cenários nos quais as mesmas se encontram. É crucial que as regiões e o país sejam refletidos de forma autêntica na literatura.

Nos últimos anos tem havido uma grande preocupação a respeito da falta de marcadores culturais, tais como logos da Air Canada, Hudson’s Bay Company, Canadian Pacific Railway etc. nos livros publicados para crianças no Canadá. Será que os livros contêm marcadores visuais e textuais suficien-

tes para dar evidência da cultura de nosso país? O problema é que para ter viabilidade financeira, os editores canadenses têm de tentar penetrar no imenso mercado americano e, freqüentemente, evitar usar referências canadenses muito específicas.

A editora Patsy Aldana menciona que, ao tornar nossos livros mais aceitáveis para o mercado americano, os mesmos perdem um conteúdo canadense mais explícito. Num estudo recente sobre livros ilustrados (Jobe, 2002), publicados entre 1998 e 2000, ficou comprovado que em menos de 10% dos títulos recomendados pelo Centro de Livros Infantis do Canadá havia imagens evidentes, claras e bem definidas da cultura canadense. Uma tendência recente tem sido editar indicadores visuais e textuais de cenários canadenses significativos. O mais frustrante foram os livros que continham ilustrações de paisagens e referências geográficas conhecidas, e que sequer mencionavam que as mesmas eram no Canadá. Nossos alunos são furtados do aprendizado de sua herança cultural, e nossos alunos imigrantes são furtados do aprendizado da sua nova herança. Nossas crianças precisam vivenciar e reconhecer nossa herança para poder encontrar semelhanças e diferenças com as outras culturas. Tal reflexo é essencial para o desenvolvimento de uma auto-imagem positiva em relação a ser canadense no mundo.

Recentemente tive o prazer de trabalhar com Marilynne Black, que, em um recente estudo (2005), investigou se as crianças canadenses estariam adquirindo um sentido de lugar e de pertencer a um espaço por meio de livros de ilustrações históricos canadenses. Inicialmente ela analisou mais de 1 100 livros recomendados por Our Choice (Nossa Escolha), o catálogo do Centro de Livros Infantis do Canadá, em Toronto. Durante um período de publicação de trinta anos (1970-2000), Black concluiu que 124 títulos tratavam-se de livros de ilustrações com temáticas históricas. Ela conduziu uma extensiva análise de conteúdo desses livros examinando marcadores visuais e textuais, assim como ícones culturais presentes nos livros. O estudo revelou que o regionalismo continua como

um forte indicador da psique canadense. Todas as áreas do Canadá foram contempladas nos livros; nenhuma região foi omitida, mas foram representadas desproporcionalmente. Apesar de sua rica história, Quebec e o Norte estavam presentes em poucas obras. A maior parte das histórias (84%) se passava em áreas rurais. Apesar do regionalismo ter sido mostrado adequadamente em muitas das obras, foi um choque constatar que essas regiões não eram identificadas como canadenses. Quase 40% dos livros usavam termos genéricos em vez de termos específicos. Parece que a americanização da literatura infanto-juvenil canadense vai além da simples omissão e correção da ortografia do inglês canadense, para a omissão de nomes de lugares e acidentes geográficos reais. Conseqüentemente, as crianças canadenses não vão distinguir se a história se passa no Canadá ou em alguma parte semelhante dos Estados Unidos.

Um ponto positivo é que, após 2000, houve um aumento significativo do número de marcadores culturais nos livros. Esperamos que continue assim e que as crianças canadenses consigam se ver refletidas nos livros que lêem.

Os meninos e a leitura

No Canadá, assim como em outras partes do mundo, as frustrações de pais e professores acerca do presente e do futuro de seus meninos como leitores aumentam cada vez mais. Muitos educadores acreditavam que os meninos tinham relutância em ler narrativas, mas comprovou-se o contrário quando Harry Potter entrou em cena. Os meninos vão ler se você lhes oferecer os livros “certos”. Localize na multidão alguém lendo um livro informativo e provavelmente se tratará de um menino ou de um rapaz. Os homens adultos, assim como os meninos, com freqüência não encontram satisfação em ler histórias; eles querem realidade, fatos. Não é de causar espanto que os meninos busquem informações no livro *Guinness* de recordes. São os rapazes que se preocupam em saber o que está acontecendo no mundo lá fora, pois desde a mais tenra

idade lhes é dito que larguem os livros e vão jogar futebol, brincar de aerodelismo, consertar o relógio ou viver uma aventura. Seus interesses são um reflexo de uma abordagem de mundo que tem como foco acontecimentos e objetos externos. Esses alunos querem saber e se envolver com qualquer coisa que esteja acontecendo lá fora. Tais estudantes são, na verdade, *info-kids* (crianças “obcecadas” por informação), que adoram fatos, são atraídos por questões externas, e têm interesses específicos tais como hóquei ou futebol. Obviamente, essas crianças têm um ritmo diferente; podem ter uma queda pelo que é estranho; têm uma visão de mundo única e uma perspectiva original da vida.

Não devemos subestimar a importância do pai e de professores do sexo masculino nas vidas dos *info-kids*. Como crianças, geralmente adotamos o comportamento dos adultos que admiramos. Como conseqüência, é extremamente significativo que os meninos vejam seu pai, tio, avô etc. lendo em busca de informação e também de prazer – e não somente antes de dormir! Os meninos precisam ver homens mais velhos encarando com facilidade a leitura e a escrita. Os homens adultos têm muitas características em comum, assim como as têm esses alunos altamente centrados em seus interesses. A diferença pode ser apenas a de que os homens adultos já tiveram sucesso em integrar esse perfil ao seu trabalho e à sua vida, enquanto, ao mesmo tempo, conseguem atuar de forma competente em relação às exigências do mundo “letrado”. Deveria-se fazer mais uso desses homens como modelos e mentores.

A leitura e a cultura estão ligadas por elos inseparáveis, quase como a sabedoria popular do ovo e a galinha – quem veio primeiro? Uma tem impacto sobre a outra, uma é dependente da outra pela riqueza da experiência e ambas têm efeito sobre o sucesso dos alunos numa variedade de formas. As crianças devem ser apresentadas a livros que reflitam a composição multicultural do Canadá, com destaque para cada grupo étnico e ainda assim com ênfase numa cultura canadense central e comum a todos. Os professores precisam

reconhecer a importância das línguas maternas e o significado da leitura feita pelos pais, não importa a língua falada no lar. Há uma grande necessidade de leitura em voz alta de materiais relevantes e representativos de uma diversidade de culturas, incluindo a dos meninos que adoram fatos e são cheios de energia. O aumento da quantidade de material literário multicultural na escola servirá para enriquecer e ampliar o currículo e a conexão entre a leitura e a cultura.

BLACK, M. V. *Canadian historical picture books as purveyors of Canadian history and national identity*. M. A. Thesis. U. B. C., 2005.

JOBE, R. In: STYLES, M.; BEARNE, E. *Survival of Canadian identity in picture books*. Art, Narrative & Childhood. Stoke on Trent: Trentham, 2002.

JOBE, R.; DAYTON-SAKARI, M. *Reluctant readers: connecting students and books for successful reading experiences*. Markham: Pembroke, 1999.

Tradução: Me. Luciana Lhullier Rosa

Biblioteca: vida e dinâmica na escola e na comunidade



Walda de Andrade
Antunes*

“A biblioteca é o melhor espaço da escola”. Esta é a fala de muitas crianças que possuem sua biblioteca funcionando em espaço próprio; salas onde é possível mexer nas estantes, escolher os livros que mais agradam, saciar a curiosidade por livros diversos, ler para aprender, mas também ler “só porque é bom a gente ler...”

Depois de falar em assuntos que tratam da leitura, da formação do aluno leitor, mas especialmente do professor leitor, é importante que nossa atenção se volte agora para um outro foco: a biblioteca da escola.

O plano pedagógico que norteia o seu trabalho, inserido no contexto da escola, deverá refletir a preocupação de fazer surgir espaços educativo-culturais facilitadores do desenvolvimento escolar – é o caso da biblioteca escolar.

* Universidade de Brasília - DF.

Talvez já exista em sua escola a biblioteca, ou um espaço qualquer assim denominado. Mas, preste muita atenção – *não* estamos nos referindo a um espaço unicamente dotado de livros, talvez livros didáticos somente, sem livros básicos que apóiam o desenvolvimento do currículo escolar, atividades diversificadas com pouquíssimos livros de literatura infantil ou juvenil.

Sabemos também que, quando existe a biblioteca na escola, ela tem o perfil que acabamos de descrever. Dessa forma, não dá para entender biblioteca como a existência de livros reunidos, onde a coleção de livros deverá ser adequada aos trabalhos dos alunos, muitos livros de consulta e muitíssimos de literatura infantil e infanto-juvenil. Podemos dizer que isto ainda não é o suficiente. O que garante mesmo a existência da biblioteca da escola é o USO que dela é feito. Isso só acontece quando esse espaço é organizado, dinâmico, vivo, freqüentado por alunos, professores, direção e técnicos da escola, até pelas famílias dos alunos – o centro mesmo da escola.

A evolução do conceito de *biblioteca escolar* atualmente nos mostra uma outra realidade, novas funções da biblioteca.

Conceito

Biblioteca escolar é o centro dinâmico de informação da escola, que permeia o seu contexto e o processo ensino-aprendizagem, interagindo com a sala de aula. A partir do perfil de interesse dos usuários – alunos, professores, comunidade – apóia-se nas tecnologias da informação – a informática, as comunicações e os conteúdos – e põe à disposição recursos informacionais adequados (bibliográficos, multimeios, digitais, virtuais), provindos de rigorosos critérios de seleção, dando acesso ao pluralismo de idéias e saber. Favorece o desenvolvimento curricular, conta com mecanismo de alerta e divulgação de livros para a leitura recreativa, formativa e a pesquisa escolar, sempre sob a orientação de mediadores competentes para funções referenciais, informativas, instrucionais e outras. Estimula a criatividade, o espírito crítico, a construção do conhecimento; dá suporte à atualização de professores, à formação continuada, a programas especiais e à qualificação do ensino. Contribui

ainda para a formação integral do indivíduo, capacitando-o a viver em um mundo em constante evolução” (ANTUNES, W. de A.) *Biblioteca escolar no sistema de ensino brasileiro: um desafio em tempos de leitura e uso da informação*. São Paulo: Global - no prelo).

Para que se entenda um “conceito”, precisamos refletir sobre cada elemento que o compõe. Assim, vejamos:

- *centro dinâmico de informação da escola*: caracteriza-se a biblioteca como um lugar dinâmico, vivo, atraente, instigante – aquele que dá vontade de voltar sempre que a gente vai lá. Como centro de informação é ali que o acervo (livros, revistas, fitas de vídeo, CDs, gravuras etc.) e a informação em qualquer suporte, atualizada, organizada, estão à disposição de todas as pessoas que a freqüentam;
- *permeia o seu contexto e o processo ensino-aprendizagem*: a biblioteca não está isolada. Tudo que acontece na escola é sempre em função dos atos de aprender e ensinar, e ela está presente por meio das informações que disponibiliza para a formação do leitor/aluno, para a consolidação da habilidade leitora do professor/leitor; garantindo e facilitando o acesso à informação de todos que a buscam;
- *interagindo com a sala de aula*: a biblioteca não poderá desenvolver suas atividades isoladamente, ignorando o que acontece na sala de aula. Podemos mesmo afirmar que entre biblioteca e sala de aula não existem limites – não se sabe onde uma termina e a outra começa. É impossível uma pessoa ter todas as informações de que necessita, especialmente o professor, para o trabalho que desenvolve – e aí precisa freqüentar a biblioteca para planejar e preparar as suas aulas. Outro aspecto de extrema importância é a formação de usuário de biblioteca, que é preciso propiciar ao leitor; e este é um aprendizado, um hábito para ser exercitado por toda a vida – freqüentar bibliotecas – hoje da escola, a biblioteca pública, a biblioteca da universidade para continuar

os seus estudos e no futuro outros tipos de biblioteca como as especializadas;

- *a partir do perfil de interesses dos usuários: alunos, professores, comunidade:* esta é uma das regras básicas para a organização e dinamização de uma biblioteca: o perfil de interesses dos usuários é a diretriz básica para a organização da biblioteca, a estruturação do acervo e a elaboração do programa de serviços a serem oferecidos. Com isto ressaltamos que o objetivo da biblioteca é o atendimento ao usuário nas suas necessidades de leitura e informação. Para viabilizar tal propósito, apóia-se nas tecnologias da informação – a informática, as comunicações e os conteúdos;
- *pôr à disposição recursos informacionais adequados (bibliográficos, multimeios, digitais, virtuais e a produção dos corpos docentes e discente) provindos de rigorosos critérios de seleção, dando acesso ao pluralismo de idéias e saber:* a seleção do acervo é um processo fundamental para a qualidade do que a biblioteca oferece. Só porque se trata de “livro” não quer dizer que deve sempre ser encaminhado à biblioteca. Existem critérios que serão considerados para se proceder à seleção de seu acervo. Essas escolhas serão sempre apoiadas no perfil de interesses do ensino, do plano pedagógico, no conhecimento que precisamos ter sobre nossos usuários reais e potenciais;
- *favorecer o desenvolvimento curricular, dispor de mecanismos de alerta e divulgação de livros para a leitura recreativa, formativa:* o acervo da biblioteca e a programação da mesma precisam estar vinculados ao desenvolvimento do currículo de forma ampla. Uma função muito importante é o suporte ao desenvolvimento de atividades de alfabetização e sedimentação da leitura (em todos os níveis de ensino – o fortalecimento do hábito da leitura é uma constante na escola, independentemente do nível de ensino);

- *a pesquisa escolar*: todos os professores em todas as escolas, independentemente dos níveis de ensino, incluem em suas estratégias de trabalho a pesquisa escolar, que é uma atividade que requer o suporte da biblioteca. Como o próprio nome diz, pesquisa é procura, mas, na maioria quase absoluta de nossas escolas, procurar onde? O trabalho de pesquisa requer, de parte do professor, orientação segura e conhecimento da biblioteca para assim encaminhar o seu aluno para a realização do trabalho;
- *sempre sob a orientação de mediadores competentes para funções referenciais, informativas e instrucionais*: esta afirmativa ressalta que a organização da biblioteca é atribuição do profissional bibliotecário. No entanto, a escola não dispõe deste profissional, e a opção mais aconselhável é que um professor receba capacitação específica para a organização e dinamização da biblioteca;
- *estimular a criatividade, o espírito crítico, a construção do conhecimento*: a diversidade do acervo da biblioteca e a programação de serviços, aliados ao uso que dela pode ser feito (formação de usuários), estimulam a criatividade. O acesso à multiplicidade de documentos, autores, idéias, as possibilidades de confronto com a realidade, as muitas leituras aí realizadas são elementos importantes para o desenvolvimento do espírito crítico. O acesso ao mundo do saber que a biblioteca propicia e a diversidade de fontes de informação enriquecem as experiências de leitura e de informações, de modo que se consolida, assim, a contribuição da biblioteca para a construção do conhecimento;
- *dar suporte à atualização de professores, à formação continuada*: o acervo da biblioteca, em sua composição, apresentará obras voltadas para a atualização de professores, à sua formação continuada. É uma função importantíssima e a biblioteca, para bem exercê-la, além de suas condições quanto ao acervo, precisa contar com o *professor leitor*. Somente sendo leitor, condição indispensável para ser um formador de leitores como se de-

seja, o professor buscará a biblioteca da escola e utilizará, em seu benefício, os recursos que ela oferece;

- *qualificação do ensino*: a existência da biblioteca permite que se pretenda a qualificação do ensino, pois oferece o acesso a material adequado de suporte às ações do ato de aprender e ensinar; dá sustentação à alfabetização, à formação de leitores e a todas as atividades de intermediação de leitura, incluindo-se aqui a comunidade onde a escola está inserida;
- *contribuir para a formação integral do indivíduo capacitando-o a viver num mundo em constante evolução*: o momento histórico que vivenciamos caracteriza-se pela explosão da produção de informações, bem como pelo desenvolvimento tecnológico. Além da informação atualizada, indispensável para a formação profissional, o apoio a estudos curriculares, o atendimento a novas demandas gerais e específicas são fatores que a biblioteca da escola deve disponibilizar.

O desmembramento de todos os elementos integrantes do conceito de biblioteca escolar não limitam suas ações; podem ser considerados marcos de um amplo contexto funcional no qual a dinâmica da transversalidade dá fundamentos para a totalidade do papel da escola.

Biblioteca pública

Conceito de biblioteca pública

É um espaço público de leitura e informação dotado de infraestrutura básica (espaço físico, mobiliário, equipamento e acervo) cujas funções de natureza educativa, cultural e social dão suporte à informação comunitária, à educação formal e informal, à educação continuada e a processos de ensino a distância, favorecendo a formação do leitor, do indivíduo crítico, criativo e independente e ainda o exercício da cidadania.

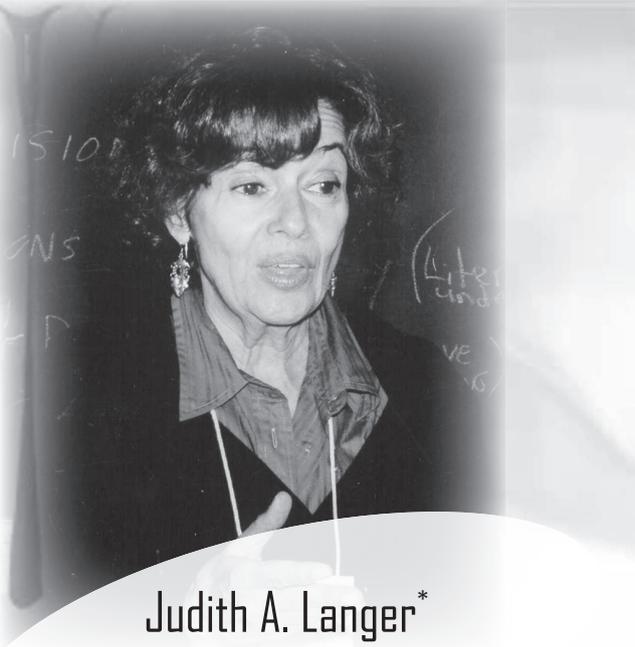
Análise do conceito

- *espaço público*: espaço ilimitado, real e virtual aberto e disponível a qualquer cidadão;
- *espaço de leitura*: voltado para a disponibilização de todos os tipos de leitura, da tradicional à digital, estímulo à formação do leitor individual como a projetos especiais e campanhas de maior âmbito;
- *de informação*: democratização de acesso, divulgação de conhecimentos gerais como um capital social, que leva o indivíduo (tanto o informado quanto o desinformado) a fortalecer o “ser cidadão” usufruindo de direitos sociais, políticos e civis (estímulo ao desenvolvimento e fortalecimento da cidadania);
- *infra-estrutura básica*: recursos materiais de instalações e equipamentos mínimos e indispensáveis;
- *acervo*: documentos impressos e digitais representativos da cultura local e assuntos gerais, capazes de atender em quantidade e especificidade às demandas de informação recebidas, bem como dar suporte a ações proativas da biblioteca, com vistas ao desenvolvimento cultural da comunidade;
- *função educativa*: apoio ao segmento comunitário identificado como clientela escolar vinculada ao sistema de ensino formal e não formal, educação continuada e a distância em seus espaços de convivência, (biblioteca comunitária, biblioteca escolar);
- *função cultural*: atuação como agência responsável pela identificação das manifestações/conteúdos representativos da cultura local, regional e nacional, seu registro, preservação de documentos (bens) e disseminação, apoiada nos espaços sociais já constituídos (bibliotecas, centros de difusão cultural, museus);
- *função comunitária*: oferta de informações simples, práticas, necessárias à solução de problemas de complexidade diversa, cuja solução leva à integração participati-

va do indivíduo no seu contexto social. Pode-se também denominar “função utilitária”;

- *formação do leitor*: função básica aliada à de informar. A biblioteca pública, aliada à biblioteca escolar, exerce o papel de grande formadora de leitores pelas oportunidades de leitura que cria e facilita a quem a frequenta. Além desses leitores, também aqueles indivíduos distanciados da sede, residentes em periferias urbanas e zonas rurais, poderão receber o atendimento e o estímulo à sua formação de leitores pela ação de atividades de serviços de extensão bibliotecária;
- *formação do indivíduo crítico, criativo e independente*: oportunidade de os usuários da biblioteca, conviverem com diferentes autores, diferentes correntes de pensamento, diversidade de leituras etc. É uma situação ímpar para despertar a criatividade, a criticidade e a independência ao estimular a auto-expressão, a independência na busca do conhecimento como forma de manifestação e exercício da cidadania.

Desenvolvendo a mente literata



Judith A. Langer*

Há quatro conceitos teóricos que venho desenvolvendo nos últimos 25 anos que me dão as diretrizes para entender e pensar a respeito da mente literata. Cada um desses conceitos foi um foco da minha pesquisa e, ao longo do tempo, cada um foi absorvido pela fundamentação teórica sobre a qual fundamento o meu trabalho.

O primeiro conceito é o do “pensamento literário”. Eu vejo o “ser” letrado como a habilidade de pensar como uma pessoa literata – alguém que desenvolve a espécie de pensamento e raciocínio que usamos para ler e escrever, mesmo em situações em que a escrita e a leitura não estão envolvidas. Por exemplo, se você ouvir o que as pessoas falam após uma sessão de cinema, certamente você vai escutá-las falar sobre o que gostaram ou não

* PhD em Literatura e catedrática do Departamento de Teoria e Prática Educacional da Universidade de Albany, Estados Unidos.

no filme e sobre momentos que as surpreenderam e por quê – algumas dão exemplos, outras discordam e dão outros exemplos. Elas analisam e defendem seus pontos de vista. Elas estão pondo em uso o pensamento literário, mas não estão lendo ou escrevendo.

Acredito que essa conceituação mais ampla nos levará bem mais adiante tanto nas escolas quanto na sociedade do que aconteceria se simplesmente pensássemos em *ações* de leitura e escrita.

O pensamento literário estimula os alunos a usar seu conhecimento particular – o que eles sabem e já vivenciaram como um ponto de partida para o aprendizado. A partir dessa perspectiva, os alunos iniciam cada novo aprendizado utilizando seu conhecimento de conteúdo e seu conhecimento de língua de forma a auxiliá-los a pensar e repensar novas habilidades e compreensões. A noção e o pensamento vêm em primeiro lugar, imbuídos de idéias e atividades que estimulam o senso crítico. Por exemplo, num dos meus estudos de alunos bilíngües, concluí que, quando os estudantes são encorajados a se tornar analíticos em relação à linguagem e à estrutura de seus próprios relatos orais de acontecimentos do cotidiano de suas casas, sua transição para o texto escrito se dá de forma bem mais facilitada. Eles aprendem a escrever e editar as próprias histórias com mais desenvoltura e também aprendem a fazer uso de seu conhecimento de linguagem e estrutura para ler, analisar e fazer a crítica dos textos de outros, incluindo os contidos em seus livros texto. Essa noção de letramento distingue-se da noção de aprendizado de habilidades de leitura e escrita. Ela valoriza um grupo diferente de desempenhos e leva a diferentes modos de ensinar e de usar o letramento na sala de aula.

O pensamento literário sugere, para o ensino, que auxiliemos nossos alunos a tornarem-se analíticos a respeito da linguagem e das idéias que já trazem consigo e que encontrem caminhos para relacionar o que sabem aos novos conteúdos e habilidades que estão aprendendo.

A seguir, vem o que chamo de “visão sociocognitiva da leitura”.

Por visão sociocognitiva quero dizer que o aprendizado da leitura é uma prática essencialmente social. O modo e a razão pelos quais as pessoas *usam* a leitura emergem de ambientes sociais dos quais eles fazem parte: o lar, a comunidade, os grupos religiosos, os grupos de amigos e a sala de aula. A mente aprende a pensar, a raciocinar e a discutir de modos específicos esses vários propósitos e situações.

Quando as crianças interagem umas com as outras, aprendem não apenas os usos do letramento, mas também o que é valorizado, o que é considerado bem-sucedido. E essa noção guia as estratégias que elas usam à medida que aprendem a fazer observando como é feito. O social informa o cognitivo.

Como exemplo, podemos dizer que hoje as crianças crescem numa sociedade tecnológica. Desde cedo sabem manipular e controlar videocassetes, aparelhos de DVD, câmeras digitais, aparelhos de som de um jeito que nunca saberei fazer igual. Isso tudo é parte de seu ambiente, mas não do meu. Eu precisarei de muita vivência e instrução nessa área antes de poder me tornar tão letrada tecnologicamente quanto elas.

A visão sociocognitiva auxilia-nos a compreender os tipos de conhecimento letrado que os alunos trazem consigo e também o escopo das vivências letradas, que servem a determinados propósitos, que eles necessitam aprender na escola. Para nós, isso significa que, se desejamos que nossos alunos desenvolvam um grau de letramento avançado, os contextos sociais de educação – os valores e objetivos finais de um sistema maior, assim como o que acontece na sala de aula – precisam representar os usos de letramento nos quais queremos tornar os estudantes proficientes e os tipos de desempenho que consideramos como indicadores de uma aprendizagem bem-sucedida.

A seguir, minha noção de “construção de representações”.

No passado, tratamos o crescimento da compreensão como um processo de construção em blocos, no qual as idéias novas eram anexadas às antigas, levando a um tipo de compreensão de texto “empilhada”. Minha pesquisa mostra que não funciona dessa forma. As compreensões crescem e mudam e se movimentam em espiral e se transformam quando lemos, escrevemos e pensamos.

Uso o termo “representação” para me referir ao universo de compreensão que temos num certo ponto do tempo, quando estamos lendo, escrevendo ou pensando. Como neste momento em que você está lendo este texto. Sua representação neste momento corresponde a sua compreensão num determinado ponto do tempo. Você pode estar pensando “não sabia que a Judith tinha feito este trabalho. *O que* realmente ela quer dizer?” Mas, se você continuar sua leitura, sua representação do meu trabalho e também do que eu quero dizer quando falo em mente literata vai mudar e crescer. Você vai encontrar elos antigos de conexões e descobrir elos novos. Espere só.

Cada representação inclui o que você entende ou não, assim como seus palpites momentâneos acerca de aonde tudo isso vai chegar, e também suas reações a tudo. Representações são mundos textuais em sua mente, diferem de pessoa para pessoa. São uma função de suas experiências, o que você sabe em relação ao tópico e à situação em questão e o que você busca encontrar. E elas estão sempre sujeitas à mudança assim que idéias novas, informações ou experiências vêm à mente.

As implicações dessa noção para a avaliação assim como para o ensino são inúmeras. Por exemplo, num estudo constatei que estudantes bilíngües que lêem textos em inglês não eram capazes de responder a questões de múltipla escolha sobre os mesmos, ainda que conseguissem discutir sobre o conteúdo dos textos quando solicitados. Eram na verdade a linguagem usada nas questões e o tipo de resposta que elas contemplavam que os impediam de mostrar o que sabiam.

Para o ensino, a noção de construção de representações sugere que precisamos pensar em compreensão como algo em

constante desenvolvimento e mudança – precisamos questionar e proporcionar discussões que dêem oportunidade aos alunos de mostrar o que entendem e o que não entendem, para que possamos guiá-los por caminhos que possam levá-los mais além.

Estes três conceitos: pensamento literário, visão socio-cognitiva da leitura e construção de representações têm sido a base de toda a pesquisa que faço. Recentemente outro objeto de pesquisa começou a ser incorporado em minha concepção teórica da mente literata. É a noção de “compreensão literária e informal”.

Meus estudos mostram que os significados que buscamos e nossa maneira de atribuir sentido diferem substancialmente quando estamos lendo, escrevendo ou discutindo para obter ou compartilhar informações (ler um livro técnico ou escrever sobre ele) do que quando queremos “mergulhar” num romance ou num filme.

Chamo o tipo de pensamento que realizamos numa experiência de leitura de conteúdo e de busca de informação, “manter um ponto de referência”, e o tipo de pensamento que realizamos numa experiência literária “explorar os horizontes de possibilidades”. Quando lemos para informação, estamos fazendo perguntas e refinando nossas compreensões para estreitá-las, aguçá-las e estendê-las a ponto de conseguirmos entender o que lemos. Na leitura de conteúdo há uma informação nova à qual estamos expostos e precisamos analisar, interpretar e avaliar as idéias que temos à mão para conseguir uma compreensão mais ampla daquele tópico em particular. Pensar e ler bem enriquecem nossa compreensão do ponto de referência o tópico da informação.

Por outro lado, quando lemos dentro da experiência literária, estamos fazendo perguntas e buscando sentidos que vão além do que podemos imaginar. Não há um tópico para ser aprofundado, mas um feixe de possibilidades que exploramos, sob várias perspectivas. Essa ação de explorar possibilidades não muda apenas nossa compreensão no momento, mas também nossas previsões de como o texto possa terminar: com

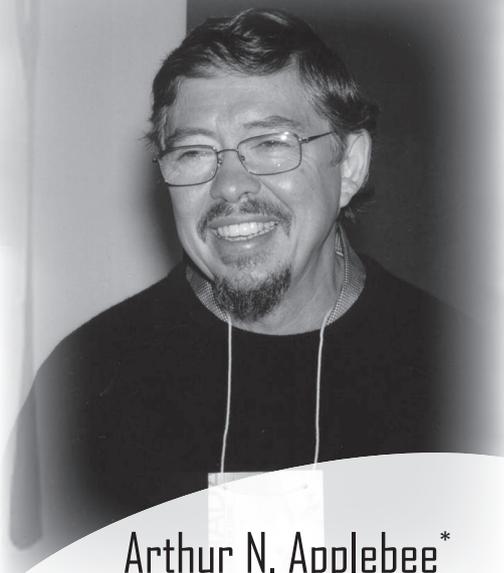
cada possibilidade que exploramos ao longo do caminho, há outra interpretação possível de final. Explorar horizontes de possibilidades é a busca literária que nos mantém fascinados e absortos tanto como leitores quanto como escritores.

O que isso significa para o ensino? Ambos os tipos de leitura são maneiras úteis de pensar que usamos na escola, trabalho e nossas vidas diárias. Assim o fazem também nossos alunos. Precisamos levar em consideração esses diferentes tipos de raciocínio em nossa prática docente. Precisamos ensinar-lhes estratégias para chegar aonde querem.

Sabemos muito e a hora é propícia. A situação do ensino pode mudar. Vamos trabalhar juntos para tornar isso uma realidade.

Tradução: Me. Luciana Lhullier Rosa

Questões sobre as aulas de língua e literatura¹



Arthur N. Applebee*

Nos últimos anos, as aulas de língua e literatura mudaram de várias formas. De acordo com os resultados da Avaliação Nacional do Progresso na Educação (National Assessment of Educational Progress), o ensino da escrita orientado no próprio processo, que vinha ganhando espaço desde os anos 1970, finalmente se tornou uma prática convencional para a maioria dos professores. A literatura multicultural tornou-se uma parte importante de muitos programas. Modelos alternativos de avaliação focalizando atividades baseadas na sala de aula têm sido defendidos. E padrões nacionais para o ensino de língua e literatura têm sido desenvolvidos pelo Conselho Nacional de Professores de Inglês (National Council of Teachers of English)² e a Associação Internacional de Leitu-

* Professor de Teoria e Prática Educacional na Universidade de Nova Iorque.

¹ English Language Arts (n. da trad.)

² Língua Materna (n. da trad.)

ra (International Reading Association). Em meio a todo esse entusiasmo por novas abordagens, quais questões mais preocupam os profissionais da educação? O que está apontando no horizonte e que tipo de conhecimento os professores necessitam para adaptar sua prática?

Eu respondo com a tradição: o que queremos dizer com isso é como ela determina nossa vida individual e cultural e, acima de tudo, sua relação com o que ensinamos. Afirmo que o poder da educação está intimamente ligado às tradições sociais e culturais nas quais a própria educação se baseia. Essas tradições capacitam e transformam as mentes dos indivíduos que cresceram com elas e são, ao mesmo tempo, transformadas por eles. As tradições mudam à medida que as circunstâncias que as envolvem também mudam; dessa forma, preservam seu poder de guiar o presente e o futuro, assim como refletir o passado.

A retórica da reforma educacional, entretanto, distorceu a natureza da tradição e sua relação com a educação. A tradição é vista como antiprogressista, antiquada. É atacada por preservar o *status quo*, por resistir às reformas, por obstruir a justiça social.³ Ao reforçar esses sentidos, educadores conservadores voltaram-se à tradição como uma fonte de valores comuns, estabilidade social e conquistas intelectuais (ver Adler, Van Doren, Bennett e Bloom). O artigo de Matthew Arnold, “Culture and Anarchy” (1867), encasulou a escolha da forma como ele a via, e sua retórica continua a ecoar em nossos debates contemporâneos.

Mas essa caracterização de educação e tradição é simplista. Eu afirmo que as tradições são “conhecimento-em-ação” através do qual construímos nossas realidades da forma que as conhecemos e percebemos, e que para honrar tais tradições precisamos reconstruir nosso currículo para focalizar no “conhecimento-em-ação”, não no “conhecimento-fora-de-contexto”. As tradições nesse sentido nos dão *ferramentas cons-*

³ Eu tenho sido tão culpado quanto qualquer outro autor ao usar essa dicotomia; ex.: APPLEBEE, *Tradition and reform in the teaching of english* (1974).

tituídas culturalmente para compreender e reformar o mundo. Ferramentas das quais, assim como o deus Jano, somos herdeiros e também progenitores. Ao avançarmos na vida, aprendemos a fazer escolhas entre as muitas tradições que nos apresentam maneiras de conhecer e fazer – de definir o mundo e de existir.

As tradições que nos cercam podem ser antigas e contemporâneas. O conhecimento cultural que elas representam – as ferramentas para fazer sentido e viver no mundo vindas do passado, mas dialogando com o presente e o futuro: o vinho deve envelhecer; as minhas palavras vão passar da tela de meu computador para a página impressa, e talvez para o banco de dados de uma biblioteca eletrônica. E assim é com todas as tradições que nos cercam – as da arquitetura, agricultura, engenharia, artes, religião, história, ciências físicas e biológicas, matemática, literatura. Elas são tradições de “conhecimento-em-ação”, formas profundamente contextualizadas de participar no mundo do presente. Elas vivem porque são usadas, não porque são passadas adiante como “conhecimento-fora-de-contexto”.

Apesar de estarmos rodeados por muitos tipos de tradições, meu enfoque são as tradições lingüísticas. Meu foco é nas tradições do discurso através do qual preservamos e transformamos nosso conhecimento cultural e, em particular, nas maneiras através das quais os alunos podem ser mais bem ensinados a transitar nessas tradições através da educação formal.

As discussões sobre currículo nas universidades e escolas americanas têm privilegiado o que é mais importante saber: devemos ressaltar os grandes livros, a riqueza do multiculturalismo, o letramento básico necessário para o mundo do trabalho e do lazer? Mas esses fundamentos têm sido baseados em falsas premissas e refletem um mal-entendido fundamental na natureza do conhecimento. Eles retiram o conhecimento dos contextos que lhe dão sentido e vitalidade e apontam para uma educação que ressalta “conhecimento-fora-de-contexto” ao invés de “conhecimento-em-ação”. Num sistema como esse, os alunos são ensinados sobre as tradições

do passado, não sobre como ingressar e participar nas do presente e futuro. Num currículo que recompõe esse equilíbrio, a ênfase é colocada no conhecimento-em-ação, que está no coração de todas as tradições que estão vivas. Tal conhecimento emerge da participação em diálogos permanentes sobre as coisas que importam, diálogos que estão eles mesmos inseridos em tradições de discurso mais amplas, as quais valorizamos (ciência, as artes, história, literatura e matemática, entre outras). Quando levamos essa metáfora a sério, o desenvolvimento do currículo se torna o desenvolvimento de domínios culturalmente significativos para a conversação, e o ensino se transforma numa questão de auxiliar os alunos a participarem dessa conversação.

As tradições podem transformar o indivíduo, dando ao mesmo ferramentas poderosas para compreender a experiência; os indivíduos também podem transformar as tradições, através das formas pelas quais eles fazem uso e avançam com as ferramentas herdadas; e, para assegurar que isso continue a acontecer, nossas tradições de ensino e aprendizagem devem ser transformadas para que os alunos aprendam a fazer parte dos contínuos diálogos que incorporam nosso passado e dão forma a nosso futuro.

Referências

ADLER, Mortimer J. *How to read a book: the art of getting a liberal education*. New York: Simon and Schuster, 1940.

ARNOLD, Matthew. *The poetry and criticism of Matthew Arnold*. Boston: Houghton Mifflin, 1867.

BENNET, William J. *American education: making it work*. Washington, DC, U. S. Department of Education.

BLOOM, Allan. *The closing of the american mind*. New York: Simon and Schuster, 1987.

VAN DOREN, Mark. *Liberal education*. New York: Henry Holt and Co, 1943.

Tradução: Me. Luciana Lhullier Rosa



Márcia Paraquett
Fernandes*

Segundo as atuais tendências metodológicas no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras (o comunicativismo, o socioconstrucionismo e a educação multicultural), professores e alunos são protagonistas de um processo coletivo que pressupõe responsabilidades compartilhadas, e a sala de aula é o espaço da interação, da construção de identidades, da experiência de atividades relevantes, do uso da linguagem como discurso, do autoconhecimento e, por isso mesmo, da transformação social.

Apenas a partir de um projeto institucional, materializado em reformas políticas que incluam revisões curriculares e projetos pedagógicos, será possível desfazer a crença em modelos tradicionais de aprendizagem. Isso, no entanto, não impede que a escola realize

* Universidade Federal Fluminense - RJ.

mudanças que modifiquem a situação em que nos encontramos, apostando na formação de leitores brasileiros. O que equivale a dizer que a aprendizagem de línguas estrangeiras pode e deve contribuir para que aprendizes brasileiros sejam melhores leitores de textos nacionais, nos quais, devido ao processo de globalização das notícias, sempre há referências ao universo estrangeiro alvo.

Nesse sentido, jornais e revistas brasileiros podem ser de grande valia, na medida em que permitem interações entre o universo nacional e o estrangeiro. Capas de revistas, charges, fotografias ou notícias que veiculem o universo estrangeiro alvo permitem ao aprendiz brasileiro a possibilidade de *desestrangeirizar* aquele mundo, já que muitas vezes esses textos são referenciais de seu próprio universo, sobretudo se entendemos o mundo como espaço coletivo, global, multicultural.

Isso sem falar da importância da leitura de outras línguas que não a escrita. Tradicionalmente a escola ocupou-se do texto escrito e da forma culta. Hoje, no entanto, é senso comum que a diversidade lingüística, cultural e discursiva precisa merecer atenção nas aulas de línguas. O aprendiz deve tomar contato com diferentes formas de expressar diferentes idéias, o que lhe possibilitará uma abertura quanto à diversidade que o circunda.

Portanto, a aprendizagem de espanhol como língua estrangeira está sendo compreendida como uma possibilidade de percepção de que o mundo estrangeiro é também nacional, de que o que é do *outro* é também *nosso* e que aprender uma língua estrangeira no contexto escolar significa obter conhecimentos relativos à língua-cultura alvo que levem à melhoria do aprendiz no que se refere à sua comunicação e inserção social.

Conteúdo programático

- 1 Abordagens de ensinar e aprender línguas estrangeiras
 - comunicativismo;
 - socioconstrucionismo;
 - educação multicultural.
- 2 O universo hispânico em intertextualidades
 - leitura de textos verbais: o viés com a história;
 - leitura de textos não verbais: o viés com a pintura;
 - a mídia brasileira, a intertextualidade paródica e o universo hispânico.
- 3 Equipamentos necessários para ministrar o curso
 - retroprojektor;
 - toca-fitas;
 - toca-CD;
 - lápis de cor, hidrocor, cola, tesoura, papel branco, revistas usadas.
- 4 Relação de material a ser xerografado. Cinco folhas, em anexo, a saber:
 - *Romance sonâmbulo* (Federico Garcia Lorca);
 - *Pequeña serenata diurna* (Silvio Rodrigues) e *Habáname* (Carlos Varela);
 - *Yo el supremo* (Augusto Roas Bastos);
 - *Amanda, lo único que tengo* (Victor Jara) e *Plegaria por Victor Jara* (Tony Hosanna/Enrique Bergen);
 - *Un vestido y un amor* (Fito Paez).



Regina Zilberman*

O ensino secundário no Brasil

O começo do ensino secundário brasileiro aconteceu no período colonial, quando as escolas religiosas, sobretudo as dos jesuítas, estavam encarregadas de educar a população branca transferida para a América ou descendente dos primeiros ocupantes. Com finalidade diversa das aulas dedicadas à catequese dos índios, este ensino secundário fornecia os conhecimentos considerados essenciais à formação das elites dirigentes e à trajetória intelectual de seus membros, caso desejassem freqüentar, mais tarde, a universidade, em Portugal.

O caráter assumido pelo ensino médio, de preparação aos estudos acadêmicos, ficou mais evidente no período imperial, sobretudo depois de 1850, quando começa a aumentar o número de cursos superiores no Brasil. Po-

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

rém, como o acesso a eles dependia de exames de seleção que prescindiam da frequência ao secundário, este revelou-se supérfluo e dispensável. A situação deste grau só se modificou quando o século XX ia adiantado, sendo adotada uma nova organização que procurou responder a dois tipos de exigência: de um lado, ajustou-se às demandas das classes médias urbanas que reivindicavam acesso a níveis mais elevados da educação, encarada como possibilidade de ascensão social; de outro, promoveu a articulação necessária entre os ensinos básico e superior, uma vez que o governo federal, especialmente durante os ministérios Francisco Campos e Gustavo Capanema, o primeiro logo após a Revolução de 30 e o segundo durante a administração de Getúlio Vargas, estava empenhado na instalação e desenvolvimento da universidade brasileira.

A solução, que atendia às duas demandas e, ao mesmo tempo, não alterava o quadro social, foi manter dois tipos de ensino secundário: de um lado, institui o ginásio e o colégio, dividido este em clássico e científico e dirigido à formação e diplomação das elites que se orientavam aos cursos superiores; de outro, as escolas técnicas – industrial, comercial, agrícola, de magistério etc. –, a serem frequentadas pelos grupos emergentes que, habilitados por estes cursos (que não equivaliam integralmente ao secundário regular, pois não facultavam o ingresso no nível superior), forneceriam a mão-de-obra mais qualificada, imprescindível ao surto industrial do país, quando este optava por essa modalidade de desenvolvimento econômico.¹

A nova organização da escola de segundo grau não suplantava a divisão social; porém, sendo o resultado de reivindicações dos setores da classe média, não deixa de participar no processo de democratização das oportunidades de ascensão,

¹ Cf. a respeito CUNHA, Luiz Antônio. *A universidade temporã*. O ensino superior da colônia à era de Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1980; SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Edusp, 1984.

adequando-se às necessidades dos grupos que propiciariam a situação recente do ensino. Celso Beisiegel caracteriza a tendência adotada pela escola secundária a partir dos anos 30:

A abertura das oportunidades de acesso fez com que perdessem qualquer significado as teses que definiam esse tipo de ensino como um estágio na formação das “futuras elites condutoras” do país. Encampadas pelo agente político apenas na medida em que apareciam como um elemento do processo de competição pelas posições no poder, as *pressões populares* acabaram, no entanto, por imprimir uma nova direção ao desenvolvimento de todo o ensino de nível médio. Não obstante a estrutura desse nível do ensino e mesmo os conteúdos do currículo não tenham sofrido transformações mais significativas até bem mais tarde, ainda assim a escola secundária passou por mudanças “qualitativas” profundas. Da escola seletiva passou a escola comum, tendencialmente aberta a todos.²

Entretanto, ainda que se tornando mais popular, ela não perde o sentido original: trata-se mais uma vez “de uma educação concebida pelas ‘elites intelectuais’ com vistas à preparação da coletividade para a realização de certos fins”.³

As transformações da sociedade nacional na direção da industrialização acelerada, visando à integração do país ao capitalismo avançado, continuaram afetando a estrutura do ensino. A reforma implantada em 1971, que, como na década de 30, acompanhou a reforma universitária, começada em 1968, conferiu outra apresentação à vida escolar: unificou o primário e o ginásio, que deixou de pertencer ao ensino médio, passando a fazer parte do primeiro grau, este agora com oito anos de duração. O segundo grau absorveu o período colegial e reuniu os cursos de formação científica ou humanística (o clássico) às habilitações profissionalizantes que, a estas alturas, já eram consideradas equivalentes e davam acesso ao nível superior.

² BEISIEGEL, Celso. Cultura do povo e educação popular. In: VALLE, Edênio; QUEIRÓS, José J. (Org.). *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez e Moraes; Educ, 1979. p. 44-45.

³ Idem, p. 50.

Primeiro e segundo graus vieram a ser considerados profissionalizantes, de modo que o antigo ginásio sofreu uma espécie de rebaixamento, se comparado com sua destinação original. Todavia, a nova posição ocupada refletia tão-somente sua universalização: tendo deixado, desde os anos 60, de ter o caráter distintivo que uma vez o caracterizou, ficou obsoleta sua separação do primário. Por isso, selou-se como definitiva sua destinação às classes populares, mas, ao mesmo tempo, conferiu-se a ele uma finalidade reveladora das expectativas colocadas nessa fase de educação: a de qualificar a mão-de-obra de que a sociedade urbana e industrial em expansão carecia, dando-lhe terminalidade profissionalizante enquanto habilitação para o exercício de atividades menos complexas, mas igualmente requisitadas pelo novo *status* econômico.

Por sua vez, o destino profissionalizante do segundo grau atendia a várias questões, algumas semelhantes – também oferecia técnicos mais capacitados às agências empregadoras –, outras diferentes. Neste caso, manifesta-se a aspiração de que, habilitado pelo segundo grau ao exercício de uma profissão, o diplomado se dirigisse diretamente ao mercado de trabalho, não à universidade, preservando-se desta o caráter elitista. Esta meta contradizia a orientação histórica do segundo grau, que, como se disse, foi sempre etapa preparatória ao ingresso aos cursos superiores. Por isso, não pôde impedir o alargamento da procura por vagas no terceiro grau, embora o oferecimento de novos lugares tenha se dado de modo distorcido: expandiram-se as faculdades particulares, financiadas pelos próprios alunos, conservando-se o ensino público, sustentado pelo Estado, para as elites dirigentes.⁴

De toda maneira, essas mudanças foram igualmente resposta às reivindicações de camadas intermediárias e populares da sociedade, traduzindo-se em reformas nas quais estão presentes, ao mesmo tempo, as novas oportunidades solicitadas por aqueles setores e os obstáculos a impedir que

⁴ Cf. a respeito MARTINS, Carlos B. *Ensino pago: um retrato sem retoques*. São Paulo: Global, 1981.

tais oportunidades sejam efetivamente desfrutadas por todos de modo igualitário. Eis porque as reformas manifestam-se seguidamente de maneira ambígua, revelando a atitude conciliatória que procura equilibrar as exigências dos grupos inferiorizados e os interesses dos segmentos elevados.

Estes objetivos, que caracterizam a dupla articulação do ensino brasileiro,⁵ podem ser verificados nos princípios que regem as linhas curriculares, tomando-se aqui o exemplo das Diretrizes Curriculares para o Ensino do Segundo Grau no Estado do Rio Grande do Sul, especialmente no que se refere às noções de continuidade e terminalidade:

O princípio de continuidade e de terminalidade decorre do princípio de integração.

O currículo, em face do princípio de integração, passa a organizar-se sob o duplo aspecto, no sentido de:

- oportunizar e favorecer a continuidade do processo educacional do aluno, se assim o aluno desejar;
- oferecer condições de terminalidade educacional, isto é, instrumentalizar o educando para que ele, no momento em que as contingências sociais exijam, se encontre apto, segundo suas possibilidades individuais, a ingressar na força viva do trabalho.⁶

Os dois princípios que dirigem o funcionamento do segundo grau estão aí expressos. Ao procurar oferecer uma profissão ao educando, ele não apenas atende a uma necessidade do mercado de trabalho, que demanda técnicos de nível médio; também busca corresponder às expectativas de setores sociais intermediários, para os quais a universidade pode ser ainda um ideal distante e intangível. Nesta medida, o ensino secundário se altera sensivelmente, porque perde o caráter elitista que vinha mantendo e abre mão de modo quase integral da orientação humanista até então preservada. Por outro lado, não abandona sua tendência intermediária, pro-

⁵ Cf. PAOLI, Niuvenius Junqueira. *Ideologia e hegemonia*. As condições de produção da Educação. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1980.

⁶ ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. *Diretrizes Curriculares*. Ensino de 2º Grau, Rio Grande do Sul. Porto Alegre: SET-SUT-UPO, 1976.

pondo-se como ponte para a universidade, finalidade segundo a qual foi originalmente concebido.

Entretanto, os dois objetivos não são facilmente conciliáveis, pois, no fundo, tornaram esta etapa da vida escolar uma soma de dois tipos de ensino – o regular e o técnico – antes existentes, soma paradoxal em que cada uma das parcelas fica pela metade. O resultado não foi apenas uma mudança curricular; os conteúdos das disciplinas foram alterados, afetando a bagagem de conhecimento que o estudante transporta do secundário para a universidade, quando decide atravessar a ponte e chegar ao outro lado.

A literatura no ensino secundário

O ensino da literatura não precisava de qualquer justificativa enquanto a escola secundária conservou a natureza humanista trazida de suas origens. Convertido em profissionalizante ou transformando-se numa aspiração para grupos sociais que, por várias razões, dificilmente chegarão à universidade, o ensino médio teve de redefinir suas expectativas em relação à presença da literatura no currículo. De um lado, porque o conhecimento da literatura não é propriamente profissionalizante: o aluno, ao estudá-la, não adquire nenhum saber prático com o qual possa se manter financeiramente; logo, não se justifica enquanto “terminalidade”. De outro, os estudos literários não são fundamentais para o percurso acadêmico do universitário, a não ser que se dirija ao curso de Letras; portanto, a “continuidade” também não comparece.

Com efeito, nada, a não ser o vestibular, explica a presença da literatura no segundo grau, desde que se aceleraram as mudanças em sua organização. Por sua vez, justificar-se porque constar do vestibular significa o apelo a outra modalidade de pragmatismo e imediatismo enquanto condição de garantir a permanência da disciplina no currículo.

O vestibular, de cujo programa invariavelmente a literatura faz parte, converte-se no limite e na razão de ser do ensino daquela. A importância desse exame de seleção não

é, pois, negligenciável, assegurando um campo profissional bastante abrangente, de que participam professores de literatura, escritores cujos livros são indicados para leitura e interpretação, e editoras que disputam não apenas os textos dos autores vivos a serem objeto de análise, mas também as obras caídas em domínio público (cujos direitos autorais podem ser economizados), via de regra as mais solicitadas.

O vestibular também determina a perspectiva com que a literatura é estudada. Privilegia a ótica histórica e evolucionista, apoiando-se na bibliografia de tipo historiográfico; enfatiza o estudo da literatura brasileira, tendo, aos poucos, abandonado a literatura portuguesa, em outras décadas mais freqüente nos exames; e dá maior peso aos autores do passado sobre os do presente, embora possam aparecer esporadicamente movimentos no sentido da valorização do escritor contemporâneo e/ou local.

Como os vestibulares são elaborados por docentes dos cursos superiores aos quais se candidatam os estudantes (ou então por instituições às quais as universidades encomendam as provas), não são os professores de ensino médio que escolhem os programas, autores e perspectivas de análise do material literário com que trabalharão em sala de aula. E como predomina a visão histórica, os docentes precisam se adaptar à ótica evolucionista que tende a ignorar a produção literária contemporânea e a examinar os textos sob o enfoque das escolas artísticas ou períodos estéticos que eles representam ou exemplificam.

Enfim, como a pressão visando à aprovação suplanta em muito a valorização da aprendizagem, ocorre a interferência do “cursinho”, que, em certo sentido, duplica a função da escola secundária. Não acrescenta novos conteúdos, senão que reforça sua absorção, resultando disso uma espécie de concorrência entre os dois professores que lidam com estudantes do grau médio.

Embora, concretamente, o ensino da literatura esteja delimitado pelo vestibular, cuja sombra se projeta mesmo no primeiro ano do segundo grau, os currículos parecem igno-

rar esse fato, como se a preparação àquela prova de seleção estivesse fora de sua competência. O fato de que ela é elaborada pelos próprios cursos superiores facilita o mútuo estranhamento, para o qual também contribui a diferença de instâncias que regulamentam um e outro grau, o ensino médio sendo orientado pelas secretarias estaduais de educação, o ensino superior, pelo nível federal representado pelo Ministério de Educação.

Para o professor, entretanto, essa divisão é problemática, pois ele se vê perante dois caminhos não facilmente reconciliáveis:

- a) entregar-se inteiramente à preparação dos alunos ao vestibular, transformando sua atividade em aula de cursinho. Esta opção parece comprometer as finalidades pedagógicas do ensino secundário, pois, dessas, como se disse, o exame de ingresso à universidade parece estar ausente; contudo, é ela que responde mais imediatamente a um dos interesses principais do aluno ao freqüentar a escola nessa fase.
- b) resgatar o modo como foi idealizado o ensino da literatura, restaurando, com isso, a concepção humanista presente na origem da escola secundária. Ao fazer esta escolha, o professor assume uma tarefa complementar: a de convencer os alunos de que a aprendizagem no secundário não se resume às provas de seleção.

Ambas as alternativas parecem insatisfatórias. A primeira não apenas atrela mais o segundo grau ao vestibular; ela submete a escola secundária ao cursinho, a ponto de transformar esse em modelo e a outra em cópia. Além disso, inferioriza o ensino da literatura, pois sujeita-o à transitoriedade e transponibilidade de que as provas consistem.

A segunda alternativa, por seu turno, ignora a nova composição social da escola secundária. A concepção humanista que fundamentou o percurso no nível médio implicava uma visão da literatura como posse de um conhecimento erudito e de um patrimônio a ser transmitido de geração para geração, patrimônio criado e consumido dentro dos setores sociais ele-

vados, restringindo-se, portanto, sua abrangência e alcance a este mesmo círculo cujos valores reproduzia e acabava por legitimar. Assumindo esta direção, a literatura terminava por indicar o *status* dos destinatários – não o seu próprio; por isso, via ser marginalizado ou omitido seu conteúdo renovador, sendo submetida aos espartilhos herdados da história literária, segundo uma concepção que os programas dos exames de seleção, entre os quais o vestibular, ainda difundem.

Atendendo a novos segmentos sociais, o ensino da literatura vê romperem-se os canais de comunicação entre o patrimônio literário e o público estudantil, cuja rejeição traduz-se na não-leitura e na preferência por outros meios de expressão. O mercado editorial percebeu a mudança muito mais rapidamente que a escola, providenciando o lançamento de produtos alternativos que têm agradado a juventude e, por tabela, chegado aos professores. Eis porque, na esteira das reformas escolares e das alterações da composição social do alunado, emergiram tantas coleções dirigidas ao leitor jovem, com características gráficas e temáticas até então inexistentes na literatura brasileira e que procuram responder ao perfil do novo consumidor.

Outro resultado é o alargamento do conceito de literatura com que o professor trabalha no ensino médio, quando ele deseja atender à demanda emergente. De um lado, é induzido a incorporar novas modalidades de texto, pois o aluno não apenas freqüenta outras formas de expressão cultural (o cinema, a televisão, as histórias em quadrinhos, a música), como é leitor de qualidades diversas de publicações, como o livro informativo ou técnico, o fascículo, a revista, o jornal. De outro, percebe o interesse do estudante por variedades de textos de ficção e poesia ainda não canonizados, portanto, ainda não reconhecidos pelas histórias da literatura e, por extensão, ainda não englobados pelos programas dos exames de seleção.

Quando a noção de literatura se alarga e acolhe outras modalidades de expressão, diversas das já consagradas ou sacramentadas, o ensino no segundo grau parece descobrir perspectivas renovadoras, capazes também de oferecer-lhe al-

ternativas diferentes da mera adequação ao vestibular ou da regressão a um tipo de educação que foi funcional enquanto serviu aos grupos sociais que o criaram. É igualmente quando ele pode corresponder às expectativas das novas camadas que o freqüentam e buscam nele maneira de se situar na vida brasileira contemporânea. Como resultado, a literatura também se torna um produto mais ordinário no mercado dos bens culturais; de outro lado, a convivência com ela fica mais fácil, menos obstruída por instâncias intermediárias.

Talvez a nova opção não seja menor que as outras; entretanto, é a que a sociedade, como já aconteceu em períodos anteriores, está oferecendo. E sua generalização crescente indica que, a não ser que novas mudanças ocorram em breve, ela ainda persistirá por algum tempo.

Sérgio e Chico: as raízes e as flores

Astor Antônio Diehl*

O que se dizer de duas figuras tão ilustres e conhecidas na cultura brasileira que ainda não teria sido dito?

Talvez, enquanto não vem uma idéia razoável, poderia começar utilizando-me da metáfora das raízes, título do livro de Sérgio Buarque de Holanda, denominado *Raízes do Brasil*, publicado em 1936, e a partir de então desenvolver algo que pudesse contemplar a ambos, pai e filho.

Aprendi de forma simples que uma árvore é composta por várias partes: raízes, tronco, folhas e flores. Vou ficar somente com duas: as raízes e as flores. As raízes crescem para baixo no solo e raras vezes aparecem. Normalmente são de cores mais escuras, cinzas e retorcidas. Fazem um esforço muito grande para descobrir as fendas do solo para tirar os alimentos necessários para que a árvore possa crescer, produzir ou simplesmente embelezar. As folhas, por sua vez, são responsáveis para retirar outro tipo de alimento através da fotossíntese. Junto delas aparecem as flores. São elas que aparecem para os nossos olhos e liberam os perfumes que atraem os animais e

* Doutor em História; professor do curso de História da Universidade de Passo Fundo - RS.

alegram as pessoas. As flores precisam aparecer para produzir as sementes e depois morrem.

As raízes são como o passado; não são visíveis, mas sem elas não há a seiva da vida. Muitas vezes desconhecemos a história, sabemos que algo existiu, entretanto não conseguimos identificar. Já, as flores, sabe-se que aparecem de vez em quando, normalmente na primavera. Sabemos que cada tipo de árvore dá um tipo de flor, fruto e semente com características bem próprias e deles depende o futuro.

Pois bem, esta idéia inicial objetiva dizer que queremos compreender principalmente a obra de Sérgio Buarque de Hollanda, cujos fundamentos estão relacionados com o nosso destino histórico, tomada a partir da tentativa de implantação da modernidade européia em território brasileiro.

A tese de Sérgio Buarque de Hollanda é fundamentada a partir de uma constelação de elementos regidos pelos contrários – trabalho e aventura, método e capricho, rural e urbano, burocracia e caudilhismo, norma pessoal e impulso afetivo, público e privado entre tanto outros, mas amarrados no modo de ser brasileiro e na estrutura social e política. Portanto, a modernização e a racionalização científica só se tornariam possíveis no aniquilamento das raízes ibéricas de nossa cultura para a inauguração de um estilo novo, que crismamos talvez ilusoriamente de americano, porque seus traços se acentuam com maior rapidez em nosso hemisfério.

Assim, a permanência exige o movimento, a incorporação de contribuições sociais e intelectuais em contato com civilizações mais avançadas, pois aí estaria a sensibilidade da camada minoritária da sociedade, sensível às influências modernizadoras, incorporando-as aos valores próprios. Se aceitarmos essa premissa, tal postura assume um caráter de compromisso que dilui o antagonismo dialético e transformador, visto aqui como os processos de racionalização com vista à modernidade. Assim, nossa discussão decorre do fato de que o modernismo, na sua segunda fase, e o conhecimento histórico apresentam-se apenas como sintoma de ruptura, não significando uma mudança paradigmática das formas e funções

do conhecimento, que podemos denominar de uma espécie de *continuum renovador*.

Então, interessam-nos discutir a interpretação, o sentido e a função do conhecimento no futuro das raízes do Brasil ou por que o Brasil não conseguiu retirar os obstáculos culturais a partir do possível movimento renovador.

Cortar as raízes significa matar a árvore ou, em outras palavras, eliminar o passado. Retirar as flores significa não deixá-las produzir sementes, o que implicaria apagar o futuro. Ambas as situações têm a ver com o futuro. Mas será que precisaria ser uma ou outra? Desse dilema da cultura brasileira surgem os diferentes caminhos para compreender as idéias de futuro no passado brasileiro. Esta parece ser a especificidade histórica com a qual se precisar negociar.

Chico Buarque de Hollanda intérprete do Brasil

Francisco Carlos dos Santos Filho*

Quero deixar-lhes três perguntas que serão o eixo em torno do qual desenvolverei minha abordagem no minicurso Sérgio e Chico Buarque de Hollanda – intérpretes do Brasil.

A primeira pergunta é: O que estariam fazendo dois psicanalistas no meio de historiadores e cientistas políticos que examinam Sérgio Buarque de Hollanda e seu filho Francisco, intérpretes do Brasil? Os nossos queridos amigos historiadores, habituados aos meandros da sociologia política, estão, sem dúvida, no lugar certo e sentir-se-ão em casa ao frisar que não se pode deixar de perceber a envergadura, o papel desempenhado por Sérgio Buarque de Hollanda com *Raízes do Brasil* no inventário das origens e da formação étnica e social do povo brasileiro. Autor e obra de referência, ao lado de *Casa grande e senzala* de Gilberto Freire e outros da mesma estatura, Sérgio examina a fundo em *Raízes* a história da civilização brasileira e a maneira como as origens étnicas repercutiram na

* Psicólogo, mestre em Saúde Mental - Teoria e Técnica de Investigação do Aparelho Mental pela UCPel; professor do curso de Psicologia da UPF.

formação de nossa estrutura social. O terreno, portanto, não poderia ser mais propício àqueles que se ocupam dos efeitos dos acontecimentos históricos no desenho da geografia social e política de um povo.

E quanto a nós, psicanalistas, estaríamos fora do lugar? Não exatamente. Não trabalhamos do lado dos efeitos, mas no das motivações e, no nosso caso, das motivações singulares e profundas. Elas estão presentes em cada produção do sujeito inserido e determinado pela espessa tessitura da cadeia de significações subjetivas e pelo forno simbólico que a todos constitui e contingencia: o laço social.

Bastaria, para enfrentar essa questão, evocar o singelo argumento de que um mesmo objeto pode ser recortado em várias faces, dissecado e observado por diferentes ângulos e com distintas lentes, que dele oferecem uma leitura de diferenças potencialmente complementares e enriquecedoras. Ainda mais se o objeto de interesse for de tamanha fecundidade como o são as obras de Chico e Sérgio Buarque de Hollanda. Além disso, é muito confortável saber que podemos aqui lidar mais com Chico Buarque sabendo o quão bem tratados serão Sérgio e sua obra, ao encargo de colegas aptos a um exame mais nítido pelo tipo de lentes que são capazes de manejar.

Este minicurso está dentro da Jornada Nacional de Literatura e destina-se a tratar de uma das obras literárias de Chico, *Benjamim*. Esse era o combinado. Mas creio que sigo de perto o exemplo do próprio Chico ao transgredir a regra e lançar a segunda pergunta: Será possível pensar o intérprete do Brasil, que é Chico Buarque de Hollanda, sem evocar o cancioneiro e o letrista? Não me resta dúvida de que foi nessa parte de sua produção – sem com isso desprezar a literária e a dramática, sumamente importantes – que ele deixou, até o presente momento, seu maior legado. Também não duvido nada que seja essa a face pela qual a maior parte do povo o conhece. É inimaginável entender esse intérprete do Brasil sem incluir essa faceta. Sinto-me autorizado, e talvez estar trabalhando com Chico me contagie, a dizer que faço isso porque

gosto e admiro muito essa parte de sua produção e que não vejo razão para seguir à risca qualquer regra nesse ponto.

Verdade seja dita: ao escolher a obra musical de Chico Buarque de Hollanda não tenho muito trabalho. Trata-se apenas de ir expondo suas letras e extraindo-lhe o sentido que me interessa, deixando claro que o sentido que me interessa está longe de ser o único possível. Sinto-me como aquele que está diante de uma imensa e apetitosa fruta, situação na qual o instrumento psicanalítico funciona como um canivete, que, ao penetrar na polpa farta e macia de tal fruta, dela extrai seu néctar e essência, o sumo e sabor que constituem o melhor de sua madureza singular.

Chico Buarque já teve sua obra esquadrinhada por estudiosos muito mais informados e capazes em crítica musical e história da música. Não vou cair nesse aspecto outra vez, mas apenas apontar como e por que o cancioneiro é um verdadeiro intérprete do Brasil. E aqui nesse ponto vai a terceira pergunta, que traz consigo outras tantas: é certo que Chico é um intérprete do Brasil? Parece-me um pouco egoísta e restritivo, e pergunto-me se não seria mais correto atribuir-lhe a condição de intérprete de afetos universais, capazes de serem vividos por pessoas comuns em qualquer lugar do mundo?

Se não for assim, como poderíamos entender sua capacidade de cantar aquilo que habita a alma de tantos seres humanos? A quem de nós ocorreria cantar o problema da submissão e da obediência com a fina ironia de “Mulheres de Atenas?” Quem de nós pensaria em chamar o ressentimento do amor não correspondido de “Adorar pelo avesso?” Quem mais recorreria à profunda sutileza de nomear o luto que não encontra elaboração nem saída de “Mortalha do amor?” Essas são questões inevitáveis e centrais para se compreender Chico Buarque de Hollanda, intérprete ativo do Brasil, inquieto tradutor de afetos humanos, talentoso artesão na procura da melhor palavra.

O país da imaginação

Mauro Gaglietti*

Eliane Colussi **

Em *Benjamim e Raízes do Brasil*, obras de Chico Buarque e de Sérgio Buarque de Hollanda, respectivamente, há a caracterização da ausência de uma finalidade para a vida e para a história. A passagem do individual ao coletivo, e a sua justa interpretação, é um tema que, nos livros em foco, questiona a descontinuidade e a precariedade de certas narrativas históricas, tradicionalmente amparadas numa lógica com sentido determinado, com finalidade e com certezas previamente estabelecidas. Percebe-se, assim, que a escrita da história humana tem caráter inconcluso, incerto, quanto ao seu sentido.

Chico Buarque, em sua obra, apresenta uma configuração do ser humano numa época de miragens e de protótipos. Verifica-se que a construção da identidade de seu protagonista é erguida sobre ilusões, fantasias e faíscas imaginárias. Benjamim tem a sensação de estar sempre sendo filmado. A idéia de tudo

* Doutor em História/PUCRS; mestre em Ciência Política/UFRGS; professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) nos cursos de História, Comunicação e Psicologia.

** Mestre e Doutora em História pela PUCRS; professora da Universidade de Passo Fundo.

ver, com todos os olhos, não é mais do que uma possibilidade lógica, que no entanto se consome no mesmo tempo em que se acredita tê-la alcançado, como no instante anterior à morte da personagem narrada na cena inicial do livro (a narrativa começa pelo fim). A trama, ao se desenrolar sob o signo da morte, aponta, talvez, para a abolição do futuro na medida em que não atinge qualquer finalidade. O que há é a impossibilidade da escrita do futuro, porque o gozo é constituído por meio do jogo com os resquícios do passado.

Sérgio Buarque de Hollanda ressalta, por sua vez, a especificidade temporal da realidade histórica do Brasil. Reconstroí, por meio da comparação, os aspectos do processo de formação da sociedade e da mentalidade dos brasileiros em suas mudanças, em seu devir, libertando-se de esquemas teóricos e de preconceitos. O *aventureiro* e o *trabalhador*, o espanhol e o português, são *tipos ideais*, que não existem “na realidade”, ou seja, que se explicam nas suas diferenças e oposições, mas que somente puderam existir depois da análise minuciosa das fontes pelo historiador. Portanto, o “homem cordial” não existe, sendo apenas a condensação de um núcleo de atitudes recorrentes, que, reunidas num tipo ideal, permitem compreender uma certa constante na história brasileira, que é a prevalência do âmbito pessoal sobre o âmbito político, o qual deveria, por princípio, reger-se impessoalmente. Essa interpretação dos subterrâneos (raízes) do país aponta para a impossibilidade trágica da formação de um espaço público no Brasil.

O sentido da revolução brasileira em Sérgio Buarque de Hollanda seria uma racionalização progressiva da sociedade tradicional, dominada por valores afetivos, familiares. Portanto, uma modernização baseada na separação entre o afetivo/privado e o racional/público. Assim, a modernização representaria uma mudança de mentalidade e um estabelecimento de regras universais que atingissem a todos, independentemente da sua origem familiar e de suas relações pessoais e políticas. Seu desejo é o de uma organização racional da sociedade, na qual todos possam encontrar o seu lugar e se expressar, de forma original, segundo regras universais e consensuais (cidadania).

Paiefilhoeaidéiadeumanação

Luciano Miranda*

A nostalgia é um sentimento relativo ao que aconteceu ou ao que deixou de acontecer; uma saudade do exilado da pátria, que foi ou poderia ter sido. Tanto faz sua efetividade, sua materialidade, a nostalgia não pertence ao mundo sensível. Apesar de as sensações concorrerem para a sua constituição, pertence ao mundo das idéias, e, sendo assim, não se presta ao preenchimento convencional de coordenadas temporais: é uma idéia sentimental ou um sentimento proveniente das idéias, emergente, porém, da história. Nostalgia ocorre ao nos referirmos a Sérgio Buarque de Hollanda e a Chico Buarque de Hollanda.

Pai e Filho. Se para o catolicismo a associação do Espírito Santo a estes expressa a Santíssima Trindade, esta, para aqueles, poderia expressar-se mediante a associação da idéia. O espírito é a idéia. Idéia associada ao pai e ao filho. Que idéia? Fundamentalmente, a idéia de uma nação. É esta, feita em sentimento, que nos torna nostálgicos quando ocorre o nome desses autores. A idéia de uma nação que foi ou que poderia ter sido. Ou, ainda,

* Jornalista e roteirista cinematográfico profissional; mestre em Comunicação e Informação/UFRGS e Doutor em Ciência Política/UFRGS. Professor da UPF, integrante do Comitê de Ética em Pesquisa.

que foi ou será, tão-só na dimensão platônica das idéias. Fato é que estamos todos carentes, talvez um pouco órfãos, dessa nação idealizada. Carecemos dos pais fundadores, fornecedores da carga genética que a modelou e do alimento que a nutriu.

É por isso que a referência a Sérgio e a Chico nos dá nostalgia. Precisamos redescobrir as raízes que sustentam esta nação, pois do seu sustento depende o nosso próprio. Não obstante, a semelhança entre esses autores não acontece somente no plano familiar; ela se processa na teleologia de suas idéias: para que elas se prestam; seu objetivo. Por outro lado, a diferença, em essência, é de forma; é de como elas se expressam.

Reservadas as marcas individuais, idiossincráticas e de matizes próprios, de Sérgio e de Chico extrai-se uma dimensão política, sem prejuízo de outras possíveis dimensões, que mesmo estas impregna, uma perspectiva voltada e devotada à esfera pública. Empreendimento nada simples, haja vista o poder das relações privadas, da esfera da intimidade, nas gestões locais da coisa pública, numa espiral abissal de patrimonialismo, patriarcal e autoritário, fomentador do espírito de facção, tão perceptível mesmo nos nossos dias.

Sérgio, para tanto, expressou-se pela palavra numa conjuntura em que os intelectuais brasileiros, ainda prestigiados, dedicavam-se à “invenção” da nação, de um país chamado Brasil. Porém, tal palavra deixara de ter função praticamente para si, fundando uma linha de análise de perfil mais acadêmico e menos literário (mas sem prejuízo do texto). Por um lado, aparece Gilberto Freyre com um viés mais sociológico; por outro, Sérgio Buarque de Hollanda, mais historicista. O novo na “ruptura” levada a cabo por ambos é justamente a dimensão analítica. Sem o abandono da prescritiva ou normativa, compreenderam que para projetarmos nosso futuro deveríamos voltar o olhar para o passado, descrevendo-o, a fim de analisá-lo.

Tal empreendimento, com o necessário distanciamento e o abandono das possíveis paixões, não fora fácil à época de Sérgio: radicalizações ideológicas, gradual polarização global

– acelerada com a *débâcle* do nazi-fascismo –, crise geral da modernidade. Soube, porém, reservar as devidas distâncias e críticas com relação ao presente e ao passado, logrando testemunhar o amadurecimento do país inventado. Essa invenção se, por um lado, forjou expectativas, esperanças (breve período democrático no pós-guerra, desenvolvimentismo e modernização, efervescência das manifestações artísticas e culturais etc.), por outro, foi elaborada, sem que isso fosse percebido necessariamente pelos protagonistas da época, com as nossas limitações históricas, nossos arcaísmos conflitantes com a racionalidade legal, técnica e burocrática requerida à gestão do capitalismo tardio. Antagonismo que gera colapso. Colapso que gera ruptura institucional.

Chico incide na esfera pública brasileira no pós-golpe de 64. A estrutura social do país mudara. A sociedade se urbanizara. A indústria cultural florescera e se dinamizara. Todavia, a intelectualidade acadêmica fora em muito amordaçada. Brechas poderiam ser abertas, porém, com as manifestações artísticas, menos objetivas que os artigos científicos – como as alegorias filmicas de Glauber Rocha – sem perda de conteúdo objetivo. O câmbio está na forma. Portanto, não nos enganemos com a poesia. Poesia política. Ela foi e é instrumento, sem ser instrumental ou instrumentalizadora, para o entendimento da sociedade e a exasperação de suas mazelas. E, mais importante, as (auto)correções de rota e um sentido de vida, num espaço social renovado e mutante. Contudo, não remanescem aí aquelas nossas raízes?

Ben/ja/mim ...será?

Dóris Maria Wittmann dos Santos*

Tudo se extinguiu com a velocidade de uma bala entre a epiderme e o primeiro alvo letal (aorta, coração, traquéia, bulbo), e naquele instante Benjamim assistiu ao que já esperava: sua existência projetou-se do início ao fim, tal qual um filme, na venda dos olhos. Mais rápido do que uma bala, o filme poderia projetar-se uma outra vez por dentro das suas pálpebras, em marcha à ré, quando a sucessão dos fatos talvez resultasse mais aceitável. E ainda sobraria um fiapo de tempo para Benjamim rever-se aqui e acolá em situações que preferiria esquecer, as imagens ricocheteando no bojo de seu crânio (Chico Buarque de Hollanda – *Benjamim*)

Entre a epiderme, exterior, e o coração, interior, jaz a distância, talvez infinita, dos sentimentos que guiam a existência humana. Chico Buarque, em sua obra, vai desenhando o perfil de um homem, cujas imagem externa e vivências internas caem dissociadas na maior parte do tempo. Seria um homem que não vê seus próprios sentimentos? Que necessita sustentar uma imagem diferente de si mesmo. A oscilação perigosa entre o amor e

* Psicóloga, psicanalista, fundadora do Projeto Associação Científica de Psicanálise – Passo Fundo, candidata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

o ódio escapa à compreensão daquele que ignora suas paixões e a extensão que seus atos egoístas podem ter. Digo *egoísta* no sentido de serem exatamente guiadas por essas únicas paixões. Seriam olhos que não vêem o que está dentro e também não podem ver o que está fora, pois que estão vendados? Seria aquele que somente se depara com a realidade quando jaz destruído por suas próprias mãos? A imagem de um homem inconsciente e guiado pela culpa que toma contato consigo mesmo quando já não há tempo a não ser encarnar sua própria e miserável realidade.

Benjamim se presta para analisarmos desde a perspectiva freudiana o modelo da construção do sonho, dos desejos e da contradição ambivalente entre o amor e o ódio, própria da essência do humano. Aquele que tortura e maltrata é o mesmo que chora. Que aspectos são esses da relação de encontro com o outro humano?

É exatamente aí que se encontram a subjetividade, a paixão do filho, Chico Buarque, com a filosofia do pai, Sérgio, sobre “o homem cordial” – síntese profunda de uma experiência realmente vivida e apreendida.

Toda uma importante crítica à verdade e às relações sociais se constrói a partir da noção da gentileza e da afetuosi-
dade como uma capa protetora contra essa mesma *verdade, exatamente a verdade da ambivalência do amor ao próximo*. Seria então, em essência, a cordialidade uma conduta estruturante das relações sociais nas quais *o outro* é o espelho e, por isso a imagem passa a ser tão importante. Aqui está a inter-relação entre o psíquico profundo e o social: uma imagem de homem que é sustentada pelo *olhar do outro ou dos outros*, do entorno social.

Chico Buarque retrata tão bem tudo o que aprendeu com o pai, legado importante do aprendiz de uma crítica sensível: Bem/ja/mim oculta um Mau/ja/mim. Essa é a essência dos sentimentos humanos: a contradição brutal dos nossos nobres ideais.

Elaboração de materiais didáticos em língua portuguesa no ensino fundamental



Anna Christina Bentes*

A elaboração de materiais didáticos é uma tarefa complexa e exige de nós o constante exercício de pressupor o que chamaria a atenção de nossos alunos, o que poderia levá-los a se interessar mais ainda pela leitura, pela escrita, pelo desenvolvimento de uma fala pública eficaz, pela reflexão sobre a nossa capacidade de comunicação e de intervenção pela linguagem. Em razão desses objetivos, a elaboração de materiais didáticos deve basear-se em princípios teóricos específicos que dialoguem entre si. Na construção de atividades didáticas, depois de estabelecidos os princípios teóricos, precisamos buscar os objetivos gerais de nosso trabalho como, por exemplo, incentivar os alunos a lerem textos mais longos. Por fim, precisamos elaborar atividades que possam aproximar e/ou traduzir

* Unicamp.

os princípios teóricos que elegemos. Sendo assim, a tarefa de produzir um material didático necessita deixar transparecer laços fortes de ligação entre teoria e prática; noutras palavras, precisa se mostrar uma tarefa coerente, mas, acima de tudo, uma tarefa que consegue alcançar, em grande parte, seus objetivos. Neste curso, trataremos dos princípios teóricos que nortearam a produção de um material para a educação de jovens e adultos. Trataremos também dos objetivos a que nos propusemos alcançar e discutiremos alguns exemplos de atividades propostas. Focaremos nossas discussões nos critérios para a seleção dos textos, no trabalho com os gêneros textuais e na produção de uma reflexão por parte dos alunos sobre os recursos lingüísticos, textuais e discursivos, que são responsáveis pela construção dos sentidos dos textos lidos. Acreditamos que os exemplos a serem discutidos poderão subsidiar as reflexões em torno de todo o fazer pedagógico, que envolve as habilidades de leitura e de escrita na escola, mas também em torno de outras iniciativas, como a educação não formal, que possam levar ao exercício da linguagem nas instâncias públicas e formais de sua produção.



Regina Machado*

A partir de um quadro de referências conceituais, que fundamentam as relações entre a arte e a educação, o objetivo deste trabalho é abordar a função das narrativas tradicionais, bem como sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Os conteúdos dizem respeito à figura do narrador, aos diferentes tipos de contos e às possibilidades formativas da escuta. Trata-se de um trabalho de experiência do conto, nos planos teórico e prático no qual os participantes poderão exercitar a percepção, a observação, a capacidade imaginativa, a análise e a síntese que fundamentam a compreensão significativa da arte narrativa oral. Propõe-se uma “conversa criadora” individual e grupal com o conto tradicional: as atividades práticas envolvem jogos de percepção, trabalhos com

* Universidade de São Paulo.

imagens internas, exercícios corporais, sonoros, observação de objetos e pequenos exercícios de narração. Esperamos que a compreensão do fundamento deste trabalho possa contribuir para um melhor aproveitamento metodológico das narrativas da tradição oral na prática diária dos participantes.

Conteúdo programático

A oficina propõe uma experiência teórico-poética de aspectos da narrativa tradicional, tendo como conteúdos básicos: o contador de estórias – características e formação, o conto como forma artística tradicional de tempos imemoriais, audiência – possibilidades de aprendizagem significativa, efeitos formadores da escuta e leitura.

Notas sobre alfabetização de crianças cegas e com deficiência visual: uma reflexão necessária



Olga Solange
Herval Souza*

A educação especial caracterizou-se por oferecer, de certa forma, um atendimento padronizado aos alunos que sinalizavam atendimento às suas necessidades educacionais especiais, considerando-os todos como pessoas capazes de se desenvolver através do concurso de teorias da aprendizagem comportamentalistas, fortalecendo os estigmas que rotulavam, e ainda rotulam, cada deficiência.

Não há dúvidas de que o período de alfabetização é aquele em que afloram os mais graves problemas verificados no decorrer do desenvolvimento mental da criança cega ou com deficiência visual.

Nessa fase, acionam-se esquemas interpretativos de fundamental importância. A ocorrência de falhas na construção das estru-

* Doutora em Educação, docente em diversos cursos sobre Educação Especial e Inclusão Escolar.

turas cognitivas durante as etapas evolutivas desse desenvolvimento trará ao alfabetizando graves dificuldades e até irremediáveis fracassos. Sabe-se, todavia, que o processo de aprendizagem de uma criança com deficiência visual requer procedimento e recursos especializados para que seu crescimento global se efetive verdadeiramente. Faz-se necessário que lhe sejam oferecidas oportunidades de experiências concretas e significativas, pois inúmeras habilidades devem ser trabalhadas.

Assim, a validade dessa discussão prende-se ao fato de que é necessário compreender o processo de aprendizagem de uma criança com deficiência visual, apreendendo passo a passo suas descobertas, promovendo seu desenvolvimento como um indivíduo capaz de crescer e realizar-se a despeito da deficiência que carrega. A criança com essas características precisa ser percebida como um ser inteiro – não fragmentado – dona dos seus pensamentos e construtora, ainda que em condições peculiares, do seu próprio conhecimento. Vê-la como um produto de treinamentos milagrosos e, por qualquer feito, considerá-la possuidora de dons extra-sensoriais, é uma distorção que requer revisão conceitual urgente.

Com o passar do tempo, novas concepções aparecem para que os alfabetizadores possam refletir. São princípios a serem analisados, não soluções apontadas ou receitas prontas, modelos experimentados ou aprovados.

No entanto, é preciso levantar alguns questionamentos e procurar uma pedagogia diferenciada (Perrenoud, 2000) que atenda às necessidades dos alunos, buscando novos rumos para que sejam ampliadas as possibilidades de sucesso no processo de construção do seu conhecimento.

A importância do aprofundamento dessa procura liga-se à necessidade de inserir a educação de pessoas com deficiência visual nas discussões educacionais mais amplas. A educação em si, bem sabemos, não é “especial”. Especiais são os procedimentos e recursos didático-pedagógicos.

O período de alfabetização suscita muito cuidado e im-
põe esmerado preparo dos professores. As dificuldades e os

freqüentes fracassos dos educandos nessa fase escolar exigem uma mudança de atitude e a incessante busca de outros caminhos, pois o aluno tem de tomar consciência de si mesmo, de suas reais possibilidades. Como qualquer outra criança, deverá perceber que constrói seu conhecimento, interpreta e reinterpreta a realidade que a rodeia, cria e recria as coisas do seu mundo infantil a seu modo.

Tendo em vista os grandes problemas verificados durante o processo de alfabetização de crianças com deficiência visual, é importante que os alfabetizadores revejam a relação com seus alunos, reflitam sobre suas metodologias de ensino, despertem para objetivos claros e bem definidos, a fim de que a ação educativa esteja, realmente, em consonância com as necessidades dos educandos. É um momento em que alfabetizandos e alfabetizadores se debatem em meio a múltiplas dúvidas e enormes tropeços; um período de desafios e de descobertas imprevisíveis, tanto nos aspectos positivos quanto nos negativos. Por tais razões é preciso que os professores pretendentes a atuar nesse campo educacional tenham consciência e o preparo que se exigem para que os resultados obtidos sejam os mais proveitosos.

Entendo que a alfabetização deve assentar-se em três eixos principais.

- *eixo lingüístico*: quem alfabetiza transmite os fundamentos básicos que estruturam uma determinada língua. Por isso, alguns princípios lingüísticos precisam ser trabalhados com critério e competência;
- *eixo social*: entende-se que a língua e a linguagem são dois instrumentos sociais. O indivíduo fala e se comunica porque pertence a um determinado grupo social no qual se desenvolvem valores culturais específicos. A escrita é um objeto socialmente estabelecido e, a análise a respeito do assunto merece destaque;
- *eixo construtivista*: o construtivismo deverá ser estudado, como não poderia deixar de ser, a partir das pesquisas de Jean Piaget. Não deve ser visto como um método de trabalho, mas como uma postura e filosofia de vida.

A aquisição do conhecimento, no decorrer das etapas evolutivas da criança, deverá constituir-se no alicerce dessa nova postura pedagógica. Os aspectos cognitivos da criança com deficiência visual precisarão ser vistos e cotejados como os da criança que enxerga – vidente. Fazendo-se o confronto entre o processo do desenvolvimento mental dessas crianças, pode-se estabelecer um paralelo de como se processa a aprendizagem dos dois grupos. É importante analisar as possibilidades, e, principalmente, o volume, a riqueza e significação de oportunidades de aprendizagem entre as crianças que enxergam e as com deficiência visual.

À luz da lingüística, da sociologia, da epistemologia e da psicologia genética, deve-se buscar a explicação do fenômeno “alfabetização”, ampliando sua abordagem. Mesclando todas essas correntes do conhecimento humano, aos educadores é oferecida uma gama variada de saberes e pensamentos. Aquilata-se, assim, a complexidade que envolve a educação dessas crianças.

A alfabetização passa pelo aprofundamento de vários fatores que inserem o indivíduo no “mundo das letras”.

O alfabetizado não é só aquele que reconhece sinais gráficos, aprende fonemas, mecaniza procedimentos de leitura e de escrita. Alfabetizar é rasgar horizontes, abrir atalhos, apontar saídas, descobrir soluções, criar situações concretas e propor desafios. É auxiliar o educando a trilhar o caminho do conhecimento formal e levá-lo a apreender “o saber consciente”. Não se trata de uma mera linguagem metafórica, em cujo cerne repousam comparações de efeito literário: essas palavras guardam a justeza do exercício de uma verdade irrefutável.

O estudo de uma nova conduta filosófica, de uma nova diretriz educacional nesse campo, poderá servir de suporte para a implantação de uma outra linha pedagógica que favoreça o alfabetizando, fazendo-o sujeito, não objeto de sua aprendizagem, de forma a integrar-se em sua comunidade cultural, descobrindo o mundo que o cerca, decodificando os

muitos contextos existentes, enfim, tornando-se um ser possuidor de senso crítico.

Para tanto, devem ser criados ambientes educacionais ricos em estímulos e experiências significantes onde se promovam situações renovadas de aprendizagem. Constantes mudanças devem ser provocadas, propiciando atitudes criativas, estimulando atividades que favoreçam o desenvolvimento global de educandos cegos e com deficiência visual. Compreendendo esse propósito, o educador assumirá o seu papel e buscará exercê-lo com competência e visão crítica. A ação educativa impõe constantes transformações e estimula a procura de novas tentativas. Através dos tempos, desde épocas mais remotas, o homem luta para aprender. Aprender no sentido mais amplo da palavra, o que passa pelo instinto de preservação – a sobrevivência –, e alcança seu ápice no refinamento mais elevado do espírito.

Uma criança cega ou com resíduo visual é um ser que se desenvolve, que constrói, que aprende. Entretanto, apresenta necessidades específicas que reclamam um atendimento especializado e basicamente dirigido a essas especificidades.

Uma criança não é mais ou menos capaz por lhe faltar a visão. A cegueira não confere a ninguém qualidades menores, nem potencialidades compensatórias. Seu crescimento efetivo dependerá exclusivamente das oportunidades que lhe forem dadas, da forma pela qual a sociedade a vê, da maneira como ela própria se aceita.

É de fundamental importância que o professor não veja nessa criança um aprendiz de segunda categoria, um educando treinável, suportável, cujo adestramento de certas áreas promoverá um desempenho educacional satisfatório.

Na interação com os objetos, com o meio físico e com as pessoas, essa criança terá o seu crescimento mais facilitado e mais firme. Tomando-se as idéias construtivistas aplicadas à educação, diríamos, num primeiro momento, ser de todo impossível alfabetizar uma criança com deficiências na visão dentro de tais moldes. Se, por um lado, a criança que enxerga incorpora, assistematicamente, hábitos de escrita e de leitura

desde muito cedo, por outro, a criança cega ou com baixa visão demora muito tempo a entrar no universo do “ler” e escrever”. O sistema Braille não faz parte do dia-a-dia, como um objeto socialmente estabelecido. Somente os cegos se utilizam dele. Até mesmo as crianças com baixa visão não recebem esta oportunidade. As descobertas das propriedades e funções da escrita tornam-se impraticáveis para ela. As crianças cegas só tomam contato com a escrita e com a leitura no período escolar. Esse impedimento, sabe-se, pode trazer prejuízos e atrasos no processo da alfabetização.

O que precisa ficar claro é que a educação e o desenvolvimento global de uma criança com deficiência visual requerem técnicas e recursos especializados. É importante que sua evolução seja acompanhada de forma precisa e que venha propiciar realmente um crescimento, fazendo-a adquirir um grau mais alto de eficiência. Por isso, nessa fase dá-se grande ênfase ao desenvolvimento de um conjunto de habilidades que são pré-requisitos para a leitura e a escrita do sistema Braille.

Capacitar uma criança não é condicioná-la, transformando-a num ser automatizado, com respostas previsíveis e resultados esperados. A capacitação ressaltada nasce da independência do perfeito domínio de si mesmo. Quando se fala na importância de desenvolver capacidades básicas, fala-se da finalidade máxima de uma educação especializada: dar à pessoa com qualquer deficiência as condições essenciais para torná-la um ser harmônico, pleno, consciente de si mesmo. Esses pré-requisitos são trabalhados a partir das dificuldades geradas pela própria deficiência. Assim, ao acionarem-se mecanismos capazes de mobilizar estruturas internas, podem-se ampliar movimentos corporais, fortalecer músculos, refinar percepções, estimular memória e amadurecer condutas.

Para o alfabetizador conquistar êxito em sua tarefa, é fundamental que seu trabalho se revista de inúmeros aspectos: conteúdos bem definidos, métodos e técnicas adequados, material didático apropriado, enriquecimento constante de informações reais, liberdade de criação e de expressão. Não há uma receita pronta e infalível para educar esta ou aquela

criança. O alfabetizador tem de conhecer o educando que tem diante de si e sobre o qual recaem sua atenção pedagógica e sua responsabilidade. No preparo e na coerência da prática docente, pode-se encontrar solução para grandes problemas.

Fala-se de cidadania, justiça social, de liberdade e de democracia. Inscrevem-se nessas palavras conceitos concretos, ainda que complexos, que deverão ser os pilares onde a educação, em todos os níveis, necessita apoiar-se. Faz-se necessário estudar a problemática da alfabetização sob a inspiração dessas quatro vertentes. De forma contrária, a tarefa esvazia-se de conteúdos significativos, forja discussões inócuas, incrementa idéias distorcidas, gera uma visão superficial de assuntos tão relevantes.

Referências

ALMEIDA, Maria da Glória. Alfabetização: uma reflexão necessária. *Revista Benjamin Constant*, Instituto Benjamin Constant, n. 6, mar. 1997.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança - imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

COLL, César; MARCHESIA, A.; PALACIOS, J. et al. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 1.

_____. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Psicologia da Educação, Porto Alegre: Artmed, 1996. v. 2.

SOUZA, O. S. H. Em direção da docência. In: SEMINÁRIO DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO, CULTURA E TRABALHO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA INCLUSÃO SOCIAL, VIII. *Anais...* Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

SOUZA, O. S. H. Um ponto de vista. *Caderno V Curso Produção de Vida e Sentidos*, Associação dos Orientadores Educacionais do Rio Grande do Sul, ano 7, n. 5, 2004.

_____. *Nas entrelinhas da inclusão escolar de alunos com necessidades educativas especiais: o desafio à formação docente*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

_____. Acessibilidade: problematizando a integração do DV no contexto escola. *Boletim Informativo* – Abedev - Brasil Ponto a Ponto, n. 2, jul./dez. 2000.

_____. A valorização dos recursos didáticos inovadores na construção do conhecimento das pessoas com necessidades educativas especiais. *Reflexão e Ação*, v. 6, n. 2, jul./dez. 1998, Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000

_____. *A integração como desafio: a (con)vivência do aluno deficiente visual na sala de aula*. Porto Alegre: UFRGS/Faced, 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

_____. Relatório do Movimento das Mulheres Cegas no Brasil. *Cara a Cara*, ago./out. 1998. Publicação em braille, editada e distribuída pela Ulac.

THOMA, A. S.; LOPES, M. C.; SOUZA, O. S. H. Análise da política nacional de educação especial. *Coletâneas do PPGEDU*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, nov./dez. 1995.

Língua e cultura surda: estabelecendo desafios para a educação



Lodenir Becker Karnopp*

O presente trabalho faz parte das reflexões que tenho feito nos últimos anos sobre a importância da língua de sinais na educação de surdos e sobre a questão do ensino de língua portuguesa. Através de leituras sobre o tema, da pesquisa realizada com estudantes surdos universitários e da minha experiência como professora de língua portuguesa para surdos, discuto a importância da leitura e da tradução de textos como desafios para a educação.

Desde o primeiro dia em que comecei a observar surdos usando a língua de sinais, fiquei curiosa na tentativa de entender um pouco mais aquela língua tão diferente da nossa. Essa foi a minha opção em termos profissionais: passei a estudar lingüística e a decifrar a estrutura gramatical e o modo como essa língua era usada entre os surdos. No

* Doutora em Lingüística e professora na Ulbra. Desenvolve trabalho com surdos.

curso de Letras realizei paralelamente um curso de língua de sinais e posteriormente comecei a trabalhar numa escola de surdos – Escola Especial Concórdia, em Porto Alegre. Ingressei no mestrado e, em seguida, no doutorado em Lingüística (PUCRS), e o meu interesse esteve voltado para o entendimento da aquisição da língua de sinais. Atualmente trabalho na Ulbra e desenvolvo pesquisas com pessoas surdas na área dos estudos culturais em educação e literatura surda.

Apresento, em linhas gerais, a aquisição da linguagem por crianças surdas, do nascimento aos cinco anos de idade, descrevendo aspectos do desenvolvimento lingüístico (produção de enunciados de um sinal, enunciados de dois sinais e estágios posteriores). Em seguida, discuto a leitura, a escrita e a tradução como aspectos relacionados no ensino de línguas e alguns desafios à educação.

Aquisição da linguagem por crianças surdas

Do nascimento até o momento em que aparecem os primeiros sinais, bebês surdos, expostos à língua dos sinais, produzem um complexo balbúcio manual, gestos sociais, expressões faciais e corporais e o uso do apontar (Karnopp, 1999).

Pesquisas que realizei durante o mestrado e o doutorado (Karnopp, 1994, 1999) com crianças surdas adquirindo a língua de sinais brasileira trazem contribuições para a discussão sobre as primeiras produções lingüísticas. O *input* visual é, obviamente, necessário para que o bebê passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. Aspectos como o contato visual entre os interlocutores, isto é, o olhar fixo do bebê surdo na face da mãe/pai, o uso de expressões faciais, a atenção que o bebê surdo coloca no meio visual, a produção de um complexo balbúcio manual, de gestos sociais e do “apontar” são aspectos observados nessa fase. A criança passa por mudanças que vão de um simples choro a um complexo balbúcio manual.

Após o primeiro ano, surgem os primeiros sinais no repertório lingüístico da criança, período denominado na literatu-

ra como “enunciados de um sinal”. Das discussões realizadas sobre a questão da produção dos primeiros sinais, na criança surda, e das primeiras palavras no vocabulário da criança ouvinte, pode-se concluir que, apesar das diferenças individuais dos informantes, das diferenças entre as línguas e entre as modalidades de línguas, há um certo paralelo no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem que independe da distinção língua gestual-visual ou oral-auditiva.

Em termos gerais, pode-se dizer então que os primeiros sinais ou as primeiras palavras aparecem entre os dez meses e o primeiro ano de idade. Estudos de aquisição da linguagem de crianças surdas com pais surdos têm mostrado que elas inicialmente balbuciam com as mãos, começam, então, a produzir enunciados com um único sinal e, em seguida, combinam sinais formando sentenças simples.

Quanto ao tamanho do vocabulário, a evidência compilada por vários estudos sugere que há generalizações quanto à produção dos primeiros sinais. McIntire (1977) examinou a produção de sinais na ASL (american sign language) de uma criança surda, filha de pais surdos, e registrou que, no início da investigação, quando a criança estava com a idade de um ano e um mês (1; 1), o vocabulário estava em torno de 85 sinais e que, ao final da investigação, com 1; 9, ela estava produzindo mais de duzentos sinais.

Marentette (1995, p. 75) realizou um estudo de caso, acompanhando longitudinalmente uma menina ouvinte, filha de pais surdos, que apresentou a seguinte média de aquisição na ASL: com 1; 0 (5 sinais), com 1; 3 (11 sinais), com 1; 5 (18 sinais), com 1; 6 (42 sinais), com 1; 9 (63 sinais), com 1; 11 (19 sinais) e com 2; 1 (70 sinais).

Na libras, estudos que realizei durante o doutorado (Karnopp, 1999) descrevem a aquisição de sinais durante o período de oito meses até os trinta meses, num estudo longitudinal realizado com uma criança surda (Ana), filha de pais surdos. O levantamento dos primeiros sinais produzidos por Ana totalizou 117 tipos de sinais (em 288 ocorrências). O acompanhamento da aquisição da linguagem de Ana mostrou

que ela inicialmente produziu balbucio manual; começou, então, a produzir enunciados com um único sinal e, em seguida, combinou sinais formando sentenças simples (Tab 1).

Tabela 1 – Início da aquisição e tamanho do vocabulário na libras (Karnopp, 1999)

Idade	Nº de sinais produzidos
0;11	02
1;1	04
1;5	12
1;9	28
2;1	49
2;5	81

Ao final do período caracterizado pelos enunciados de um sinal (mais ou menos aos dois anos de idade, variando de criança para criança), começam a aparecer enunciados formados por dois sinais. Eles consistem, basicamente, no agrupamento de dois sinais que apresentam algum tipo de relação semântica. Em enunciados produzidos pelas crianças, aparecem as seguintes funções: localizar, nomear, pedir, desejar, negar, descrever evento ou situação, indicar posse, entre outros.

Após a fase de dois sinais, surgem enunciados com maior número de sinais que, aos poucos, vão se aproximando da linguagem do adulto. O período de maior desenvolvimento lingüístico vai mais ou menos até os cinco anos, quando a criança já tem uma capacidade lingüística bem próxima à do adulto. Supõe-se que, como nas línguas orais, as aquisições posteriores nas línguas de sinais estejam relacionadas à complexidade sintática e semântica da língua em questão.

Práticas de leitura e escrita

Depois de adquirir os sinais, a aquisição da leitura e da escrita pode se seguir. Pereira (2002, p. 47), ao analisar o papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos, afirma que, embora as pesquisas demonstrem que a

língua de sinais brasileira seja uma língua com estatuto lingüístico, a sua adoção na educação de surdos é um fato recente no Brasil. No entanto, nos últimos cinco anos, vem crescendo o número de adeptos e defensores do uso da língua brasileira de sinais na educação de surdos. Recentemente observamos que as escolas de surdos estão contratando surdos adultos para possibilitar a exposição dos alunos à língua de sinais, e as escolas regulares, em seus diferentes níveis, começam a contratar intérpretes, com o objetivo de obter resultados mais eficientes na escolarização de alunos surdos.

Ao discutir a questão da leitura e da escrita em crianças surdas, Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) referem que, como todas as crianças, também as surdas necessitam de conhecimento de mundo de modo que possam recontextualizar o escrito e daí derivar sentido. Esta é, a meu ver, a maior contribuição da língua de sinais para a aquisição da escrita pelos surdos. É através da língua de sinais que os alunos surdos poderão atribuir sentido ao que lêem, deixando de ser meros decodificadores da escrita e é através da comparação da língua de sinais com o português que irão constituindo o seu conhecimento do português (Pereira, 2002, p. 49).

No entanto, o problema reside na concepção de leitura e escrita e nas práticas inadequadas de trabalho com palavras e textos na língua portuguesa que predomina na maior parte das escolas de surdos no Brasil. O fato é que continua a prevalecer uma preocupação com a memorização e a decodificação de palavras, sendo atribuída pouca ou nenhuma importância ao uso da escrita enquanto prática social mais ampla (letramento). Além disso, o problema é também o *status* da língua de sinais nas escolas de surdos: é muitas vezes considerada uma “ferramenta” no ensino da língua portuguesa, não sendo reconhecida como língua e, dessa forma, continuam sendo inexistentes as práticas de tradução de uma língua a outra. Pereira (2002) ressalta que muitos alunos surdos, embora identifiquem significados isolados de palavras, sendo capazes de usar as estruturas frasais trabalhadas, não conseguem fa-

zer uso efetivo da língua, não se constituem como sujeitos de linguagem.

A proposta de ensino de língua, com base em Neves (2002), é inicialmente considerar que as línguas se fundam em usos. Assim, o ensino da língua via regras da gramática tradicional ou através de palavras isoladas não deve ser o foco no ensino de língua, mas, sim, o trabalho com a língua em funcionamento, que resulta da interação entre sujeitos.

Através da língua de sinais, devem-se praticar com o aluno surdo os usos e as funções da língua escrita e, também, analisar as práticas de leitura e escrita em comunidades de surdos, ou seja, investigar os tipos de leitura e produção de textos (bilhetes, cartas, listas de supermercado, receitas, bulas, entre outros). Segundo Svartholm (1997), os textos, por si só, não comunicam nada para a criança surda. A única forma de assegurar que os textos se tornem significativos para os alunos surdos é por meio da tradução. Neste sentido, práticas de leitura, escrita e tradução tornam-se o foco do trabalho de ensino de língua.

Quanto aos materiais e métodos utilizados, Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) enfatizam a importância dos textos como fonte importante de conhecimento e lembram que quanto mais se lê maior é a amplitude e a profundidade do que se pode entender. Criticam os materiais de leitura de baixo nível apresentados aos alunos surdos, os quais contribuem em grande parte para suas dificuldades de leitura que esses apresentam (Pereira, 2002, p. 50).

Na pesquisa sobre a leitura e escrita de crianças surdas, Pereira (2002) afirma que as crianças surdas, quando inseridas em atividades que envolvam a leitura e a escrita, participam com interesse, sendo que os efeitos dessas práticas se dão a ver gradativamente, no folhear os livros, nas nomeações das figuras, nas tentativas de relatos e mais tarde também de escrita. A pesquisadora relata ainda que na escola onde realizou a investigação (Derdic-PUCSP) foram estabelecidos momentos específicos para a leitura, nos quais todos lêem, inclusive os professores. O objetivo foi propiciar a postura de

leitor nos alunos, já que muitos não têm esse modelo em casa. Cada aluno escolhia um ou mais livros para ler, e a única regra era não incomodar os outros. A consequência dessa prática foi que as crianças se envolveram, ainda que por pouco tempo, na atividade. Algumas apenas folheavam os livros, ao passo que outras nomeavam figuras; outras, ainda, ensaiavam relatos da história, compartilhavam com os colegas e professoras o que acontecia com os livros mais conhecidos. No dia-a-dia, as crianças eram incentivadas a levar livros para casa, bem como tinham à disposição livros nas salas e, às vezes, enquanto esperavam os colegas terminar uma atividade, pegavam um para “ler”. Nas atividades de produção de textos, práticas de tradução aconteciam, nas quais a professora fazia o papel de escriba, escrevendo em português os relatos que as crianças apresentavam em língua de sinais.

É bem verdade que o ato de escrever supõe um ato de leitura, pois escrever exige leitura, muitas leituras. No contexto de educação de surdos, há o processo de tradução e de construção de sentidos dos textos que são lidos e produzidos na língua portuguesa. À medida que vai lendo, o leitor também constrói um texto durante a leitura, através das trocas com o texto publicado, sendo a leitura considerada como linguagem escrita receptiva. O texto construído pelo leitor é um texto paralelo, intimamente relacionado ao texto escrito. Esse texto é diferente para cada leitor, pois envolve práticas de tradução da língua portuguesa para a língua de sinais, envolve inferências, referências e co-referências baseadas nas experiências de leitura que o leitor traz para o texto. Desta forma, a relação entre leitura, escrita e tradução tem uma convergência interativa e lingüística na construção de sentido do texto, na construção comunicativa. Disso decorre que ler, escrever e traduzir se supõem, se relacionam. É por essa razão que as pesquisas sobre as relações entre produção escrita e compreensão em leitura constataam que, nas turmas escolares em que o ensino de leitura e escrita é integrado, os alunos apresentam melhor desempenho em ambas. Enfim, melhores leitores tendem a ser melhores escritores.

No caso de estudantes surdos, o aprofundamento da exploração das relações entre leitura, escrita e tradução confere a essas práticas um lugar especial: o foco do ensino de língua portuguesa.

Traduzir sinais

A experiência de tradução de textos surdos que passo a relatar tem como referência a participação de surdos desde a 47ª Feira do Livro de Porto Alegre (2001), evento promovido anualmente pela Câmara do Livro, que objetiva divulgar e promover a leitura. No artigo “O surdo como contador de histórias” (Alves; Karnopp, 2002) apresentamos algumas das práticas e processos que surdos utilizam para contar e recontar histórias. Destacamos que, no ato de recontar histórias para crianças surdas, os contadores surdos transformam um texto tradicionalmente voltado para uma cultura ouvinte numa história com elementos da cultura surda.

Além disso, analisamos (Alves; Karnopp, 2002) a história de Cinderela (Grimm; Grimm, 1985) e descrevemos as adaptações e transformações para *Cinderela surda* (Hesel; Rosa; Karnopp, 2003). Essa nova história remeteu-nos à análise das condições de produção e recepção textual, evidenciando que essas condições são inseparáveis do local, das condições sociohistóricas e institucionais em que os contadores estão situados.

A construção de histórias por surdos implica a interação, a construção de sentidos do texto, com base no diálogo com outros surdos e a tradução de uma língua e de uma cultura para outra. Pessoas não constroem significados num vácuo; o uso da língua está inserido em contexto social, pois o texto é o resultado de processos e forças sociais que o produzem. A leitura e a análise das condições de produção e recepção textual evidenciam que surdos recontam histórias para outros surdos e reconstróem através da língua e da cultura os sentidos veiculados pelo texto que serviu como ponto de partida para a criação de um outro texto.

Surdos apresentam uma releitura do texto clássico *Cinderela* e recontam essa história para surdos e ouvintes numa versão intitulada *Cinderela surda*. Outras publicações deram seqüência a essa experiência de criação e tradução: *Rapunzel surda* (Silveira; Rosa; Karnopp, 2003) e *O patinho surdo* (Rosa; Karnopp; Alano, no prelo) registrando histórias dos clássicos da literatura a partir de uma cultura visual, em que ocorre uma aproximação com a(s) história(s) de vida e as identidades surdas.

Cabe considerar que inúmeras histórias são contadas em línguas de sinais pelos surdos, mas não são registradas em livros e impressas para a divulgação e leitura das mesmas em escolas de surdos e na comunidade em geral. Nesse sentido, utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo, não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo lingüístico e cultural diferente.

Sinalizando possibilidades para a leitura e a tradução

Com base em modelos propostos para a produção textual (Clark; Ivanic, 1997) e considerando também a especificidade implicada pelas formas de ver e significar o mundo, a partir de uma experiência visual, descrevo, neste artigo, caminhos da leitura e tradução com o objetivo de apresentar uma proposta de traduzir sinais e registrar histórias. Essa possibilidade de tradução está dividida em várias etapas, que foram desenvolvidas por um pesquisador surdo, uma pesquisadora/intérprete ouvinte e uma desenhista surda.

Etapa 1: Universitários surdos selecionaram textos clássicos da literatura infantil, com o objetivo de ler essas histórias e posteriormente recontá-las para crianças surdas na Feira do Livro de Porto Alegre. Tais histórias foram contadas

em língua de sinais nesse evento e foram filmadas. Ao analisarmos essas histórias, percebemos a releitura feita pelos contadores de histórias – o texto havia sido adaptado, transformado.

Etapa 2: Decidimos traduzir essas histórias da língua de sinais para a língua portuguesa. No processo tradutório, deparamo-nos com muitos problemas teóricos e práticos concernentes à tradução dos sinais para o português. É preciso esclarecer desde já que, por um lado, um intérprete ou um dicionário de libras não devem ser o árbitro de uma tradução, nem aquele que determina qual a resposta exata para uma dúvida ou qual a significação correta para um determinado sinal. A libras está em movimento constante e os significados não são estáveis, nem fixos. Por outro lado, convém esclarecer que os textos traduzidos foram amplamente discutidos com os surdos contadores das histórias. Esse movimento levou-nos a determinadas escolhas sem, contudo, esquecermo-nos de limites, muitas vezes intransponíveis da tradução. As escolhas feitas estiveram apoiadas e cerceadas pela cultura da comunidade interpretativa na qual os escritores se inserem e para a qual eles destinam seu trabalho.

O modelo de produção textual utilizado na tradução dos sinais considera a seguinte afirmação: “o texto está inserido no processo de forças sociais que o produzem” (Clark; Ivanic, 1997). Entendemos que a tradução cria um outro texto, que já não pode manter uma relação de oposição, criando, assim, uma dicotomia “texto original *versus* texto traduzido” nem de equivalência “texto original = texto traduzido”, mas supomos apenas uma relação de complementaridade, ou melhor dizendo, de mútua dependência (Barbosa, 2000).¹ Neste sentido, procuramos contextualizar a produção textual em língua de sinais numa prática social: explorando e analisando as seguintes questões durante a tradução: a) o contexto social em que

¹ BARBOSA, Heloisa G. Apresentação. In: RODRIGUES, Cristina. *Tradução e diferença*. São Paulo: Unesp, 2000.

a produção textual está inserida; b) os processos e práticas da produção textual; c) o propósito (objetivo) da produção textual; d) a relação entre aquele que produz um texto e aquele que o interpreta; e) a identidade daquele que produz um texto.

Etapa 3: Após essa primeira experiência, que resultou na publicação de *Cinderela surda*, resolvemos fazer a coleta de outros textos (filmagem) produzidos em língua de sinais por surdos em vários locais, tais como escolas de surdos e associações de surdos. As histórias foram catalogadas, selecionadas, traduzidas, ilustradas e encaminhadas para publicação.

Literatura surda

Encontramos uma gama de trabalhos literários sobre surdos no Brasil. Se concentrarmos nossa análise na produção de livros de literatura infantil que tematizam a surdez, verificamos que os autores são ouvintes e retratam o surdo como “deficiente auditivo”, perfeitamente integrado à comunidade ouvinte, sendo usuário de uma língua oral. No texto “Contando histórias sobre surdo(as) e surdez”, Silveira (2000) analisa sete livros destinados às crianças nos quais a temática da surdez e dos surdos se faz presente. Os livros analisados foram: *Audição* (Suhr; Gordon, 1998); *Os cinco sentidos* (Bosmans, 1997); *A gente e as outras gentes* (Lima, 1995); *Nem sempre posso ouvir vocês* (Zelonky, 1988); *A letreria do Dr. Alfa Beto* (Carr, 1988); *Dor de dente real* (Trabbold, 1993); *O livro das palavras* (Azevedo, 1993). A visão dos surdos em tais obras compõe-se a partir da representação clínica, patológica, vista como deficiência, mas supostamente “compensável” pelo uso do aparelho auditivo e pela leitura labial, conjugando-se tais aspectos a uma visão compensatória da deficiência. “Não se pode deixar de registrar, entretanto, que todos os livros analisados foram escritos por ouvintes, que narram a surdez a partir de seus filtros sociais, de suas experiências de certa forma alheias ao cerne da vivência culturalmente imersa na surdez” (Silveira, 2000, p. 202).

Uma escrita literária, tendo como base aquilo que é narrado, parece ser um primeiro passo para uma apreciação que corresponda à criação de histórias por surdos. Mas a escrita, como a tradução, já é uma injustiça às narrações, pois perdem as características, o sabor específico da língua de sinais, da interação com os pares surdos, da situação de espaço visualmente rico, dos olhares, das expressões faciais. A tradução das histórias em sinais supõe um universo culturalmente compartilhado com o cotidiano de pessoas surdas. Uma escrita à altura dos narradores deve recriar esse clima, uma escrita a ser feita, por exemplo, pelos próprios surdos, em ensaios para escrever ficção, em português e na própria língua de sinais, quando se sentem desafiados a pesquisar ou expressar sua cultura.

Claro que a arte de narrar se transforma ao passar para a escrita ou para outra forma de registro. Mesmo os escritores surdos, usuários da língua de sinais, têm problemas parecidos aos de outros escritores (tradutores) ao registrar as narrações. Não basta filmar, fielmente, e transcrever na língua e depois traduzir, mesmo da maneira mais detalhada. Sempre vai se tratar de uma outra forma de narrar, com recriação inevitável pela pessoa que registra. Uma recriação escrita que exige dos escritores uma nova tradução literária na escrita dos sinais (*sign writing*),² e o domínio das tradições literárias em português.

Alguns materiais têm surgido recentemente, aproximando a tradição em sinais com as formas escritas. Um exemplo disso é o livro de literatura infantil *Tibi e Joca – uma história de dois mundos* (Bisol, 2001), que narra a história de um menino surdo numa família com pais ouvintes que começam a usar a língua de sinais. O texto explora o visual (o desenho) e, além da história sucintamente registrada na língua portu-

² *Sign writing* é o modo como se pode escrever qualquer língua de sinais. Serve tanto para escrever a língua de sinais brasileira (libras), como a americana (ASL) ou qualquer outra. É uma escrita que permite combinar símbolos gráficos para registrar por escrito a forma visual dos sinais.

guesa, há um boneco tradutor que sinaliza a palavra-chave que vai dando seqüencialidade à história.

De todo modo, a escrita hoje faz parte do mundo surdo, indispensável aos surdos para a defesa dos seus interesses e cidadania. Há quem pense que a escrita pode contribuir para a destruição da riqueza em sinais; mas a escrita, por si só, não é necessariamente um fator contrário. Pode-se pensar na escrita como a busca por raízes culturais associada a formas de arte, como teatro e vídeo.

Além da escrita, outras formas de documentação, como o teatro, a poesia sinalizada, vídeos e filmagens, são fundamentais como registro das formas lingüísticas que vão se perdendo ou se transformando. Para uma escola de surdos manter o leque de possibilidades artísticas e expressões da língua de sinais, os registros visuais são indispensáveis na criação de bibliotecas visuais e podem contribuir para uma escrita posterior, com traduções apropriadas. Infelizmente, formas visuais e teatrais não têm sido muito usadas, menos ainda a escrita.

A experiência de traduzir *Cinderela surda* e *Rapunzel surda*

O livro *Cinderela surda* foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com a escrita da língua de sinais (*sign writing*)³ e com o texto em português, focalizando a cultura e identidade surda.

No conto observamos inicialmente a contextualização do aprendizado da língua de sinais por Cinderela e pelo príncipe. Ambos são surdos e aprendem em diferentes locais a usar a língua de sinais. Com a madrasta e as irmãs a comunicação é difícil, mas a fada obviamente sabe língua de sinais.

No texto encontramos a negociação de que *Cinderela surda* apresentaria a luva rosa em substituição ao sapatinho

³ Maiores informações sobre a escrita da língua de sinais, consultar o *site* <http://www.signwriting.org>

de cristal, pois as mãos que sinalizam estão em destaque na linguagem visual. Outros elementos adaptados no reconto da história substituíram, por exemplo, o sino pelo relógio de parede, visualmente importante, além da inserção de personagens surdos ao enredo da história – Cinderela, o príncipe e a fada são personagens surdos e usuários da língua de sinais.

Rapunzel surda foi o segundo livro de literatura infantil que produzimos. O texto faz uma releitura da clássica história de Rapunzel. O objetivo foi recontar a história a partir da cultura surda – a exemplo do que foi feito no livro anterior, *Cinderela surda*. Assim, o livro *Rapunzel surda* foi reconstruído a partir de pesquisa que considera a experiência visual do surdo, incluindo desenhos que tentam reproduzir expressões faciais e corporais e, além disso, com o texto traduzido para o português e registrado na escrita da língua de sinais (*sign writing*). Utilizamos a escrita dos sinais para que textos dos clássicos da literatura sejam também lidos pela comunidade de surdos, com o objetivo de divulgar e ampliar materiais produzidos nessa língua.

Rapunzel surda mostra as formas de comunicação entre surdos e ouvintes e também a variedade dialetal e lingüística presente na língua de sinais. Para isso, surge inicialmente o contexto da infância de Rapunzel, que vivia na torre e só tinha contato com a bruxa, havendo entre elas uma forma de comunicação através do uso de sinais caseiros. Quando Rapunzel torna-se jovem, aparece o príncipe que, sendo usuário da língua de sinais numa comunidade de surdos, apresenta uma forma diferente de se produzir sinais. Fica, assim, evidente a variedade lingüística e cultural na forma de produzir sinais entre os surdos.

Conclusão

No presente artigo abordamos a aquisição da linguagem por crianças surdas, a leitura e a escrita, com ênfase nas concepções e práticas existentes nas escolas. Apresentamos a concepção tradicional, que determina um ensino baseado

em regras e com atenção especial ao ensino do vocabulário da língua portuguesa; e a concepção funcional que se baseia na língua em funcionamento, que determina um ensino voltado para os usos da língua.

A pesquisa sobre as histórias narradas por surdos pretende servir de apoio à comunidade surda, pois pode proporcionar, principalmente às escolas, um material baseado na cultura das pessoas surdas, escrito em português e em *sign writing* (escrita da língua de sinais).

O trabalho de registro de histórias contadas por surdos apresenta toda a complexidade exposta anteriormente. É o primeiro passo, porém, registra a ficção e o imaginário da comunidade surda envolvendo os próprios surdos e tradutores no registro das histórias em sinais.

O trabalho de registro e escrita tanto na língua portuguesa quanto na escrita dos sinais (SW) está ligado, assim, ao de educação, que é muito mais amplo – pois este envolve o preparo para a vida na sociedade brasileira, além da reafirmação da cultura surda. A escrita, desse modo, aparece como afirmação cultural e da diferença.

Em *Cinderela surda* e *Rapunzel surda*, as narrativas e as representações da cultura surda, caracterizada pela experiência visual, são corporificadas em livros para crianças de um modo singular, nos quais o enredo, a trama, a linguagem utilizada, os elementos visuais, os desenhos e a escrita dos sinais (*sign writing*) evidenciam o caminho da auto-representação do grupo de surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem.

Enfim, os desafios à educação de surdos podem estar ligados à pesquisa e à divulgação de histórias presentes na comunidade surda, ao uso da língua de sinais e ao registro dessas histórias tanto na escrita dos sinais quanto na língua

portuguesa. Práticas de leitura, escrita e tradução podem se tornar o foco do ensino de línguas, na educação de surdos.

Bibliografia

ALVES, Antônio C. C.; KARNOPP, Lodenir B. O surdo como contador de histórias. In: LODI et al. *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 71-75.

AZEVEDO, R. *O livro das palavras*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1993.

BAKER, C.; PADDEN, C. *American sign language: a look at its history, structure and community*. Silver Spring: T.J. Publishers, Inc., 1978.

BISOL, Cláudia. *Tibi e Joca - uma história de dois mundos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

BOSMANS, P. *Os cinco sentidos: os sentidos explicados para crianças de 5 a 9 anos*. Blumenau: EKO, 1997.

CARR, S. *A letretria do Dr Alfa Beto*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1988.

CLARK, R.; IVANIC, R. *The politics of writing*. London and New York: Routledge, 1997.

COSTA, Marisa V. *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Cinderela*. Trad. Verônica S. Kühle. Ilustr. Bebel Braga. Porto Alegre: Kuarup, 1985.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, L. B. *Cinderela surda*. Canoas: Ulbra, 2003.

KARNOPP, L. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão na língua brasileira de sinais (libras): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Dissertação (Mestrado) - PUC, Porto Alegre, 1994.

_____. *Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Tese (Doutorado) - PUC, 1999.

_____. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI et al. *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 56-61.

LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. *A journey into the Deaf World*. California: DawnSingPress, 1996.

LIMA, E. *Agente e as outras gentes*. São Paulo: Scipione, 1995.

MARENTETTE, Paula F. *It's in her hands: a case study of the emergence of phonology in American Sign Language*. *PHD Dissertation*, Montreal: McGill University, Department of Psychology, 1995.

McINTIRE, M. The acquisition of american sign language hand configurations. *Sign Language Studies* 16, p. 247-66, 1977.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Unesp, 2002.

PEREIRA, Maria Cristina. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI et al. *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 47-55.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira – estudos lingüísticos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir; ALANO, Maristela. *Patinho surdo*. Canoas: Ulbra, no prelo.

SILVEIRA, Carolina H.; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir B. *Literatura surda*. Trabalho apresentado no II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais. Florianópolis, 8 a 1º abr. 2003.

_____. *Rapunzel surda*. Canoas: Ulbra, 2003. p. 36.

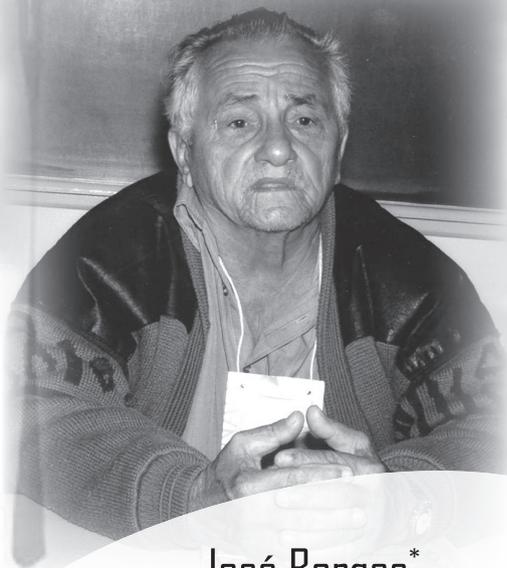
SILVEIRA, Rosa H. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, M. (Org.). *Estudos culturais em educação*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

SUHR, M.; GORDON, M. *Audição*. São Paulo: Scipione, 1998.

SVARTHOLM, K. La educación bilingüe de los sordos: principios básicos. In: Instituto Nacional para Sordos, *El bilingüismo de los sordos*. Dez 1997, p. 29-36.

TRABBOLD, P. *Dor de dente real*. São Paulo: Loyola, 1993.

ZELONKY, J. *Nem sempre posso ouvir vocês*. São Paulo: Ática, 1988.



José Borges*

Fui convidado pela organização da 11^a Jornada Nacional de Literatura e, até o momento deste escrito, procurei trazer o possível no que está em meu alcance. Primeiro fiz uma palestra na lona amarela; depois fui convidado a dar um curso de xilogravura, onde me deparei com uma equipe de professores e alunos que me deixou encantado pela maneira como me aceitaram, sendo deles um instrutor que fez o máximo para que todos, pelo menos, pegassem a prática do desenho na madeira, do corte do desenho e também da impressão feita com poucos recursos de ambiente e ferramentas adequadas. Mas o que importou foi a compreensão de todos para comigo e vice-versa.

Durante toda a minha estada em Passo Fundo, eu me senti muito bem cuidado por todos que fazem este evento tão importante

* Escritor de cordéis e xilogravurista.

para a cultura regional e brasileira. Em momento algum notei que houvesse alguma pessoa que fizesse algo desagradável para comigo e minha arte. Ao contrário, encontrei muita sensibilidade por parte dos passo-fundenses e visitantes de um modo geral.

O que mais me sensibilizou foi o interesse pelo meu trabalho e o desejo que todos tiveram de aprender algo comigo. Nos últimos dias foi realizada uma pequena mostra e venda de meus produtos, que foram aceitos por todos, e a prova disto é que poucas peças me restaram.

Estava muito longe de mim pensar nesse acolhimento que tive, não esperava ser como fui aceito em todos os sentidos. Centenas de fotos foram batidas, centenas de abraços e beijos estou levando na minha mala de recordação deste evento, e muitas pessoas disseram para mim que gostaram muito do meu modo de ser simples, e isto é o que eu mais capricho para ser cada vez mais simples, porque até hoje esta fama mundial ainda não me fez ser orgulhoso para as pessoas que me procuram e gostam do que eu faço como poeta e xilógrafo popular. Por isso eu vou embora com muito prazer de ter vindo a um evento que só me fez feliz e devo colocar como um grande destaque em meu *curriculum* de viagem e apresentação de meu trabalho.

No momento de escrever este texto não lembrei de nada que me agravou durante os dias que passei aqui e isto fez com que eu ficasse mais satisfeito por ter vindo à boa terrinha do meu ídolo saudoso Teixeira.

Aqui me despeço com muita saudade de todos e de tudo que ocorreu durante o pequeno período em que fiquei em Passo Fundo.

Lamento não ter estudado para redigir um texto melhor.

Dou adeus a Passo Fundo
e levo recordação
dou adeus ao grande evento
de grande repercussão
se convidado voltarei
com muita satisfação.

Ilustração do livro infantil através da pintura

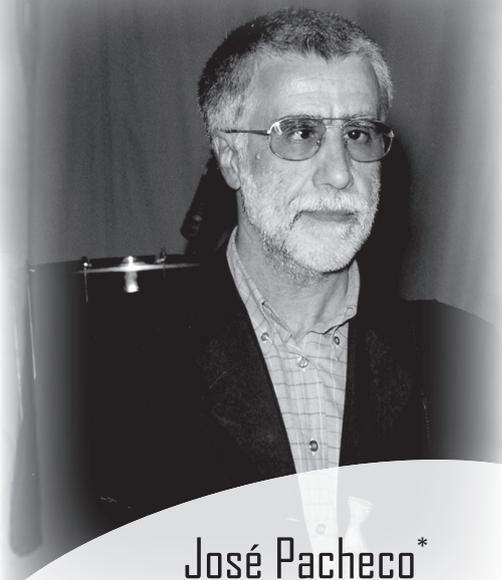


Maria Tomaselli*

Realização do livro *Diferente é divertido*, com multitécnicas. Uso do desenho, da pintura e da fotografia para elaborar as ilustrações (*scanner*, *photoshop* e correção direta no *photoshop*); internet, *messenger*, grupo de discussão e *skype* para elaborar *online* o tema do livro e os textos. Realização de reuniões mensais na Universidade de Passo Fundo, onde era feita também a diagramação (programa *PageMaker*). Criação do *site* e realização de pequenas animações. O livro contém também um CD (em cinquenta exemplares) que mostra o *making of*.

* Artista plástica, Porto Alegre - RS.

A trajetória da Escola da Ponte



José Pacheco*

Há trinta anos, compreendemos que precisávamos mais de interrogações que de certezas. E definimos como objetivos: concretizar uma efectiva diversificação das aprendizagens tendo por referência uma política de direitos humanos que garantisse as mesmas oportunidades educacionais e de realização pessoal para todos; promover a autonomia e a solidariedade; intensificar a cooperação. Empreendemos um caminho feito de alguns pequenos êxitos e de muitos erros, dos quais colhemos (e continuaremos a colher) ensinamentos. As respostas a algumas interrogações deram origem a profundas mudanças, tendo sido instituída uma outra organização da escola e alterado o modo de reflectir as práticas. Hoje, a Escola da Ponte é um lugar onde con-

* Especialista em música, leitura e escrita. Coordena a Escola da Ponte – Portugal.

vergem processos de mudança desejada e reflectida, um lugar onde convergem processos e conscientemente se transgride, para libertar a escola de atavismos, para repensá-la. Tentarei fazer a síntese de quase três décadas de tentativas de fazer das crianças pessoas mais sábias e mais felizes.

Conteúdo programático

Organizar a escola para a diversidade.

A grayscale photograph of a hand holding a glass dropper. A single drop of liquid is suspended in mid-air, about to fall into a glass of water below. The background is a plain, light-colored surface.

Parte IV

Encerramento

Tania Rösing*

A emoção é muito maior nesse momento em que finalizamos a 11ª Jornada Nacional de Literatura. Não precisamos dizer nada do que aconteceu porque, sem dúvida, tivemos as maiores e melhores emoções. Nós queremos agradecer a toda a Comissão Organizadora, Comissão Executiva, interinstitucional, a todos os meus colegas de trabalho, que realmente trabalharam muito para que chegássemos a esse momento. Foram todos mais do que amigos.

Num ano muito difícil, conseguimos patrocinadores e apoiadores que acreditaram na idéia e viabilizaram todo este espetáculo. O nosso aplauso a eles, patrocinadores e apoiadores. Agradecemos a todos os escritores, pesquisadores, artistas, que vieram a Passo Fundo. E queremos agradecer ao grupo de teatro Viramundos, que teve a idéia de fazer tão bonito espetáculo homenageando Cervantes, Andersen e Erico Verissimo.

À Reitoria da Universidade de Passo Fundo, à Prefeitura Municipal, o nosso agradecimento, por vocês terem acreditado, mais uma vez. Até 2007.

* Coordenadora geral das Jornadas Literárias.



Pe. Elydo Alcides Guareschi, sec. mun. de Educação; Tania Cogo, sec. da Setur; Regina Zilberman; senador Pedro Simon; Tania Rösing; Danilo dos Santos Miranda, Sesc - SP; Rui Getúlio Soares, reitor UPF; Antonio Hohlfeldt, vice-governador; Airton Langaro Dipp, prefeito municipal; Renata Cerutti, Sinpro/RS

Rui Getúlio Soares*

Autoridades referidas pelo protocolo, excelentíssimo senhor Dr. Antonio Hohlfeldt, vice-governador do estado do Rio Grande do Sul; excelentíssimo senhor Pedro Simon, senador da República que, mais uma vez, prestigia as Jornadas Literárias de Passo Fundo; Exmo Sr. prefeito municipal, Airton Langaro Dipp, parceiro da Universidade de Passo Fundo nesse evento extraordinário da cultura nacional; distintos familiares de Erico Verissimo, um dos homenageados desta 11ª Jornada Nacional de Literatura, representados pelo escritor Luis Fernando Verissimo, sua esposa Lúcia Verissimo e seus filhos Mariana, também escritora, Pedro e Fernanda; digníssimo senhor Danilo dos Santos Miranda, coordenador do Sesc/São Paulo, cujas ações nas áreas educacional e cultural têm servido de exemplo a todo o Brasil por suas importantes conquistas; senhores escritores, senhores pesquisadores, senhores artistas que abrilhantaram esta décima primeira edição das Jornadas Literárias; amigos leitores que acolheram o convite da Universidade de Passo Fundo e da Prefeitura Municipal para participarem dos debates sobre “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças”, senhores

* Reitor da Universidade de Passo Fundo.

e senhoras integrantes das comissões organizadora e executiva, que, de forma incansável, criativa, inovadora, interdisciplinar, organizaram esta festa literária no âmbito do Circo da Cultura e no complexo de lonas que o mesmo abrange; funcionários das diferentes frentes de trabalho que garantiram o funcionamento da infra-estrutura para a realização desta movimentação cultural, jornalistas, livreiros, editores, imprensa em geral tão comprometida com a divulgação deste evento desde o período de preparação, durante a realização da 11ª Jornada e de seus resultados.

Durante quatro dias e uma noite inesquecíveis, construímos mais uma etapa na história das Jornadas Literárias promovidas pela Universidade de Passo Fundo e pela Prefeitura Municipal. Estamos todos muito felizes, embora o cansaço começa a marcar as fisionomias de alguns.

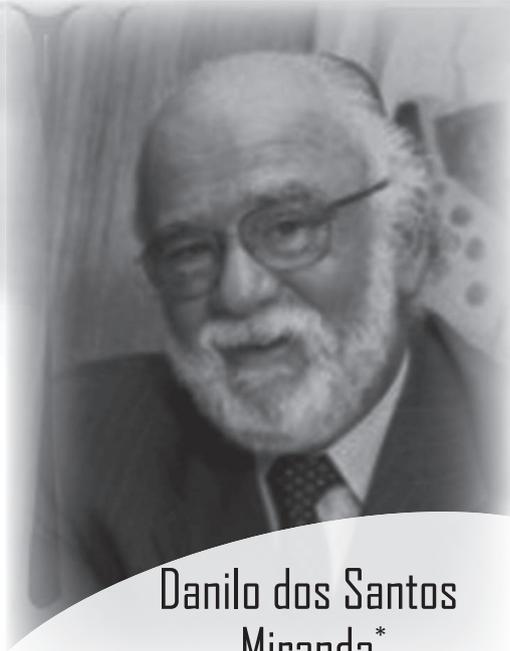
Agradecemos a participação de todos os senhores e senhoras. Agradecemos a confiança que depositaram na qualidade da extensa programação que constituiu a 11ª Jornada Nacional de Literatura. Todos puderam perceber e vivenciar a diferença entre um evento e uma movimentação cultural com desdobramentos significativos nas escolas, nas universidades, entre professores e alunos; nas publicações da UPF Editora, resultantes de pesquisas nas mais diferentes áreas do conhecimento, ligadas aos objetivos das Jornadas Literárias, que se realizam plenamente há 24 anos; na apreciação das exposições que compuseram o grande painel da variedade de linguagens na expressão do cotidiano, no resgate de histórias importantes de personalidades até há pouco tempo esquecidas pela comunidade; na abrangência dos participantes pertencentes a diferentes faixas etárias.

Esperamos tê-los conosco em 2007, por ocasião da 12ª Jornada Nacional de Literatura. Retornem a suas cidades na certeza de que foram tocados pelos debates aqui desenvolvidos e estimulados a promover transformações em suas comunidades, na perspectiva de construir um país melhor para todos.

Estamos felizes. O momento é de agradecimento aos patrocinadores, aos apoiadores, que viabilizaram financeiramente a realização de mais uma edição das Jornadas. Desejamos contar com todos os senhores em 2007. Estamos construindo uma história diferente juntos.

Agradecemos aos escritores, aos pesquisadores, aos artistas que acolheram o nosso convite para ampliar o brilho desta Jornada, vindos de diferentes países e de distintas regiões brasileiras. Agradecemos ao governo federal e ao governo estadual, através das Leis de Incentivo à Cultura estadual e federal. Também, e especialmente, nosso agradecimento à Comissão Organizadora e à Comissão Executiva. Continuem com esse fôlego, com esta garra no processo de formação de leitores. Continuaremos apoiando todos os passos desta trajetória exitosa. O trabalho de todos os senhores é referência nacional e internacional. A trajetória ininterrupta de 24 anos dedicados à organização das Jornadas Literárias e seus desdobramentos é a prova desse esforço.

Suas honrosas presenças e singulares participações nos diferentes segmentos propostos foram muito significativas. Uma boa viagem de retorno. Voltem sempre.



Danilo dos Santos Miranda*

É com muita alegria que eu participo nesse momento dessa solenidade de encerramento da Jornada. Gostaria de dizer, em primeiro lugar, que é uma satisfação enorme, um privilégio para qualquer brasileiro, para qualquer pessoa interessada no desenvolvimento da cultura, na valorização da cultura, da leitura, estar presente aqui, testemunhando esta festa, este amplo debate que se faz aqui, cercado de autoridades importantes, mas também de artistas, criadores, executores de políticas públicas e, sobretudo, de muita, muita gente interessada no livro e interessada na criação literária.

Eu gostaria de dizer, no meu ponto de vista pessoal e institucional, que, como diretor do Sesc no estado de São Paulo e diretor de um dos Sesc do Brasil e junto com o Sesc nacional,

* Diretor do Sesc São Paulo.

o Sesc aqui do Rio Grande do Sul, e todos os demais Sesc do Brasil, temos também muito orgulho de estar juntos com vocês neste momento, desenvolvendo um trabalho que seja cada vez mais difundido, importante, levando o livro, levando o conhecimento, levando a informação para o maior número possível de pessoas. Portanto, essa é uma proposta de política cultural, absolutamente significativa, importante e necessária para todo o país.

Nesse sentido, eu gostaria de dizer que o meu ponto de vista aqui não é de um escritor, nem propriamente de um criador, ou artista, porque eu não sou, mas é de alguém que lida com a administração da cultura, com a administração de processos culturais, que vê como única saída real para o nosso país a educação e a cultura. Sem isso nós não temos saída. E gostaria, mais uma vez, de enfatizar isso não como uma política nossa, da nossa instituição, mas como algo que está cada vez mais embrenhado, cada vez mais presente junto a todas as pessoas, junto a todos os políticos, aqueles que têm responsabilidades, como os nossos políticos que estão aqui presentes. Eu fico muito honrado e agradeço, mais uma vez, o convite da Tania, que é uma pessoa batalhadora, é uma pessoa absolutamente ímpar no país, que faz o mais importante projeto de difusão da leitura no país. Acho isso muito significativo e gostaria de dizer a vocês da minha satisfação e dizer que no ano que vem, nos outros anos, aliás, como fala o nosso querido Ignácio de Loyola Brandão, nos próximos cem anos, nós estaremos aqui também. Viva Passo Fundo, viva o Brasil.

Airton Langaro Dipp*

Quando finalizamos esta Jornada, cabe à Prefeitura Municipal, em nome da comunidade de Passo Fundo, agradecer a todos aqueles que participaram ativamente e que viabilizaram a Jornada como o maior evento nacional de literatura. Às nossas crianças, aos nossos jovens, aos nossos professores, escritores, artistas, instituições que patrocinaram este evento e, em especial, à professora Tania Rösing e sua equipe de trabalho, que, com muita competência e dedicação, fizeram com que Passo Fundo possa ter um evento tão grandioso. Professora Tania, reitor Rui, no sesquicentenário do município nós teremos um grande desafio, o desafio de realizar uma Jornada ainda muito mais punjante que esta, o que é quase impossível, mas a Prefeitura Municipal estará ao lado da universidade na busca da viabilização desse grande evento. A todos o nosso muito obrigado.

* Prefeito de Passo Fundo.

Pedro Simon*

Os senhores não calculam o que é a emoção de participar de uma reunião como esta. Passo Fundo está dando um exemplo para o Rio Grande, para o Brasil, para o mundo. Não é fácil reunir milhares, crianças, brancos e pretos, ricos e pobres, homens e mulheres, numa participação de um evento que traz a cultura, educação, a leitura e que traz a formação da nossa gente e do nosso povo. Essa mulher, a senhora Tania, é uma mulher fantástica. Que bom se cada município do Rio Grande do Sul tivesse uma Tania. Meu querido prefeito, meu querido vice-governador, meu bravo reitor, os senhores aqui estão fazendo história. Um dia virá em que o Brasil não será conhecido pelos seus escândalos, o Brasil não será conhecido pelas tremendas injustiças sociais, entre os que ganham pouco e os que ganham muito. O Brasil será um povo sem milhões de analfabetos, mas com milhões de brasileiros com os direitos civis de ler, de escrever, de trabalhar, de comer, de beber e ter uma vida digna. Quando isso acontecer, lá diante vão olhar para trás e dizer, isso tudo começou lá em Passo Fundo, quando um povo se adiantou e teve à frente a visão. Meu abraço, meus irmãos, a vocês, ao nosso Erico e ao seu filho tão extraordinário, que é o Luis Fernando Verissimo.

* Senador da República.

Antonio Hohlfeldt*

Eu quero saudar primeiramente o prefeito Dipp, que nos recebe, o reitor da Universidade de Passo Fundo, a professora Tania Rösing, como coordenadora destas Jornadas e a toda a sua equipe. Uma saudação especial ao senador Pedro Simon, aos secretários municipais, ao Luis Fernando Verissimo e sua família, e através do Luis Fernando a todo o conjunto de escritores que aqui ocorreu. Permitam-me mencionar muito especialmente o Ignácio de Loyola Brandão, que há muitos anos eu não encontrava, o Marcus Accioly, extraordinário poeta nordestino, a Laura e o Cícero Sandroni e todos os demais que aqui estão. Saudar também aos companheiros do Sesc, enfim, a todas as pessoas que aqui estão conosco hoje. Em primeiro lugar, eu quero transmitir a todos, mas especialmente à Tania, o abraço do governador Germano Rigotto, que aqui esteve na abertura deste evento e, impossibilitado de repeti-lo agora no seu encerramento, pediu-me que aqui estivesse. Sinto-me especialmente honrado por dois motivos: pela homenagem ao Erico e porque, em sendo eventualmente vice-governador, sou, antes de tudo, um homem vinculado à literatura como professor e fiquei pensando que é curioso o que nós esta-

* Vice-governador do Rio Grande do Sul.

mos vivendo aqui em Passo Fundo, não hoje, não nessa semana, mas desde a primeira Jornada. O ato de criação literária é um ato absolutamente solitário, é um ato subjetivo, é um ato em que a gente se fecha como um caramujo, ainda que tenhamos tido contatos com o externo. Nós criamos fechados em nós mesmos, mas o produto disso, que é a obra literária, é capaz de provocar exatamente rituais coletivos tão fantásticos e maravilhosos como este a que nós estamos assistindo aqui hoje. Esse mistério da literatura enquanto processo é uma coisa que tem que ser celebrada, permanentemente, dia-a-dia. Quando nós escrevemos, nós não temos a mínima idéia para quem escrevemos; quando produzimos um texto, não temos a mínima idéia do resultado que este texto pode provocar, de bom, de ruim, de paixão, de ódio, de emoção, de identificação. Mas, certamente, o texto literário, a obra literária, tem aquela função apontada pelo Erico Verissimo, lá no seu *Solo de clarineta*: é a pequena luz, é o pequeno lampião, mas, se for preciso, é o pequeno fósforo que sucessivamente nós vamos acendendo para compreendermos a realidade brasileira. Sobretudo num momento de crise como este, é fundamental que estejamos aqui irmanados nesse ritual, recuperando a dignidade, a ética, mas, sobretudo, a crença no futuro. Ler é fundamental, mas pensar, ainda é mais importante. Juntas, essas duas ações, elas dão a dignidade à humanidade.



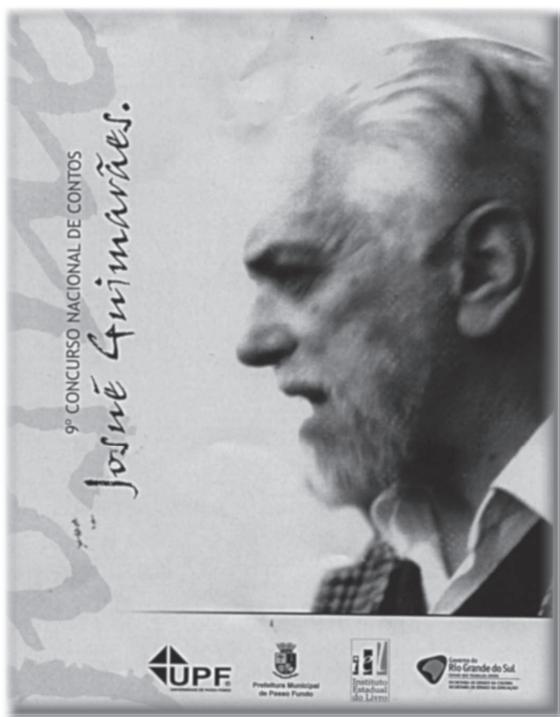
Regina Zilberman*

Na qualidade de diretora do Instituto Estadual do Livro, cabe-me divulgar e entregar os diplomas e também o prêmio aos vencedores do 9º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães. Este concurso foi criado para homenagear o Josué Guimarães, que foi um dos estimuladores desta Jornada no seu início. É claro que a nossa Jornada dependeu sempre da energia da Tania, mas ela é realmente grata ao Josué e o homenageou através da criação desse concurso, destinado a premiar sobretudo novos candidatos a escritores, aqueles que futuramente estarão aqui neste palco da Jornada de Literatura.

O concurso foi lançado no início do ano e houve uma ampla divulgação, havendo um

* Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutora em Romanística pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha. É professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde leciona Teoria da Literatura e Literatura Brasileira. Dirige, atualmente, o Instituto Estadual do Livro, instituição ligada à Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, atividade que já havia empreendido entre 1987 e 1991.

número recorde de inscritos, mais de oitocentos. O segundo lugar foi conferido ao escritor Marcelo Pasqualotto Canellas, que reside em Brasília atualmente, mas é natural da cidade de Passo Fundo, com os contos “Sem rival”, “A rainha das selvas” e “A moça de papelão”. Eu creio que a família está aqui presente e possa subir ao palco. Marcelo Pasqualotto Canellas, além de escritor, é também jornalista, fazendo cobertura da Globo. O primeiro lugar foi conferido ao escritor João Paulo Vaz, do Rio de Janeiro, que não pôde comparecer, por obrigações de trabalho, mas receberá o seu prêmio. Seus contos foram “Alice entre as ferragens”, “Ciclovia” e “Chuva da tarde”. Aproveito para anunciar que o Instituto Estadual do Livro, com a cooperação da Universidade de Passo Fundo, vai providenciar na publicação desses contos premiados, assim como dos contos premiados em 2001 e 2003, fazendo uma antologia do 7º, 8º e 9º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães.



Homenagem a Erico Verissimo



Erico Verissimo

Erico Lopes Verissimo nasceu em Cruz Alta (RS) no dia 17 de dezembro de 1905, filho de Sebastião Verissimo da Fonseca e Abegahy Lopes Verissimo. Em 1909, com menos de quatro anos, vítima de meningite, agravada por uma broncopneumonia, quase veio a falecer. Salvou-se graças à interferência de Olinto de Oliveira, renomado pediatra, que deslocou-se de Porto Alegre especialmente para cuidar de seu problema. Iniciou seus estudos em 1912, freqüentando, simultaneamente, o Colégio Elementar Venâncio Aires, daquela cidade, e a Aula Mista Particular, da professora Margarida Pardelhas. Nas horas vagas ia ao cinema Biógrafo Ideal ou via passar o tempo na Farmácia Brasileira, de seu pai. Aos 13 anos, leu autores nacionais – Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo, Afrânio Peixoto e Afonso Arinos. Como tempo livre, tendo em vista o recesso escolar devido à gripe espanhola, dedicou-se também aos autores estrangeiros, lendo Walter Scott, Tolstói, Eça de Queirós, Émile Zola e Dostoiévski. Em 1920, passou a estudar, em regime de internato no Colégio Cruzeiro do Sul, de orientação protestante, localizado no bairro de Teresópolis, em Porto Alegre. Teve bom desempenho nas aulas de literatura, inglês, francês e no estudo da Bíblia. Em 1931 casou-se, em Cruz Alta, com Mafalda Halfen Volpe. Lançou sua primeira tradução, *O sineiro*, de Edgar Wallace, pela Seção Editora da Livraria do Globo. No mesmo ano traduziu desse escritor *O círculo vermelho* e *A porta das sete chaves*. Colaborou na página dominical dos jornais *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*. Em 1932, foi promovido a diretor da *Revista do Globo*.

Família Verissimo recebe homenagem no encerramento da 11ª Jornada

A 11ª Jornada Nacional de Literatura também prestou homenagens pelo centenário de Erico Verissimo de todas as maneiras, seja pela música composta especialmente para o evento, seja pela adaptação do livro *Fantoches* em peça teatral pelo Viramundos; seja pela colocação da caricatura de Erico no painel feito por Paulo Caruso com todos os principais escritores que já passaram pela Jornada, seja, enfim, pelo boneco gigante do Capitão Rodrigo, personagem de *O tempo e o vento*, obra-prima do autor.

Para agradecer a toda essa sensibilidade, a família Verissimo esteve na noite de encerramento da Jornada para receber a homenagem das mãos da coordenadora das Jornadas Literárias.

O filho ilustre de Erico, Luis Fernando Verissimo, afirma que a homenagem concedida pela Jornada é a mais importante de todas, porque Passo Fundo é uma festa dos livros. Para Luis Fernando, a reedição dos livros de seu pai pela Cia das Letras é o fato mais importante da comemoração do centenário do escritor. Ele ressalta que *Fantoches*, a peça adaptada para ser apresentada ao público adolescente, foi o primeiro livro que seu pai escreveu, na década de 1930.

Luis Fernando Verissimo

Eu, hoje de manhã, naquela homenagem que foi feita aqui, disse para a Tania que o centenário do pai está sendo comemorado em vários lugares do Brasil e do mundo. Nós tínhamos acabado de voltar de Brasília, onde o pai foi homenageado no Senado Federal, por iniciativa do senador Pedro Simon, e que lá foi uma solenidade muito emocionante, porque estava sendo homenageado o cidadão, o cidadão consciente e democrata que foi meu pai. Mas neste momento com o auditório cheio de colegiais e crianças principalmente, nesta festa, honesta, que é uma festa do riso, da literatura, dos escritores, tem outro significado também bastante emocionante. Então, tem sido uma maratona de emoções para nós da família de Erico Verissimo, e eu acho que chega numa espécie de apogeu esta noite. Muito obrigado a todos por essa homenagem.



Lucia Verissimo, Luis Fernando Verissimo, Maria e Fernanda Verissimo



A hand holding a pen with a drop of ink falling into a glass of water. The background is a blurred image of a person writing on a document.

Parte V

Registro Fotográfico

Pré-Jornada



Pré-Jornada: evento com professores da rede municipal de Passo Fundo - Teatro Múcio de Castro



Dalva Bisognin - coordenadora das Pré-Jornadas - Concórdia - SC



Pré-Jornada Colégio Americano - Porto Alegre - RS



Apresentação da peça *Fantoches* – Praça da Mãe

Festerê Literário



Grupo de danças do Creati



“Na dança da vida” – Shopping Bella Città



Grupo Viramundos – Shopping Bella Città



Coral do Creati – Bourbon Shopping



Projeto Guri – Praça da Mãe



Alunos do Colégio Conceição – Bourbon Shopping

Abertura



Bonecos gigantes representando Dom Quixote, Soldadinho de chumbo e Capitão Rodrigo



Performance de abertura



Performance de abertura



Performance de abertura

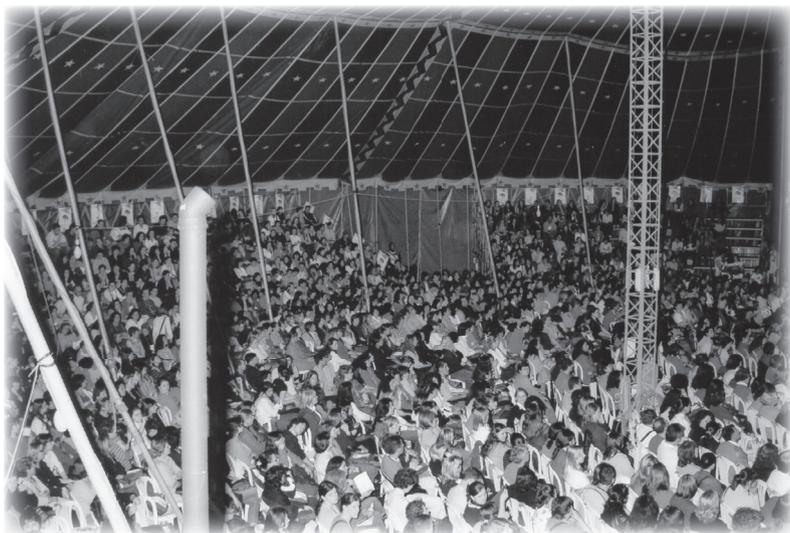


Rui Getúlio Soares - reitor; Germano Rigotto - governador do estado; Airtón Langaro Dipp - prefeito municipal; Francisco Turra - deputado federal; Elieser Pacheco - representante do ministro da Educação



Germano Rigotto - governador do estado; Rui Getúlio Soares - reitor da Universidade de Passo Fundo; Iradir Pietrosky - presidente da Assembleia Legislativa; Maria do Rosário - deputada estadual; Francisco Turra - deputado federal; Valdir Mendes - presidente da Câmara de Vereadores; Antonio Carlos de Lima - presidente da Fundação UPF; Roque Jacoby - secretário estadual da Cultura; Ivan Junqueira - presidente da ABL; Valdir João Reis Cerutti - comando do CRPO-Produção; Beto Albuquerque - deputado federal

Público



Interior do Circo da Cultura



Acesso ao Circo da Cultura

Conversas paralelas



Tassadit Yacine – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas



Frei Betto – Faculdade de Ciências Econômicas,
Administrativas e Contábeis



Laura Sandroni – Centro de Eventos



José Pacheco – Faculdade de Direito



Frei Betto – Faculdade de Ciências Econômicas,
Administrativas e Contábeis

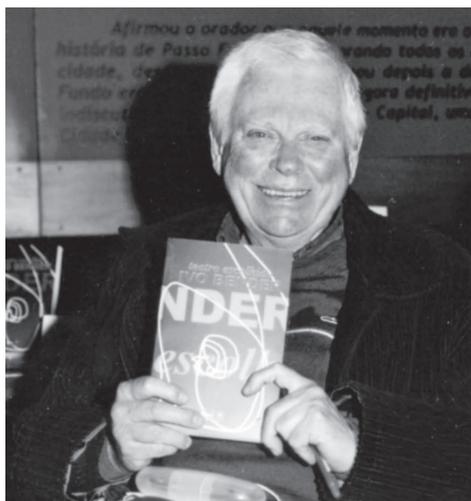


Oficina de música com o grupo *Sobre todas as cordas* –
Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis

Lançamentos de livros



Airton L. Dipp – prefeito, Alfredo Aquino – ilustrador do livro *Cartas*, de Ignácio de Loyola Brandão (Ed. Iluminuras), e Tania Rösing – coordenadora das Jornadas



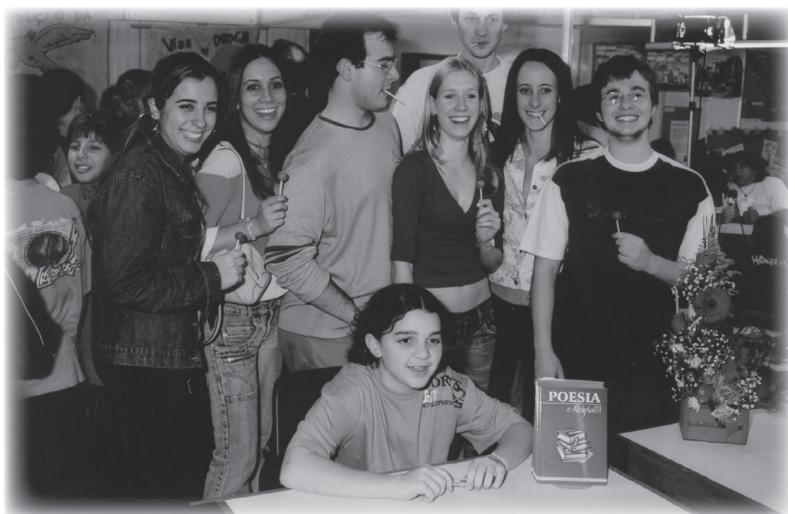
Ivo Bender, livro *Teatro escolhido* (Ed. da Universidade de Passo Fundo)



Antonio Hohlfeldt – *Erico Verissimo* (Ed. Moderna)



Lauro Shirmer – *Jaime Sirotski diplomata da comunicação*
(Ed. FAmecos – Programa de Pós-Graduação da PUCRS)



Marcos Dalvesco – *Poesia é alegria* (Gráfica Berthier)



Pietro Albuquerque – *Dias contados: o ciclo da vida começa aqui*
(Ed. da Universidade de Passo Fundo)



Senador Pedro Simon, professora Tania Rösing – *Anedotário* (Ed. da Universidade de Passo Fundo)



Tania M. K. Rösing, Andréia Laux Ternus – secretária municipal da Educação Morro Reuter; Carlos Moraes, Eládio Weschenfelder, Laís Fleury – Expedição Vaga Lume

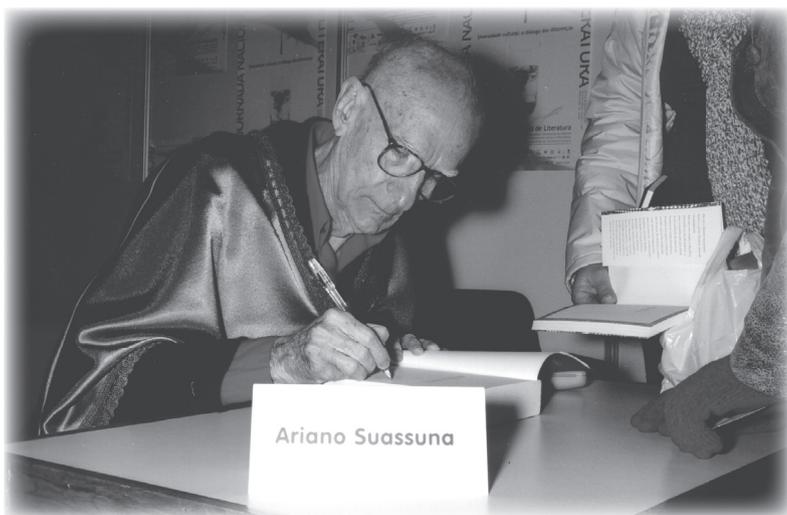


Lutero Martins – *Vazulmiro Dutra: a história de um caudilho*
(Ed. da Universidade de Passo Fundo)



Selma Costamilan – *César Santos: fragmentos da trajetória de um pioneiro*
(Ed. da Universidade de Passo Fundo)

Sessões de autógrafos



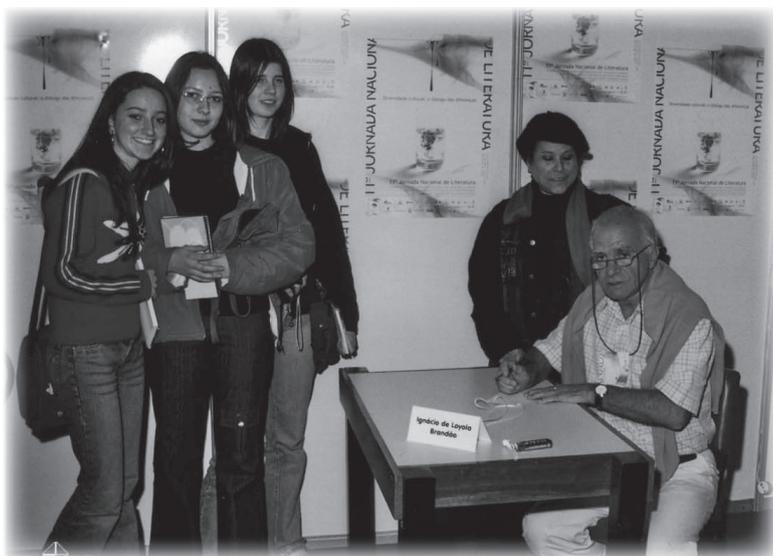
Ariano Suassuna



Werner Schunemann



Jostein Gaarder



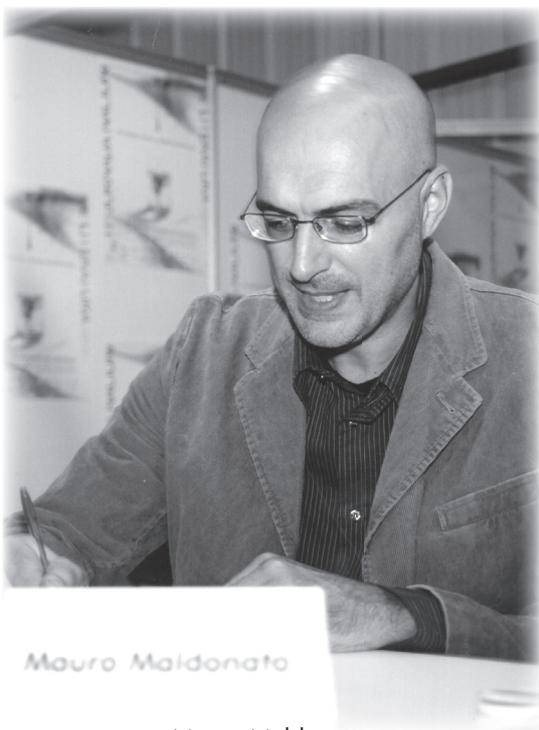
Ignácio de Loyola Brandão



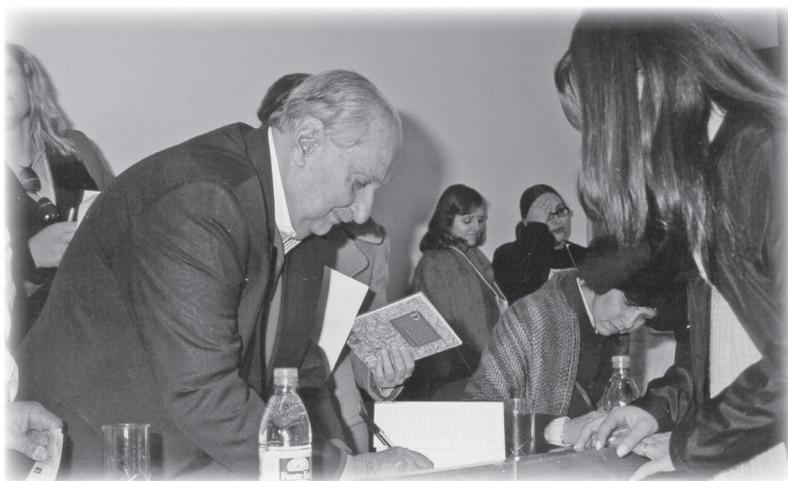
Luis Fernando Verissimo



Alcione Araújo



Mauro Maldonato



Carlos Heitor Cony



Leonardo Boff



Nelson Bacic



Alberto da Costa e Silva



Eládio Vilmar Weschenfelder



Alfredo Aquino – ilustrador do livro *Cartas* (Ed. Iluminuras)



Miguel Rettenmaier



Márcia Helena Saldanha Barbosa



Maria Lucina Bueno

Apresentações artísticas



Grupo de Percussão da Faculdade de Artes e Comunicação da UPF



Participantes da caravana de Mato Grosso



Núcleo Suzuki da Universidade de Passo Fundo (Violino)



Grupo Viramundos/UPF – *Timbre de galo*



Antonio Nóbrega - O lunário perpétuo



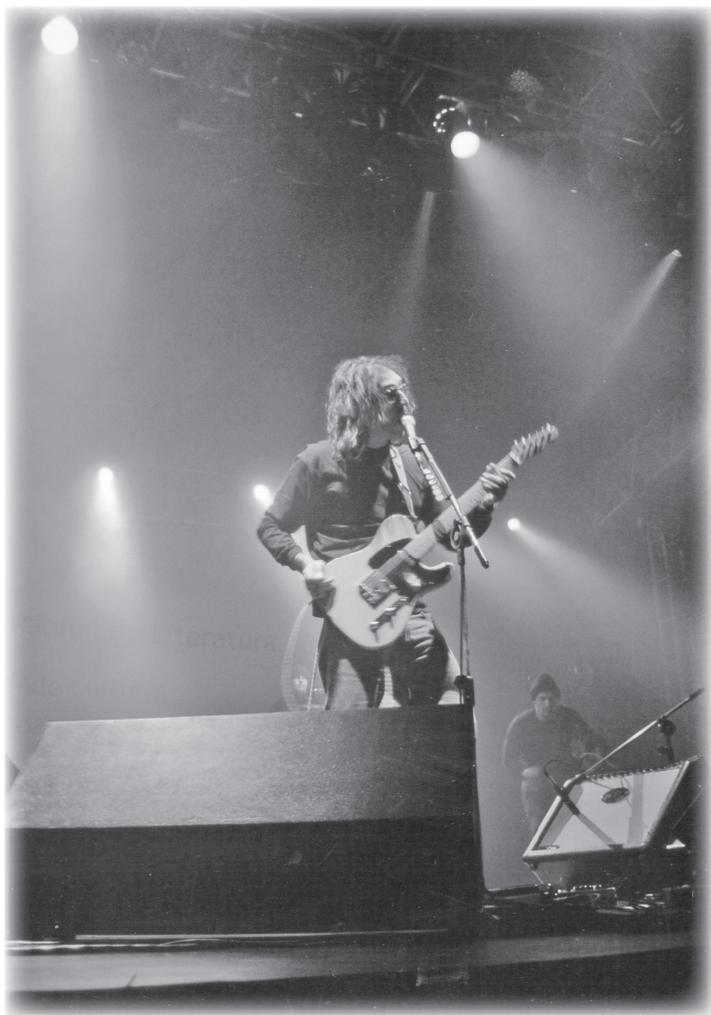
Bando Andarengo - CIOFF/RS



Arthur Moreira Lima - Um piano na estrada



Sobre todas as cordas - SP



João Luiz Woerdenbag Filho (Lobão)

Diversidade cultural



José Orihuela – “O homem do serrote”



José Borges – xilogravurista



José Costa – “Zé das Folhas” – Execução de músicas com folhas



Estátua de gesso – viva



Abel Santos – Tania Domingos do Nascimento e
Alcides Ribeiro dos Santos – Viola de cocho



Índios caingangues e seu artesanato



Alice Haga (*Origami*), Cilene Maria Potrich



José A. Pinheiro Machado (*Anonymus Gourmet*)

Exposições



Erico Verissimo – Retratos da vida inteira



Maria Lucina Bueno – Artista homenageada 30 anos de arte



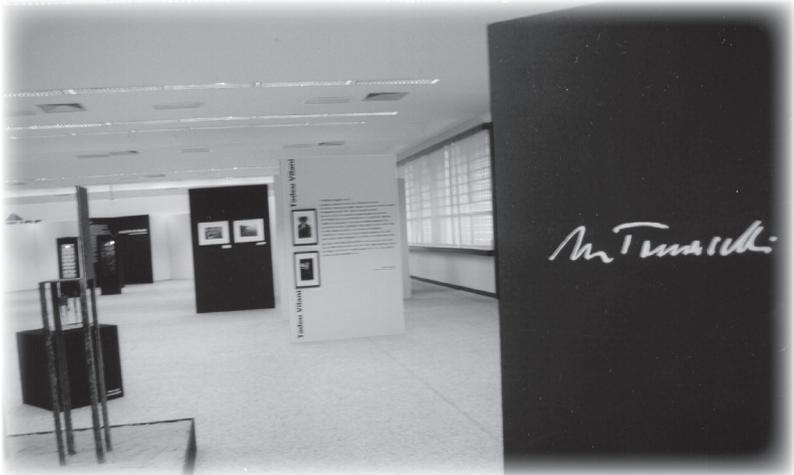
Vasco Prado – Dom Quixote



Tadeu Vilani – Fotografias poloneses, italianos e indígenas



Sérgio Buarque de Holanda – Intérprete do Brasil (releitura)



Maria Tomaselli – Histórias



Soldadinho de chumbo – Coleção de Norberto Dias Loch



Exposição Cesar Santos – A trajetória de um pioneiro



Abertura das exposições – MHR-MAVRS

Complexo do Circo da Cultura



Tomada geral do complexo



Praça de alimentação



Escadaria de acesso

Patrocinadores/Apoio









Feira do livro





Confraternização



Joaquim de Paula, Roger Mello, Regina Machado, Daniel Munduruku, Ricardo da Cunha Lima e Gabriel Costa



Roger Mello, Daniel Munduruku, Ricardo da Cunha Lima



Werner Schunemann, Lucia Araújo (gerente geral da TV Futura)
Tania Rösing (coordenadora das Jornadas) e Henrique Fonseca
(coordenador da UPFTV)



Laura Sandroni, Cícero Sandroni, Alberto da Costa e Silva



Eloy Martos Nuñez, Rosane Zimmermann, Tassadit Yacine, Tania M. K. Rösing (em pé), Mar Campos, José Maria, Antônio Yebra



Luiz Vilela, Ignácio de Loyola Brandão, Júlio Diniz e Alcione Araújo

A hand holding a pen with a drop of ink falling into a glass of water. The background is a blurred newspaper page with some text visible, including "30" and "For".

Parte VI

Registros
da imprensa

Um encontro entre leitor, autor e obra

Pré-Jornadas incentivam a leitura e antecedem encontros entre leitores e escritores

Um dos diferenciais da Jornada Nacional de Literatura é justamente ser uma manifestação cultural que integra leitor, autor e obra. E esse processo de integração inicia muito antes do evento, através das Pré-Jornadas de Literatura. Motivados por um grupo de professores integrantes da caravana das Pré-Jornadas, leitores dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo estão organizando grupos interdisciplinares de leitura antecipada das obras, cujos autores participam da 11ª Jornada e 3ª Jornada Nacional de Literatura, 4º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio, Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras e 1º Seminário Nacional de Jornalismo Cultural.

O processo acontece há 24 anos e atingiu, na última edição, em 2003, mais de 3 mil leitores diretamente e 132.874 indiretamente - número que se refere aos participantes de práticas leitoras incentivadas pelas Pré-Jornadas. "O maior mérito das Pré-Jornadas é a grande sensibilização à leitura que é feita



porque as pessoas participam das reuniões, organizam seus grupos de debate e realmente se motivam para a leitura", explica a coordenadora das Pré-Jornadas, professora Dalva Bisognin, que participa da movimentação desde a primeira edição e até hoje se emociona ao

falar da importância do ato de incentivo à leitura.

Para a professora de Língua Portuguesa de Palmitos/SC, Lenemar Fraporti, a presença da caravana das Pré-Jornadas em São Miguel do Oeste demonstrou a amplitude das Jornadas Literárias. "Além de ficarmos motivados a participar desta movimentação cultural, podemos perceber a organização e grandezas do evento", afirmou. Na opinião da diretora da Escola Estadual Cônego Josué Baldin, de Vanini, a Jornada abre horizontes de leitura. "É imprescindível a participação de todos, e mais ainda das crianças, já que é um ponto de partida para que comecem a se interessar pela leitura", ressaltou.

Fórum on-line

As Pré-Jornadas também oferecem possibilidades aos participantes, como as discussões on-line das obras lidas, que podem ser feitas através do Fórum disponível no site

Caravana busca sensibilizar leitores para a importância da leitura

www.jornadadeliteratura.upf.br. No espaço podem ser registrados comentários a respeito das obras indicadas tanto para a Jornada quanto para a Jornada Nacional de Literatura. Outra opção é a consulta aos cadernos de atividades desenvolvidos pelo Centro de Referência em Literatura e Multimeios - Mundo da Leitura. Monitores e professores do centro desenvolveram uma série de práticas leitoras que podem ser desenvolvidas ou servir de base para projetos da Pré-Jornada Nacional de Literatura.

Vivaleitura

O objetivo da disseminação da leitura que as Jornadas Literárias desenvolvem vem ao encontro de um projeto coordenado pela Organização dos Estados Iberoamericanos (OEI), Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe, Unesco e governos federais - o Vivaleitura. Por isso, a Jornada Nacional de Literatura deste ano é um dos quatro eventos oficiais do Ano Ibero-Americano da Leitura, que está sendo comemorado em 21 países da Europa e das Américas em 2005.

11ª Jornada Nacional de Literatura

A 11ª edição da Jornada Nacional de Literatura acontece de 22 a 26 de agosto de 2005, no Círculo Cultural instalado no Campus I da UPF. Paralelamente, acontece a 3ª Jornada Nacional de Literatura, o 4º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio, o 1º Seminário Nacional de Jornalismo Cultural e o Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras. O evento foi lançado no mês de março em Passo Fundo e Porto Alegre e, em abril, em São Paulo, na Câmara Brasileira do Livro. As inscrições para a Jornada podem ser feitas a partir do dia 1º de junho e para a Jornada, a partir do dia 6 de junho. Mais informações podem ser obtidas através do telefone: (54) 316 3368 ou pelo e-mail jornada@upf.br.



Um avião carregado de escritores

CARLOS ANDRÉ MOREIRA
e LARISSA ROSSO



Parecia até chegada de centroavante para a dupla Grenal, ou que a badalada do Palácio dos Festivais, em Gramado, havia sido reeditada em Passo Fundo. Mas eram os convidados da Jornada de Passo Fundo chegando.

Dos 113 escritores aguardados para a 11ª edição da Jornada Nacional de Literatura, 67 desembarcaram ontem do mesmo voo, procedente de São Paulo, às 12h50min, no Aeroporto Lauro Kurtz. Ana Maria Machado, João Ulbaldo Ribeiro, Silvano Santiago e Ignácio de Loyola Brandão, entre outros, atendem jornalistas e a equipe de organização do evento, às voltas com boas-vindas e listas de nomes para bandas e hotéis, no pequeno saguão.

A professora Tânia Rösing, coordenadora-geral da Jornada, saudou pessoalmente os convidados na porta da sala de desembarque.

É uma oportunidade rara para o Norte do Rio Grande do Sul. As agendas dos imortais são sempre cheias de compromissos. O que a Tânia conseguiu é extraordinário: comentou o presidente da Academia Brasileira de Letras, Ivan Junqueira, que veio chefiando a

Dos 113 autores aguardados para participar da Jornada Nacional de Literatura, 67 desembarcaram ontem em Passo Fundo, do mesmo voo



O norueguês Justin Gaarder e sua mulher, Siri Danenvig (à direita), foram recebidos no aeroporto por Tânia Rösing, coordenadora-geral da Jornada de Literatura



Piano com quero-quero

As som de Jesus, alegria dos homens, de Beethoven, o pianista Arthur Moreira Lima abriu oficialmente a Jornada de Passo Fundo.

Ontem, o pianista tocou a bordo de um caminhão que se transforma em palco, ao ar livre, e com uma trilha adicional: quando executava a *Sonata do luar*, de Beethoven, Moreira Lima ganhou o coro espontâneo e não-ensaiado de um quero-quero.

Clássicos segundo os imortais

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Passo Fundo será palco de um encontro de acadêmicos. Os integrantes da Academia Brasileira de Letras (ABL) deixam as imponentes salas do Petit Trianon, o palacete sede da entidade no Rio, para ocupar a sede de outra academia, a Universidade Federal de Passo Fundo.

O Encontro Nacional de Literatura da ABL começa hoje no auditório da Faculdade de Odontologia, no Campus 1 da UPF. Restrito a quem se inscreveu ainda em junho, o evento, que ocorre até 25 de agosto, é parte da programação paralela da Jornada de Literatura e terá a participação de 10 dos 40 acadêmicos.

Além do presidente da ABL, o poeta Ivan Junqueira, e do gaúcho Moacyr Scliar, estarão em Passo Fundo para o evento a autora infantil Ana Maria Machado, o jornalista e escritor Carlos Heitor Correia, o romancista João Ulbaldo Ribeiro e o crítico Antônio Carlos Secchin. É a primeira vez que a ABL realiza um de seus seminários literários fora do Rio.

Já tivemos acadêmicos que participaram do evento como convidados, mas em hora de a Academia como in-

stituição participar da Jornada, um evento que marcou a Cultura brasileira nestes últimos 20 anos – comenta o escritor e jornalista Clóvis Sândroni.

Sândroni viaja ao Rio Grande do Sul para falar sobre José de Alencar. Um escritor que, embora em sua época disputasse com Machado de Assis o título de maior escritor brasileiro, ainda um pouco esquecido dos estudos intelectuais, de acordo com Sândroni.

Alencar deixou uma obra extensa, e no entanto morreu com apenas 48 anos. Podemos apenas imaginar o que ele teria feito se tivesse vivido até a idade em que Machado morreu, por exemplo.

O tema do encontro da ABL será justamente Revisitando os Clássicos e contará com uma apresentação de cada um dos acadêmicos participantes iluminando um aspecto de obras clássicas da literatura brasileira. As discussões não se resumem aos títulos votados para adultos. Ana Maria Machado, por exemplo, falará sobre a importância de se estimular os jovens a ler clássicos desde cedo.

Só se desenvolve o gosto pela leitura e se forma um leitor se ele for incentivado desde cedo a ler livros que o impressionem e tenham um valor na sua formação – comenta a autora de *Busa Rio, Busa Rio*.

comitiva de nove acadêmicos, participantes de um seminário que se realiza hoje (*leia texto abaixo*).

Mais celebrado escritor desta edição, Gaarder viajou acompanhado da mulher, Siri Danenvig, ambos empolgados com a atuação literária em cidade tão distante da sua (do norte).

Nunca ouvi o nome Passo Fundo. Tive problemas até para encontrar a cidade no mapa confessou o autor do best-seller *O mundo de Sofia*, que vendeu 1,2 milhões de exemplares em 55 traduções distintas.

Você sabe se essa é uma região produtora de vinho? – perguntou à repórter, saindo em busca de um local tranquilo para a conversa, mais interessado em novas informações sobre o desconhecido destino aonde chegava do que nas malas que abandonou em meio à multidão.

Cançado pelo voo, João Ulbaldo Ribeiro foi também cortês e atencioso, embora bem menos falante. Na segunda jornada que se aproxima, escalado para falar no seminário da Academia Brasileira de Letras, não tinha ainda muita ideia do que apresentaria.

Não sei nada dessa programação, meu filho, estou é cheganando. Ainda a Tânia Kvinging pediu-me eu vá, eu vou, em reconhecimento ao trabalho da Jornada, mas não sei nada de nada desse mundo literário, brincou.

carlos.moreira@zerohora.com.br
lariissa.rosso@zerohora.com.br

ENCONTRO NACIONAL DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Horário dos debates: 9h às 12h
Local: Auditório da Faculdade de Odontologia da UPF, no Campus 1 (BR 285, Km 171, bairro São José)

Hoje
Debatedores: Ivan Junqueira, Moacyr Scliar, Sérgio Paulo Rouanet, Antônio Augusto Mendes Duarte
Coordenação: diretora do Instituto Estadual do Livro, Regina Zilberman

Amanhã
Debatedores: Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, João Ulbaldo Ribeiro
Coordenação: Elva Clemente

Quinta-feira
Debatedores: Alberto da Costa e Silva, Carlos Heitor Correia, Clóvis Sândroni
Coordenação: Mircia Barbosa

Aberta a festa de louvação à leitura

Cerca de 5 mil pessoas assistiram à abertura da Jornada Nacional de Literatura em Passo Fundo

Um espetáculo cênse com 20 minutos de duração deu início oficialmente ontem, no campus da UPF em Passo Fundo, à 11ª Jornada Nacional de Literatura. O evento, que tem por tema Diversidade Cultural: o Diálogo das Diferenças, ocorre até a próxima sexta-feira. De acordo com os organizadores, o objetivo principal é incentivar a leitura, discutir obras e combater a globalização cultural.

Cerca de 5 mil pessoas, na sua maioria professores universitários, de ensino fundamental e de primeiro ciclo, estiveram presentes à solenidade no Circo da Cultura, prestigiando o trabalho realizado pela coordenadora Tânia Rösing. Na sua manifestação, a professora destacou que o evento é um templo de celebração e louvação à literatura e aos escritores. "Sinto a energia de Cervantes, Andersen e Veríssimo no ar", declarou. Nesta terça-feira, começa a programação da Jornada e das atividades paralelas.

Antes de ser anunciado o vencedor do prêmio Passo Fundo Zaffari Bourbon e premiados os ganhadores do prêmio UPF Hans Christian Andersen, falaram o governador Germano Rigotto, o

presidente da Assembleia Legislativa, Iradir Pietroski, o prefeito Airton Dipp e o reitor da UPF, Rui Soares. Rigotto ressaltou que a Jornada é atualmente uma referência nacional para a literatura e elogiou os professores presentes, destacando que são os mais importantes instrumentos para a formação dos futuros leitores. O governador lembrou ainda a importância da Jornada como ferramenta para a educação das crianças.

O deputado estadual Giovanni Cherini divulgou, no ocasião, projeto de lei de sua autoria, aprovado pela Assembleia Legislativa, que transforma as Jornadas passo-fundenses em patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul. O deputado federal Beto Albuquerque também informou o público a respeito de projeto de lei de sua autoria, já aprovado pelo Congresso Nacional, que reconhece o município de Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura.



Espetáculo reuniu artistas circenses e do Grupo Viramundos

Conto garante a aluna viagem à Dinamarca

A vencedora do concurso UPF Hans Christian Andersen 2005, que tem o apoio do Sistema Guaíba/Correio do Povo, a aluna Bruna Dias do Carmo Costa, da Escola Municipal Viniculus de Moraes, de Belo Horizonte (MG) afirmou ontem à tarde em Passo Fundo que sempre cultiva o hábito da leitura, por isso teve facilidade em escrever sobre o fabulista dinamarquês. "Este prêmio foi uma coisa muito boa na minha vida, gostaria de reparti-lo com minhas professoras e colegas da escola, pois fazemos um trabalho conjunto."

Bruna observou que teve um contato maior com a obra de Andersen a partir do ano passado, quando a escola incentivou os alunos a trabalharem o assunto. "Aprendi realmente a mensagem dos contos dele, não ape-



Bruna confere lançamentos em companhia da professora

nas aquelas adaptações malfeitas que a gente compra na esquina por um R\$ 1,00", afirmou a aluna da 5ª série e com 11 anos. Ela explicou ainda que, para escrever o conto vencedor "A bailarina encantada", buscou nas histórias de Andersen idéias contra o preconceito e sobre a preocupação do autor com a magia da literatura e com questões sociais.

A professora de Bruna, Juliana Bittencourt Andrade, que leciona Geografia, História e Ciências, também foi premiada. As duas viajarão para a Dinamarca de 1ª a 7 de outubro. "Vocês nem imaginam como é gratificante o nosso trabalho, feito numa pequena escola de Belo Horizonte, ser reconhecido", disse Juliana, que lembrou que a escola tem um projeto específico para incentivar a literatura.

Chico leva prêmio no valor de R\$ 100 mil

O compositor, intérprete, poeta e escritor Chico Buarque é esperado hoje em Passo Fundo para receber o 4º Prêmio Zaffari e Bourbon de Literatura. O anúncio do vencedor ocorreu ontem, no encerramento da solenidade de abertura da 11ª Jornada Nacional de Literatura. Chico concorreu na fase final com mais 13 escritores e sagrou-se vencedor com o romance "Budapest", editado pela Companhia das Letras. Ele vai receber o prêmio de R\$ 100 mil. O anúncio do nome do vencedor foi bastante aplaudido pelo público que compareceu ao Circo da Cultura.

O romance de Chico Buarque narra a história de José Costa, um escritor que preza acima de tudo o anônimo, porque os textos que produz são feitos sob encomenda e levam assinatura de outras pessoas.

Programa cultural é atração nos ônibus

Os usuários dos ônibus da empresa Coleurb, que fazem a linha para o campus da Universidade de Passo Fundo (UPF), podem assistir, desde o final da tarde de ontem, a uma programação cultural exibida no canal Futura. A programação incluiu filmes e documentários culturais, além de informações e orientações sobre a Jornada Nacional de Literatura. Também são exibidas informações sobre o município de Passo Fundo e seus pontos turísticos. A Coleurb colocou ônibus extras para atender à demanda para o campus da UPF com os coletivos saindo a cada 10 minutos do centro da cidade.

Moreira Lima se apresenta sobre caminhão

A música de Arthur Moreira Lima, um dos pianistas mais conhecidos e aplaudidos do Brasil, embalou o final de tarde ontem em Passo Fundo, pouco antes da abertura oficial da 11ª Jornada Nacional de Literatura. O público, a maioria amante das letras, mostrou que a música também é uma arte parceira da Literatura. O pianista fez ontem a sua 103ª apresentação a bordo do caminhão do projeto "Um piano da estrada", que começou em 2002 e percorre todo o Brasil.

Ao falar sobre a Jornada, o pianista disse que se trata de um evento cultural fantástico, que já chamou a atenção de centenas de militantes da literatura, além de ser um acontecimento que ultrapassou as fronteiras do país. Arthur Moreira Lima, músico consagrado no cenário mundial erudito, já se apresentou com as orquestras filarmônicas de Moscou (Rússia), Varsóvia (Polônia) e com as sinfônicas de Berlim (Alemanha), Viena (Áustria) e Praga (República Tcheca).



Pianista percorre o país com o projeto 'Um piano na estrada'

LITERATURA Leitores da 11ª Jornada Nacional de Literatura, que ocorre em cidade gaúcha, "preparam-se" para o evento

Passo Fundo aproxima escritor e público



Chico Buarque recebeu prêmio por sua obra em "Biotopias", em Passo Fundo

Chico Buarque diz que ainda gosta de Lula

INTERVISTA A PAULO LINDO

Chico Buarque bem que tentou, mas, dada a insistência dos jornalistas em entrevista coletiva em Passo Fundo, não pôde se safar de fazer comentários sobre o momento político que vive o país. Em longos monólios para evitar respostas mais incisivas, falou "contragosto", "sem clareza ainda para definir uma posição", como dizendo que "as vezes o silêncio é importante".

Na ocasião, disse que "a alma do brasileiro está ferida com os acontecimentos que eram mantidos no plano subterrâneo e agora estão aflorando". "É claro que não é bem", afirmou, melindado ao palavras, "mas é bom que se tome conhecimento, há que não custa que tenham acontecido há bastante tempo, uma prática usual na política brasileira".

Declarou-se "ziteiro" com a situação, mas resalvou: "Eu gosto do Lula. Continue achando que sua eleição foi importante para a afirmação da democracia no país".

Questionado sobre a influência da situação política em sua obra musical, desenvolveu a seguinte resposta, indagando: "Você não quer que eu faça o samba do 'Inemorial', né?"

Chico chegou a comentar à jornalista Leticia para receber o prêmio Zaffari de Biotopias por "Biotopias", o melhor romance dos últimos dois anos. Uma

do jornalista, e o 1º Seminário Nacional de Jornalismo Cultural, entre outros.

Mesmo aqueles que, em outras circunstâncias, poderiam ser considerados guardiões da formalidade pareciam concordar. "São em Passo Fundo uma coisa muito curiosa do que se vê nos grandes eventos, que estão preocupados em fazer com que seja determinado escritor de uma determinada editora, vendida no mesmo. São feitas para escritores, best sellers", disse o poeta Ivan Junqueira, presidente da ABEL (Associação Brasileira de Letras), em cidade que realiza em Passo Fundo a primeira reunião da história do Brasil sobre o Rio Grande Letter.

O cronista Sérgio Paulo Rouanet também da ABEL comparou a visita do biotopista. "O importante é que passa a ideia de que é o dinheiro, se você começa a monetizar, abre que se tem de fazer para vir bem vendidos, para vir um bom filme, um livro, um espetáculo", afirmou, desvalorizando o trabalho de estímulo à leitura realizado pela jornalista.

Um evento literário perfeito, nos moldes que se esperava em qualquer lugar do mundo? Não, nitidamente, não. O que parece imperar em Passo Fundo, pelo contrário, é uma tolerância imperfeita, tolerância em relação aos incidentes provocados, às numerosas falhas de organização.

O escritor Daniel Mesquita, por exemplo, indignado de terem mandado, pouco se importando com o fato de ser primeiro dia de participação na Jornada, não sido chamado para uma entrevista que arriscava os frangos de ouro. Em vez disso, sentou-se a conversar com algumas crianças que, em meio ao caos, tinham sido levadas, prontas para a entrevista, cada uma de suas literaturas.

Por Redação Folha de São Paulo e reportagem especial da 11ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo

ARTES PLÁSTICAS Em 2006, quatro pessoas terão bolsa de estudos

Rumos Itaú Cultural seleciona 78 artistas de 14 Estados brasileiros

FABRÍO CYPRIANO

Desde 1999, o Rumos Itaú Cultural e Artes Visuais tem se tornado uma importante referência sobre a produção emergente em arte contemporânea. Sua terceira edição chega a 78 nomes de 14 Estados, com um repêndio mais consistente, logo que entre mais pesquisadores e curadores da Bienal de São Paulo. A edição é organizada por Anaé Duarte e Maria Mokartz, sob a coordenação de Aracy Amaral. Aguardam pelo país em busca de mapear o que se continua a chamar de produção emergente, ou, se artistas, em início de carreira e com futuro promissor. Entretanto, só foram escolhidos artistas que enviaram seus "portifólios". O resultado é divulgado, hoje, no site da instituição (www.itaucultural.org.br) e além dos 78 selecionados, que irão receber R\$ 1.000 cada um e participar de uma série de exposições, o Rumos também oferece 119 mapeados — artistas que vão entrar para o site do Itaú. Em 2006, quatro deles receberão uma bolsa para estudar em quatro locais distintos: EUA, Europa, América Latina e Brasil, em um marco oculto a mostra com o selo "Itaú".

A nova edição do Rumos tem um caráter, no entanto, que vai além de apresentar a jovem produção. Visa ainda estimular a criação. "Em cada Estado foram realizadas palestras com instituições parceiras, há cartilhas de informação. Vamos fazer cursos de história da arte e enviar material de pesquisa", diz Amaral, há três anos.

Tá preocupado, diz Amaral, há três anos. Há preocupação de apresentar uma cara da nova produção e de divulgar informação, caracte-

ALGUNS SELECIONADOS DO RUMOS ITAÚ CULTURAL ARTES VISUAIS 2005/2006



Exposition "Fiscal LX", 2004

- Rio de Janeiro (14) — Aécio Meiot, Hugo Henrique, Odeia Fernandes, Márcio Rocha Pitta
- Santa Catarina (6) — Allan Gus, Bianca Tomassini, Sônia Pat, Rodrigo Cunha
- Pernambuco (6) — Ananias Melo, Bruno Moraes, Ilderson Cavalcanti, Rodrigo Braga
- São Paulo (24) — Lia Chai, Maria Vilobova, Nóbilio Robbio, Paulo Almeida, Rodrigo Moraes, Rogério Casella
- Distrito Federal (3) — Angélica Campos de Sá, Academico Ramos (Roberta Borges, Anita Legatti e Lúria Fernandes), João Angélli

- Ceará (2) — Benca Libório, Josiane Gomes, Ticiano Monteiro
- Espírito Santo (1) — Cize Fátima Gabriel Monetti, Rafael Trindade, Fred e Fabiano Noronha
- Paraná (3) — Debora Santiago, S. Marcos, Tony Camargo
- Rio Grande do Sul (4) — Denise Galvão, Laura Coppe, Rommel, Luis Sommermyer
- Minas Gerais (7) — Fabricio Carvalho, Luis Myrrha, Sara Ramo, Thais Senacelli
- Mato Grosso do Sul (1) — Eduardo Prado
- Pará (1) — Gabriel, Marcione Moraes, New Marz
- Bahia (2) — Gai, Virginia de Medeiros
- Rio Grande do Norte (1) — Marcelo Gandhi

ria-se, sem dúvida, como uma política cultural que bem poderia ser uma atividade pública. Mas como o Itaú Cultural recebe a maior parte de seus recursos — 70% de seu orçamento é oriundo de renúncia fiscal, segundo Marcelo Monzani Netto, coordenador de artes visuais da instituição —, no final o próprio Estado quem financia tal projeto. "É um compromisso social", diz Aracy.

E qual é a cara da produção emergente? Para Amaral, há três anos. Há preocupação de apresentar uma cara da nova produção e de divulgar informação, caracte-

que há uma preocupação com arquitetura, submissão e design, que se configura com uma crítica ao urbanismo, ou à sociedade dele. Entre os inscritos, encontramos ainda uma ausência da masculinidade, a expressão do desenho se tornou desimportante, pôde há muito mais artistas trabalhando com imagens de segunda geração, como a fotografia e o vídeo. "O último erro se configura em uma ausência de questões políticas: "A imprensa que tem e o que o artista visual está parando sobre a sociedade, não pergunto a mim mesmo se eles lêem jornal."

Você publica um romance, ganha prêmios, conquista milhares de novos leitores, vira matéria nas salas de aula e ainda ajuda a melhorar o país. Só isso já renderia um ótimo livro.

Se você publicou um romance em 2004, participe do Prêmio Nestlé de Literatura.

Jornada de literatura

Jostein Gaarder e Chico são as estrelas mais comentadas em Passo Fundo

VIVIAN RANGEL

PASSO FUNDO, RS – O espetáculo da abertura da 11ª Jornada Nacional de Literatura, na noite de segunda, foi movido a dança, música, trapézios e arte à Hino Nacional, soprado em folhas de pé de jameleiro, e encantou a platéia do pátio da leitura, no melhor espírito da diversidade cultural, tema do evento. A maior surpresa, no entanto, foi o anúncio de que Chico Buarque chegaria a Passo Fundo para receber o prêmio Zaffari de Bourbon de Literatura pelo romance *Radegast* (Companhia das Letras). O cantor e compositor era aguardado no fim da noite de ontem, após a primeira Grande Conferência da jornada, apresentada pelo escritor norueguês Jostein Gaarder, autor de *O mundo de Sofia*.

Céticos, alguns duvidaram da presença Hestrei, já que o escritor e músico, avesso a badaladas, ganhou o Prêmio Jabuti de melhor romance no ano passado mas não foi buscar o prêmio.

A presença, porém, foi garantida pela organizadora da jornada, Tania Rösing, há duas décadas à frente de todos os detalhes do festival literário, que começou estadual e este ano recebe escritores como o paribemense Ariano Suassuna.

Na segunda-feira, assim que soube que *Radegast* havia ganhado, telefonou para ele e insistiu: Chico precisava vir. E um sonho de muitos professores e crianças. Liguei para o Luiz Schwartz (editor da Companhia das Letras) e garanti que mandava um jatinho. Depois corri atrás de recursos para pagar o avião.

Meu fechamento desta edição do *Caderno B* Chico não havia chegado. Enquanto vivia a expectativa, a comuni-

dade literária assistiu à coletiva de imprensa de Jostein Gaarder, que revelou a importância da diversidade e das relações entre as culturas e a tro-



O PÚBLICO

teve a honra de a abertura da jornada, que vivia o momento de chegada de Chico Buarque, para receber o prêmio de Zaffari de Bourbon.

— Fiquei emocionado com a animação da platéia da Jornada, vibrando como em um jogo. Só que era literatura, não futebol. E esse papel do livro, estar na vanguarda das questões humanas. Mas que, migrar das questões para as obrigações do homem — disse Gaarder falou também da sempre tensa relação entre ciência e religião, quando de um lado a mente, e a outra tenta focar respostas para todas as questões. E, do outro, a ciência foca como bases que ainda não tem.

— O momento em que há o público, o momento em que há

de histórias pela leitura. Ele disse que sua atividade e com histórias, "a melhor maneira que existe de estabelecer informações e de se

formar uma identidade". Gaarder transmissor filosofia, religião e os mistérios do universo, tema de suas obras: *Sofia*, *Laurea*, *Os anjos*.

dos que não possam ensinar a teoria evolucionista de Darwin e que apenas repitam todo o tempo que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. E que contiua protegendo a América.

Na cerimônia de abertura, foram celebradas as iniciativas do Ano Literário-Americano da Leitura, que reúne 21 países, incluindo o Brasil, e do projeto Viva Leitura.

— Eu poderia falar de números negativos. Mas prefiro dizer que em 2005 promovemos 100 mil ações para o desenvolvimento da leitura e vamos mudar essa métrica de menos de duas obras lidas por ano pelos brasileiros. Se o Brasil investe 100 pessoas como a Tania, nem seria necessárias ações políticas — disse o coordenador do Plano Nacional da Viva Leitura e representante do Ministério da Cultura, Galeno Amorim.

Ontem, as primeiras atividades da 3ª Jornada Nacional de Literatura levaram as crianças-histórias através da música. Cursos, palestras e apresentações deixaram indícios no participantes do primeiro dia da programação, que hoje tem um leque de ações ainda maior com a abertura do 1º Seminário Nacional de Jornalismo Cultural e debates com o filósofo francês Gilles Lipovetsky.

A seguir, o jornalista de reportagem, o jornalista

JORNADA EM PASSO FUNDO

Com uma programação que inclui palestras com grandes nomes da literatura, debates sobre jornalismo cultural, shows, exposições, apresentações de teatro,

concursos e premiações, a 11ª Jornada Nacional de Literatura tem início amanhã. O evento vai reunir em Passo Fundo, a 300 Km de Porto Alegre, um time de 110 escritores brasileiros e estrangeiros para um encontro que já entrou para a agenda literária do Brasil. A jornada ocorre a cada dois anos e tem início com a entrega do 4º Prêmio Passo Fundo Zaffari de Bourbon de Literatura. O autor do melhor romance em língua portuguesa publicado entre 2004 e 2005 vai receber prêmio de R\$ 100 mil,

concedido por uma comissão formada por Ignácio de Loyola Brandão, Carlos Reis, Regine Zilberman, Paulo Becker e Antônio Dimas.

Já o 9º Concurso Nacional de Contos José Guimarães premiará com R\$ 5 mil o melhor entre os 2,4 mil trabalhos inscritos. Entre os escritores convidados, os destaques são para o norueguês Jostein Gaarder, autor de *O mundo de Sofia*, e o francês Gilles Lipovetsky, de *Império do efêmero*. Brasileiros como Leonardo Boff, Ariano Su-

assuna, Carlos Heitor Cony, Ana Maria Machado e João Ubaldo Ribeiro também participam da jornada, que tem ainda programação especial para o público infantil com a 3ª Jornadainha de Literatura. As 16.500 vagas para participar das atividades se esgotaram em 40 minutos, mas os que não conseguiram se inscrever poderão conferir a feira do livro do Circo da Cultura ou as atividades paralelas como a apresentação do pianista Arthur Moreira Lima em seu caminhão-teatro.

JORNAL DO BRASIL

CADERNO B

SEXTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2005 B7

LIVRO

O mergulho de um jovem nas drogas em Rio de Janeiro (Objetos de Fred Finheiser, por Ivan Sant'Anna)

Novíssimo: Como a corrupção abalou o governo (Luis Eduardo Flores, de Luiz Otávio Cavalcanti)

Maria Lúcia Newlands traduziu, para a Suma de Letras, O Rastreador, romance de Elizabeth Kostova

Tradução de filólogo de Luiz A. Aguiar: A montanha dos corais (Recorrido de Katherine Langrish)

Palestra de luxo

Gilles Lipovetsky leva a moda às rodas literárias

VIVIAN RANGEL

PASSO FLUIDO, R.S. Gilles Lipovetsky desafia o aluno a discutir a moda, um tema efêmero, quase sempre desprezado pelo filósofo — contextualizado no consumo de luxo. Em Passo Fluido para a IT, Jornada Nacional de Literatura, o filósofo e escritor francês participou, na quarta-feira, da mesa "Indústria cultural: homogeneização, diversidade, resistências". Falou sobre a indústria da moda e também sobre mudanças sociais que configuram um novo tempo, que batizou de hipermoderno e em que opesat da reconfiguração da lógica do lucro, valores modernos permeiam.

O filósofo de Nietzsche acenava a renovação que a lógica da competição governaria o mundo, enfraquecendo valores fundamentais como a ética. Hoje há resistências a globalização no mundo inteiro. Além disso, toda essa conexão no Brasil deve aos escândalos de corrupção não estar acontecendo se esses valores não fossem mais sentidos — afirmou o intelectual ao acabar de lançar *Olho eterno* (Companhia das Letras), sobre a história da cultura de consumo que, há 50 anos legítimo o prazer, quando atividades como tertúlas e lazer se tornaram comuns e consolidaram a exaltação do gozo do presente. Os tempos hipermodernos, ou a "era do vazio", são marcados não apenas pelo hedonismo, mas por fenômenos que tornaram abstrato o conceito de modernidade, como a clonagem, a nanotecnologia, as grandes concentrações urbanas e o hipercapitalismo.

«Nas vivências mais radicalizadas da modernidade, mas nos deslocamos de uma modernidade autoritária, em conflito com ela mesma, para um tempo em que o capitalismo, a tecnologia e a democracia não têm mais um contramodelo — defendeu o filósofo



O FÓSFORO: Gilles Lipovetsky em Jornada de Passo Fluido

O consumo dos bens luxuosos nunca foi tão grande, mas a ideia do luxo não é nova. Remonta aos templos sagrados de tribos indígenas aos estratos e pirâmides, passando pela Renascença. A partir do século 19, os conceitos de luxo passaram a ser visto como algo positivo, uma espécie de evolução. Mas, segundo o filósofo, mais importante do que consumir o luxo é pensar nas diferenças entre conceitos adquiridos entre diferentes tempos e culturas.

«O preço exorbitante não basta para definir um objeto de luxo, ele tem que ter beleza, sensualidade, qualidade, elementos que fazem parte do cotidiano dos indivíduos. É claro que o luxo para os índios não pode ser satisfeito por objetos vendidos na Bahia. O luxo pode ser positivo mesmo ser um bem público. Eu, por exemplo, acho triste que não sejam feitas obras arquitetônicas grandiosas, que nossas cidades tenham um caráter tão monótono. No futuro talvez não possamos usufruir do luxo de lugares como Veneza.

De acordo com o filósofo, o luxo da moda começou a ser reconfigurado em meados do século 19, quando, "em míscias com a arte", os grandes

costureros passaram a ser considerados tradutores e artistas. Mais recentemente, na década de 80, os grandes estilistas possuíam um poderoso poder de ditadores da aparência ao se inserirem na lógica do mercado.

No século 19, os conceitos tinham ganharam dimensões sem se preocuparem com os desígnios sociais. Hoje nenhuma grande coisa funciona assim. O lado comercial tem importância cada vez maior e a moda não lidaria mais grandes revoluções — comparou.

Participando pela primeira vez da Jornada, o filósofo disse estar espantado com o gigantismo das atividades literárias, segundo ele um evento de massa impossível na Europa onde a cultura é movimentada por pequenos grupos.

«Talvez vocês estejam inventando uma das figuras da pós-modernidade. Jornada responde a necessidades intelectuais, mas não atende onde indivíduos buscam respostas à la carte, o que faz com que a ideia de uma cultura estruturada e totalizante desapareça.

A reportagem é a primeira registrada no livro.

Reynaldo Jardim

Sandra

Vos e foi contaminada pelo vírus do poema.

Ja não sei se isso e bom se de fato vale a pena

Seu e-mail, tão carinhoso, me deixou entediado.

Todo poema e um anjo, mas um anjo ensandeado.

Todo poema, um arranjo entre o real e o sofrido,

excede em sua entrada háisamo e peito ferido.

Procure ler, do Drammond,

o Sentimento do mundo, de Jorge de Lima leia

(e, na leitura, vá fundo) a Invenção de Orfeu,

vai revirar o seu mundo.

De João Cabral e imperdável

Morte e vida severina

De Bandeira, leia tudo, que é poesia muito fina.

Se você está disposto, quer mesmo se emocionar, procure na livraria nosso Ferreira Gullar

Mas não vá com muita sede nessa água que maridha

Quando a poesia e demais o espírito embrulha.

O poema e um licor, beba bem devagarinho

Sandrinha, muito obrigado, meu afeto e meu carinho.



Reynaldo Jardim escreve da segunda à sexta

Literatura

Passo Fundo reúne autores do Brasil e do exterior

Ubiratan Brasil

O evento ainda não ocupa um espaço físico tão gigantesco como os das bienais de livros de São Paulo e do Rio, mas já exhibe dimensões literárias de grande porte – a Jornada Nacional de Literatura inicia hoje sua 11.ª edição em Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul, com uma vasta pauta, que inclui de globalização e responsabilidade social até as inovações tecnológicas. Sem se esquecer, claro, dos novos rumos da literatura.

Para a jornada que começa hoje, os números são superlativos: cerca de 110 escritores, entre nacionais e estrangeiros, vão estar em Passo Fundo, nomes como Jostein Gaarder, autor de *O Mundo de Sofia*, e o filósofo francês Gilles Lipovetsky, que conversa com o público sobre como a sociedade se relacionou com o supérfluo ao longo da história. Antes, porém, ele lança hoje o livro *O Luxo Eterno* (Companhia das Letras), na Casa do Saber do Itaim, a partir das 18h30.

Os estrangeiros vão dividir espaço com grandes nomes das letras nacionais, como João Ubaldo Ribeiro, Ignácio de Loyola Brandão, Ariano Suassuna, Ana Maria Machado e outros. Juntos, participam, na Universidade de Passo Fundo, de um grande debate sobre a diversidade cultural ao lado de inúmeros participantes, calculados entre 4.500 adultos e 12 mil crianças. ●

NO PRELO

Mànya Millen e Rachel Bertol

AP/28-04-1999

Leonardo Aversa/31-05-2004



JOSÉ SARAMAGO e Chico Buarque: entre os 14 autores finalistas

Passo Fundo

• Um dos principais prêmios literários do país terá seu vencedor anunciado na segunda-feira e a disputa está acirrada. Os brasileiros Antonio Torres, Cristóvão Tezza, Chico Buarque, Francisco J. C. Dantas, José Nêumanne Pinto, Luiz Antônio de Assis Brasil, Luiz Ruffato, Michel Laub, Rodrigo Lacerda, Silvano Santiago e Wilson Bueno, além dos portugueses José Eduardo Agualusa, José Saramago e Miguel Sousa Tavares são os finalistas do 4º Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura, cujo ganhador será conhecido na abertura da 11ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, dia 22. O melhor romance em língua portuguesa receberá a bela quantia de R\$ 100 mil.

A Jornada, que termina sexta-feira, dia 26, vai receber este ano na Universidade de Passo Fundo 110 autores brasileiros e estrangeiros — entre estes o filósofo francês Gilles Lipovetsky, o norueguês Jostein Gaarder e as portuguesas Margarida Rabello Pinto e Clara Ferreira Alves — que serão as principais estrelas de uma extensa programação que inclui debates, seminários e cursos, além de um encontro com os imortais da Academia Brasileira de Letras.

Av. Pedroso de Morais, 631 - conj. 111

Os homenageados nesta edição do evento serão o gaúcho Erico Verissimo, Miguel de Cervantes e Hans Christian Andersen. A organização do evento, que integra o calendário cultural do país há 24 anos, esperar atrair um público de 20 mil pessoas, entre adultos e crianças, e vender aproximadamente 50 mil livros.

E-mail: escritorio@lufermandes.com.br

CARLOS HEITOR CONY

Sou Ariano

RIO DE JANEIRO - Não se trata de uma declaração racial. Pelo contrário, sou resultado de abominável mistura de sangues oprimidos, vive-se eu na Alemanha nazista seria potencialmente um promissor candidato aos campos de concentração.

Mas sou do Brasil e vivo no Brasil, às vezes pouco à vontade, pensando em emigrar para as ilhas Papuas ou para mais longe. Vez por outra, porém, sinto um baíta orgulho de ser brasileiro. Na última quinta-feira, em Passo Fundo, estourei de orgulho durante a homenagem que prestaram ao Ariano Suassuna, dando-lhe o título de doutor "honoris causa" da universidade local.

Já assisti de corpo presente — como assisti de igual forma a missas também de corpo presente — homenagens a outros ilustres vultos de nossa fauna intelectual e científica. Mas nada que se compare ao show de inteligência e humor, de simpatia e brasilidade que Suassuna deu a uma platéia de 5.000 pessoas.

A leitura de seus feitos e desfeitos pelo mestre de cerimônia seria inútil,

redundante. Se há um brasileiro que não precisa de currículo é Suassuna. Calado ele sempre fala alguma coisa. Falando — e fala não apenas pelos cotovelos mas pela cabeça, tronco e membros — ele é um grande e profundo clown, adaptado ao setentrião brasileiro, um personagem que o teatro grego, Shakespeare e os grandes autores espanhóis — que eram bons nisso — não tiveram a oportunidade de criar.

Espantosa a rapidez com que Suassuna passa de uma costureira do Recife para Calderón de la Barca, do mais profundo folclore nordestino para Goethe, de um funcionário do Infraero que implica com ele, na hora do embarque, para Shakespeare.

Na visão estrita de sua atuação como showman, Ariano dá um banho nos profissionais. Não conta piadas, não diz o que a platéia quer ouvir. É um canção que pensa, um pedaço de canavial nordestino que atinge a universalidade do homem. É um pouco vegetal, imensamente humano. imensamente nosso.

Brasil dos que acreditam e lutam

Rogando em Brasília rotem fora no espeto curado pelo PT, pelo País agora há indícios de que as esperanças em um outro Brasil persistem e há pessoas que insistem e se obstinam em fazer, crescer e modificar. Podemos transformar o futuro de outra maneira é o que se desprende das Jornadas de Literatura de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Elas existiram há 24 anos e a 19° edição de ser realizada, o inusado e colorido circo armado no Campus da Universidade foi desmontado, as pessoas voltaram para casa. Entre elas, gente que veio de Curitiba do Sul, viajando 56 horas, ou de Aracé, do Maranhão, de Condeópolis, SC. Havia estudantes e professores do Brasil inteiro numera plêiada de 7 mil assistentes que se distribuíam pelas arquibancadas de madeira ou nas cadeiras brancas do plantão de plástico.

A cada etapa – ela é bienal –, a Jornada se supera e o ano após, os patrocinadores, os comitês seguem numa luta incessante, desafiante, para não dizer deprimente. Promessas de hoje são decuplicadas amanhã, aprendidas na hora de assinar o cheque. Mas, estando aqui, buscando ali, consertando tudo lá frente, um pouco, um pouquinho mais. A Jornada vai ao encontro? Acaso Zilberman apareceu, mandou um substituto representá-lo. Nunca um ministro de Cul-



tura apareceu em Passo Fundo. Talvez Gil tenha avaliado que a mídia seria pouca, imagi-
no, Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul (Como é que se vai lá?), deve ter perguntado, ele gosta de hotéis-tes. Se deu mal, Chico Buarque, Bourbon Zaffari, o mestre do Brasil, com o romance *o Príncipe*, e acabou notícia no Brasil inteiro.

Gil não foi, não fez falta. Não tem nada a dizer, enquanto Arriano Suassuna foi, recebeu o primeiro título honorário causa da UFF, deu uma aula magistral, encantadora, brasileira. Suassuna é um

magão, um cantador de coral, um prestidigitador, um showman, uma lição de cultura popular, uma declaração de amor ao Brasil, ao povo. A cultura popular, as nonas ratas. É um humorista, um comediante, um homem simples e grandioso, um marxista, um demolidor de instituições, mesmo que seja a Academia Brasileira de Letras à qual ele pertence e à qual compareceu duas vezes: na sua posse e na posse de Barboza Lima Sobrinho, a quem ele venera. Não é todos os dias que se tem privilégio de ver o cavê Suassuna, um patriarcal, culto, divertido, desmiti-

ficador das pompas. Um grande momento da Jornada, de todas as 11 Jornadas. Outro instante de pura sublimação foi a conversa entre Frei Beto e Leonardo Boff. Boff, ético, tudo foi abordado. Uma das coisas que mais provocaram perguntas. Porque Passo Fundo, seima de tudo, é diálogo, troca. Esta conversa continuou depois em um grupo redigido a Leonardo Boff, Frei Beto, Alcione Araújo, João Diniz e eu, no Canteiro de Amaro, precisados que descobrimos na cidade. Depois fomos sobre as colinas em sessões superlatadas, recebeu es-

pecialistas a noite dizendo que a conversa "desiluziu do tema da postura de horas atrás para a transcendência, para o princípio pela arte e pela religiosidade, instancando-se pela genérica ideia da beleza criada por um Deus, a volução entre o belo e o bom". Numeral nota, enredados pelo edifício da madrugada, assistidos pelo restaurador Luis Alberto, apresentado por sua mulher Vera, e com o olhar atento da bela Janine, a filha dos dois, "o passo se adomou, desceu a um tom baixo e confessional, penetrou nas dividas da fé, nos mistérios do ser e nas interrogações dos cristãos sobre a vida", completa Alcione. A conversação decorreu suave, comovemos e o subverbo de Frei Beto, o título Da Píezol (píezolo um Tansé, substituído por um Merlot) desceu suave, complexa-se com a grupa da Casa Buco e fecho definitivamente quando Luis Alberto chegou com um espartilho e abraço, ou seja, abraço e um abraço, como os soldados de Napoleão fizeram depois de uma vitória. Como pensos se o espírito mecho com levas de fé e um teore coerente de um Deus que tira os pecados do mundo como ingenuos e banais que serão lembrados na eternidade, transcendem o místico, nos levados ao céu. A Jornada recebeu nove acadêmicos da ABL que falaram sobre os clássicos em sessões superlatadas, recebeu es-

pecialistas que debateram com jornalismo cultural e os implementos e publicações literárias, liberdade de imprensa e ética. Ouviram-se, entre outros, palavras de Jostein Gardner (*O Mundo de Softer*), Carlos Hottel Geop, Sílvio Santiago, Ana Maria Machado, Tansé Yacine, Clara Ferreira Alves (diretora da Casa Fernando Pessoa, em Lisboa), Paulo Henriques Brito, Carlos Reis (da Universidade de Coimbra), Ricardo Cravo Albin, Paulo Cesar Pinheiro (poeta, autor de música mil compositos das moças MPB que, inclusive, cantou). Paralelamente, corriam oficinas de criação, cursos, conversas entre estudantes e criadores. Não esquecer a Jornada, que juntos 10 mil crianças em todos os tipos de atividades. Que outro acontecimento do Brasil, ou da América Latina, tem tal importância, tal relevância e significado? A Jornada de Passo Fundo constrói, passa a passo, o futuro, através da leitura de livros, do leitor de amanhã, do leitor de sempre. A Jornada, além de uma celebração, tem significados transcendentes. É "Tudo o que se constrói e se mantém pela fé escudaria Lorinda Canales e por um batulão de anônimos nam vilhonião é a sua mentora, leitor avassalador a derrubar obstáculos, papéis do impossível, a quem a palavra dificuldade exalta e a palavra não simplesmente não existe."

Al. Pedroni

▼ CONQUISTA

Chico ganha prêmio literário no IS

Com o romance "Budapeste", Chico Buarque de Holland venceu o 4º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura 2005 da Jornada Nacional de Literatura e receberá R\$ 100 mil.

Compositor, intérprete, poeta e escritor, Chico Buarque é hoje uma referência obrigatória em qualquer citação à música brasileira dos anos 60 pra cá. Sua influência é decisiva em praticamente tudo que aconteceu musicalmente no Brasil nos últimos 35 anos, pelo requinte melódico, harmônico e poético que suas obras apresentam.

A vitória de Chico foi anunciada na solenidade de abertura da 11ª Jornada Nacional de Literatura, na segunda-feira, em Passo Fundo, pelo poeta e publicitário Lufs Coronel, representante das



humor muito particular. É a história de um homem exaurido por seu próprio talento, que se vê emparedado entre duas cidades, duas mulheres, dois livros, duas línguas e uma série de outros pares simétricos. Segundo os críticos, "Budapeste" confirma Chico Buarque como um dos grandes romancistas brasileiros da atualidade.

O escritor Ignácio de Loyola Brandão e os professores doutores Carlos Reis, da Universidade de Coimbra; Paulo Becker, da Universidade de Passo Fundo (UPF); António Dimas, da Universidade de São Paulo; e Regina Zilberman da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e também diretora do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul formaram a comissão julgadora.

▼ ESCRITOR

Premiado em Jornada Nacional de Literatura

empresas Zaffari & Bourbon.

Para Regina Zilberman, presidente da comissão julgadora, esse prêmio é importante, em primeiro lugar, porque é o único para um romance em língua portu-
guesa, ou seja, um prêmio que não conhece fronteiras regionais ou nacionais.

"Budapeste" é um romance narrado em primeira pessoa, combinando alta densidade narrativa com senso de

humor muito particular. É a história de um homem exaurido por seu próprio talento, que se vê emparedado entre duas cidades, duas mulheres, dois livros, duas línguas e uma série de outros pares simétricos. Segundo os críticos, "Budapeste" confirma Chico Buarque como um dos grandes romancistas brasileiros da atualidade.

LITERATURA

Talento mineiro na Dinamarca

LUCIANA MEO

Quando a menina Bruna Dias do Carmo Costa, de 12 anos, começa a falar sobre literatura e conta histórias de sua vida, dá para entender o resultado da 11ª Jornada Nacional de Literatura. Seu texto *A bailarina encantada* foi o vencedor, na categoria infantil, e amanhã ela estará na Universidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, recebendo a premiação: uma viagem à Dinamarca para conhecer Odense, a cidade em que o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen nasceu, e a capital Copenhague, onde ele criou e publicou suas obras. O bicentenário do autor de clássicos como *O patinho feio*, *A pequena sereia*, *O soldadinho de chumbo* e *A roupa nova do rei* é comemorado este ano, e a proposta do concurso foi de escrever um conto de fadas com a influência de sua obra, mas que abordasse temas atuais.

A notícia encheu de orgulho a família de Bruna e os colegas e professores da Escola Municipal Vinicius de Moraes, no bairro Tirol, região do Barreiro, em Belo Horizonte. Há um mês, os alunos da instituição estudaram a obra de Hans Christian Andersen. O texto de Bruna teve influência dos contos *A pequena sereia* e *A pequena vendadora de fósforo*. Os temas escolhidos pela menina foram o preconceito racial e a miséria vivida por muitos brasileiros. Ela conta a história de uma menina negra, apelidada de Pretinha, que teve o sonho de ser bailarina. A menina perde o pai aos 8 anos e, pela vida difícil, é obrigada a trabalhar com a mãe na lavoura de cana.

Um dia, ao voltar do traba-



Em sua obra, Bruna Costa misturou a realidade brasileira com a fantasia de Christian Andersen

lho, Pretinha olha para o céu, cheio de estrelas, e sonha que estava num palco, onde dançava e recebia os aplausos de todos, inclusive do seu pai. Envolvida em seu sonho, a menina entra num lago e, por não saber nadar, se afoga e morre com um sorriso nos lábios. Acompanhada de um fazendeiro, a mãe chega e constata que Pretinha está morta. Para consolá-la, o fazendeiro começa a visitá-la e, com o passar do tempo, os dois se apaixonam e se casam. E a história termina com uma lenda: "Contam que, sempre ao cair da noite, aparece uma menina de pele escura, vestida de bailarina, dançando sobre as águas do lago".

Uma das características que mais chama a atenção de Bruna na obra de Hans Christian Andersen é a de que na vida nem sempre há final feliz. "Segui o estilo dele, pois meu título era *A bailarina encantada*, e

como ele, preparei um final surpreendente, diferente daquelas histórias que sempre terminam bem. Há mortes trágicas nos seus livros, mas todos morrem felizes", observa. Para fazer o texto, Bruna conta que leu muitos livros, fez anotações e reuniu idéias. "Me inscrevi com intenção de ganhar. Mas agora que o resultado saiu, estou ainda sem acreditar", comentou a estudante.

A mãe de Bruna, Maria Isabel Dias Santos, de 35, está desempregada há mais de um ano. O pai trabalha como motorista numa mineradora e garante o sustento da família, que além de Bruna, também é formada por Wanessa, de 14, e Vinicius, de 8. Mesmo com dificuldade financeira, Maria Isabel não abre mão de que os filhos façam um curso superior. "Parei de estudar para casar, mas depois voltei para concluir o meu grau. Trabalhamos mui-

to para não faltar nada para os filhos. Essa viagem que ela ganhou foi uma coroação de seu esforço", elogia.

A professora Juliana Bittencourt, que irá acompanhar Bruna à Dinamarca, vai pedir ajuda financeira da Secretaria Municipal de Educação para a viagem. Ela afirma que as duas não têm dinheiro para comprar roupas que suportem o frio da Escandinávia, no norte da Europa. A professora também reivindicará que a prefeitura custeie passagens e hospedagem para a mãe de Bruna na premiação em Passo Fundo. "Estamos tentando algumas parcerias para comprar roupas e pagar a ida da mãe de Bruna ao Rio Grande do Sul. Esse prêmio também é uma conquista do nosso trabalho, uma escola pública que batalha com todas as dificuldades para oferecer um bom ensino", comemora a professora.

Av. Pedroso

Um megaevento literário transfere ABL para Passo Fundo

Names ilustres do mundo acadêmico, como Domingos Pellegrini, estarão acontecendo no evento cultural

A Jornada Nacional de Literatura chega a sua 11.ª edição cheia de novidades. O evento vai sediar o inédito encontro da Academia Brasileira de Letras realizado fora do Rio. Três celebridades como Jostein Gaarder, autor de *O mundo de Sofia* e custo total estimado em R\$ 2,6 milhões.

Passo Fundo, no interior gaúcho (290 quilômetros de Porto Alegre), quem diria, se tornará cenário de um inusitado chá da cinco da Academia Brasileira de Letras. Os acadêmicos e seus familiares estarão reunidos no 1.º Encontro Nacional da ABL. O evento, juntamente com o 1.º Seminário Nacional de Jornalismo Cultural e dezenas de palestras, peças de teatro e atividades multimídia, faz parte da 3ª tradicional Jornada Nacional de Literatura, que acontece de 22 a 28 de agosto. Na edição deste ano, a jornada estima atrair 20 mil pessoas e vender cerca de 50 mil livros.

A 11.ª Jornada promete reunir pesos pesados da área, como Jostein Gaarder, autor de *O mundo de Sofia*. Ele partici-



Names importantes, como o de Domingos Pellegrini, estarão no encontro.

pa da grande conferência, com presença logo Ubaldo Ribeiro, Alberto Diniz, Frei Betto, 1953-6, da qual já coordina-

drat, Maria Tomazelli, Mauro Maldonado (Idália), Ronaldo Jobe (Canadá), Antônio Branco (Algarve/Portugal), Judith Langer (EUA), Arthur Applebee (EUA), Domingos Pellegrini, Moacyr Sclain, entre outros.

Entre os acadêmicos, estão presentes Ivan Junqueira, presidente da ABL, Sérgio Magaldi, Ana Maria Machado, Carlos Heitor Cony e Arnaldo Niskier. Para o Seminário de Jornalismo Cultural chegam a Passo Fundo os jornalistas Alberto Dines, Arur Xexé, Carlos Gralé, Cristiane Costa, Dib Carneiro, Cassiano Elek Machado, Daniel Piza, José Castello, Marco Polo, Paulo Markus, Regina Zappa e Sérgio Sá.

Formação de leitores iniciada há 24 anos, a jornada não é apenas um encontro de gente famosa, o que a diferencia de qualquer outro evento do gênero e a torna única na América Latina. Seu objetivo maior é a formação de leitores de múltiplas linguagens. Um exemplo disso são as pré-jornadas, criadas em decorrência dos debates, e que se tornaram nacionais. Elas se iniciam em

shil e na última edição, em 2003, atraíram um público de 150 mil pessoas no país. Neste ano devem envolver 200 mil estudantes, professores e demais participantes dos grupos multilingüares de leitura organizada das obras, cujos autores partici-

participa da 11.ª Jornada Nacional de Literatura e 3.ª Jornada Nacional de Literatura de volta aos estudantes dos níveis fundamental e médio. O custo estimado do evento, R\$ 2,6 milhões, terá apoio dos Correios, Petróleo e do Brasil.

Tema "Diversidade Cultural: o diálogo das diferenças" é o tema escolhido para 2005. A idéia é não só entender as peculiaridades de cada povo, como desenvolver um sentimento de respeito à trajetória de cada um, diz a coordenadora das jornadas literárias, professora Tânia Rösing, da Universidade de Passo Fundo (UPF), instituição que promove o evento em conjunto com a prefeitura da cidade.

Cervantes, Andersen e La Fontaine serão os homenageados na jornada. O melhor romance nacional receberá R\$ 100 mil do prêmio Passo Fundo Companhia Zaffari e Bourbon. Já a embaixada da Dinamarca vai oferecer viagens a Estocolmo e Odense aos trabalhos ganhadores de um concurso comemorativo aos 200 anos do nascimento do escritor Hans Christian Andersen. Os prêmios serão concedidos a um professor e um estudante de 4.ª ou 5.ª séries do ensino fundamental e a um estudante de publicididade.

Programação A Jornada Nacional de Literatura acontece no Circo da Cultura, instalado no campus 1 da Universidade de Passo Fundo (UPF), de 22 a 28 de agosto de 2005. A sessão solene de abertura da série realizada às 19h30min, dia 22/08, em comemoração ao Ano Bero-Americano da Leitura.

No dia seguinte, 23/08, às 20h ocorre a abertura da 3.ª Jornada Nacional de Literatura; às 19h5 a abertura do Encontro Nacional de Acadêmicos Brasileiros de Letras; às 19h30min, abertura do 4.º Seminário Internacional de Pesquisa em Letras e Patrimônio.

Polêmica

Lobão chacoalha as tendas culturais em Passo Fundo e dispara críticas

Passo Fundo (AE) - O cantor Lobão chacoalhou mais as tendas de cultura da 11.ª Jornada Nacional de Cultura de Passo Fundo que os próprios ventos, que assediaram a região nos últimos dias. Além de realizar um show assistido por poucos, Lobão disparou contra grandes nomes da MPB e contra a religião. "Somos o país da chacoalha; somos de quinta categoria, mas ainda tentamos manter nossa auto-estima", disse.

O músico se apresentou no mesmo espaço, o circo cultural, onde, no dia anterior, Chico Buarque de Holanda recebeu um prêmio por seu romance. Lobão aproveitou para criticá-lo, dizendo ser um representante da classe média burguesa. O cantor não perdeu também as emissoras de rádio, que transmitem uma programação que não representa o que se consome

no país. "Impõe-se uma trilha sonora que não corresponde ao que nós vivemos", disse. "No ano do Brasil na França, exportamos besteira: Sergio, Caetano e Ivete e Caetano Veloso, monoculturalmente. Isso representa o Brasil! Não me representa."

Lobão disse ainda que, no Brasil, a fécula predomina sobre o opúlio - aqueles que criticam se posicionam, são encardidos como problema. "É

o problema de ser um povo católico, que não aceita críticas. A religião é o nosso fim." O crescimento do número de igrejas evangélicas é resultado do agravo da violência nas grandes cidades, segundo o músico. Com isso, diminuiu-se o fluxo da cultura e, por extensão, favorece a quantidade de jobs. "Acho que a gente tem que se educar, se divertir com aquilo que acha que é melhor."

ESTADO DE MINAS • SEGUNDA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2005

8

CULTURA



Alcione Araújo

ALCIONE ARAÚJO

alcioneara@uol.com.br

“ Éramos cinco homens, cinco escritores, cinco amigos. A conversa girou, girou, sem sair do tema que misteriosamente se impusera, o amor

- CANTABRIA - URUGUAI Alcione Araújo
- FÉLIX - URUGUAI Carlos Herculano Lopes
- MARGARITA - URUGUAI Fernando Brant
- QUÉZALE - URUGUAI Frei Betto
- SERRA - URUGUAI Fernando Taki
- SERRA - URUGUAI Goro Siqueira
- SERRA - URUGUAI Afonso Romano de Sant'Anna

Uma festa inesquecível

O frio de sete graus do inverno gaúcho não altera o calor humano das 5 mil, 6 mil pessoas que ocupam, de dia e de noite, a majestosa lona do grande circo da XI Jornada Nacional de Literatura de Passos Fundo. Escritores, pensadores e professores, brasileiros e estrangeiros, ocupam o palco de debates, animados pelo comovido envolvimento dos participantes – raro testemunho do quanto a literatura encanta e apaixona pessoas e pode contaminar uma cidade inteira, orgulhosa de abrigar o maior encontro literário do País e acolher com carinho e entusiasmo milhares de visitantes.

Apesar do empenho exigido a função de debatedor, confiada a escritores como Ignácio de Loyola Brandão, Júlio Diniz e por esse cronista, usufruímos prodigiosos momentos nas conversas com criadores iluminados – uns que a experiência acumulada despojou-os de vaidades temporais e adornos juvenis, e ofereceram como dádivas suas percepções dos mistérios do ser e da criação literária. Outros articulam a densidade existencial com a capacidade de reflexão sobre a vida, a cultura e a transcendência. Gente como Ariano Suassuna, Carlos Heitor Cony, Silviano Santiago, Meacyr Scliar, Jostin Coardier, Luiz Fernando Veríssimo, Tassul Yacine, Leonardo Boff, Frei Betto, José J. Babi do Ribeiro e Chico Buarque – seu *Balapeste* levou o prêmio melhor romance em língua portuguesa.

Uma noite, porém, ganhou especial significado. Para discutir *A transcendência através da estética e da espiritualidade* escalaram o teólogo Leonardo Boff, o Frei Betto e, por insólito que pareça, esse cronista que, embora transferido por razões estéticas, naufragou no mar de dúvidas da fé. Falha que vem merecendo fraterna compaixão dos dois amigos – essa infinita capacidade de compreender que repouso no coração do criado verdadeiro! Em debates públicos, Leonardo chega a dizer que sou um homem de Deus sem o saber – irônico epíteto



to que me esclarece e me desqualifica, pois ignoraria ser um dos eleitos.

Mas a surpresa começa logo após a apoteose que corou o debate, sobretudo pelas falas dos dois abençoados, ainda na fuga do palco, Betto avisa, num tom de conspiração, que sabe de lugar perfeito para jantarmos, e nos conduz à saída onde um carro nos esperava. O tom reservado e a escapada planejada, surpreendi-me mais que saber de um restaurante na cidade onde mal chegara. Afinal, Betto

usufrui de requintada cultura gastronômica – já ate publicou sobre o tema – herança da mãe, consagrada autora do gênero.

Na acolhedora Cantina do Amaro, confiamos – Leonardo, Loyola, Júlio e esse cronista – ao Betto a escolha da comida e da bebida. A conversa desliza do tema debatido para a transcendência, a princípio pela arte e pela religiosidade, imbuindo-se para a genérica ideia da beleza criada por um Deus, e a relação entre o belo e o bom. Com a palavra molhada num tinto de estirpe o papa se alinha, desce a tom mais baixo e confessional, Ignácio de Loyola – o nome revela o herói cristão – coroinha na infância, afastara-se da Igreja e conti... o coração inundado de gratidão a experiência de quase-morte narrada no livro *A veia hulkiana*. Júlio Diniz lembra sua rebelião ao anacronismo dogmático do colégio religioso que abalou sua visão da Igreja, mas não a sua fé. Na sua convicção comovidamente tema a alvíva, Betto conta três momentos de revelação em sua vida.

Leonardo, cabelos e barba nevados de um patriarca, fala com a serenidade dos que tudo doam e nada pedem e prefere para a paz dos que creem. Sem ter o que contar, eu misturo aquelas palavras ao vinho, quem sabe na esperança de uma sabedora transubstanciação. Embora calado, não me sentia só. Ao contrário, raras vezes me senti tão acompanhado. O clima de fraterna confiança lembra casa familiar, com o suave afeto entre irmãos que se reencontram após longo afastamento. Servido o cordeiro, quitesência para se degustar de pechinhos, foi logo apenado de *qui tollis peccata mundi*.

Éramos cinco homens, cinco escritores, cinco amigos. A conversa girou, girou, sem sair do tema que misteriosamente se impusera, o amor. Nessas análises, visitou o amor que fulgura a relação estética, vida e espiritualidade, nos poemas de extase e gaúcho de Santa Teresa de Ávila por um Jesus feio homem. Para coar, Betto recita de cor os versos de São João da Cruz, fusão do amor perfeito. “Oh noite que junta-te / Amado com amado / Amado já no amado transformado.”

A meia-noite, Betto anuncia mais surpresa. “Hoje é o meu aniversário. Estou muito feliz de estar comemorando entre amigos-irmãos. Uma inesquecível festa de amor entre cinco homens, cinco escritores, cinco amigos.”



EL DIA

de Cuenca

Miércoles, 31 de agosto 2005 • 1 EURO

DIARIO INDEPENDIENTE

AÑO XXII • Nº 6.912

IV SEMINARIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN LECTURA Y PATRIMONIO

■ PEDRO CERRILLO ■

Director del CEPLI

“Hay mediadores en todas las culturas pero su papel es diferente”

BERTA LÓPEZ
LOCALIDAD

La XI Jornada Brasileña de Lectura es impresionante, ya que no hay ninguno que congrese durante tres días a 20.000 personas conviviendo allí”. Pedro Cerrillo, director del Centro de Estudios de Promoción de la Lectura y Literatura Infantil CEPLI ha participado en el IV Seminario Internacional de Investigación en Lectura y Patrimonio celebrado en Brasil, y ha vuelto un importantes perspectivas para la colaboración entre la Universidad Brasileña de Passo Fundo, organizadora del evento, y la UCM.

“El seminario se celebra los años pares en Passo Fundo y los impares en Europa con la colaboración de la Universidad de Extremadura. Fue debido al conocimiento que hay en esta universi-

dad de los trabajos del CEPLI que surgió la idea de que me desplazara hasta Brasil para participar en el seminario. Y ha sido muy importante para dar allí a conocer el CEPLI” explica Cerrillo.

Ponencia

El director del CEPLI habló, en una ponencia que ha tenido mucha repercusión en la sociedad educativa brasileña, al igual que el propio seminario, de “la formación de los mediadores en lectura. En el proceso lector de los niños y los adolescentes hay una labor de

“EL EVENTO HA CONGREGADO A MÁS DE 20.000 PERSONAS”



Pedro Cerrillo (a la izquierda) durante su participación en el seminario que se ha celebrado en Brasil.

intermediación que es obligatoria y se produce de manera natural. Entre libros y niños hay pues siempre un mediador adulto que interviene y esto está teniendo en cuenta por el mundo editorial”.

La formación de mediadores se da en cualquier cultura, pero, según explica Pedro Cerrillo, “dependiendo de las diferentes culturas el papel y ejercicio del mediador también cambia. El seminario

hablaba además de las diferencias considerando que la globalidad es más un término económico que se quiere imponer, pero que lo que hay que hacer es respetar la diversidad que es consecuencia del patrimonio que cada país tiene”.

Además de participar en esta ponencia, el director del CEPLI ha vuelto a España con una importante voluntad de acuerdo por parte del rector de la Universidad

de Passo Fundo “para firmar con nosotros, con la UCM, un acuerdo de colaboración como el que existe en la Universidad de Extremadura. Se podría firmar en 2006, y además hemos traído la propuesta de que la V edición del Seminario se celebre en el Campus de Cuenca de la UCM, organizado por el CEPLI”. Las propuestas están a la espera de ser estudiadas por el vicerrector.

Jornada

Nacional de Literatura de Passo Fundo

Segundo Caderno

ALBERTO DA COSTA E SILVA,
imortal da ABL, ao citar
A divina comédia

“Perto de Dante, Montaigne
é um anãozinho.
Um anãozinho que
eu gostaria de ser.”



ZERO HORA – SÁBADO, 27 DE AGOSTO DE 2005

CARLOS ANDRÉ MOREIRA



O tempo melhorou e o vento diminuiu em Passo Fundo para a homenagem aos cem anos do escritor Erico Veríssimo, prestada pela 11ª Jornada Nacional de Literatura. A celebração marcou o fim da festa das letras, com a presença de um ramo especialmente famoso dos herdeiros de Erico: seu filho Luís Fernando, a nora, Lúcia, e as netas, Fernanda e a também escritora Mariana.

— O pai está recebendo muitas homenagens, no Estado, no país. Estamos voltando de Brasília, onde ele foi homenageado no salão do Senado Federal. Mas acredito que esta, por ser ligada aos livros, à literatura, ao público, é a mais emocionante e significativa — agradeceu Luís Fernando em seu discurso na solenidade de encerramento.

Veríssimo recebeu o troféu Vasco Prado, dedicado aos participantes da Jornada. Sua mulher e as filhas foram apresentadas com obras de arte artis-

tas locais lembrando Erico, mas provavelmente o cumprimento mais exótico que Veríssimo recebeu pelo centenário do pai foi um aperto de mão do boneco gigante que representava o Capitão Rodrigo Cambur, manipulado pelo grupo Viramundos, da própria UPF.

O mesmo grupo já havia emocionado o clã Veríssimo no início da tarde ao representar a céu aberto, em um palco adaptado em um ônibus, a peça *Famochas*. O espetáculo misturava esquetes do escritor em seu primeiro livro, de mesmo nome, e personagens famosos de outras obras, como Clárisa e o Capitão Rodrigo.

Luís Fernando — que havia chegado a Passo Fundo com a família na quinta-feira e passou o dia acompanhando as homenagens montadas pela organização — assistiu à peça em seu já folclórico silêncio contido, rindo de boca fechada às vezes nas tiradas cômicas. Mas levantou ao fim da apresentação e foi aos bastidores cumprimentar o grupo.

— Meus parabéns. Bonita, bem-humorada, emocionante. Formidável mesmo — disse o escritor, esbanjando em segundos mais adjetivos do que havia dito em uma manhã inteira acompanhando as comemorações.

Não foram as únicas homenagens a Erico prestadas pela Jornada. A exposição *Retratos da Vida Inteira* migrou de Porto Alegre para passar a semana da festa em Passo Fundo. O próprio Luís Fernando já havia representado o pai em uma homenagem mais informal na manhã de ontem. As 10h30min do último dia da Jornada, depois de Mariana Veríssimo, co-autora do livro infanto-juvenil *P.S. Beiji*, haver participado de uma roda de debates no palco da Jardiminha de Literatura, ao lado de Ana Maria Machado, os Verissimos também subiram ao palco. Receberam de presente um kit com camiseta e caneca com a estampa da caricatura feita por Paulo Caruso de participantes ilustres da Jornada.

E bem no meio do desenho, próximo ao Luís Fernando, está o Erico, que nunca veio à Jornada, infelizmente, por ter morrido anos antes da primeira, mas que foi uma das inspirações para o projeto discutido Tânia Rösing.

Luís Fernando agradeceu novamente, numa manhã sem vento que encerrou o tempo dos Verissimos e o da Jornada em Passo Fundo.

carlos.moreira@zerohora.com.br

11ª Jornada Nacional de Literatura de
Passo Fundo encerrou-se ontem com
homenagem aos cem anos de Erico



Prêmio celebra a inclusão cultural

O projeto Anjos e Querubins, que há quatro anos vem atendendo adolescentes do bairro Getúlio Vargas, um dos mais pobres da cidade de Pelotas, foi o vencedor do prêmio Inclusão Cultural, entregue na terça-feira em solenidade dentro da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

A premiação instituída pela RBS, pelo governo do Estado (Banrisul) e pela Jornada de Passo Fundo, em sua segunda edição, foi disputada por 120 projetos, todos voltados para ações em áreas culturais tendo como público alvo comunidades carentes.

O prêmio Inclusão Cultural 2005 (no valor de R\$ 10 mil) foi entregue ao Centro de Cultura, Esporte e Lazer Anjos e Querubins, de Pelotas, pelo presidente do Conselho de Administração da RBS, Jayme Sirotsky, e pelo diretor do Banrisul Gilberto Capoi.

O projeto Anjos e Querubins, que reúne grupos de 60 adolescentes em ações de artes cênicas e de música com instrumentos alternativos, já vinha recebendo o reconhecimento e o apoio da comunidade pelotense e agora tem seu trabalho de inclusão cultural valorizado em todo o Estado.

Foram muitos, porém, os projetos destacados pelo júri como merecedores de reconhecimento e apoio. Dez, em especial, figuraram entre os finalistas: Arte na

Escola, da Escola Maria de Lurdes Andrade (Charqueadas), Dança Criança, da Escola Loureiro da Silva, da Vila Cruzeiro (Porto Alegre), Espaço Vivência Cultural, da Fundação Semear, na Vila Redentora (Novo Hamburgo), Guris da Vila, da Escola Ulisses Salazar (Catuípe), Odara, do Centro Odara (Pelotas), Programa de Educação para a Cidadania, do Memorial da Câmara Municipal (Porto Alegre), Odisséia da Literatura, da Prefeitura Municipal de Carazinho, Hip Hop na Escola, do Colégio Marechal Rondon (Canoas), Banda Marcial CIEP, da Escola Luiz Maria Ferraz (Bagé) e Música/Ação/Inclusão, da Prefeitura Municipal de Cachoeirinha.

O júri que selecionou os vencedores foi coordenado pelo jornalista Lauro Schirmer, da RBS, tendo como membros: Miguel Rettenmaier, da Jornada de Passo Fundo; Luiz Antonio Barros Pinto, do Banrisul; Roberto Luiz Antunes Fleck, da Secretaria Estadual de Cultura; Márcia Ramos, da Secretaria Estadual de Educação; Sílvia Helena Oliveira, da Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social; e Mirza Reverbil, da Secretaria Estadual de Comunicação Social.

O júri estabeleceu ainda que o projeto vencedor deverá, no prazo de 12 meses, apresentar relatório sobre a aplicação do prêmio aos promotores do evento – RBS, Banrisul e Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.



Ben Hur Jr., Ben Hur Flores e Felipe Torres com o prêmio concedido à ONG

CORREIO DO POVO

ESPECIAL

SEXTA-FEIRA, 26 de agosto de 2005 — 7



Luano

CORDEL — O artista J. Borges, cujo nome de batismo é José Francisco Borges, nasceu em Bezerro, Pernambuco, tem chamado a atenção dos participantes da Jornada. Autor de literatura de cordel, J. Borges, 69 anos, também é um dos maiores ilustradores do gênero. Trabalha com gravuras desde os 19 anos. Suas temas versam sobre magia, mulheres, animais, serpentes e elementos do sertão e da caatinga.

RECONHECIMENTO — O sonho do jornalista Veronã Cogo, falecido neste ano, de realizar durante a Jornada um Seminário Nacional de Jerusalém Cultural, trouxer realidade. Seu empenho, ética e dedicação foram lembrados ontem durante a abertura do encontro.

CURSOS — Além das palestras e dos debates sobre a diversidade cultural, a 11ª Jornada Nacional de Literatura tem proporcionado uma série de cursos opcionais. Nessas atividades, são discutidas temas como formação de leitores, dinamização de bibliotecas e produção de textos em línguas.

CONFRATERNIZAÇÃO — Jornalistas, coordenadores da Jornada, escritores e artistas participaram de um churrasco de confraternização, na quarta-feira, no CTG Tropel de Caudilhos. Também conheceram o acervo do museu da entidade. O escritor João Ubaldo Ribeiro prou e aprovou a costeira assada no espeto.

CRIANÇAS — Um grupo de crianças com idades entre 9 e 13 anos lançou, na Jornada, um livro de 30 páginas abordando a diversidade cultural. "Diferente e divertido" é o título da obra.

Expediente

Reportagem: Paulo Mendes e Acácio Silva. Redação: Beth Mattos. Fotografia: Paulo Nunes, Edgêa Conon Moura. Diagramação: Vivian Gamba.

O pierrô erudito que veio do sertão

Ariano Suassuna, que se considera um contador de histórias brincalhão, dá uma aula de vida

Foi a melhor coléxia da 11ª Jornada Nacional de Literatura. Alegre, descontraída, permeada de causos engraçados e citações de clássicos. Uma aula de vida, erudição, simplicidade e reconhecimento que só os sábios podem dar. Por onde o paraibano, mensor de Recife, Ariano Suassuna passa, fica um gosto de alegria sertaneja e ringüê quer que a prosa termine.

Aos 78 anos, o dramaturgo, ex-professor de estética, romancista, poeta e artista plástico, que nasceu em dia de Corpus Christi, quando uma procissão passava, continua insuperável na arte de falar das coisas do folclore nordestino, da cultura popular, das pessoas que viram personagens, da morte, da incompreensão da crítica, que o chama de contraditório, da própria obra, do gosto por falar muito e do jeito de escrever bastante e com adjetivos. "Seu um grande mentiroso: todo escritor precisa mentir para que as coisas ganhem magia. Não preciso de leitores, e sim de cúmplices", disse. Quem



Paraibano diz que todo escritor precisa mentir um pouco

conversa com Suassuna fica com a convicção de que pode escrever um livro sobre suas ideias, calcadas na sua formação erudita, de leitura de obras como "Dom Quixote de La Mancha", de

Cervantes, um dos homenageados pela Jornada. O paraibano detesta tudo que é importado pela classe média. "Não gosto de rock brasileiro porque também não gosto de samba americano", disparou, afirmando que não é um regionalista. Argumenta que os problemas são os mesmos para gaúchos ou paulistas. "Dia desses, me disseram que o homem não anda mais a cavalo, só de moto. Respondi que, mesmo assim, não podia escapar da Cartana, que é como chamamos a morte. Dela ringüê escapa." Autor de "Auto da compadecida" e "O romance da pedra do reino", frisou que gosta muito de Erice Veríssimo e de "O tempo e o vento".

Erudicão que não gosta de gente seca, ontem eram seus amigos Graçiliano Ramos e João Cabral de Melo Neto, o escritor rebebeu ontem à noite, das mãos do reitor Rui Soares, o primeiro título de Doutor Honoris Causa concedido pela Universidade de Passo Fundo (UPF), em sessão especial do Conselho Universitário.

Livro resgata fatos pitorescos

Histórias dos bastidores das jornadas literárias de Passo Fundo que nunca foram contadas estão sendo reveladas agora no livro "Anekdótica 1", das professoras Tânia Rösing e Lurdes Canelas. A obra foi lançada



Professora Tânia Rösing autografou a obra

ontem à tarde, no espaço da Feira do Livro no Portal das Linguagens, dentro da programação da 11ª Jornada Nacional de Literatura.

A professora Tânia Rösing, idealizadora do evento, contou que a ideia de escrever um livro contando os bastidores das jornadas surgiu no longo destes 24 anos do evento. A obra tem 170 páginas, é uma edição da editora da Universidade de Passo Fundo e Edlebra custa R\$ 10,00. Tânia disse que são contados fatos pitorescos e inusitados dos participantes e convidados das jornadas ao longo dessas edições. As histórias envolvem escritores e famosos como Mário Quintana, Arnaldo Jabob e Eduardo Sulyay. As autoras garantem que esse é o primeiro de uma série de livros, para os quais já existem outras histórias interessantes e inesperadas.

Mortais encerram encontro

Carlos Hietor Cony analisou ontem a obra "Memórias de um sargento de milícias", durante o encontro da Academia Brasileira de Letras. Por três dias, os imortais revisaram os clássicos da literatura brasileira.



Escritor analisou "Memórias de um sargento de milícias" da ABL. Ele disse que colerita es

o livro de Manuel Antônio de Almeida virou peça de teatro, ópera e coreto de escola de samba. A escola de Carlos Hietor Cony para a apresentação ocorreu no encontro

da ABL. Ele disse que colerita es sa obra permanente porque "sempre despertou o entusiasmo nas pessoas como despertou em mim". Cony falou dos personagens, da construção da história, do autor e coreto do livro. "O momento mais delicioso do livro é quando o padrinho morre. Ele era um cretino".

Secretário destaca incentivo à leitura

O secretário estadual de Educação, José Fortunati, disse ontem que a Jornada é um evento da maior importância para o fomento do hábito da leitura. Segundo ele, também é significativa para a descoberta de novos autores e para a reflexão a ser feita, nas escolas públicas e privadas, a respeito da produção literária no Brasil e na América Latina.

ZERO HORA • PORTO ALEGRE, SÁBADO, 27/08/2005

Jornal

As mil e uma leituras da Jornada



Foi uma longa jornada semana adentro: durante cinco dias, de manhã, à tarde e à noite, Passo Fundo celebrou a palavra escrita, a leitura e o pensamento crítico. Homogeneou Cervantes, Andersen e Erico Veríssimo. Ouviu Chico Buarque cantar João e Maria a capela, gargalhou com as tiradas de Ariano Suassuna, e trouxe desde a Noruega o autor do best-seller O mundo de Sofia, Jostein Gaarder. O filósofo Gilles Lipovetsky veio da França para dizer que a cultura do efêmero e do lixo

tem seu lado bom e outro ruim, enquanto o cordelista J. Borges, um dos maiores artistas populares do Brasil, vendeu gravuras muito sofisticadas a preço de banana. Passo Fundo não ficou indiferente ao mal-estar do Brasil. O evento, que celebrava a diversidade cultural, "o diálogo das diferenças", também discutiu a crise política nacional. Enquanto isso, de segunda a sexta milhares de crianças e adultos – sobretudo, professoras – aprenderam e ensinaram em uma intensa celebração de diferentes formas de leitura.



O Homem-show e o Homem-anti-show

O público de Passo Fundo recebeu de maneira bem diferente dois dos corvidos da Jornada: Ariano Suassuna, que recebeu da UPF o título de Doutor Honoris Causa, na quinta-feira, hipnotizou o público falando ininterruptamente por duas horas sem tomar um copo d'água sequer. A palestra nem parecia a de um dos mais importantes intelectuais brasileiros, e sim um show de comédia, tantas eram as gargalhadas que explodiam na multidão a cada tirada cômica do paranoico de 78 anos.
- Eu gosto muito de rir para zombar, dos outros e principalmente de mim mesmo – disse o autor de *A pedra do reino* e *O auto da Compadecida*.
Já a noite de quarta-feira foi o cenário do constrangimento e da irritação do

cantor Lobão, que começou seu show de encerramento da programação diária cocutando músicas de seu mais recente CD, *Canções dentro da noite escura*.
Lobão estava na quarta música e boa parte do público, alheia ao repertório atual do cantor, já havia deixado o Circo das Letras. Os que ficaram pediam em voz alta músicas dos anos 80, como *Mé-chorra* e *Yôô Konkôla*. Lobão capitulou e engatou um repertório de seus sucessos radiofônicos de início de carreira. Ao voltar para o bis, no entanto, desabafou.
- A gente não ensaiou muita música antiga, ia tocar o repertório novo. Achei que eu estava num evento cultural, com um pessoal de mente aberta – reclamou, ao ver as cerca de 150 pessoas que sobraram para ver o show.



Políticas

Passo Fundo não ficou indiferente à crise política do país. De Chico Buarque a Luis Fernando Veríssimo, passando por Frei Betto ou Gilles Lipovetsky todo mundo foi convidado a dar pitaco sobre o momento atual. Veríssimo, que matou a Velhinha de Taubaté no mesmo dia em que chegou a Passo Fundo, fez observação semelhante à de Frei Betto: "em pouquíssimo tempo, alguns líderes do PT conseguiram aquilo que a direita do país tentava sem sucesso durante décadas, destruíram a esquerda brasileira". Chico se disse triste com a crise no governo, mas reafirmou sua crença em Lula.
- Eu gosto do Lula. Votei no Lula. Continuo achando que sua eleição foi da maior importância para a afirmação da democracia do país e do homem brasileiro.
O francês Lipovetsky garantiu que a indignação geral contra a corrupção seria sintoma não de desespero, mas de correção em valores humanistas.

Iguaizinhos

Os organizadores da Jornada levaram a sério (ou quase a sério) a piada dos escritores Igúzico de Loyola Brandão, Júlio Diniz e Alcione Araújo, que passaram a se auto-intitular "os três iguês" (em uma tentativa débil de fazer tanto sucesso quanto Chico Buarque).
Tiago Larmen, da sucursal de imprensa da Jornada, preparou uma montagem, para exibir no telão do Circo da Cultura, em que Loyola, Diniz e Araújo tomam os lugares de Pavarotti, Carreus e Plácido Domingo.



Papa fina

O cordelista e gravador pernambucoense José Francisco Borges, o J. Borges, foi um dos maiores fenômenos de venda da Jornada Literária. As gravuras dele, oferecidas por apenas R\$ 20 cada, viraram objeto de desejo no campus da UPF. Tive gente de Porto Alegre fazendo encomenda por telefone para quem estava em Passo Fundo.
No stand improvisado diante da Praça de Alimentação, as jornalistas responsáveis nem sabiam dizer quantas venderam. Calculam que ficou na média de 20 gravuras por hora. Artista intuitivo de formação autodidata, J. Borges é considerado por Ariano Suassuna como o maior xilogravador de todo o Nordeste.
Os livros de cordel de J. Borges, como *A filosofia do pédo*, também venderam bem. Custam R\$ 1 cada. – Todo mundo tem R\$ 1 no bolso – diz ele.

Em busca de intérpretes

No encerramento do Seminário de Jornalismo Cultural, o escritor e jornalista José Castello, biógrafo de Vinícius de Moraes, disse que os jornais contemporâneos equivocaram-se ao tentar repetir o modelo fragmentado da televisão e da internet, com pouco texto, muitas notas e muitas imagens.
- É um mito grosseiro. É a uma chatice – sublinhou.
Acredita Castello que os leitores não estão interessados em textos pirados. Lançou em colunas de opinião.
- Os jornais estão cheios de colunas de opinião. O que falta é interpretação. Falta ajudar o leitor a entender o mundo.



O filósofo francês Gilles Lipovetsky afirmou ontem que não se pode imaginar um evento como a Jornada Nacional de Literatura na Europa. "Uma tal concentração de pessoas em um encontro de cultura o transforma em um evento de massa, ao passo que, na Europa, manifestações nessa área são de pequeno porte." A manifestação foi feita no Palco de Debates A Indústria Cultural: homogeneização, diversidade, resistências. Por mais de três horas, Lipovetsky discutiu o tema com Carlos Reis, professor da Universidade de Coimbra (Portugal) e o psiquiatra italiano Mauro Maldonato. Confira a seguir, a síntese dos principais debates da programação do dia de ontem:

O escritor baiano João Ubaldo Ribeiro recorreu à sua infância para explicar a importância dos clássicos da literatura. "No dia em que aprendi a ler – e isso foi realmente em um dia – voltei para casa quase que febril, porque sentia que poderia entender o que diziam as legendas das ilustrações de Gustave Doré para Dom Quixote, que tanto me fascinavam. Eu era tão cabeçudo e isso, para meu pai, era sinal de inteligência. Daí a aflição de ter um filho ignorante e analfabeto aos cinco anos", relatou o autor durante o Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras – *Revistando os Clássicos*.

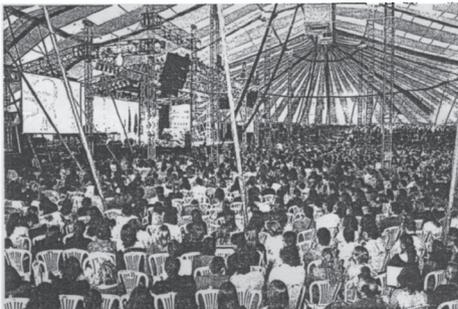
Para ele, as obras de Shakespeare, Cervantes, Camões, entre outros, não são "clássicos" à toa. "Permanecem para se questionarem a questões humanas como o engano, a tragédia, o amor e a paixão, a condição humana de forma tão contundente que transforma esses livros em patrimônio da humanidade, de todos nós. Precisamos ler os clássicos porque precisamos ler os fundamentos", afirmou João Ubaldo.

"Estou grávido de temas que nasceram há 20 anos e ainda não tive tempo de me dedicar a eles", disse o frade dominicano Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, referindo-se aos temas de seus livros, ao participar do Palco de Debates sobre *A sublimação do homem pela estética e espiritualidade*.

Betto relutou, mas falou sobre seu desencanto com o processo político e a desmoralização da esquerda. "A direita brasileira não conseguiu em décadas o que um pequeno núcleo de dirigentes peristas conseguiu em poucos anos: desmoralizar a esquerda. Depois de trabalhar junto aos movimentos populares para construir uma nova proposta ao país, um pequeno grupo de dirigentes vem, atola pé e alma na corrupção, comprometendo todo um projeto."

PATRIMÔNIO – O estímulo à leitura com crianças e adolescentes e a valorização do patrimônio lingüístico foram temas do 4º Seminário Interinstitucional de Pesquisas em Leitura e Patrimônio, realizado através de parceria entre a UFP e a Universidade de Extremadura (Espanha). "Entre um adulto e o livro não há nada no meio, mas entre uma criança e um livro há um adulto que faz o intermédio da leitura", disse Paulo Cerrillo Torreirocha (Universidade de Castilla La Mancha). Na opinião de Carlos Reis (Portugal), é necessário manter a unidade da língua portuguesa como um grande patrimônio coletivo e permitir que cada país fale o idioma de uma maneira criativa. [E...]

O circo da diversidade



As nacionalidades dialogam no Circo da Cultura, que reúne debatedores como o filósofo indigenista Daniel Mundurucu (E), o norueguês Jostein Gaarder (D), o baiano João Ubaldo Ribeiro, Frei Betto e o francês Gilles Lipovetsky



Jornalismo cultural em debate

Os desafios e as perspectivas do jornalismo cultural brasileiro estão em debate. Desde ontem, profissionais ligados aos principais jornais e revistas do país estão participando do I Seminário Nacional de Jornalismo Cultural, no auditório Centro de Eventos da UFP. O evento prossegue até sexta-feira, das 9h30min às 12h.

Para Marco Pólo, poeta e editor da revista Continente Multicultural, de Pernambuco, a preocupação de mostrar novidades está se sobrepondo à qualidade das informações. "Não importa se o trabalho artístico abordado é bom ou ruim. A prioridade é dar publicidade ao produto", afirmou Pólo, ao participar, ontem de manhã, da primeira mesa-redonda. O tema

era *O jornalismo cultural hoje: as diferenças culturais*. Sérgio Sá, apresentador do programa Sessão das Duas, da TV Brasília, e colaborador do Correio Brasiliense, lembrou que o leitor não busca apenas as informações objetivas. "Ele quer um texto opinativo."

Hoje, o tema em debate é *Jornalismo de cultura, de variedades ou artes e espetáculos*? Alberto Dines (editor do *Observatório de Imprensa*), Paulo Markun (apresentador do *Roda Viva*, da TV Cultura/SP), Cassiano Elek Machado (revista *Tóp*) e Regina Zappa (ex-editora do *Jornal do Brasil*) participam da mesa-redonda coordenada por jurista Ivonisca (ABC *Domingo* e revista *Apêndice*).



O SENHOR EMBAIXADOR

Logo após a morte de Josué Guimarães, em 1986, Ignácio de Loyola Brandão transformou-se no principal incentivador da Jornada Literária de Passo Fundo, divulgando o evento entre os escritores e na mídia do centro do país. "Ele vestiu literalmente a camiseta da Jornada, com a frase 'Literatura no peito'", lembra a coordenadora do encontro literário, Tânia Rösing. Mais do que isso, Loyola foi indicado "embaixador das Jornadas Literárias", a partir de 1988, função que exerce até hoje com o maior orgulho.

Paulista de Araraquara, Loyola é um dos nomes mais representativos de uma geração de romancistas e contistas brasileiros que utilizou a escrita como arma política contra a ditadura militar. "Eu achava que minha literatura podia modificar cabeças, pôr amarras nas mãos das pessoas", afirmou. Zero, romance proibido pelo governo militar e publicado inicialmente na Itália, é um marco dessa literatura de guerrilha.

Não verás país nenhum, de 1984, ganhou o prêmio de melhor livro latino-americano do Instituto Italo-latino-americano, de Roma. Em 2000, Loyola recebeu o prêmio Jabuti por O homem que odiava a segunda-feira. Nesta entrevista ao Extra Classe, ele retoma a história da Jornada e fala sobre os escritores homenageados nesta edição do evento.

Paulo César Teixeira

Extra Classe – O senhor é considerado um dos "magos" (conforme expressão da professora Tânia Rösing) da Jornada Literária de Passo Fundo, desde a década de 80. Ganhou até o título de "embaixador das Jornadas". Como isso aconteceu?

Ignácio de Loyola Brandão – O que me emocionou foi o fato de ter sido escolhido através de uma votação realizada entre os alunos e professores da Universidade de Passo Fundo. Estou convencido de que esta é a maior jornada literária do mundo. Não existe nenhuma outra com tamanha grandiosidade. Antigamente, a divulgação ficava muito restrita ao Rio Grande do Sul, talvez, por uma visão preconceituosa. Havia um olhar discriminatório da mídia de Rio e São Paulo. "Ah, isso é um evento só de escritores gaúchos", diziam. Mas ela superou isso, ficou cada vez mais aberta, mais ampla.

EC – Nesta edição, um dos escritores homenageados é Cervantes. Qual é a importância de sua obra?

Loyola – Basta dizer que Cervantes é o pai do romance moderno. Ele escreveu, há 400 anos, um romance que é mais moderno que muitos livros escritos em 2005. Formato o romance moderno, antes mesmo que esse gênero literário existisse.

EC – Erico Veríssimo, outro homenageado na 11ª Jornada, é um escritor que, até hoje, sofre restrições de parte da crítica. O senhor acredita que a obra do romancista gaúcho tem o reconhecimento que merece?

Loyola – Erico está no pódio da literatura brasileira, ao lado de nomes como Machado de Assis e Graciliano Ramos. Poucos romancistas escreveram uma obra com a grandeza de O tempo e o vento. É um sonho meu um dia escrever algo parecido, épico, uma saga como o grande romance de Erico.

EC – A Jornada também presta homenagem ao bicentário de Hans Christian Andersen. Os contos infantis do escritor dinamarquês foram importantes em sua formação literária?



Ignácio de Loyola Brandão coordena os debates da Jornada

Loyola – Ele é o pai da nossa fantasia. Andersen nos amedrontou muito, com suas histórias terríveis, às vezes, trágicas. Despertou o nosso imaginário. Grande parte dos escritores atuais tem sua fonte de inspiração nas histórias de Andersen.

EC – O senhor está lançando um novo livro na Jornada?

Loyola – Estou trazendo para Passo Fundo A última viagem de Borges, texto de minha primeira peça teatral (N.R.: escrevi no primeiro semestre do ano em São Paulo, com direção de Sérgio Ferrara, apresentando no elenco Luiz Damasceno, Flávia Pucci e Marco Antônio Pámo, entre outros). Conta a trajetória de Jorge Luis Borges. Descobri o caminho da história ao lembrar do filme Oito e meio, de Fellini, que narra o bloqueio na criação de um diretor de cinema. No caso de Borges, esse bloqueio representou a perda da palavra e da memória. A peça vai estar no Porto Alegre Em Cena, em setembro. O livro chegou junto comigo em Passo Fundo. É a primeira edição. No mais, estou vivendo um período de entressafra. Ainda não tenho nada em vista para o futuro. [B]

Sociedade de exclusão restringe diálogo

VALTERRA S. HOCK

Luiz Alberto de Abreu consegue passar com maestria por vários caminhos, da literatura ao cinema, teatro, música e poesia. Drama turgo, roteirista e professor, tem mais de 40 peças encenadas; fez o roteiro, em parceria com Eliane Caffé, dos filmes Kenoma e Os narradores de Javé; foi também co-autor, com Luiz Fernando Carvalho, da minissérie Hoje é dia de Maria, que foi ao ar pela TV Globo; e organizou e coordenou os trabalhos de dramaturgia do Escola Livre de Teatro de Santo André (SP) e do Grupo Galpão, de Belo Horizonte (MG). "Se há um elemento comum e fundamental a todas essas linguagens, é o ritmo, o pulso – a evidência básica da vitalidade em qualquer linguagem artística", diz Abreu, que estará falando sobre o tema às 14h de hoje. Como harmonizar as várias pulsações e tempos de uma obra e fazer

o diálogo das diferenças dentro da diversidade cultural, proposta da Jornada, são os grandes desafios na opinião desse polivalente professor. Especialmente num país com tantas diferenças econômicas e sociais. "É impossível o diálogo cultural, ou pelo menos ele será extremamente restrito, se a sociedade não dialogar econômica e socialmente – somos ainda uma sociedade de exclusão, e essa exclusão se manifesta também na área cultural", reconhece Abreu. Portanto, quem trabalha na área cultural precisa aprender e conhecer a imensa diversidade de valores e culturas deste Brasil. E superar barreiras.

O trabalho de dramaturgos e roteiristas comprova que a literatura pode ir para as telas de televisão, para o cinema e para o teatro. Porque literatura, explica, depende menos do suporte e muito mais da forma como organiza

seus elementos, estabelece uma linguagem e a comunica. "Você pode ter atores falando e agindo num palco e, no entanto, o resultado daquela obra pode estar distante da linguagem teatral, ou pode ter um espetáculo sem uma única fala e que seja altamente teatral", analisa. "Anatol Rosenfeld afirmava que não existe gênero puro."

A questão, diz ele, é que a literatura não deve ser refém de culturas e do esquema industrial. "Recuperar a literatura oral e seus formatos de veiculação me parece ser um campo bem interessante de atuação literária, bem como aproveitar os meios que a tecnologia digital dispõe." Alguns músicos já perceberam isso. Comparar a dependência das gravadoras, criaram seus independentes e agora atingem diretamente seu público.

Geraldo Fernandes

GFCURSOS@TPO.COM.BR

11ª JORNADA NACIONAL DE LITERATURA

**Presidente, cautela !
Montaram o maior circo em Passo Fundo:
Manifestações de milhares de populares,
Colocaram Um Piano na Estrada,
Só se fala em diferenças, exclusões,
Grupo Viramundos vai revelar Fantoches,
prato quente para a CPI,
E o pior: homem famoso foi visto
no aeroporto local, portanto mala com
100 mil reais !**



Geraldo Passofundo

Comunidade tem acesso à jornada através de atividades paralelas

Integrando a programação da 11ª Jornada Nacional de Literatura, acontecem atividades paralelas abertas para a comunidade, com entrada gratuita. São exposições, apresentação de peças teatrais, feira do livro, lançamentos de obras, mostras de filme e conversas com os autores.

NÚMEROS DA JORNADA

CONVIDADOS	
Escritores.....	113
Escritores nacionais.....	90
Escritores estrangeiros.....	23
Artistas.....	mais de 100
Países de origem dos convidados.....	11
Pessoas da organização e infra-estrutura.....	600
PARTICIPANTES	
Adultos.....	4,5 mil
Infanto-juvenis.....	12 mil
Debates.....	42
PROGRAMAÇÃO PARALELA	
Exposições.....	9
Apresentações do Grupo Viramundos.....	3
Filmes.....	2
Shows musicais e teatrais.....	17
HOMENAGENS	
Miguel de Cervantes.....	400 anos
Hans Christian Andersen.....	200 anos
Erico Veríssimo.....	100 anos
Maria Lucina Busato Bueno.....	30 anos
Ariano Vilar Suassuna.....	de arte Outorga do Doutor Honoris Causa
INFRA-ESTRUTURA	
Área total.....	10,47m ²
Área de alimentação.....	2,000m ²
Lonas.....	6 estruturas
	de lonas e pirâmides
Sanitários.....	60
Atendimento médico.....	Unimed

EXPOSIÇÕES

Nesta edição, são nove mostras. A vida do escritor Erico Veríssimo está resgatada na exposição "Retratos da vida interior", localizada no Centro de Eventos da UPF. Também no Centro de Eventos, a artista Maria Tomassini demonstra suas esculturas e o fotógrafo Tadeu Vilani expõe os retratos do dia-a-dia de poloneses, italianos e indígenas. O auditório recebe ainda a mostra Solidadinho de Chumbo, através da coleção Roberto Dias Loch. O autor da obra Raízes do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda, recebe uma homenagem com a mostra reletura "Intérprete do Brasil", situada no hall da Biblioteca Central. No Museu de Artes Visuais Ruth Schneider (MAVRS), três atividades animam as atrações da manifestação cultural. A primeira delas destaca os 30 anos de arte da artista Maria Lucina Busato Bueno. A obra do escultor Vasco Prado, nascido na fronteira do Rio Grande do Sul, é reconhecida na exposição Dom Quixote. A terceira mostra do MAVRS, aborda a vida do médico e um dos fundadores da UPF, César Santos.

CONTATO COM OS AUTORES

Os visitantes da Jornada que não conseguiram inscrever-se nos debates, têm a oportunidade de se aproximarem de grandes autores nas sessões de autógrafos e nas conversas paralelas, realizadas durante os cinco dias da festa literária, além de acompanharem a programação da obra.

TEATRO

O expressionismo da segunda arte será garantido através de dois espetáculos teatrais. O Grupo Viramundos apresenta os espetáculos "Timbre de Galo" e "Fantoches", produzido especialmente para homenagear o escritor Erico Veríssimo. As encenações acontecem entre quarta e sexta-feira, a partir das 13h, em frente à gráfica UPF, junto ao campus I da instituição.

FILMES

Dois filmes brasileiros foram selecionados para serem exibidos na Mostra de Filmes, o longa-metragem Noite de São João, premiado com quatro kitsos no Festival de Gramado em 2003 será exibido na quarta-feira, às 10h. Já o segundo película escolhida é o filme "Nouve uma vez das verdes", do diretor gaúcho Jorge Furtado, que poderá ser assistido na quinta-feira, às 10h. A Mostra de Filmes acontece no Teatro Nício de Castro.

Passo Fundo entre as cidades com mais livrarias

O município de Passo Fundo é referência em diversas atividades voltadas para a leitura, entre elas a Feira do Livro e a Jornada Nacional de Literatura, realizada desde 1981. Uma estatística realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) comprovou esse interesse dos passo-fundenses em conhecerem e admirarem os livros. Passo Fundo foi apontada como um dos municípios com maior número de livrarias em todo o Brasil. Conforme a pesquisa, existe um estabelecimento voltado para a

venda de livros para 18 mil habitantes, ficando abaixo apenas de Porto Alegre no estado. Para o gerente de uma das 10 livrarias na cidade, Marlene Commin, o número de leitores realmente surpreende em relação a outros municípios. "É impressionante a procura por obras, especialmente os clássicos literários", revela. Segundo ela, nos períodos de feira e Jornada, as vendas intensificam ainda mais: "Desde abril, estamos vendendo obras de praticamente todos os autores presentes nesta 11ª edição da festa literária", conta.



Imortais revisitam clássicos da literatura



Imortais da Academia mais próximos do público leitor

O início do encontro da Academia Brasileira de Letras, na manhã de ontem, paralelamente a 11ª Jornada Nacional de Literatura, foi marcado pelo ineditismo. Pela primeira vez a entidade trouxe nove de seus 20 integrantes "imortais" para debater clássicos literários no Sul do país. O presidente da Academia Ivan Junqueira participou do primeiro debate, juntamente com outros dois imortais: Moacyr Scliar e Sérgio Paulo Rouanet. Segundo ele, a aproximação da entidade com os leitores demonstra que os integrantes da ABL não são tão imortais como se pensa. "Viermos para Passo Fundo colaborar com o verdadeiro público que é a Jornada. Vi

aqui que, talvez mais importante do que as palestras para os adultos, são as atividades para as crianças. Isso porque é quando somos pequenos que criamos o hábito da leitura", explicou. Conforme o estabelecido pelo tema do encontro, cada participante fez uma releitura de um clássico da literatura brasileira. Junqueira escolheu Manoel Bandeira por vez, segundo ele, o escritor já nasceu "clássico". "Aprendi que precisamos fazer duas leituras de uma mesma obra, como aconteceu com Miguel de Cervantes, faço agora com Bandeira", disse Scliar.

O escritor gaúcho e recém integrante da Academia Brasileira de Le-

tras, Moacyr Scliar, usou que a realização do encontro da entidade como parte integrante da Jornada foi uma demonstração de ascensão. "A ampliação da programação do evento atende as necessidades de ampliar o elenco de ações e a descentralização da Academia, buscando o público brasileiro, onde quer que ele esteja", afirmou. Scliar falou sobre o escritor gaúcho Erico Veríssimo – que também é um dos homenageados nesta edição da Jornada em função do centenário de seu nascimento, comemorado neste ano.

DIVERSIDADE

O mortal Sérgio Paulo

rouanet, tanto sobre o mercado de Assis e integrou o assunto da palestra no tema da 11ª Jornada Nacional de Literatura, "Universidade Cultural: o diálogo das diferenças". "É preciso estabelecer uma conversa unificada, sem excluir qualquer pessoa ou classe social", disse. A coordenadora dos debates da manhã de ontem foi a presidente do Instituto Estadual do Livro, Regina Zilbermann. Segundo ela, a vinda da ABL demonstra que a entidade está procurando abrir novas fronteiras. "A Academia esteve, praticamente 'fechada' por muito tempo e agora está buscando uma aproximação com os leitores, o que é considerado fundamental", concluiu.

24 anos da UPP foram dedicados às jornadas, diz reitor

O reitor da Universidade de Passo Fundo (UPF), professor Rui Getúlio Soares, ao desejar boas-vindas aos participantes da 11ª Jornada Nacional de Literatura, constatou que dos 37 anos da instituição, 24 anos ininterruptos foram dedicados à movimentação cultural. "Os resultados educativos, culturais e sociais são imensuráveis. A festa literária e toda a programação iniciada meses antes auxilia na formação de leitores críticos e entendedores de linguagens distintas", relatou. Segundo ele, no Brasil a necessidade cultural constitui-se na maior riqueza. "A comunicação entre os habitantes de diferentes regiões acontece pela unidade da língua portuguesa e pela diversidade cultural", acrescentou. Para o professor Rui, escolha da festa literária de Passo Fundo entre os quatro eventos oficiais realizado no Brasil é o reconhecimento da trajetória marcante das jornadas literárias. Ele

lembrou que a programação da manifestação cultural estimula o aprendizado da literatura e de outras formas de expressão cultural. "Até sexta-feira, resgataremos obras de personalidades como Cervantes, Andersen, Erico Veríssimo, Sérgio Buarque de Holanda, Vesco Pálio, entre outros. Portanto, é essencial nos envolvermos com as obras desses artistas e autores, cujo legado cultural é inquestionável na formação de velhas e de novas gerações", finalizou.



Reitor Rui Soares

JORNALISMO CULTURAL

Um espaço da programação reservado para discutir o Jornalismo Cultural. Esse é o propósito do 1º Seminário Nacional de Jornalismo Cultural, que inicia hoje, às 9h30min. Profissionais consagrados como editores dos maiores jornais e revistas culturais do país discutem com aproximadamente 400 jornalistas e acadêmicos os desafios e as diferenças regionais dos veículos. O primeiro debate será realizado hoje e abordará "O Jornalismo cultural hoje: as diferenças culturais". Entre os participantes do temático o editor-executivo do Jornal O Estado de São Paulo, Daniel Piza, o poeta e ex-editor cultural, Marco Pálio, e o apresentador da TV Brasília, Sérgio Sá. Já na manhã de quarta-feira, o apresentador do Programa Roda Viva da TVe Paulo Markun, juntamente com editor do Observatório da Imprensa Alberto Diniz e a ex-editora do Jornal do Brasil, Regina Zappa, analisarão o "Jornalismo do cultura, de variedades ou artes e espetáculos?". No último dia do 1º Seminário Nacional de Jornalismo, quinta-feira, profissionais como o editor do Segundo Caderno do Jornal O Globo, Arthur Xexéo e o ex-veja e atual José Castello e mais jornalistas especializados em cultura opinam e apontam alternativas para manter o jornalismo cultural.



Está aberto o espetáculo das letras

Com um fôlego de vociferar e embalar, o professor e escritor Tania Baggio, autora de *Meu desleixo*, a 11ª Jornada Nacional de Literatura.

Está aberta a 11ª Jornada Nacional de Literatura, com o lançamento do livro *Meu desleixo*, de Tania Baggio, autora de *Meu desleixo*, a 11ª Jornada Nacional de Literatura.

Com o lançamento do livro *Meu desleixo*, de Tania Baggio, autora de *Meu desleixo*, a 11ª Jornada Nacional de Literatura.

Reitor destaca a Jornada como a maior evento na formação de leitores do país

Reitor da Universidade de Passo Fundo, Dr. Celso Roberto, avalia que a 11ª Jornada Nacional de Literatura é o maior evento de formação de leitores do país.

Governador homenageia professores na abertura da 11ª Jornada Nacional de Literatura

O governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, participou da abertura da 11ª Jornada Nacional de Literatura.



O governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, participou da abertura da 11ª Jornada Nacional de Literatura.



Jornada dedicada à Universidade de Passo Fundo

Atividade realizada no âmbito da 11ª Jornada Nacional de Literatura, com o lançamento do livro *Meu desleixo*, de Tania Baggio.

Lançamento

Atividade realizada no âmbito da 11ª Jornada Nacional de Literatura, com o lançamento do livro *Meu desleixo*, de Tania Baggio.

Chico Buarque venceu o Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura

O escritor Chico Buarque venceu o Prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura.

Projeto lança a Jornada patrimonial histórica e cultural do RS

O projeto lança a Jornada patrimonial histórica e cultural do Rio Grande do Sul.

3ª Jornadaista inicia hoje

A 3ª Jornadaista inicia hoje suas atividades.



O NACIONAL 2
Passo Fundo, sábado e domingo, 27 e 28 de agosto de 2005

Geraldo Fernandes

11ª JORNADA NACIONAL DE LITERATURA

Remédio para políticos corruptos, ignorantes e indiferentes à cultura.

Geraldo Passafundo

Parabéns, Tania e equipe guerreira!

'Jornada de Literatura consolidada mundo afora'



Secretário Estadual da Cultura, Roque Jacoby

O secretário Estadual da Cultura, Roque Jacoby, acompanhou a realização da Jornada Nacional de Literatura desde sua criação e salienta que hoje é um evento que está consolidado, não havendo nenhum parecido mundo afora. "É a característica que temos em Passo Fundo e que a Jornada defende, na minha ótica, é a mais importante que a cultura pode ter, que é estimular o hábito de ler, pois a leitura permite que o cidadão se diferencie, se qualifique, possa competir e ao mesmo tempo, através da leitura, possa buscar um equilíbrio emocional, uma visão crítica".

Conforme o secretário, pesquisas revelam que a média de leitura do brasileiro é de 1,8 livros por ano. Já no Rio Grande do Sul, esta média é mais elevada, mas não chega a três obras. Mas para Jacoby, a média do RS **ser mais elevada do que a média do país está atribuída a interferência da Feira do Livro de Porto Alegre, a Jornada Nacional de Literatura, o Estudo Estadual do Livro, oficinas literárias, e outros eventos.**

DM na Sala de Aula

A leitura, em especial com a jornada e a jornadinha, são momentos de diferenciação entre comunidades ou regiões. "O futuro depende por demais da qualificação dos nossos cidadãos. Reconheço que ações como essa, sistematizadas com o DM na Sala de Aula, são exemplos que dignificam o RS e tornam o Estado".

Prêmio Literário

O fato do cantor e compositor Chico Buarque receber o Prêmio Passo Fundo Zaffari Bourbon de Literatura, na opinião do secretário Jacoby, vai projetar ainda mais Passo Fundo e a jornada.

RS propaga novos escritores

Em relação às barreiras enfrentadas pelos escritores gaúchos, hoje, muitas estão sendo quebradas. "Podemos dizer que estamos numa condição melhor do que em outras épocas. Temos Luiz Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar, Lia Luft, Martha Medeiros, e vários outros autores que estão tendo um espaço a nível nacional, mas em contrapartida, em razão das feiras literárias, Jornada de Literatura, feiras de livro, Estudo Estadual do Livro, muitos novos autores foram lançados, fazendo com que o RS tenha hoje um número muito expressivo de autores altamente qualificados.

2006: ano Mário Quintana

Neste ano, várias entidades estão engajadas em na promoção de eventos relacionados aos 100 anos do nascimento de Érico Veríssimo. E o governador Germano Rigotto já decretou que 2006 será o ano Mário Quintana.

Vale tudo para formar leitores

As experiências de bibliotecas comunitárias na Amazônia, os projetos desenvolvidos na cidade de Morro Reuters e os cuidados para editar uma revista de bordo e garantir sua leitura foram experiências de inclusão social e formação de leitores relatadas nesta quinta-feira, no último dia do 4º Seminário Internacional de Pesquisa em Letras e Patrimônio, evento integrante da programação da 11ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

Durante três dias, especialistas nacionais e internacionais debateram, com pesquisadores e educadores, questões relativas à cultura, à língua e à literatura, preocupados em traçar caminhos para construir respostas à identidade e formar leitores no mundo atual. O seminário, que acontece anualmente, é um convênio entre a Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade de Extremadura, Espanha. Da Expedição Vaga-Lume, Laís Fleury e Silvia Guimarães destacaram a metodologia utilizada para levar os livros à zona rural da Amazônia. A implantação das bibliotecas comunitárias iniciada há quatro anos já atingiu 101 comunidades. "O pilar dessa metodologia é ancorado em três pontos: a dosagem do acervo, o trabalho de



Seminário mostrou experiências sobre formas de incentivar a leitura

capacitação com os professores e voluntários e a gestão comunitária", disse Laís, salientando que a intenção é fazer com que as pessoas percebam a leitura como um ato prazeroso. A Expedição Vaga-Lume é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. Já a experiência de incentivo à leitura da cidade de Morro Reuters, Rio Grande do Sul foi relatada pela secretária de Educação do município, Andréia Laux Ternus. Conforme ela, são vários os projetos desenvolvidos, entre eles, o "Leitura como sobra à mesa", em que livros, jornais, cópias de contos e crônicas são levados até os refrigerios das empresas. Após terem atestado o funcionamento, os funcionários têm a oportunidade de escolher o que querem ler. Ele lembrou que além das crianças e jovens, o objetivo é atrair também

os adultos para a leitura. O editor da Revista Icaro, Carlos Moraes, destacou o trabalho de fazer uma publicação para a formação de leitores durante suas viagens de avião. "A bordo estamos sempre em euforia por estar viajando, e ao mesmo tempo, com um certo medo em função do avião. Então, a revista precisa ter textos curtos, ser limpa e clara. A técnica é acalmar as pessoas numa situação que não é delas", enfatizou. Para Moraes, apesar de a televisão e a internet ocuparem grande espaço, hoje as pessoas leem mais. "A Jornada de Literatura é uma glória para Passo Fundo e é uma referência nacional", finalizou. O Seminário Internacional de Pesquisa em Letras e Patrimônio volta a Passo Fundo na 12ª Jornada Nacional de Literatura, no ano de 2007.

Soldadinhos de chumbo resgatam a obra infantil de Andersen

Era uma vez 25 soldadinhos de chumbo, todos irmãos. Cada um deles carregava seu fuzil, olhavam para frente e vestiam um galhardo uniforme vermelho e azul. As primeiras palavras que ouviram em seu novo mundo foi as de um garotinho batendo nas palmas das mãos gritando: "Soldados, soldados!" Essa história certamente é conhecida de todas as crianças e dos mais velhos. O autor dela, o dinamarquês Hans Christian Andersen, completaria 200 anos em 2005. Para homenagear a trajetória do escritor, que também foi cantor e bailarino, a 11ª Jornada Nacional de Literatura preparou uma exposição composta por 400 soldadinhos de chumbo de cor natural e pintados à mão. Ela mostra resgatando a história de uma das figuras mais conhecidas nos livros. Os bonecos foram do colecionador passo-fundense Norberto Dias Loch, já falecido. As miniaturas do personagem foram presentes de amigos e familiares e uma pequena parte foi adquirida de colecionadores e antiquários. Loch começou a reunir os objetos quando tinha cerca de 42 anos e hoje a coleção é mantida com muito orgulho pelos

FOTO: GUILHERME MORGADO



400 bonecos de um colecionador passo fundense

familiares. "Sempre me encantei com a dedicação dele aos soldadinhos. Quando viajava sempre trazia ao menos um boneco ao meu pai", conta emocionada a filha de Loch, professora Mariane Sberghelli. Ela lembra que os colecionadores permitiam que os netos brincassem com os objetos. Solidão de Chumbo tornou-se ainda mais conhecido entre os participantes da Jornada e Jornadainha deste ano. Além da exposição, o personagem saiu dos livros para receber as crianças e adolescentes todas as manhãs no Circo da Cultura, através de um gigantesco boneco que percorria os corredores da lona.

As jornadetes e o voluntariado

Uma atividade voluntária e imprescindível para o bom andamento das Jornadas Literárias, e por outro lado, rica em vivências e experiências pessoais. É o trabalho das jornadetes, que prestam apoio no Palco de Debates, no Circo da Cultura, nas exposições, cursos, sessões de autógrafa, Jornadainha e camarinhas. Neste ano, 75 acadêmicos de Educação Física e Pedagogia e 20 de Ciência da Computação se envolveram com as atividades

da Jornadainha de Literatura, por onde passaram 12 mil crianças e adolescentes. Já na Jornada, foram mais de 80 alunos e alunas de cursos da área de Ciências Humanas da UPF.

A professora Dalva Bisognin que é da comissão organizadora da Jornada, atualmente coordena os trabalhos, juntamente com a professora Eliana Teixeira. Ela, que foi uma das primeiras jornadetes, ressalta a importância do trabalho

voluntário. "Toda a pessoa que se disponibiliza a ser voluntária, merece o nosso respeito", afirmou, enfatizando que o treinamento iniciou ainda no mês de julho.

Participando pela primeira vez, o acadêmico de Direito, Daniel Carvalho Pereira achou ótima a experiência. Ele prestou apoio diretamente no transporte de escritos, atores e pesquisadores participantes da Jornada: "Valeu a convivência com as pessoas", declarou.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Jornadetes desempenha atividade fundamental na organização do evento

Sucesso na maior de todas as Jornadas Literárias



Os cinco dias da 11ª Jornada Nacional de Literatura vão deixar saudades para os mais de 20 mil participantes. A maior de todas as jornadas foi um misto de literatura, cultura e emoção. Ariano Suassuna - que recebeu o primeiro título de Doutor Honoris Causa da UPF -, Chico Buarque de Hollanda, Ana Maria Machado e Luis Fernando Verissimo foram apenas alguns dentre os vários escritores e artistas que prenderam a atenção dos leitores nos debates do Circo da Cultura.

Os eventos que integraram a programação da jornada também obtiveram êxito. O Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras e o 1º Seminário Nacional de Jornalismo Cultural, novidades deste ano, terão novas edições em 2007, além dos tradicionais Seminário de Pesquisa em Leitura e Patrimônio e Jornadinha Nacional de Literatura.

A grandiosidade do evento foi confirmada, também, por grandes nomes da literatura nacional e internacional que estiveram em Passo Fundo. O presidente da Academia Brasileira de Letras, Ivan Junqueira, destacou

a imponência da jornada. “Nunca tinha visto nada dessa grandeza. Durante a abertura da jornadinha, tive a sensação de que havia voltado a minha infância. Sentia-me uma daquelas milhares de crianças que estavam encantadas, maravilhadas com tudo aquilo”, afirmou. Já o filósofo francês Gilles Lipovetsky, um dos destaques do evento, ressaltou o caráter de exclusividade da manifestação cultural. “Talvez, vocês estejam inventando uma das figuras da hipermodernidade do século XXI, uma espécie de gigantismo cultural inegavelmente com gosto pela presença das pessoas”, destacou. Foi uma semana de debates, shows musicais, espetáculos teatrais, sessões de autógrafos, celebração da leitura e defesa da diversidade cultural brasileira. No encerramento do evento, a coordenadora-geral das Jornadas Literárias, professora Tania Rösing, agradeceu à comissão organizadora, aos apoiadores e patrocinadores que viabilizaram o evento e às mais de 600 pessoas que trabalharam na organização. “O sucesso das jornadas se deve à luta de um grupo de pessoas pelo objetivo

de melhorar o Brasil através da ampliação do número de leitores críticos, experientes, emancipados. O sucesso da 11ª Jornada se deve ao crédito que a comissão organizadora interinstitucional e interdisciplinar recebeu dos convidados e dos participantes”, garante.

Prêmios

A 11ª edição da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo também entregou três diferentes prêmios: a quarta edição do Zaffari & Bourbon de Literatura, o 9º Concurso de Contos Josué Guimarães e o Prêmio UPF Hans Christian Andersen 2005. Chico Buarque compareceu à jornada para receber os R\$ 100 mil do prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura por seu romance Budapeste. O concurso de contos Josué Guimarães foi vencido por João Paulo Vaz e Marcelo Canellas. Já a viagem à Dinamarca foi conquistada pela aluna Bruna Dias do Carmo Costa e sua professora Juliana Andrade, ambas de Belo Horizonte, e pelo acadêmico Gabriel Cosme Costa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

11ª Jornada
Nacional
de Literatura

Lágrimas e emoção encerram a 11ª Jornada Nacional de Literatura



Show de encerramento contagia público

Tania Rösing se emociona e chora

Com lágrimas e muita emoção, foi encerrada, na sexta-feira, a 11ª Jornada Nacional de Literatura. O Círculo da Cultura foi palco de emocionante e contagiante espetáculo, e a Diversidade Cultural: o diálogo das diferenças foi o tema que embalou esses cinco dias de show no templo de celebração do livro.

A festa de encerramento começou com um concerto do violino com as crianças do Núcleo

Suzuki da UPF e do Hospital São Vicente de Paulo. Em seguida, autoridades se pronunciaram. O senador Pedro Simon disse que é uma emoção participar da jornada e que Passo Fundo é um exemplo para o Rio Grande do Sul, Brasil e o mundo. Disse, ainda, que Tania Rösing, idealizadora e coordenadora das Jornadas Literárias, é fantástica, pois consegue reunir as mais diversas personalidades e pes-

soas com um evento de cultura, educação e formação. "Que bom seria se cada município tivesse uma Tania", Simon também falou que, um dia, o Brasil não será conhecido por seus escândalos e será um povo com vida digna. "Vou olhar para trás e dizer: tudo isso começou em Passo Fundo."

O vice-governador do estado, Antônio Hohlfeldt comentou que é curioso o que se vê em Passo Fundo, pois a criação literária é um ato solitário, mas que provoca rituais coletivos e que Passo Fundo está de parabéns. "Esse é um processo da literatura que deve ser celebrado". Ele termina dizendo que "ser é fundamental e pensar ainda é mais importante".

O prefeito Airton Dipp agradeceu em nome de toda comunidade o grande acontecimento e ressaltou que a Prefeitura sempre está ao lado da UPF na realização desse grandioso evento e também parabenizou a coordenadora das jornadas.

O reitor da Universidade de Passo Fundo agradeceu a todos, principalmente aos patrocina-

dos e apoiadores, que contribuíram para que a jornada fosse realizada, e destacou que todos estão construindo uma história diferente juntos e que espera uma ótima 12ª Jornada Nacional de Literatura.

Tania Rösing, ao se pronunciar, emocionou-se. Entre lágrimas, disse que a 11ª Jornada teve as maiores e melhores emoções. Ela agradeceu a toda comissão organizadora, executivo e colegas que trabalharam para que o evento acontecesse. Lembrou da dificuldade que tiveram para realizar o evento e foi aplaudida, de pé, pela plateia.

Foi nesse momento que também aconteceu a homenagem à família Veríssimo, pelo centenário de Erico Veríssimo, este vieram presentes: Luis Fernando Veríssimo, com sua filha Lucina e netas Fernanda e Mariana. Todos foram muito aplaudidos.

Foi também com espírito de encerramento que o diretor do Sesc de São Paulo, Danilo dos Santos Miranda, disse que se orgulhava de estar presente e ver essa jornada que leva o livro e informação aos jovens e adultos

de um projeto de política cultural necessário para toda pais. "A única saída para o país é a educação e a cultura."

A diretora do Instituto Nacional do Livro entregou os prêmios de primeiro e segundo lugares, respectivamente, para João Paulo Vaz, do Rio de Janeiro que não pôde comparecer e Marcelo Canales, de Passo Fundo - recebido pelos pais -, do 9º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães.

Tudo a solenidade foi quebrado pelos três tenores: Alcione Araújo, Igacião de Loyola Brandão e Julio Diniz, que mais uma vez encantaram a plateia com seus canções. Dessa vez, a música disse: "Quem veio a Passo Fundo? Chico Buarque. Quem veio a Passo Fundo? Ariano Suassuna. Quem veio a Passo Fundo? Luiz Fernando Veríssimo. Quem não veio a Passo Fundo? O ministro Gilberto Gil".

Depois de toda a emoção da despedida, que comoveu todos, o espetáculo ficou por conta de Antônio Nóbrega, que hipnotizou o público no grandioso encerramento da festa literária.



Família Veríssimo é homenageada pelo centenário de Erico Veríssimo

Família Veríssimo recebe homenagens no encerramento da 11ª Jornada

A 11ª Jornada Nacional de Literatura também prestou homenagens pelo centenário de Erico Veríssimo de todas as maneiras. Seja pela música composta especialmente para o evento, pela adaptação do livro Fantoches em poça teatral

pelo Viramundo, pela colocação da caricatura de Erico no painel feito por Paulo Caruso com todos os principais escritores que já passaram pela jornada ou seja pelo bonco gigante do Capitão Rodrigo, personagem de O Tempo e o Vento,

obra-prima do autor. Para agradecer a toda essa sensibilidade, a família Veríssimo esteve na noite de encerramento da jornada para receber a homenagem das mãos da coordenadora das jornadas literárias, Tania Rösing.

O filho ilustre de Erico, Luis Fernando Veríssimo, afirma que essa homenagem concedida pela jornada é a mais importante de todas, porque Passo Fundo é uma festa dos livros. Para Luis Fernando, a reunião dos livros de seu pai, Erico,

pela Cia das Letras, é o fato mais importante da comemoração do centenário do escritor. Ele ressaltou que Fantoches, a peça adaptada para ser apresentada ao público adolescente, foi o primeiro livro que seu pai escreveu, na década de 50.

Norueguês vai a Passo Fundo

PublishNews – Carlo Carrenho | 31.3.2005 | 16h28

A Universidade de Passo Fundo (UPF) e a Prefeitura Municipal da cidade gaúcha promovem em 31 de março, em Porto Alegre, o lançamento da 11ª Jornada Nacional de Literatura e de seus eventos paralelos, como a 3ª Jornadinha Nacional de Literatura. O lançamento acontece às 17h, no Bourbon Shopping Country.

Considerado o maior debate literário do Brasil, a Jornada Nacional de Literatura vai envolver cerca de 20 mil pessoas, entre escritores, leitores, críticos literários e pesquisadores, no Circo da Cultura, em Passo Fundo. Nesta edição, o tema “Diversidade Cultural: o diálogo das diferenças” será o centro dos debates, de 22 a 26 de agosto. Durante os cinco dias de atividades, serão realizados ainda 30 cursos, exposições fotográficas, de gravura, ilustrações, espetáculos teatrais e mostras de filmes.

De acordo com a coordenadora das Jornadas Literárias, professora Dra. Tania Rösing, a presença de escritores, críticos, pesquisadores, artistas nacionais e internacionais é a garantia do aprofundamento dos debates sobre a diversidade cultural, em perspectivas distintas. Já está confirmada a presença de diversos escritores para o evento, como Ricardo Azevedo, Luis Puntel, João Ubaldo Ribeiro, Gilles Lipovetsky, Ana Maria Machado, Clara Ferreira Alves, Domingos Pelegrini, Antônio Prata, Bia Hetzel, Carlos Urbim e Frei Betto. Também estará presente o escritor norueguês Jostein Gaarder, autor de O Mundo de Sofia.

<http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/texto.asp?id=1117>



Cultura

Edição de Cultura

Agência Brasileira de Notícias

Início

Guia ABN

Expediente

Como ser cliente

Fale conosco

20/03/2004 20:40

Universidade de Passo Fundo apresenta 11ª Jornada de Literatura em Porto Alegre

Atuação em cultura vai incluir, em agosto, cerca de 20 mil pessoas

PORTO ALEGRE - A Universidade de Passo Fundo (UPF) e a Prefeitura Municipal promovem, nesta quinta-feira, 21 de março, em Porto Alegre, o lançamento da 11ª Jornada Nacional Literatura, 3ª Jornada Internacional de Literatura Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, 4ª Sertanista Internacional de Pesquisas em Língua e Patrimônio e Seminário Nacional do Jornalismo Cultural. O evento acontece às 17h, no Rindler Shopping Country (Avenida Tólo de Rose, 60 - Passo da Areia).

Considerado o maior debate literário do Brasil, a Jornada Nacional de Literatura vai reunir cerca de 20 mil pessoas, entre acadêmicos, leitores, críticos literários e pesquisadores, no Cine da Cultura, em Passo Fundo. Nesta edição, o tema "Diversidade Cultural e espaço das diferenças" será o centro das discussões, de 22 a 26 de agosto. Durante os cinco dias de atividades, serão realizados ainda 30 cursos, exposições fotográficas, de gravura, ilustrações, espetáculos teatrais e musicais de temas

De acordo com a coordenadora dos Jantares Literários, professora Dra. Tereza Rösing, a criação de acadêmicos, críticos, pesquisadores, artistas acadêmicos e intelectuais, a preocupação do aprimoramento dos estudos sobre a diversidade cultural em perspectivas etnológicas "visa corrigir diferenças, além do conhecimento no processo de significação dos textos literários, dos textos escritos em geral e não exclusivamente verbais", afirma.

Autores confirmados - Já está confirmada a presença de diversos escritores para o evento, entre eles, Ricardo Azevedo, Luis Puntis, Jairo Lins Ribeiro, Sílvia Lipovetsky, Ana Maria Machado, Clodo Pimenta Florat, Domingos Pellegrini, Antônio Pires, Raquel, Carlos Lício e Fátia Bezzi. Também estará presente o escritor rio-grandense, José Carlos Romão, autor do livro "Crônicas de Sôla".

Prêmios e concurso - O 4º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, que vai conceder R\$ 100 mil ao autor da melhor romance em Língua Portuguesa, também vai ser lançado neste dia 21. As inscrições de 2004 vão poder ser feitas até o dia 10 de junho junto à UPF ou ao Bourbon Shopping, Passo Fundo. Os vencedores precisam ter sua primeira edição publicada entre junho de 2003 e 31 de maio de 2004.

Quatro eventos a serem patrocinados: 1º Concurso de Contos José Guimarães, destinado a contistas iniciantes e contistas com obras publicadas ou não, que ainda não tenham recebido prêmio. Quem quiser participar deverá apresentar três contos e poderá se inscrever no período de 3 de abril a 30 de maio. As inscrições podem ser feitas através da entrega de envelopes no Instituto Estadual de Livro em Porto Alegre, ou no UPE junto à secretaria da 11ª Jornada Nacional de Literatura.

Novidade na programação é o Prêmio UPE Hans Christian Andersen oferecido em parceria com a Embaixada da Dinamarca. Além do concurso, alunos de 1ª, 2ª e 3ª séries deverão fazer uma releitura de um dos 10 contos de Hans Christian Andersen que foram selecionados. Os estudantes de Português e Propaganda de toda a rede, exceto do UPE, também poderão participar do concurso, apresentando uma pequena produção com o tema e as obras de Andersen. Os vencedores ganharão uma viagem para a Dinamarca.

Paralelo ao 11ª Jornada Nacional de Literatura é promoção do UPE a Prefeitura Municipal de Passo Fundo. O evento conta com o patrocínio de Petrópolis, Apimim, a iniciativa Governo Federal, Governo Estadual, Univesp, Capes, CNPq, Fapesq, SincroRS, Câmara Brasileira de Livro, Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe e diversas editoras.

Mais informações podem ser obtidas através dos telefones (51) 316-8308 e 316-3371, do e-mail amab@upec.br e no site www.premioanteliteraria.ufrs.br

[« Voltar »](#)

Impressão:

